



INSTITUTO FEDERAL GOIANO CAMPUS CERES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA

VÂNIA CLAUDIA GUIMARÃES

**EXTENSÃO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: O PROGRAMA
MENINAS CIENTISTAS E O EMPODERAMENTO FEMININO**

CERES – GO
MARÇO/2023

VÂNIA CLAUDIA GUIMARÃES

**EXTENSÃO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: O PROGRAMA
MENINAS CIENTISTAS E O EMPODERAMENTO FEMININO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo campus Ceres do Instituto Federal Goiano, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientadora: Professora Dr.^a Mirelle Amaral de São Bernardo.

Linha de pesquisa: Práticas Educativas em Educação Profissional Tecnológica (EPT).

CERES – GO
MARÇO/2023

Sistema desenvolvido pelo ICMC/USP
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas - Instituto Federal Goiano

GV258e Guimarães, Vânia Claudia
EXTENSÃO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: O
PROGRAMA MENINAS CIENTISTAS E O EMPODERAMENTO
FEMININO / Vânia Claudia Guimarães; orientador
Mirelle Amaral de São Bernardo. -- Ceres, 2023.
233 p.

Dissertação (Mestrado em Mestrado Profissional em
Educação Profissional e Tecnológica) -- Instituto
Federal Goiano, Campus Ceres, 2023.

1. Educação Profissional e Tecnológica. 2. Prática
extensionista. 3. Literatura. 4. Empoderamento
feminino. I. São Bernardo, Mirelle Amaral de,
orient. II. Título.

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Tese | <input type="checkbox"/> Artigo Científico |
| <input checked="" type="checkbox"/> Dissertação | <input type="checkbox"/> Capítulo de Livro |
| <input type="checkbox"/> Monografia - Especialização | <input type="checkbox"/> Livro |
| <input type="checkbox"/> TCC - Graduação | <input type="checkbox"/> Trabalho Apresentado em Evento |
| <input checked="" type="checkbox"/> Produto Técnico e Educacional - Tipo: Oficina | |

Nome Completo do Autor: Vânia Claudia Guimarães

Matrícula: 20211043310165

Título do Trabalho: Extensão na Educação Profissional e Tecnológica: o programa Meninas Cientistas e o empoderamento feminino

Restrições de Acesso ao Documento

Documento confidencial: Não Sim, justifique: _____

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIF Goiano: 13/04/2023

O documento está sujeito a registro de patente? Sim Não

O documento pode vir a ser publicado como livro? Sim Não

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

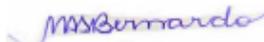
Ceres, 12 /04 /2023.

Local Data



Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

Ciente e de acordo:



Assinatura do(a) orientador(a)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO

Ata nº 6/2023 - DSPGPI-CE/GPPI/CMPC/IFGOIANO

**ATA Nº/ 063
DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**

Aos trinta e um dias do mês de março do ano de dois mil e vinte três, às 14:30 (quatorze horas e trinta minutos), reuniram-se os componentes da Banca Examinadora Profª. Dra. Mirelle Amaral de São Bernardo (orientadora), Profª. Dra. Sangelita Miranda Franco Mariano (avaliadora interna), Profª. Dra. Rhanya Rafaella Rodrigues (avaliadora interna), Profª. Dra. Lúcia Gonçalves de Freitas (avaliadora externa) e Profª. Dra. Eleusa Maria Leão (avaliadora externa), sob a presidência do primeiro, em sessão pública realizada de forma híbrida presencialmente e por via Webconferência (Google Meet), para procederem à avaliação da defesa de Dissertação e do Produto Educacional, em nível de mestrado, de autoria de **Vânia Claudia Guimarães**, discente do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal Goiano - Campus Ceres. Após a arguição dos membros da banca, chegou-se à conclusão que a Dissertação foi **APROVADA** e o Produto Educacional foi **APROVADO e VALIDADO**, considerando-se integralmente cumprido este requisito para fins de obtenção do título de **MESTRE EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**, pelo Instituto Federal Goiano - Campus Ceres.

Observações/Recomendações:

Profª. Dra. Mirelle Amaral de São Bernardo
Presidente da Banca e Orientadora
Instituto Federal Goiano - Campus Ceres

Profª. Dra. Sangelita Miranda Franco Mariano
Avaliadora Interna
Instituto Federal Goiano - Campus Morrinhos

Profª. Dra. Rhanya Rafaella Rodrigues
avaliadora interna
Instituto Federal Goiano - Campus Ceres

Profª Dra. Lúcia Gonçalves de Freitas
Avaliadora Externa
Universidade Estadual de Goiás - Unidade Jaraguá

Profª Dra. Eleusa Maria Leão
Avaliadora Externa
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Documento assinado eletronicamente por:

- **Lúcia Gonçalves de Freitas, Lúcia Gonçalves de Freitas - Professor Avaliador de Banca - Ueg (01112580000171)**, em 04/04/2023 16:29:48.
- **Sangelita Miranda Franco Mariano, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO**, em 03/04/2023 18:17:31.
- **Eleusa Maria Leão, Eleusa Maria Leão - Professor Avaliador de Banca - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Ifg (1)**, em 03/04/2023 14:28:04.
- **Rhanya Rafaella Rodrigues, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO**, em 03/04/2023 13:40:09.
- **Mirelle Amaral de Sao Bernardo, COORDENADOR(A) DE CURSO - FUC0001 - CCPROFEPT-**, em 03/04/2023 11:47:25.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 27/03/2023. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifgoiano.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 481203
Código de Autenticação: cf99a4b9f8



Dedico este estudo à minha mãe, Maria, e a todas as Marias que não tiveram a oportunidade de escrever páginas, mas se fizeram leitura de vida, regada de superação. Dedico à minha filha, Emanuelle, inspiração e fonte de força, que me faz seguir e lutar pelos nossos sonhos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter ouvido as minhas preces e me sustentado com sabedoria, força e fé.

À minha filha, Emanuelle, por ter acreditado em mim mais que eu mesma, e por ter me incentivado durante todo esse tempo de estudo.

À minha mãe, Maria, que, mesmo com sua pouca lucidez, demonstrou cuidado comigo na repetida pergunta: “Você ainda está estudando?”

À minha família, em especial à minha irmã Vanildi, por ter assumido quase integralmente os cuidados com a minha mãe nesses dois anos de mestrado.

À minha querida orientadora, professora Mirelle, por ter sido apoio, incentivo e doçura, respeitando o meu tempo, as minhas limitações e tornando o mestrado mais leve.

Aos professores do mestrado por todo o conhecimento, respeito e desafios que me fizeram crescer como pesquisadora e como ser humano.

Às professoras das bancas examinadoras da qualificação e da defesa, Lúcia, Sangelita, Eleusa e Rhanya, pela disponibilidade e partilha de conhecimento, que, com certeza, enriqueceram e deram mais sentido para o nosso estudo.

À colega de orientação, Leila, que se tornou uma grande amiga, fazendo os meus dias mais alegres com a sua humildade e com os elogios motivadores.

Às amigas e parceiras de mestrado, Nicolli, Rosita e Sarah, pelo apoio e disponibilidade em ajudar sempre que precisei.

Aos colegas de mestrado, que, mesmo seguindo suas trajetórias ao longo do curso, estavam ali presentes e prontos para colaborar.

À equipe do Meninas Cientistas e ao IFG, que abriram as portas do programa e me permitiram ficar disponibilizando documentos, compartilhando conhecimento e experiências.

Às meninas extensionistas do programa Meninas Cientistas e monitoras que aceitaram participar da pesquisa, contribuindo com suas percepções e falas encorajadoras.

Aos meus colegas e alunos do Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás Maria Elisa da Silva, por não esquecerem de mim nesse tempo de afastamento, pelos convites para as confraternizações, pelas lembranças, pelos abraços e palavras de incentivo.

Aos colegas de equipe do IFG – campus Uruaçu pelo companheirismo e compreensão da minha ausência nesse tempo de licença. De modo especial, agradeço a minha amiga Marcilene pelo incentivo e pelas respostas às minhas dúvidas.

À Escola Eneias Fernandes de Carvalho por aceitar a minha proposta para o desenvolvimento do produto educacional e por ter me acolhido com respeito e valorização.

Aos meus anjos, personificados em quatro patas, Zoe, Eva, Frida, Fred, Brisa e Pantera, que fizeram as minhas madrugadas de escrita menos solitárias e mais aquecidas.

A mim, pelo meu merecimento, por eu ter enfrentado tantos obstáculos numa luta travada contra o desânimo, aflições, problemas familiares e de saúde, superando as minhas próprias limitações e provando para mim mesma é que possível vencer.

A todas e todos que vibram comigo por essa conquista.

RESUMO

A presente pesquisa é parte do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) e teve como objetivo analisar o desenvolvimento do empoderamento feminino a partir da participação de meninas no programa Meninas Cientistas: educação, protagonismo e enfrentamento às violências de gênero. O estudo seguiu na linha de pesquisa de Práticas Educativas em Educação Profissional Tecnológica (EPT), com a abordagem qualitativa e método de estudo de caso. O *locus* foi o Instituto Federal de Goiás (IFG) – campus Uruaçu e as participantes foram discentes e docentes do IFG – campus Uruaçu que fazem parte do programa Meninas Cientistas e as participantes extensionistas. Partiu-se de uma revisão bibliográfica sobre as bases da EPT, a relação entre trabalho e educação, o compromisso educacional e social da prática extensionista, a constituição da identidade da mulher a partir do capitalismo e a vinculação estabelecida entre o uso da literatura, o processo de conscientização e o empoderamento feminino. A coleta de dados ocorreu por meio de análise documental, incluindo os planos de trabalho, relatórios e produção científica do programa Meninas Cientistas, aplicação de questionários e entrevistas, além da observação participante na oficina de literatura. Para análise dos dados, utilizamos o método da triangulação de dados e triangulação metodológica, considerando o estudo de diversos documentos e as categorias distintas de sujeitos participantes. A pesquisa evidenciou ações e indicadores que mostram o compromisso do programa Meninas Cientistas com as oportunidades de acesso às ciências, a aproximação de meninas de escolas públicas estaduais e municipais com o IFG – campus Uruaçu, a formação *omnilateral*, o incentivo à conscientização e ao empoderamento feminino, por meio da literatura. Ainda assim, foi percebida a necessidade de ampliar discussões sobre as desigualdades de gênero e suas implicações. Por isso, o desdobramento da pesquisa culminou no planejamento e desenvolvimento de dois produtos educacionais, sendo um texto literário e uma oficina de curta duração, ambos com o nome “Cinderela, felizes para sempre?”, cujo objetivo é levar literatura com eixos temáticos de sensibilização e conscientização sobre a construção da identidade feminina e as desigualdades que permeiam as relações sociais no reconto e na vida real.

Palavras-chave: Educação Profissional e Tecnológica. Prática extensionista. Literatura. Empoderamento feminino.

ABSTRACT

This research was carried out during the Professional Master's Program in Professional and Technological Education (ProfEPT) and aimed to analyze the development of female empowerment from the participation of girls in the program *Scientist Girls: education, empowerment and confrontation of gender violence*. The study followed the line of research on Educational Practices in Technological Professional Education (TPE), which follows a qualitative approach and a case study method. The locus was the Federal Institute of Goiás (IFG) – Uruaçu campus and the participants were students and teachers from the IFG – Uruaçu campus who are part of the *Scientist Girls* program and the extensionist participants. It started with a bibliographic review on the bases of the TPE, the relationship between work and education, the educational and social commitment of the extensionist practice, the constitution of the woman's identity from the point of view of capitalism and the link established between the use of literature, the process of awareness and female empowerment. Data collection took place through document analysis, including work plans, reports and scientific production of the *Scientist Girls* program, questionnaires and interviews were applied, in addition to participant observation during the literature workshop. For data analysis, we used the method of data triangulation and methodological triangulation, considering the study of several documents and the different categories of participating subjects. The research pointed actions and indicators that show the commitment of the *Scientist Girls* program to opportunities for access to science, bringing girls from Brazilian public schools closer to the IFG – Uruaçu campus, integral education, encouraging awareness and empowerment women through literature. Even so, the need to broaden discussions on gender inequalities and their implications was perceived. Therefore, the development of the research culminated in the planning and deployment of two educational products, being a literary text and a short-term workshop, both with the name “Cinderella, happily ever after?”, whose objective is to bring literature with thematic axes of sensitization and awareness about the construction of female identity and the inequalities that permeate social relations in the retelling and in real life.

Keywords: Technological and Professional Education. Extension practice. Literature. Female empowerment.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Quantidade de pessoas que moram na residência	73
Gráfico 2 - Localização da residência	75
Gráfico 3 - Renda mensal familiar	76
Gráfico 4 - Recebimento de auxílio de programas sociais	77
Gráfico 5 - Fatores que influenciaram na escolha pelo IFG – Campus Uruaçu.....	79
Gráfico 6 - Antes de entrar no projeto Meninas Cientistas, você já conhecia o IFG – Campus Uruaçu?.....	88

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Desejo de estudar no IFG	89
Quadro 2 - Mudança pessoal após a entrada no programa Meninas Cientistas	105
Quadro 3 - Avaliação da oficina: Cinderela, felizes para sempre?	115

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Cursos superiores com maior concentração da população feminina e porcentagem por sexo, em 2020.....	47
Tabela 2 - Cursos superiores com maior concentração da população masculina e porcentagem por sexo, em 2020.....	47
Tabela 3 - Escolarização dos pais.....	74

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC	Academia Brasileira de Ciências
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CADIN	Cadastro Informativo de Créditos não Quitados do Setor Público
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNE	Câmara de Educação Superior
CNJ	Certidão Negativa do Cadastro Nacional de Condenações Cíveis por Ato de Improbidade Administrativa
CONIF	Conselho Nacional de Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica
CONSUP	Conselho Superior
CPF	Cadastro de Pessoa Física
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EPT	Educação Profissional e Tecnológica
FAPEG	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFG	Instituto Federal de Goiás
IF Goiano	Instituto Federal Goiano
IFs	Institutos Federais
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira
MEC	Ministério da Educação
OCDE	<i>Overcoming Failure at School</i> (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico)
OEI	Organização dos Estados Ibero-americanos
ONU	Organização das Nações Unidas
PETI	Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
PPP	Projeto Político-Pedagógico
PROEX	Pró-reitoria de extensão
ProfEPT	Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica
RASEM	Relatório Anual Socioeconômico da Mulher
RFEPCT	Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica

SARS-CoV-2	Covid-19
SEDES	Secretaria de Desenvolvimento Social
SUAP	Sistema Unificado de Administração Pública
STEM	<i>Science, Technology, Engineering e Mathematics</i>
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

DAQUI DO MEU LUGAR.....	18
PARA COMEÇO DE CONVERSA.....	22
1 O CONHECIMENTO QUE NOS SUSTENTA.....	29
1.1 Trabalho e Educação.....	29
1.2 A Rede Federal de Educação e as perspectivas da politecnia	32
1.3 A Extensão na Rede Federal de Educação: uma via de mão dupla	35
1.4 Ser mulher à guisa de capital	38
1.5 Literatura e empoderamento feminino: por onde começar?	51
2 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	58
2.1 Caracterizando o método.....	58
2.2 Objeto pesquisado	59
2.3 O <i>locus</i> da pesquisa e as participantes.....	60
2.4 Recrutamento das participantes	62
2.5 Tipo de estudo e coleta de dados	63
2.5.1 <i>Sustentação teórica e análise documental</i>	64
2.5.2 <i>Observação assistemática/participativa</i>	65
2.5.3 <i>Questionários e entrevistas</i>	66
2.5.4 <i>Método para análise dos dados</i>	68
2.6 Contextualizando o Produto Educacional.....	69
3 ANÁLISE DOS DADOS	71
3.1 Meninas Cientistas: quem são?	71
3.1.1 <i>Participantes extensionistas – perfil característico/educacional, familiar e socioeconômico</i>	72
3.1.2 <i>Participantes equipe – as meninas que fazem e mostram ciência</i>	78
3.2 Intenções do projeto Meninas Cientistas.....	80
3.3 A extensão proposta pelo programa Meninas Cientistas: até onde pode chegar?	85
3.4 A literatura: da leitura de vida ao empoderamento	92
3.5 Resultados e desafios	101
4 PRODUTO EDUCACIONAL	112
4.1 Planejamento.....	112
4.2 Preparação	112
4.3 Desenvolvimento	113

4.4 Avaliação	114
CONSIDERAÇÕES DE UM DEBATE INESGOTÁVEL	117
REFERÊNCIAS	123
APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL (OFICINA)	133
APÊNDICE B – PRODUTO EDUCACIONAL (TEXTO LITERÁRIO).....	158
APÊNDICE C – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE	159
APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (pais/responsáveis legais)	164
APÊNDICE E – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (discentes internas e externas acima de 18 anos).....	169
APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (docentes).....	174
APÊNDICE G – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ	178
APÊNDICE H – QUESTIONÁRIO PARA AS PARTICIPANTES EXTENSIONISTAS	180
APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO PARA AS DISCENTES PARTICIPANTES EQUIPE	183
APÊNDICE J – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS DISCENTES PARTICIPANTES EXTENSIONISTAS	185
APÊNDICE K – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS DISCENTES PARTICIPANTES EQUIPES	186
APÊNDICE L – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS DOCENTES PROPONENTES	187
APÊNDICE M – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A COORDENAÇÃO	188
ANEXO A – FOLHA DE ROSTO CONEP PESQUISA EM SERES HUMANOS	189
ANEXO B – TERMO DE COMPROMISSO DAS PESQUISADORAS	191
ANEXO C – CARTA DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO PROPONENTE – IF GOIANO	192
ANEXO D – CARTA DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE– IFG	194
ANEXO E – PARECERES CONSUBSTANCIADOS DOS CEPs DO IF GOIANO E IFG.....	195

DAQUI DO MEU LUGAR

Quiseram que ela fosse a quarta flor da roseira

Mas ela veio espinho

Preferiu a resistência à delicadeza

Enfrentou o calor do sol

O vento gelado

A mão do homem que lhe quis arrancar

No fim foi ela que manteve a roseira de pé

E ensinou que de nada vale o perfume e a beleza

Num mundo onde a sobrevivência

Requer o enfrentar e resistir

Vânia Guimarães

Escolhi escrever a minha própria epígrafe, primeiramente, porque vejo este espaço como o lugar onde a pesquisadora, desprovida de qualquer fundamentação teórica, pode falar dos seus “achismos”, das suas percepções do mundo e de si. Segundo, porque acredito que a história mais verdadeira é aquela vivida por nós, nos percalços do nosso chão ou na glória de nossas vitórias. Terceiro, porque acredito que, como autora de uma epígrafe, podemos ser autoras de nossas próprias vidas, mesmo que isso nos exija uma intensa e árdua luta.

Eu sou Vânia Cláudia Guimarães, nascida, criada, estudada¹ na cidade de Uruaçu-GO. Sou a filha caçula de uma numerosa família, não planejada, pelo Sr. José Guimarães (falecido) e Dona Maria José Guimarães. Somos oito filhos. Meus pais vieram de famílias pobres, para as quais o estudo e a profissionalização nunca foram prioridades. Meu pai estudou até a quarta série primária e minha mãe pouco lê, pouco escreve, mas era ela que tomava minhas lições na pré-escola. Mesmo nascendo em um lar onde a educação não vinha em primeiro lugar, superei com os meus próprios sonhos tais barreiras. Dos oito filhos do Sr. José e Dona Maria, apenas eu e uma das minhas irmãs avançamos para o curso superior, embora ela não tenha seguido a profissão.

Iniciei minha formação profissional muito jovem. Por falta de opção, acabei ingressando num curso técnico em contabilidade, mesmo não sabendo ao certo o que faria

¹ O termo caracteriza uma marca na linguagem verbal regional e significa no texto o tempo dedicado aos estudos formais, de frequência nas instituições escolares.

com aquele certificado. Na época, o ensino médio, chamado segundo grau, só era ofertado na modalidade técnica, não dando a opção para os jovens pobres se prepararem para um vestibular. Os filhos das famílias ricas também faziam cursos técnicos na única escola particular da cidade, mas, posteriormente, seguiam para a capital para fazer cursinhos preparatórios e ocupar as vagas dos cursos mais concorridos das universidades públicas.

Meu sonho para seguir em um curso superior era sufocado pela condição financeira da minha numerosa família. Como quase toda jovem sonhadora da época, eu pensava em seguir para algum curso na área da saúde; queria ser psicóloga, pois achava bonito. Meus irmãos começaram a trabalhar ainda crianças e eu, mesmo sendo a filha caçula e tendo o privilégio de viver condições um pouco melhores, comecei a dar meus primeiros passos para a independência financeira antes de concluir os estudos básicos. Eu ajudava a tia Aparecida em seus trabalhos artesanais. Com ela, aprendi várias artes e, com as artes, pude comprar minhas próprias roupas, calçados e maquiagens.

Com apenas 15 anos, decidi que queria seguir a vocação religiosa. Fui parar numa casa de formação (convento) e acabei mudando de curso técnico, pois, na cidade, não tinha o técnico em contabilidade. Fiz as adaptações para o técnico em magistério e foi ali que comecei a minha longa história de afeição pelo universo da educação. O tempo de convento foi curto, mas o suficiente para muita aprendizagem, boas e más lembranças. Lá vi e vivi a experiência do dessabor, da humilhação e da subestimação de mulheres contra outras mulheres.

Retornando para a casa de meus pais, concluí o técnico em magistério e, já no ano seguinte, fiz o meu primeiro concurso na prefeitura de Uruaçu. Eu era uma jovem de apenas 17 anos e o concurso para mim não era profissão, era um emprego. Acabei odiando no início, pois entrei numa vaga de uma professora contratada, e os alunos me rejeitaram. Segui os próximos anos trabalhando numa escola agrícola, onde 98% eram discentes do sexo masculino. Foram anos difíceis, pois ser professora num espaço masculinizado era um desafio. Pude vivenciar o peso de uma estrutura machista e sexista, especialmente nos anos de gestões ocupadas por homens. Mas a experiência me fez enxergar que eu estava na profissão certa e que era preciso lutar por mais espaço, respeito e reconhecimento.

Ainda com 19 anos, ingressei no curso de Pedagogia, na recém-chegada Faculdade de Ciências e Letras de Uruaçu, atual Universidade Estadual de Goiás. Quase ninguém acreditava que uma faculdade no interior iria para frente. Concluí o curso e, no ano seguinte, ingressei como professora efetiva na rede estadual de educação de Goiás. Trabalhei por

muitos anos, concomitantemente, nas duas redes, estadual e municipal, até ingressar no Instituto Federal de Goiás (IFG), em 2013.

Atualmente, sou professora no Colégio Militar da cidade e pedagoga no Instituto Federal de Goiás – Campus Uruaçu. Ainda divido meu tempo com os cuidados com minha mãe (a roseira de pé), hoje idosa e um pouco debilitada por causa de uma demência.

Desde criança, estudar foi uma das minhas paixões. Não tinha muita noção do que valeria tantos textos e contas, mas aquilo era prazeroso. Quando tomei consciência de onde estava e aonde queria chegar, o prazer foi dividindo lugar com os sonhos. A minha entrada na carreira do magistério me fez acreditar, ainda mais, no poder na educação. Agora eu estava na frente; conheci o outro lado e percebi que era necessário olhar para o “fundão” da sala. Tal segregação sempre me intrigou, pois talvez fosse lá que estivessem os que mais precisavam acreditar na educação, no poder de sua emancipação.

Hoje estou aqui, diante do desafio de ser pesquisadora, aos 47 anos. As leituras se tornaram mais desafiadoras, mas o desejo de superar é ainda maior. A escolha do tema de pesquisa fala muito de mim, da superação, da luta, do que a educação e o estudo podem proporcionar. Confesso que demorei a me localizar na pesquisa, a enxergar que a realidade que eu via de outras mulheres também era a minha. Vivi boa parte da minha vida sendo controlada, oprimida e subjugada por homens em casa, no trabalho, em relacionamentos abusivos e outros lugares que frequentei. Outra inspiração para mim é a minha mãe. Sempre a amei e admirei; enxergo nela um exemplo de mãe, mas não de mulher. A sua dependência patrimonial, o seu silêncio, a submissão a que, ao longo da vida, ficou condicionada, entre irmãos, pai, marido e filhos, sempre me incomodaram. Eu quis por muito tempo ver a minha mãe numa situação diferente, mesmo entendendo que a sua condição estava atrelada a uma cultura bem diferente da que experienciei. Quando entendi que mudar a sua condição era algo que transcendia um grande desafio, quase impossível por sinal, compreendi que eu poderia ser a quebra de um ciclo. Minha mãe não teve oportunidade de estudar e vejo isso como o maior responsável por sua realidade.

Mesmo estando numa situação privilegiada por ser branca, cisgênero, heterossexual, vivo na pele o que é ser mulher em vários espaços machistas e sexistas. Apesar disso, e por experiência de vida, acredito na dimensão humana da educação, capaz de incluir e oferecer condições para o debate, para a construção coletiva, para a consciência de classe e de gênero, como forma de enfrentar as desigualdades, as injustiças, a violência. É por isso que creio no empoderamento feminino pela educação. É por isso que acredito que a Educação Profissional e Tecnológica seja capaz de abraçar esse desafio, pois não queremos apenas mulheres

profissionais, trabalhadoras; queremos mulheres com o direito de fala, com sua consciência de lugar, que sejam preparadas para o trabalho, mas que se engajem e lutem por uma sociedade mais justa e igualitária.

Esta pesquisa representa para mim mais que um estudo de mestrado. Se fosse um livro de autoajuda, eu diria que escrevi pensando também em mim, pois significa olhar para a minha própria realidade e de tantas outras meninas e mulheres e ver que é possível quebrar o ciclo de opressão, desconstruir estereótipos, tomar consciência de que o nosso silêncio precisa ser ouvido e lutar por isso. Foi desafiador falar sobre um tema de que eu não tinha leitura e que me fez começar do zero, dos primeiros conceitos que envolviam o feminismo. Hesitei, por vezes, em assumir que este estudo é feminista e que ele carrega, por todas as fases, vozes femininas representativas, julgadas e condenadas pela estereotipação daqueles que se esforçam para desestruturar e hostilizar o movimento feminista. Espero que cada achado e cada linha escrita sejam inspiração e motivo de encorajamento para quem pensa em desistir. Espero que a cada sinal de desânimo, eu retorne às falas impulsionadoras das meninas participantes, que acreditam e testemunham que podemos fazer um mundo diferente daquilo que nos foi imposto.

PARA COMEÇO DE CONVERSA

Este trabalho é resultado da pesquisa de mestrado do Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal Goiano (IF Goiano) – Campus Ceres. Relaciona-se à linha de Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica, que se consolidou por meio de um estudo de caso do programa de extensão² “Meninas Cientistas: educação, protagonismo e enfrentamento às violências de gênero”, desenvolvido no Instituto Federal de Goiás (IFG), Campus Uruaçu. Nele, propusemos investigar a relação entre o referido programa e o empoderamento das meninas participantes, principalmente utilizando a literatura como instrumento de reflexão.

A formação integral e a proposta de emancipação humana fazem parte da constituição pedagógica dos Institutos Federais (IFs), por meio da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), que acontece de forma verticalizada, atendendo a vários espaços e comunidades espalhadas pelo Brasil. Autores como Frigotto (2001, 2021), Moura (2007, 2013), Pacheco (2011) e Saviani (1994, 2007) defendem a educação profissional e tecnológica como uma proposta possível para a formação e desenvolvimento das capacidades dos sujeitos, mediante a educação *omnilateral*, seja em seus aspectos físicos, intelectuais, emocionais, sociais e culturais. Nesse sentido, a educação profissional e tecnológica configura-se numa esperança para um projeto de sociedade com sujeitos potencialmente ativos, que lutam pelos seus direitos e pelo bem-estar coletivo. Pacheco (2011) caracteriza os IFs como a grande conquista da Rede Federal, em termos de expansão, qualidade e compromisso social: “[...] são caracterizados pela ousadia e inovação necessárias a uma política e a um conceito que pretendem antecipar aqui e agora as bases de uma escola contemporânea do futuro e comprometida com uma sociedade radicalmente democrática e socialmente justa” (PACHECO, 2011, p. 12).

Com vistas nesse comprometimento social é que o programa “Meninas Cientistas: educação, protagonismo e enfrentamento às violências de gênero” foi planejado e tem sido

² As atividades de extensão, com o ensino e a pesquisa, fazem parte da missão dos Institutos Federais, conforme preconiza a Lei n. 11.892, de 29 de dezembro de 2008, “[...] de desenvolver atividades de extensão de acordo com os princípios e finalidades da educação profissional e tecnológica, em articulação com o mundo do trabalho e os segmentos sociais, e com ênfase na produção, desenvolvimento e difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos”. Nesse sentido, a extensão deve ser proposta e ofertada para a comunidade, ampliando-se assim as oportunidades de acesso ao conhecimento. “A Extensão na Educação Superior Brasileira é a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político, educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa” (CNE/CES 07/2018).

desenvolvido com a comunidade uruaçuense desde 2019. A proposta, que reúne o ensino, a pesquisa e a extensão, nasceu das inquietações provocadas pelas estatísticas que mostram o predomínio da população masculina na área de formação e atuação das ciências exatas. As ações propostas no programa visam a contribuir para uma formação ampliada, que dê oportunidades a meninas e mulheres de seguirem por formações e profissões em diferentes áreas do conhecimento, além de incentivar a autonomia, o empoderamento e a efetivação de políticas públicas voltadas para o enfrentamento à violência contra a mulher. Nos anos de 2019 e 2020, o projeto atendeu, com a sua proposta extensionista, 60 alunas de três escolas da cidade de Uruaçu e, em 2021 e 2022, estendeu para o atendimento semestral de 60 estudantes de Uruaçu-GO e 60 de Cavalcante-GO. Além das estudantes externas participantes da extensão, o projeto conta com o ensino e a pesquisa, que envolve discentes das graduações e dos cursos técnicos integrados ao ensino médio do IFG – Campus Uruaçu e membros da comunidade externa. O programa é cadastrado e aprovado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG), sendo que a última disponibiliza bolsas às participantes. Em 2022, foram trabalhadas as oficinas de Engenharia Civil, Literatura, Empoderamento e Protagonismo Juvenil, Virologia, Química, Raciocínio Lógico, Robótica e Modelagem 3D e Divulgação Científica.

O nosso estudo teve como perspectiva o programa Meninas Cientistas em sua dimensão extensionista, proposta para atender meninas de escolas públicas em situação de vulnerabilidade social e/ou com deficiência e/ou pertencentes a comunidade cigana, indígena ou quilombola e/ou residentes na zona rural. No contexto dessa relação, consideramos a escola um espaço de integração permanente com a comunidade, sendo as ações extensionistas fundamentais para o desenvolvimento regional e a efetivação de seu compromisso político, social e emancipatório (PACHECO, 2011).

Diante desse comprometimento social, projetos e práticas pedagógicas devem contemplar o enfrentamento às desigualdades e iniquidades de gênero, pois os esforços até então empenhados não foram suficientes para equiparar as oportunidades entre mulheres e homens no mundo do trabalho, na produção científica, na ocupação dos espaços públicos, no reconhecimento das potencialidades. O patriarcalismo e a supremacia masculina ainda marcam fortemente as concepções, a cultura, as relações de trabalho, a organização social e familiar.

Sendo assim, o eixo norteador do nosso estudo é a relação entre a prática extensionista e o processo de conscientização que abrem possibilidades para a efetivação do

empoderamento feminino de meninas que vivem em situação de vulnerabilidade social, participantes do programa Meninas Cientistas. Destacamos a importância de debatermos e analisarmos práticas pedagógicas que alcancem a comunidade externa, que materializem o compromisso com a cultura, com as políticas públicas de enfrentamento às desigualdades, com a ampliação das oportunidades.

Conhecer e reconhecer as forças que estruturam a divisão sexual do trabalho, a disparidade no mundo das ciências e das profissões, a hierarquização que coloca a mulher em situação de submissão e desvantagem é essencial para a construção da conscientização. Hooks (2013, p. 11) defendeu “a pedagogia revolucionária de resistência”, concepção que compreende a educação, mais propriamente as instituições de ensino, como as propulsoras da “práxis” freiriana, intencionalmente comprometida com o desenvolvimento integral e a emancipação dos sujeitos. Diante disso é que entendemos a relação estreita entre educação, conscientização e empoderamento feminino.

Entre diferentes conceitos, consideramos empoderamento como uma construção de princípios, capacidades e competências individuais, que favorecem a participação e a tomada de decisões em âmbito das relações políticas e sociais, de modo a garantir o bem-estar individual, refletindo diretamente na coletividade (BERTH, 2019). Dessa forma, para Berth (2019), são os indivíduos empoderados que formarão uma sociedade empoderada, conscientes do seu lugar de fala, do seu eu social e do poder de suas forças, em comum com Léon (2001), que relaciona o empoderamento à cooperação e solidariedade.

O processo de empoderamento passa determinantemente pela tomada de consciência. É preciso reconhecer-se na condição de oprimido, enxergar o poder e as desigualdades que emanam da estrutura hierárquica de dominação, exploração e ocultamento das subjetividades de tantos grupos. Sardenberg (2012) compara as ideias freirianas da conscientização com os mecanismos de incentivo à participação e ao alcance de democracias mais equitativas, a incluir o pleno gozo dos direitos femininos. Em vista disso é que Freire defendeu arduamente a conscientização para a ação, pois, para ele, “a toda compreensão de algo corresponde, cedo ou tarde, uma ação. Captado um desafio, compreendido, admitidas as hipóteses de resposta, o homem age. A natureza da ação corresponde à natureza da compreensão” (FREIRE, 1967, p. 105).

Nesse sentido, compreendemos o empoderamento feminino a partir da conscientização individual e coletiva, da “recuperação consciente das potencialidades de indivíduos vitimados pelos sistemas de opressão” (BERTH, 2019, p. 32). Trata-se de um mecanismo que carece de indução e desencadeamento, pois não se nasce naturalmente com a mulher, nem tampouco é

linear. Ideias, informações, relatos de vida e experiências podem ser agentes do empoderamento, pois além de conscientizarem, eles têm o potencial de induzir, estimular e engajar para a ação e enfrentamento contra as injustiças, as desigualdades e as relações de poder persistentes na sociedade (SARDENBERG, 2012).

Entre agentes e estratégias para o incentivo à conscientização, que, por sua vez, poderá favorecer o empoderamento feminino, ponderamos o uso da literatura como leitura de vida, ação claramente intencional, que busca levar, na sutileza das histórias e das poesias, situações da vida real e do cotidiano que inspiram a imaginação ao mesmo tempo que propõem questionamentos sobre realidades semelhantes. Nesse sentido, a literatura tem um poder humanizador, pois ela atua nas sensibilidades, no despertar das emoções e do senso crítico. Segala e Juliano (2019) veem a literatura como um “artefato cultural”, capaz de reestruturar as concepções e as interpretações das realidades, inferindo posicionamentos contrários aos preconceitos, estereótipos, normas e princípios outrora naturalizados em nossa cultura, incluindo as discussões sobre as relações de poder e gênero.

Diante da estruturação do programa Meninas Cientistas em oficinas, fomos motivadas pela nossa formação e pela compreensão do compromisso social e cultural dos textos literários a buscar na literatura as formas de concretização dos debates e práticas pedagógicas que incentivem a tomada de consciência, o reconhecimento das potencialidades, o engajamento, e, sobretudo, a valorização das subjetividades femininas. Diante da responsabilidade educacional e social assumida pelos IFs em suas práticas extensionistas, propusemos estudar o programa Meninas Cientistas e buscar respostas para a seguinte pergunta: como o programa de extensão Meninas Cientistas do IFG – Uruaçu contribui para o desenvolvimento do empoderamento feminino das participantes?

Assim, nosso objetivo geral foi analisar o desenvolvimento do empoderamento feminino a partir da participação no programa Meninas Cientistas. Em nossos objetivos específicos, buscamos:

- Verificar a proposta extensionista do programa Meninas Cientistas em 2022 no que se refere às ações para o empoderamento feminino e a popularização das ciências a partir da educação profissional e tecnológica;
- Investigar, por meio das percepções e experiências da equipe proponente e participantes externas, os resultados do programa;
- Analisar o papel e as ações da oficina de literatura no processo de empoderamento e enfrentamento às desigualdades de gênero;

- Desenvolver uma oficina com o objetivo de estimular o engajamento e o protagonismo feminino, como forma de superação, empoderamento e luta pela equidade de gênero.

Compreendemos a escola como um espaço de discussões e construções coletivas. A conscientização deve ser muito mais do que falar em construir a ação libertadora; queremos convidar meninas, mulheres, a entender a sua própria realidade e transformá-la (FREIRE, 1979). Acreditamos que a nossa pesquisa, desenvolvida por meio da escuta, alicerçada na realidade dos sujeitos, possa mostrar caminhos capazes de mobilizar e encorajar meninas e mulheres no enfrentamento à subjugação, à desigualdade de gênero e na identificação das violências veladas. Além disso, reconhecemos que a pesquisa dos resultados de um projeto de extensão exitoso seja capaz de fomentar demais práticas de pesquisa e extensão, que promovam a inclusão e a emancipação de tantos outros sujeitos invisibilizados. Numa democracia equânime, não há espaço para o silenciamento feminino. É preciso dar o direito de voz para quem sofre as injustiças dos resquícios patriarcais, da hierarquização que legitima a opressão e a supremacia masculina. Consideramos que os resultados deste estudo servirão para evidenciar e divulgar a importância dos projetos de extensão promovidos pelos IFs e outras instituições de ensino, como incentivo na aproximação instituição-comunidade, bem como na efetivação de propostas que contemplem as integralidades dos sujeitos, que contribuam com o processo emancipatório e com a justiça social.

Nossa pesquisa foi estruturada nas bases da epistemologia feminista, pois priorizou a construção do conhecimento a partir das realidades experienciadas por meninas, fundamentalmente em suas concepções, interpretações e expectativas. Nesse sentido, em comum com Rago (2012), nos conhecimentos produzidos, “trazemos a marca especificamente feminina, tendencialmente libertária, emancipatória” (RAGO, 2012, p. 36). Partimos de análises que consideram a construção da identidade feminina condicionada à acumulação primitiva e consolidação do capitalismo (FEDERICI, 2017), porém sem perder as forças reacionárias e as formas de resistência que fizeram e fazem com que as mulheres enfrentem diariamente as pesadas penas da usurpação de seus direitos.

Referente à abordagem, escolhemos o método qualitativo, por considerarmos que nosso estudo buscou, além dos resultados, compreender de forma mais detalhada as realidades em que nós, pesquisadoras e participantes, estamos inseridas. Assim, a abordagem qualitativa possibilita explorar um problema, analisar situações e os mecanismos que ligam os contextos, o *locus* de pesquisa e o público participante (FLICK, 2008).

Como o programa Meninas Cientistas é uma proposta singular do IFG – Campus Uruaçu, optamos pelo estudo de caso, como forma de obtermos detalhes sobre suas especificidades e a inter-relação das circunstâncias de seu desenvolvimento, além de ser um método que permite o uso de várias fontes, como observações, entrevistas, questionários (YIN, 2015). Dessa maneira, o estudo de caso nos possibilitou a análise das várias fases e faces do programa, desde a proposta nos planos de trabalho, a formação das monitoras e realização das oficinas, até as perspectivas e opiniões das participantes sobre o programa e os relatórios das ações.

Na fase de levantamento bibliográfico, buscamos, além dos assuntos específicos das bases conceituais da EPT, temas que explorassem a relação do trabalho e do capitalismo na configuração da identidade feminina, as marcas do patriarcalismo nas relações e desigualdades de gênero, as formas de resistência e enfrentamento propostas na epistemologia feminista e o uso da literatura no incentivo ao empoderamento feminino.

Na coleta de dados, utilizamos a pesquisa bibliográfica e documental, a observação assistemática/participativa, entrevistas e questionários. A observação participativa foi direcionada após a nossa entrada no programa Meninas Cientistas, na condição de pesquisadora e participante da oficina de literatura, em parceria com as professoras proponentes. Para a análise dos dados, optamos pelo método da triangulação (MINAYO; ASSIS; SOUZA, 2005), pois, diante das variadas evidências obtidas pelos múltiplos recursos metodológicos e sujeitos, identificamos a necessidade da comparação para chegarmos às conclusões e sistematização do conhecimento.

Como resultado da nossa pesquisa e em cumprimento das exigências do mestrado profissional, desenvolvemos um produto educacional, em formato de oficina, para ser trabalhado com meninas com idade acima de 12 anos e que estejam cursando do 7º ano do ensino fundamental à 3ª série do ensino médio. A ideia da proposta, que uniu literatura e empoderamento feminino, originou-se durante a fase de observação e análise das respostas nos questionários e entrevistas. As evidências mostraram que temas que discutem as relações de gênero e os estereótipos sobre a mulher e as escolhas profissionais ainda são pouco debatidos nas escolas. Dessa forma, delineamos o propósito de utilizar o conto da tradicional história infantil “Cinderela”, para trabalharmos a constituição da identidade feminina na infância, as relações familiares hierarquizantes, os traços do patriarcalismo presentes nas escolhas profissionais, os estereótipos que envolvem a representação feminina, dentre outros. Materializamos a proposta no planejamento e desenvolvimento da oficina e,

para que esta oficina pudesse ser replicável, um segundo produto foi publicado, um texto literário, reconto do clássico “Cinderela”, intitulado “Cinderela, felizes para sempre?”

Este estudo está estruturado em quatro capítulos e as considerações. No primeiro, trazemos a fundamentação teórica da pesquisa, passando pelas bases da EPT, pela relação do trabalho e educação na proposta dos Institutos Federais e o papel da extensão como ação de política pública. Seguimos para a temática específica, correlatando assuntos de gênero, construção da identidade feminina e a configuração das relações de poder estabelecidas pelo capitalismo, além da epistemologia feminista como marca do conhecimento feminino nos estudos científicos. Concluimos nossos fundamentos com a conceituação de empoderamento feminino, convencionado ao processo de conscientização, o uso da literatura nas discussões sobre desigualdades de gênero e formas de enfrentamento.

No segundo capítulo, descrevemos a trajetória metodológica que estruturou o nosso estudo, alicerçado na epistemologia feminista. Nele, caracterizamos o método, o objeto e *locus* da pesquisa, além de identificarmos as participantes, as formas de recrutamento e o respeito aos aspectos éticos. Além disso, apresentamos os instrumentos e a metodologia de coleta de dados e o tratamento das evidências coletadas.

No terceiro capítulo, expomos as informações coletadas e o tratamento das evidências, discutindo, comparando os elementos que respondem ao nosso problema de pesquisa e os objetivos propostos, com o uso do método da triangulação. Neste capítulo de análise dos dados, encontram-se excertos dos questionários, entrevistas e nossas percepções na fase de observação e registro, comparados aos fundamentos teóricos do nosso tema de estudo.

No quarto capítulo, descrevemos as etapas de planejamento, desenvolvimento e avaliação do produto educacional. Ademais, apresentamos as nossas percepções e considerações analíticas dos resultados do produto, além de excertos e apontamentos feitos pelas participantes na etapa de avaliação.

No mais, apresentamos as nossas considerações sobre o estudo, sem nomeá-las de finais, por entendermos que o tema é inesgotável, ao menos até que chegue o dia em que nossas identidades, autonomia e direitos sejam garantidos e respeitados.

1 O CONHECIMENTO QUE NOS SUSTENTA

Cheguei à teoria porque estava machucada – a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender – aprender o que estava ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura (HOOKS, 2013, p. 83).

Para fim de organização e entendimento, optamos por dividir a teorização do nosso tema em tópicos. No primeiro, contextualizamos trabalho e educação e a proposição de uma formação integral voltada para a emancipação dos sujeitos, sendo que o nosso objeto de estudo prevê essa integralidade por meio do conhecimento e da conscientização, além de ser uma ação que contesta a desigualdade de acesso às ciências e às profissões culturalmente masculinizadas. No segundo, discorremos sobre a história da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil e os princípios da politecnia, contexto que alicerça os fundamentos do programa de mestrado em curso e o *locus* de desenvolvimento do nosso estudo. No terceiro, buscamos respaldo sobre a prática extensionista na EPT como via de mão dupla entre instituição e comunidade, na construção de propostas e concretização de ações que promovam conhecimento, incentivem a tomada de consciência e a integração entre os envolvidos. No quarto, apresentamos uma análise sobre a constituição da figura feminina a partir do capitalismo, a relação com o mundo do trabalho e as ciências, a educação como propulsora de oportunidades equânimes entre os gêneros e a epistemologia feminista na construção do conhecimento. No último, buscamos conceituar o empoderamento feminino na perspectiva da conscientização, além de trazermos elementos e vozes que sustentam o uso da literatura como princípio norteador nas discussões sobre práticas opressoras como a desigualdade de gênero.

1.1 Trabalho e Educação

A relação entre trabalho e educação tem sido um tema recorrente nos estudos das correntes do materialismo histórico. O trabalho nasce da necessidade de adaptação da natureza ao homem, para garantir sua sobrevivência. Para Saviani (2007), o agir do homem sobre a natureza, adaptando-a às suas necessidades, é propriamente o trabalho. Olhando por essa vertente, podemos concluir que o homem é o autor de sua própria existência e que, para tal, está constantemente alterando o seu modo de produção.

Na sociedade primitiva, trabalho e educação aconteciam simultaneamente. Com o surgimento da propriedade privada e as diferenças de classes, tivemos a origem de duas vertentes de educação: uma voltada para o trabalho e a outra voltada para aqueles que sobreviviam do trabalho alheio. Portanto, a escola tem sua origem como um lugar do ócio, sendo frequentada pela classe dominante, que não necessitava se ocupar de outras atividades para garantir seu sustento; já a classe dominada era educada pelo próprio ato de trabalhar. Para Saviani, “o povo se educava no próprio processo de trabalho. Era o aprender fazendo. Aprendia lidando com a realidade, aprendia agindo sobre a matéria, transformando-a” (SAVIANI, 1994, p. 2). Assim,

A partir do escravismo antigo passaremos a ter duas modalidades distintas e separadas de educação: uma para a classe proprietária, identificada como a educação dos homens livres, e a outra para a classe não proprietária, identificada como a educação dos escravos e serviçais. A primeira, centrada nas atividades intelectuais, na arte da palavra e nos exercícios físicos de caráter lúdico ou militar. E a segunda, assimilada ao próprio processo de trabalho (SAVIANI, 2007, p. 155).

Podemos perceber que o trabalho e a educação tomaram rumos diferentes. Na Idade Antiga, prevaleceu o modo de produção escravista. Na Idade Média, mesmo com a produção servil, o trabalho e a riqueza continuaram em distintas mãos. Os ofícios eram os mais variados, tendo como fonte de aprendizado, especialmente, o núcleo familiar, saberes passados de geração em geração.

Desse modo, também, a educação continuou separada do trabalho, valendo-se da tradicional religiosidade e controlada pelos ensinamentos da Igreja Católica. Para Núñez (2012), as artes medievais indicam claramente que as mulheres também realizavam diversos tipos de ofícios, entre cuidadoras, fiandeiras, agricultoras, ourives, parteiras, o que evidencia que a introdução ao mundo laboral não foi nem um pouco limitada, até porque não estava atrelada a uma exigência de formação, mas de prática que se aprendia na convivência.

Com a consolidação do sistema capitalista, principalmente com o chamado capitalismo industrial, pós-primeira fase da Revolução Industrial, a relação trabalho e educação sofreu algumas mudanças. A escola tornou-se o principal lugar de apropriação da cultura intelectual, e o sistema de produção, agora representado especialmente pela maquinaria, passou a exigir a materialização do trabalho intelectual no manuseio das máquinas e controle do processo produtivo, o que, para Saviani, é a relação entre o “caráter abstrato do trabalho assim organizado, com o caráter abstrato próprio das atividades intelectuais” (SAVIANI, 2007, p. 158). Registra-se, nesse período, a participação efetiva da

mulher no trabalho assalariado industrial, em funções penosas e condições inapropriadas, conseqüentes da exploração humana, ora estabelecidas pelas relações entre o capital e o trabalho (NÚÑEZ, 2012). Para Federici (2017), além dos malefícios da exploração e degradação dos trabalhadores, a acumulação primitiva³ e o capital provocaram divisões dentro da própria classe trabalhadora, que acabaram por construir hierarquias fundamentadas nas diferenças de gênero, raça e idade, determinantes nas relações de poder e dominação.

Para atender ao processo produtivo industrial e comercial, a qualificação geral ganhou espaço nos currículos escolares, preparando os trabalhadores para operarem as máquinas, realizarem reparos, manutenção e ajustes. Algumas funções exigiam um preparo mais específico. De tal modo, o sistema de ensino se dividiu e seguiu por caminhos diferentes. De um lado, temos as escolas de formação geral, voltadas para as qualificações gerais dos futuros dirigentes, e, de outro, as escolas profissionais, voltadas para a qualificação específica, destinada a atender à demanda de mão de obra para a produção.

Partindo da análise de Saviani sobre Gramsci, no que se refere ao trabalho como princípio educativo, concluímos que a estrutura que fundamenta a educação básica atualmente objetiva inserir, por meio da escolarização, o homem na sociedade. “Com uma relação implícita e indireta, o trabalho orienta e determina o caráter do currículo escolar em função da incorporação dessas exigências na vida em sociedade” (SAVIANI, 2007, p. 160).

No ensino médio profissional, modalidade que reúne as disciplinas propedêuticas e as disciplinas técnicas, a relação entre trabalho e educação é claramente intencional. A proposta é que o aluno saiba relacionar os conhecimentos científicos com o processo produtivo, ou seja, a relação entre teoria e prática, os fundamentos das técnicas diversificadas e não apenas o saber operar. Assim é concebida a formação politécnica, bem diferente da profissionalização, entendida como “adestramento em uma determinada habilidade” (SAVIANI, 2007, p. 161).

Nessa perspectiva, baseando-se em Gramsci, é que Saviani visualiza uma proposta para o ensino médio, uma escola de formação geral e para todos, o que Gramsci propõe como escola “desinteressada” (GRAMSCI, 1975, p. 598). Para eles, trata-se de uma escola única, criativa e que trabalha com a autonomia dos estudantes. E para nós, além disso, é uma educação que preza o conhecimento científico, sem desprezar o sujeito na sua integralidade, que busca a consciência de classe, de gênero, a emancipação, o despertar para a luta por uma

³ “Marx introduziu o conceito de ‘acumulação primitiva’ no fim do tomo I de *O Capital* para descrever a reestruturação social e econômica iniciada pela classe dominante europeia em resposta à crise de acumulação” [...]. “A acumulação primitiva acontece durante as fases de expropriação das terras pertencentes ao campesinato europeu, ao mesmo tempo que surge o trabalhador ‘livre’” (FEDERICI, 2017, p. 117).

sociedade mais equânime, na qual as diferenças não se configuram como pretextos para a hierarquização. Assim, o ensino que considera o desenvolvimento integral dos sujeitos é vislumbrado como missão da Rede Federal de Educação.

1.2 A Rede Federal de Educação e as perspectivas da politécnica

A educação formal brasileira teve início com a atuação dos missionários jesuítas. O historiador Ferreira Junior (2010) destaca que ela sempre esteve marcada pelo elitismo e exclusão. Formava intelectualmente os futuros dirigentes e excluía as classes populares. Para Gonçalves (2013), um exemplo disso eram as escolas de bê-á-bá, destinadas às crianças indígenas e mamelucas, e os colégios, destinados aos futuros padres (internos) e aos filhos dos colonizadores. Tal dualidade no ensino configurava a própria divisão da sociedade em classes, marcadas pelo acesso ao ensino formal. Oficialmente expulsos do Brasil em 1758, os jesuítas deixaram a educação brasileira à deriva. Ela sai da mão da igreja e, posteriormente, por meio das aulas régias, vai se desenhando como ensino laico.

Em 1808, com a chegada da Família Real portuguesa no Brasil, a educação brasileira começa a ser constituída como lei. Gonçalves (2013) evidencia que várias mudanças marcaram a organização social e política no Brasil nesse momento. Tais mudanças refletiram, também, no sistema educacional, que, de forma lenta, foi sendo estruturado legalmente. Em 1809, o Príncipe Regente e futuro Dom João VI cria o Colégio das Fábricas e, em 1816, a Escola de Belas Artes. Assim começam a aparecer os primeiros indícios da formação técnica. Moura (2007) destaca que essa educação técnica fazia parte de uma política assistencialista, pois seu objetivo era “amparar os órfãos e desvalidos da sorte”. A educação estava baseada numa pedagogia do controle social, que se estendeu com a criação, posterior, dos Liceus de Artes e Ofícios.

Já no início do século XX, o assistencialismo vai dando lugar a um novo projeto, que busca atender às demandas do capital, por meio da formação de operários para o exercício da profissão. Com a criação do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, a política educacional vai aos poucos atendendo à economia capitalista. Assim, em 1909, são criadas as Escolas de Aprendizes Artífices no Rio de Janeiro e, um ano depois, 19 unidades dessas escolas são inauguradas em outros estados brasileiros. Vale pontuar que aqui está a origem do que, posteriormente, foi chamada Rede Federal de Educação.

Com a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, em 1930, e o Conselho Nacional de Educação, em 1931, o ensino formal brasileiro passou por reformas. Apesar do

Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, que defendia uma escola democrática para todos, o ensino continuou dividido em atividades de humanidade e ciências e os cursos técnicos. “Desse modo, percebe-se claramente, mais uma vez, a distinção entre aqueles que pensam e aqueles que executam as atividades” (MOURA, 2007, p. 8). Na Constituição de 1934, as competências e responsabilidades pela educação acabaram sendo divididas entre União, Estado e Município (BRASIL, 1934). Três anos depois, com a Constituição de 1937, o ensino profissionalizante passou a ser responsabilidade do Governo Federal (BRASIL, 1937).

Em 1961, foi sancionada a primeira lei destinada exclusivamente à educação. A Lei n. 4.024/61 fixava as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e nela o ensino técnico, separado do colegial, procurava atender às demandas por formação técnica para a indústria, comércio e agricultura (BRASIL, 1961). Os cursos propedêuticos e profissionais foram equiparados, dando oportunidade, ao menos na lei, para o aluno prosseguir para o nível superior. Vale lembrar que os conteúdos exigidos nos exames vestibulares eram os ensinados nos cursos propedêuticos.

Dez anos mais tarde, em 1971, uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação foi sancionada. A Lei n. 5.692/71 trouxe a obrigatoriedade do ensino profissional em todos os cursos de 2º Grau (atual Ensino Médio). Parecia o fim da dualidade do 2º grau, mas, na prática, as escolas privadas continuaram dedicando seus currículos ao ensino propedêutico. “O ensino das ciências, letras e artes, visando ao atendimento às elites” (MOURA, 2007, p. 12).

Com a chegada da terceira LDB, Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a Educação Profissional ganhou espaço na redação, mais precisamente no artigo 36, trazendo a possibilidade de articulação com o ensino médio e a qualificação para o trabalho, e nos artigos 39 a 42, relacionando o desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva, integrando a educação com dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia (BRASIL, 1996).

Contudo, o que clareou e regulamentou a Educação Profissional foi o Decreto n. 5.154/04, de 23 de julho de 2004 (BRASIL, 2004). Ele definiu a Educação Profissional como: formação inicial e continuada de trabalhadores; qualificação profissional, inclusive formação inicial e continuada de trabalhadores; educação profissional técnica de nível médio; educação profissional tecnológica de graduação e de pós-graduação (BRASIL, 2004). Dessa forma, os vários níveis de formação profissional ficaram agrupados e definidos em um único decreto. O texto sofreu algumas alterações com o Decreto n. 8.268, de 18 de junho de 2014 (BRASIL, 2014), prevalecendo as premissas da educação profissional como: articulação de esforços das áreas da educação, do trabalho e emprego, e da ciência e tecnologia; a centralidade do

trabalho como princípio educativo; a indissociabilidade entre teoria e prática (BRASIL, 2014).

Em 2008, tivemos um marco importante na educação profissional do Brasil, pois foi sancionada a Lei n. 11.741, de 16 de julho de 2008. Ela não mudou apenas a nomenclatura de “Educação Profissional” para “Educação Profissional e Tecnológica”, mas, em sua abrangência, podemos considerar a verticalização do ensino, desde a formação inicial de nível médio até a pós-graduação. Ainda, no mesmo ano, foi instituída a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, por meio da Lei n. 11.892, de 29 de dezembro de 2008, pela qual foram criados os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. A referida lei atribuiu aos IFs a responsabilidade pela EPT, considerando-os “especializados na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos com as suas práticas pedagógicas” (BRASIL, 2008b, on-line, n.p.). A ação acadêmica dos IFs deve destinar do total de vagas 50% para os cursos técnicos integrados, inclusive na modalidade de educação de jovens e adultos, e 20% para as licenciaturas. Um dos objetivos propostos para os IFs na Lei n. 11.892 é a geração de trabalho e renda e a emancipação do cidadão na perspectiva do desenvolvimento socioeconômico local e regional (BRASIL, 2008b). Assim, o ensino médio vinculado à formação profissional pode ser considerado “o germe da formação humana integral, *omnilateral*⁴ ou politécnica” (MOURA, 2013, p. 707).

Referimo-nos à politécnica ou educação politécnica com os olhos voltados para Karl Marx. Mesmo ele não sendo considerado um teórico que nos legou concepções pedagógicas, suas discussões sobre o capital e outros assuntos, envoltos de questões sociais, econômicas e políticas, são importantes para compreendermos a organização das instituições educativas dentro de uma sociedade capitalista. Rodrigues (1998) analisa o conceito de “educação politécnica” usado por Marx como sendo o resultado da combinação do trabalho produtivo e educação, a junção de educação intelectual, educação corporal e educação tecnológica. Essa junção é que formaria, então, a educação politécnica, a qual era vista por Marx como uma forma de superação da classe operária na condição de subalterna. Para Rodrigues (1998), aí está “o embrião” da educação como princípio educativo, proposto pela combinação de educação com a produção, capaz de inserir o trabalhador consciente no mundo do trabalho.

Ainda de acordo com Rodrigues (1998), e em consenso com outros autores, a educação politécnica é caracterizada por três eixos/dimensões: infraestrutural, que está

⁴ Moura (2013) discute *omnilateralidade* a partir dos conceitos gramscianos de escola unitária, referindo-se à formação integral dos sujeitos, um ensino que une educação intelectual, física e tecnológica.

relacionado ao mundo do trabalho; socialista, que relaciona a formação humana e a construção de uma sociedade sem classes; pedagógica, que, por meio das práticas pedagógicas, visa a alcançar a formação integral, rompendo com o ensino profissionalizante puramente como formação de mão de obra, e com o ensino propedêutico esvaziado da prática. Apesar de todos os entraves, a proposta da politécnica ainda é uma esperança, pois, como afirma Rodrigues (1998), enquanto a educação estiver marcada pela divisão social do trabalho, haverá a necessidade de uma educação politécnica.

1.3 A Extensão na Rede Federal de Educação: uma via de mão dupla

A proposta pedagógica dos Institutos Federais está organizada na perspectiva da verticalização do ensino, promovida pelo diálogo com as realidades locais e regionais, em sintonia com as demandas globais (PACHECO, 2011). Embora referência na política pública educacional, a atuação dos IFs não se restringe ao campo escolar, mas se expande para o universo externo, tornando-se um projeto de nação mais justa e humana, por meio da democratização do conhecimento. Assim, para Pacheco,

O papel que está previsto para os Institutos Federais é o de garantir a perenidade das ações que visem a incorporar, antes de tudo, setores sociais que historicamente foram alijados dos processos de desenvolvimento e modernização do Brasil, o que legitima e justifica a importância de sua natureza pública e afirma uma educação profissional e tecnológica como instrumento realmente vigoroso na construção e resgate da cidadania e da transformação social (PACHECO, 2011, p. 20).

Os Institutos Federais, unindo trabalho, ciência, tecnologia e cultura, abraçam um compromisso com a sociedade, mediante o ensino, a pesquisa e a extensão, a fim de promover o desenvolvimento da investigação científica, da autonomia, da construção da cidadania e da valorização dos saberes. Para Saviani (2007), é a formação acadêmica agregada à preparação para o trabalho, no sentido histórico e ontológico.

De acordo com o Censo Escolar (2020), a Educação Básica teve 47,3 milhões de matrículas em 2020. Em percentual, as matrículas se dividiram em: 48,4% rede municipal, 18,6% rede privada, 32,1% rede estadual e menos de 1% na rede federal. Esses dados são provocadores e nos levam a refletir sobre a restrição, em números, da Rede Federal (BRASIL, 2020). A expansão e interiorização da Rede Federal estão comprovadas no aumento do número de *campi* espalhados por todo o Brasil. Em 2006, tínhamos 144 *campi* e, em 2018, esse número alcançou 643 unidades (BRASIL, 2018). Apesar desse aumento, ainda temos

muito que avançar. Nesse sentido é que percebemos o quanto a extensão pode ser o diferencial na expansão e democratização do conhecimento produzido e ensinado nos Institutos Federais, numa perspectiva emancipatória e que alcance o maior número possível de sujeitos.

Para compreendermos a dimensão emancipatória de um projeto de extensão, que chega até uma população em estado de vulnerabilidade social e que aí faz as suas contribuições, destacamos as considerações de Nosella e Azevedo (2012) ao se referirem às ideias gramscianas. Os autores apontam que o mundo pode ser transformado pela educação, por meio das informações, da reflexão e do consenso, sendo que “a escolarização é um meio de formação ‘massiva’ de quadros dirigentes e de cidadãos em geral” (NOSELLA; AZEVEDO, 2012, p. 25).

Assim, compreendemos que a escola ganha uma importante missão no projeto de sociedade idealizado nas convicções gramscianas de compromisso com a luta contra as desigualdades de classes. O seu alcance atinge as massas populares, tornando-se, assim, uma instância social, capaz de promover mudanças, não apenas em seus aspectos políticos, mas também sociais e econômicos. Em comum com as concepções gramscianas, Gaudêncio Frigotto destaca que é

[...] importante refletir sobre as bases epistemológicas da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), pois nelas está sinalizada a centralidade ontológica do homem na manutenção da sua sobrevivência. Por conta disso, educar pelo trabalho implica a construção de um projeto educacional preocupado com a formação de indivíduos capazes de cuidar de sua própria vida, de forma emancipada e autônoma (Informação verbal).⁵

Dessa forma, compreendemos que o espaço da EPT, hoje vivenciado nos Institutos Federais e outros espaços de igual valor, nos provoca a pensar na missão educativa e, conseqüentemente, social que essas instituições assumem. É nelas que a concepção da totalidade e integralidade, com a visão ampla de mundo e do trabalho, é capaz de formar o homem como ser social e político ativo. Frigotto (2001) afirma que essa educação básica de qualidade, no seu sentido social, é que gera a emancipação humana em sua plenitude. Além disso, oferece preparação técnica para o mundo do trabalho e acompanha a evolução tecnológica e científica do mundo da produção.

A escola, tal qual concebida por Frigotto (2021), Gramsci (1975) e Nosella e Azevedo (2012), passa a ter uma função que vai além de ensinar os conhecimentos científicos. Ela tem

⁵ Fala do Prof. Gaudêncio Frigotto. ProfEPT – Aula inaugural 2021. Institutos Federais, nova institucionalidade e identidade: impacto social do ensino, pesquisa e extensão. Youtube, 28 de maio de 2021.

um compromisso com a vida real, com as relações materiais e sociais nas quais os sujeitos estão inseridos. Não se trata de prepará-los apenas para a solução de questões imediatas; pelo contrário, é um ensino de longo alcance no tempo e no espaço.

No contexto de ampliação do acesso das massas, desponta a proposta extensionista. De acordo com o *site* oficial do IFG, extensão é o:

[...] espaço em que o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás articula e integra o saber fazer em face da realidade social, econômica, cultural e ambiental da região na qual está inserido. Essa prática acadêmica, que articula as atividades de ensino e de pesquisa com as demandas da população, concorre para a formação de um espaço plural e transformador de realidades, com foco no compartilhamento dos bens sociais (IFG Oficial)⁶

Em circunstâncias legais, temos a Resolução CNE/CES n. 07/2018, que determina a extensão como uma atividade ligada à matriz curricular, envolvendo o ensino e a pesquisa, e se concretiza de forma interdisciplinar, promovendo uma interação com a comunidade, por intermédio da produção de conhecimento e ações transformadoras (BRASIL, 2018).

Ademais, é possível afirmar que a extensão faz parte do processo de ensino e deve estar vinculada à formação dos discentes, sendo imprescindível a participação ativa dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, conforme consta no Fórum do Conselho Nacional de Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (CONIF):

As atividades de extensão materializam-se em ações e produtos aplicados às necessidades e às demandas de diferentes setores da sociedade, construídos coletivamente com estes setores, devendo beneficiar a consolidação e o fortalecimento dos arranjos produtivos, sociais e culturais locais, identificados com base no mapeamento das potencialidades de desenvolvimento socioeconômico e cultural no âmbito de atuação da RFEPCT. Cabe destacar que atividades de extensão são intervenções que envolvem diretamente e dialogicamente as comunidades externas às instituições de ensino, e devem estar vinculadas à formação do estudante, conforme normas institucionais próprias. No caso de instituições públicas de educação, como as da RFEPCT, as atividades de extensão devem ser desenvolvidas com a participação ativa de servidores e estudantes (CONIF, 2019, p. 2).

Diante de tais elementos, compreendemos que a proposta de um projeto de extensão bem estruturado, com metas e objetivos claros e concisos com a realidade, é capaz de promover mudanças significativas na vida individual e coletiva dos envolvidos. A extensão é uma forma de o conhecimento produzido dentro dos Institutos Federais chegar aos setores

⁶ Disponível em: <http://www.ifg.edu.br/sic/64-ifg/pro-reitorias/extensao-proex/1118-extensao-no-ifg>.

que, por variados motivos, não conseguem frequentar seus espaços formais. Trata-se de uma democratização do saber científico, tecnológico, cultural, ora não concretizado por outras vias de acesso.

Pacheco (2011) afirma que o vínculo da Rede Federal com a sociedade produtiva pode formar novos sujeitos, preparados para o mundo do trabalho e capazes de lutar contra a “barbárie neoliberal”, e em favor da liberdade, igualdade, fraternidade. Essa construção pode apontar caminhos para uma vida mais digna, para o desenvolvimento local e regional, primando por “uma formação contextualizada” (PACHECO, 2011, p. 14).

Além do mais, esse contato com a comunidade é uma via de mão dupla, pois, ao mesmo tempo que se leva ciência, traz-se o conhecimento popular, produzido no chão da experiência do dia a dia, influenciando diretamente nos currículos e demandas de pesquisa. Essa troca pode oportunizar condições para a criação de trabalho, ampliação de renda, além de sensibilizar para o exercício de uma cidadania mais consciente e animosa.

Nesse cenário de trocas, da integração entre sujeitos e realidades distintas, de diálogo permanente com a comunidade, é que devem ser planejadas propostas extensionistas que contemplem os princípios do mundo do trabalho com vistas para a justiça, a inclusão social, os direitos equânimes. Assim, levar projetos que discutam as relações de gêneros, as desigualdades geradas ao longo da história pela luta de classes e pelas exigências do capital, constituir-se-á uma educação comprometida com a transformação, com o enriquecimento do conhecimento, com a conscientização dos sujeitos e, sobretudo, com uma nova configuração de sociedade.

1.4 Ser mulher à guisa de capital

Para compreendermos a configuração atual das relações de gênero e a posição de luta e resistência que a mulher assume diante das amarras culturais, sociais, econômicas e políticas, retornamos à história do capitalismo, sob o olhar da filósofa e pesquisadora Sílvia Federici (2017), em sua obra *Calibã e a Bruxa*. Em todo o mundo, viu-se a classe trabalhadora sucumbir e empobrecer diante da expropriação da terra, dos meios de produção privatizados, das guerras e da perda da capacidade de subsistência, outrora mantida pela produção comunal. De tal maneira, a mulher sofreu consequências gravíssimas na sua identidade e no seu papel no âmbito familiar, nas relações sociais e econômicas.

A privatização da terra, iniciada na Europa no século XV, está intrinsecamente ligada à estruturação do capitalismo, que levou milhares de famílias a se tornarem assalariadas, a

viverem na miséria e serem transformadas em reféns da assistência social controladora do Estado. Para Federici (2017), o desenvolvimento do capitalismo e o empobrecimento da população rural aconteceram simultaneamente, numa sintonia harmônica de causa e consequência. As terras comunais, que davam força e protegiam os camponeses em situações de escassez ou falta de alimentos, ocasionadas por problemas ambientais, epidemias, guerras ou outros fatores, foram perecendo diante dos cercamentos⁷. Isso afetou também as relações sociais, outrora construídas fundamentalmente pelo espírito da solidariedade, da coletividade campesina, das festas, jogos e divertimentos partilhados, conseqüentemente, recaindo sobre as mulheres danos irreparáveis. “A função social das terras comunais era especialmente importante para as mulheres, que, tendo menos direitos sobre a terra e menos poder social, eram mais dependentes das terras comunais para a subsistência, autonomia e a sociabilidade” (FEDERICI, 2017, p. 138).

O espírito coletivo e a solidariedade foram substituídos pelo contrato de trabalho, fundado na exploração, nos baixos salários, na diferença de classe e de poder. Muitos jovens tornaram-se trabalhadores itinerantes, ou às vezes vagavam pelas cidades praticando furtos, somando-se à massa de vagabundos. Idosos foram abandonados, dentre eles mulheres, sucumbidas à própria sorte, à caridade, aos furtos e aos endividamentos (FEDERICI, 2017). Os artesãos também foram prejudicados, pois passaram a concorrer com negociantes capitalistas, que usavam mão de obra abundante e barata na fabricação de artefatos, produzidos nas indústrias artesanais rurais, com destaque para a produção têxtil.

Trabalho desvalorizado diante de uma multidão em busca pela sobrevivência, jornada exaustiva e baixos salários, dependência econômica e novas configurações de poder foram definindo as relações sociais, econômicas e políticas da Europa e das colônias. Os levantes de protestos eram constantes e, dentre os rebeldes, estavam mulheres, muitas mulheres participando e liderando. “Em 1607, por exemplo, 37 mulheres, lideradas por uma tal ‘Capitã Dorothy’, atacaram mineiros de carvão que trabalhavam naquilo que as mulheres reivindicavam como sendo os campos comuns do vilarejo de Thorpe Moor (Yorkshire)” (FEDERICI, 2017, p. 140).

Federici (2017) destaca que as mulheres foram as que mais sofreram com a política de cercamentos, a expropriação das terras comunais e a desintegração dos vilarejos. A vida

⁷ “[...] com a expropriação, por meio dos cercamentos das áreas agrícolas da Inglaterra, ocasionou a separação do camponês dos seus meios de produção (a terra), havendo a dissolução entre trabalho e propriedade; antes a propriedade era do trabalhador, após o surgimento da propriedade privada capitalista, o proprietário não trabalha, mas explora o trabalho do trabalhador. Esse cercamento expropriou as terras dos camponeses com o intuito de promover o acúmulo do capital, impedindo o acesso à terra e empurrando a população do campo para a cidade, sendo um dos motivos para o surgimento da proletarianização” (ANDRADE, D., 2018, p. 417).

nômade e itinerante que muitos homens seguiram representava uma arriscada opção para as mulheres, tornando-as mais vulneráveis à violência masculina. Os filhos e a gravidez comprometiam a mobilidade; a misoginia já representava um grande perigo. Sustentar a si mesma e aos filhos era um grande desafio, principalmente porque o trabalho reprodutivo, aqui referido na capacidade de produzir bens materiais, estava em seu auge de desvalorização e, muitas vezes, o que lhe restava era o trabalho doméstico, que, por sinal, era invisibilizado, por não se entender que contribuía diretamente com a acumulação de capital. Ao contrário, o trabalho doméstico foi se tornando uma ocupação natural da mulher, a bem se dizer, uma vocação. Nos poucos trabalhos remunerados fora do ambiente doméstico, eram elas que recebiam os menores salários, se comparados aos dos homens. Além do mais, tais configurações serviram para criar a imagem da dona do lar, uma mulher que se dedicava integralmente aos afazeres domésticos e cuidado com os filhos, redefinindo o papel e a posição das mulheres na sociedade e nas relações de trabalho e gênero, conforme

[...] a separação entre produção e reprodução criou uma classe de mulheres proletárias que estavam tão despossuídas como os homens, mas que, diferente deles, quase não tinham acesso aos salários. Em uma sociedade que estava cada vez mais monetizada, acabaram sendo forçadas à condição de pobreza crônica, à dependência econômica e à invisibilidade como trabalhadoras (FEDERICI, 2017, p. 146).

A desvalorização do trabalho, especialmente feminino, acabou levando várias mulheres a se prostituírem. A fome estava espalhada por todos os cantos, e os trabalhadores europeus eram chamados de pobres. Alimentos como a carne, cerveja, vinho, sal, azeite de oliva, tão comumente consumidos em épocas anteriores, passaram a ser considerados artigos de luxo. Revoltas por comida eram constantes, e as mulheres, em muitas ocasiões, estavam à frente, mostrando a resistência diante dos altos preços dos alimentos, da falta de emprego e dinheiro, do empobrecimento.

O Estado se incumbiu de iniciativas para manter a ordem e disciplinar os trabalhadores. Para alguns estudiosos, essas ações significam o enfrentamento à crise humanitária, considerada um risco para a ordem social, mas “o acadêmico marxista francês Yann Moullier Boutang insiste, em um vasto estudo sobre o trabalho forçado, que seu principal objetivo era a ‘grande fixação’ dos trabalhadores, isto é, a tentativa de evitar sua fuga do trabalho” (FEDERICI, 2017, p. 163). Seja qual for a interpretação, o Estado passou a supervisionar as relações de trabalho e o acúmulo do capital, garantindo a disciplina e evitando crises.

No fim do século XVI e início do século XVII, a população europeia diminuiu drasticamente, em decorrência da fome, das pragas e da varíola. Os mais atingidos foram os pobres, artesãos, trabalhadores e vagabundos. Além da ordem social, o Estado passou a se preocupar com a escassez de pessoas, instituindo estratégias políticas para o aumento populacional. Diante desse contexto é que Federici (2017) cita a caça às bruxas e as ações disciplinadoras do Estado para a regulação da procriação, amputando o direito das mulheres sobre a reprodução e, conseqüentemente, o controle sobre seus corpos. Leis que recompensavam o casamento e condenavam o celibato foram instituídas em países da Europa, como França e Inglaterra. Assim, o casamento e a constituição familiar passaram a garantir duas fontes básicas do interesse capitalista: a transmissão da propriedade entre os familiares e a reprodução da mão de obra por meio da procriação. Abortos, contracepção e infanticídio passaram a ser duramente penalizados, inclusive com a condenação à morte⁸. O trabalho das parteiras acabou sendo controlado e, por vezes, marginalizado, para evitar os partos às escondidas. Seus lugares foram gradativamente ocupados por médicos, que legalmente deveriam priorizar a vida do feto em caso de problemas nos partos.

As conseqüências para a constituição do papel feminino na família, na sociedade, no mundo do trabalho, nas relações de gênero, além da integridade física, psicológica e moral, foram avassaladoras. O Estado e os homens passaram a tratar os úteros como objeto de valor político e econômico, que deveriam servir para a procriação e manutenção da acumulação capitalista. “O corpo feminino foi transformado em instrumento para a reprodução do trabalho e para a expansão da força de trabalho, tratado como máquina natural da criação, funcionando de acordo com ritmos que estavam fora de controle das mulheres” (FEDERICI, 2017, p. 178). Ademais, a limitação do espaço privado para as mulheres acabou significando um retrocesso na ocupação das profissões, além de desvalorizar o trabalho no lar, considerado uma obrigação natural das mulheres, sem serventia alguma para o capitalismo. A pobreza foi feminilizada, e toda a submissão que à mulher foi imposta significou uma degradação de sua identidade social. Um modelo de feminilidade foi definido: “mulher e esposa ideal – passiva, obediente, parcimoniosa, casta, de poucas palavras e sempre ocupada com as suas tarefas” (FEDERICI, 2017, p. 205).

O poder exercido pela figura masculina sobre as mulheres dentro dos lares acabou se estendendo para o universo público, na divisão sexual do trabalho, na apropriação e

⁸ [...] mulheres começaram a ser processadas em grande escala e, nos séculos XVI e XVII, mais mulheres foram executadas por infanticídio do que por qualquer outro crime, exceto bruxaria, uma acusação que também estava centrada no assassinato de crianças e em outras violações das normas reprodutivas” (FEDERICI, 2017, p. 176).

ocultamento da labuta feminina. O patriarcado do salário, citado por Federici (2017), define tal apropriação, justificando que as mulheres não tinham acesso ao dinheiro, mesmo que fosse fruto de seu trabalho. Leis garantiam aos homens o direito de se apropriar e administrar o dinheiro recebido pelas mulheres nos trabalhos que aconteciam fora do lar.

O controle sobre as mulheres era legalmente realizado com o uso da violência, da tortura; e os comportamentos femininos eram vigiados dentro e fora do lar, de forma que nenhuma autonomia ou poder social lhes fossem permitidos. O prejuízo não ficou restrito às mulheres, ele estendeu-se para a sociedade, pois, com as bruxas, foram caçados os conhecimentos produzidos pelas práticas femininas, a exemplo da atividade das curandeiras. O capitalismo se expandiu e, com ele, todas as mazelas que passaram a estruturar as relações de exploração, a divisão sexual do trabalho, a subjugação das mulheres, o preconceito e a desigualdade.

Como colônia de Portugal, o Brasil não ficou fora do rol da expansão capitalista europeia. Com as famílias portuguesas e de outros reinos, chegaram o patriarcado e a herança cultural da supremacia branca, pronta para explorar a terra e construir seus impérios à custa do trabalho nativo, da escravidão, da exploração dos degredados e da ocultação do trabalho feminino.

Falar sobre a história da mulher no Brasil é retomar a um passado de luta e resistência que ainda não acabou. Sem nos atermos profundamente à construção da figura feminina no período da colonização, já que o Brasil era basicamente uma extensão de Portugal e seguia suas regras, o que poderia nos ocasionar inúmeras páginas de discussão, recorreremos à historiadora Rago (2004) para elencar considerações importantes a partir do ingresso e permanência da mulher no trabalho fora do lar. Rago (2004) afirma que a inserção da mulher na esfera pública do trabalho e nas relações de produção esteve marcada pela variação nos salários recebidos, na intimidação física e moral, na desqualificação intelectual amparada pelas ciências, no assédio moral e sexual, além do tratamento com todos os requintes de inferioridade. Foram várias lutas para que conseguissem ingressar num campo que era definido pelos próprios homens como um espaço “naturalmente masculino”. Trabalhar fora do lar já era uma transgressão, pois o desejo dos pais era que as filhas encontrassem um bom partido para se casarem e assegurarem um bom futuro. Dessa forma, obter êxito nas profissões não era prioridade. Além disso, “não socializar informações importantes era uma boa estratégia, e os homens se valiam dela procurando preservar seu espaço na esfera pública e desqualificar o trabalho feminino” (RAGO, 2004, p. 487).

O trabalho da mulher fora do lar estava associado à questão da moralidade social, sendo que o mundo do trabalho representava uma ameaça à honra feminina, que afetaria a família, o casamento e a educação dos filhos.

Tais observações levavam, portanto, à delimitação de rígidos códigos de moralidade para mulheres de todas as classes sociais. As que pertenciam à elite e às camadas médias estavam certamente no centro dessas preocupações, sobretudo as jovens que iniciavam suas carreiras como médicas, advogadas, biólogas, pintoras, pianistas, mas também as trabalhadoras, mães dos futuros construtores da pátria, eram alvos do moralismo dominante (RAGO, 2004, p. 492).

Porém, tais ideias foram gradativamente rebatidas, de forma cautelosa, pelas feministas, a exemplo dos textos publicados nas revistas *A mensageira*, entre 1897 a 1900, e na *Revista Feminina*, entre 1914 e 1936. Nos textos publicados, o trabalho fora do lar era defendido com o argumento de que, se a mulher se tornasse profissionalmente ativa, facilitaria a sua participação e compromisso com a pátria, com as questões sociais, sendo determinante para o bom desempenho materno. Vale ponderar que esses periódicos tinham como representação mulheres de melhores condições sociais, sendo um discurso pouco representativo para as mulheres operárias, por exemplo, “que eram consideradas como incapazes de produzir alguma forma de manifestação cultural” (RAGO, 2004, p. 494).

De fato, a emancipação da mulher entra em questão apenas na segunda metade do século XIX, graças aos trabalhos assumidos nas fábricas, onde as condições laborais eram piores que as dos homens, além dos menores salários. Para Moraes (2020), as questões de gênero são nitidamente evidenciadas nesse contato e relação da mulher no espaço fabril, pois elas eram consideradas menos preparadas profissionalmente, submetidas às piores condições de trabalho e à hostilidade por parte dos operários, que as tinham como concorrentes às vagas de emprego.

Apenas no início do século XX é que vai se desenhando, pelas elites intelectuais e políticas, o novo espaço para a mulher na sociedade brasileira. Isso aconteceu justamente no período de crescimento das cidades, aliado à industrialização, o que representou a oportunidade de trabalho e atuação das mulheres. Mas, apesar de alguns avanços na ocupação de empregos fora do lar, a mulher continuou à mercê da “ideologia da maternidade” (RAGO, 2004, p. 494), discurso que valorizava a maternidade como a sua missão, definindo a esfera pública como espaço do homem e a esfera privada como o espaço da mulher, assim como já definido nas primeiras páginas desse tópico pelas ideias de Federici (2017).

Já a oportunidade de escolarização para as mulheres chegou, principalmente, com a reforma instituída por Marquês de Pombal, em 1759, com a expulsão dos jesuítas e a criação das aulas régias, influenciado pelas ideias iluministas. Com a independência do Brasil, em 1822, foi outorgada a primeira Constituição, que estabeleceu o ensino primário gratuito para todos. Apesar da lei, a criação de escolas que atendessem ao vasto território brasileiro e a falta de profissionais preparados para assumir o magistério acabaram atrasando o seu cumprimento. Além do mais, a escola não era considerada prioridade para parte da população, que não a via como um meio de ascensão intelectual, econômica e social. Para alguns, era melhor deixar os filhos ajudando nas roças e nos afazeres domésticos (BARRETO, 2022).

Em 1826, Dom Pedro I, que trazia consigo uma visão de escola mais moderna, inclusive para atender ao apelo de mulheres que queriam estudar, propõe aos deputados e senadores da época a criação da primeira Lei Geral da Educação brasileira, promulgada em 1827. Segundo Barreto (2022), as ideias mais conservadoras é que delinearam a proposta para a educação feminina. “As mulheres deveriam saber, mas ter uma educação mais comedida, com foco no cuidado do lar e da família e voltada para as diretrizes católicas, ou seja, nada que destoasse da proposta de educação pombalina” (BARRETO, 2022, p. 103). Dessa forma, imperaram os argumentos que delimitavam o espaço da mulher, fundamentados na divisão sexual e na hierarquização de gênero. Outro ponto citado por Barreto (2022) que merece alusão é que a carência de mulheres para ensinar mulheres em Geometria gerou a extinção dessa matéria do currículo e planos de estudo das escolas para meninas, limitando o acesso feminino ao saber culturalmente naturalizado para homens. “E nesta decisão talvez tenhamos a origem do ‘pré-conceito’ oficial que envolve a mulher e as ciências exatas no Brasil” (BARRETO, 2022, p. 103).

Ao referir-se à educadora e escritora Nísia Floresta (1810-1885), Louro (2004) afirma que “uma voz feminina revolucionária denunciava a condição de submetimento em que viviam as mulheres no Brasil e reivindicava sua emancipação, elegendo a educação como o instrumento através do qual essa meta seria alcançada” (LOURO, 2004, p. 371). A educação para mulheres no Brasil não nasceu desvinculada do modelo de sociedade patriarcal, regulada pela hierarquia de gênero. A mulher deveria receber instrução para educar os filhos e formar futuros cidadãos. As meninas das classes mais empobrecidas eram as mais envolvidas nos afazeres domésticos, no cuidado dos irmãos e nos trabalhos no campo, sendo a escolarização um segundo plano, quem dirá o último. Apesar de ser considerada uma conquista, a educação continuava atrelada ao destino de ser mãe, de cuidar, de ser boa esposa, um papel fundamental para solidificar a tradicional organização familiar. Tal destino se estendeu à formação e

trabalho no magistério, cursos profissionalizantes destinados especialmente para mulheres. Não é à toa que a profissão do magistério foi naturalizada como trabalho feminino, representando a continuação da maternidade no interesse, zelo e educação dos então filhos e filhas espirituais. Dessa maneira, “o argumento parecia perfeito: a docência não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la. Para tanto seria importante que o magistério fosse também representado como uma atividade de amor, de entrega e doação” (LOURO, 2004, p. 377). Interessante observarmos que essa concepção ainda é muito presente na atualidade.

No decorrer dos anos 1980, emergiram novas propostas para reafirmar a equidade de gênero, resultado do movimento de mulheres trabalhadoras, que buscavam mostrar que era possível conciliar trabalho e família. Esse debate gerou algumas modificações de ordem cultural e jurídica, com destaque para a definição de papéis, imagem, comportamento da mulher. Mas, apesar disso, Giuliani (2004) considera como “instável e transitória, já que tais concepções culturais são o resultado do confronto entre os valores dominantes e os anseios de mudança” (GIULANI, 2004, p. 543).

Entre avanços, já no século XXI, ainda é possível visualizar no Relatório Anual Socioeconômico da Mulher (RASEM), referente a 2017 e 2018, publicado pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (2020), o quanto a população feminina enfrenta desafios para a consolidação e gozo de seus direitos básicos. Um dos problemas já mencionados anteriormente é a divisão sexual do trabalho, que acaba acarretando desigualdades de gênero nas relações sociais, econômicas, culturais e nas ciências. A carga materna e familiar, as forças do capital e a usurpação dos direitos e do poder da população feminina acabaram acarretando às mulheres a delimitação profissional, decorrente da histórica falta de oportunidades ou da adequação a uma jornada de trabalho dupla, compatível com a responsabilidade materna e o trabalho fora do lar.

Os desafios que as mulheres ainda enfrentam são demandas estruturais e históricas e, como tais, requerem planejamento e efetivação de políticas públicas de enfrentamento, sendo que a educação é uma das proposições capazes de incluir a mulher na sociedade de forma ativa.

A educação tem capacidade de gerar externalidades positivas em várias dimensões do convívio da mulher na sociedade. Pode, por exemplo, possibilitá-la a conhecer melhor seus direitos e procurar os serviços de atendimento à mulher em caso de violência; pode incentivá-la a buscar os serviços de saúde pública de maneira preventiva ou até mesmo orientá-la a um melhor manejo do meio ambiente e dos recursos disponíveis, incrementando a sua qualidade de vida (BRASIL, 2020, p. 25).

A busca e a luta pelos direitos podem estar associadas à escolarização e, embora o acesso à educação seja quase igualitário para homens e mulheres, esse direito diferencia quanto à faixa etária, região e, sobretudo, à questão racial (BRASIL, 2020). Para se ter uma ideia, a população feminina brasileira corresponde a 51,1% do total da população, conforme aponta o levantamento feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021). Mesmo sendo a maioria da população e frequentando por mais tempo os espaços educacionais – mulheres 9,3 anos e homens 8,9 –, totalizando 57% das matrículas no ensino superior, são elas as que ocupam menos cadeiras nos cargos de liderança dos órgãos públicos e privados. Ademais, as mulheres que já concluíram o ensino superior e estão no mercado de trabalho recebem em média 2,9 mil reais, e os empregados do sexo masculino, 4,5 mil reais. De acordo com o Mapa do Ensino Superior no Brasil, do Instituto Semesp (2020), “cerca de 29,5% dos empregados do sexo masculino com ensino superior completo ganham cinco salários mínimos ou mais enquanto apenas 13,7% das mulheres recebem rendimentos nessa faixa” (SEMESP, 2020, p. 33).

O comando e a liderança, como herança do patriarcado, parecem teimar em ficar nas mãos daqueles que, ao longo da história, instituíram a supremacia masculina e delimitaram o lugar da mulher, como comprova os dados do IBGE – 2016, analisados por Souza e Ávila (2020), constando que “60,9% dos cargos gerenciais eram ocupados por homens, e 39,1% por mulheres, [...] a ocupação de cargos gerenciais por mulheres em idade avançada não ocorre na mesma proporção que a dos homens que estão na mesma faixa” (SOUZA; ÁVILA, 2020, p. 133).

Outro fator de destaque no campo educacional e profissional é a inserção de mulheres nas áreas das ciências exatas. Embora já seja possível observarmos um crescimento importante no número de mulheres que atuam nessa área, a inserção e a permanência delas em campos de estudo e trabalho ligados às ciências duras ainda são permeadas por práticas de segregação, que discriminam e desvalorizam a presença feminina (SOUZA; ÁVILA, 2020). Diante disso, conforme constataram Souza e Ávila (2020), é notável uma resistência persistente por parte das mulheres em ingressar em cursos acadêmicos das engenharias, das tecnologias de informação e das exatas, conforme podemos observar nas tabelas que seguem.

Tabela 1 - Cursos superiores com maior concentração da população feminina e porcentagem por sexo, em 2020

CURSO	Distribuição %	
	Mulheres	Homens
Pedagogia	92,5	7,5
Serviço Social	89,9	10,1
Nutrição	84,1	15,9
Enfermagem	83,8	16,2
Psicologia	79,9	20,1
Fisioterapia	78,3	21,7
Gestão de pessoas	77,9	22,1
Odontologia	71,7	28,3
Farmácia	71,3	28,7
Arquitetura e urbanismo	66,5	33,5

Fonte: Instituto Semesp. Mapa do Ensino Superior no Brasil – 2020.

Tabela 2 - Cursos superiores com maior concentração da população masculina e porcentagem por sexo, em 2020

CURSO	Distribuição (%)	
	Mulheres	Homens
Engenharia Mecânica	10,2	89,8
Sistemas de informação	13,8	86,2
Engenharia de Produção	34,4	65,6
Educação Física	34,9	65,1
Educação Física Formação de Professor	39,7	60,3
Engenharia Civil	30,3	69,7

Fonte: Instituto Semesp. Mapa do Ensino Superior no Brasil – 2020

Dentre os cursos de maior presença feminina, estão aqueles que intrinsecamente se relacionam com as concepções e expectativas da divisão social de gênero. As ocupações associadas ao serviço e cuidados com as pessoas – Pedagogia, Enfermagem, Serviço Social, por exemplo – ainda são atribuídas em maioria às mulheres, o que acaba sendo um reflexo da

relação familiar e delimitação de papéis, construídas pela sociedade patriarcal e combatidas nos tempos posteriores (LEONE; PORTILHO, 2018).

Segundo Andrade, V. (2014), essa divisão nos espaços de formação gera uma hierarquia que também é refletida no mercado de trabalho, onde as mulheres terminam ocupando as áreas pouco privilegiadas, relacionadas em grande parte às ciências humanas. Quanto ao espaço acadêmico, uma das justificativas históricas é que até a década de 70 do século XX, as escolas e os cursos eram segregados, sendo que a prioridade de formação feminina deveria contemplar as habilidades necessárias para ser mãe e esposa, dentre elas, habilidades manuais, piano e etiqueta. No mais, existiam atividades que eram apropriadas ou não para mulheres. “Mulheres, maternais, podem ser professoras. Não médicas, nem engenheiras” (ANDRADE, V., 2014, p. 306).

Para Ariza e Oliveira (1997), a divisão sexual e social do trabalho é um fator determinante no processo de exclusão social e econômica, no preconceito, na desvalorização que as mulheres enfrentam. Isso ocorreu quando a ocupação do espaço privado foi limitada para as mulheres, resultando no desempenho massivo de atividades de menos prestígio e baixos salários, como é o caso do trabalho doméstico, da docência, da enfermagem, e que ainda enfrentam os estereótipos por serem definidas como serviços por amor e vocação.

Olinto (2012) reflete sobre as representações sociais, econômicas e culturais que configuram as desigualdades de gênero nas ciências, nas áreas tecnológicas, engenharias e matemáticas, a partir da segregação horizontal e vertical. A primeira refere-se às escolhas que as mulheres tendem a fazer, em decorrência do que a sociedade vê como apropriado, diante das capacidades e aptidões femininas. “A segregação horizontal inclui mecanismos que fazem com que as escolhas de carreiras sejam marcadamente segmentadas por gênero” (OLINTO, 2012, p. 69). Consequentemente, esse desfavor desencadeia a segregação vertical, que, mesmo de forma velada ou ignorada, faz com que as mulheres assumam em seus trabalhos posições de subordinação e assim não avancem em suas carreiras profissionais. É o chamado “teto de vidro”⁹, experienciados, principalmente, nos altos cargos de trabalho, mas se estendendo para as carreiras acadêmicas e as atividades científicas. Dessa forma, a segregação horizontal limita quais espaços de trabalho devem ser ocupados por mulheres, e a segregação vertical as mantém na condição de desvalorização profissional, social e, por conseguinte, econômica. As duas segregações “podem sugerir uma genuína diferença de características e

⁹ “[...] indicando os processos que se desenvolvem no ambiente de trabalho que favorecem a ascensão profissional dos homens. O teto de vidro é invisível, mas é um mecanismo que tem sido identificado inclusive nas carreiras de ciência e tecnologia” (OLINTO, 2012, p. 69).

habilidades entre os dois sexos, o que explicaria a exclusão das mulheres de algumas ocupações e a sua dificuldade em atingir posições de destaque na hierarquia ocupacional” (OLINTO, 2012, p. 69).

A busca pela equidade de gênero nas ciências e nas profissões tem sido uma preocupação de organizações internacionais, a exemplo da Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI) e da Organização das Nações Unidas (ONU), que contemplam em suas pautas de discussões o incentivo à inserção das mulheres nas várias áreas de produção. O plano global da ONU, agenda 2030, traz em seu objetivo 5: “Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas”, por meio de metas que enfatizam “políticas sólidas”, “legislação aplicável”, “oportunidades para liderança na vida política, econômica e pública” e “uso das tecnologias de base para promover o empoderamento” (ONU, 2019, online, n.p.).

O fenômeno “teto de vidro” atinge a carreira das mulheres nas atividades científicas, conforme mostra a revisão de literatura realizada por Souza e Ávila (2020). Embora a participação das mulheres tenha crescido no campo da investigação e produção científica nos últimos anos, o que vemos ainda são discursos e práticas tendencialmente marcados pela divisão e hierarquização de gênero, prevalecendo o reconhecimento e valor da figura masculina. Dentre os estudos analisados, foram evidenciados que a área das Ciências Exatas, especialmente as “ciências duras” – Física, Matemática, Engenharia –, ainda está majoritariamente nas mãos masculinas. A ocupação nos postos acadêmicos mais altos mostra a disparidade de gênero e o quanto os homens têm se beneficiado por essa ocupação, seja por ganhos salariais e bolsas de estudo, seja por ocupação de melhores cargos ou prestígio (OLINTO, 2012).

Outra constatação importante dentre os estudos analisados por Souza e Ávila (2020) refere-se à representação social e cultural da imagem de um cientista. Predominaram as respostas que relacionam ciência à imagem masculina, além de discursos com elementos preconceituosos ligados à participação feminina, evidenciando uma invisibilidade ou não reconhecimento da presença da mulher na atividade científica.

O estereótipo do cientista como personagem masculino revelou-se também na pesquisa de Reznik *et al.* (2017), que buscaram compreender de que forma mulheres adolescentes enxergam a ciência, as cientistas e os cientistas. O estudo foi realizado com 26 adolescentes entre 15 e 19 anos, estudantes de escolas públicas e privadas do Rio de Janeiro. Concluiu-se que o interesse das participantes na ciência é principalmente em áreas de ciências da saúde e ciências biológicas, além de destacarem a representação do cientista com características de “cientista maluco” (homem) e de “inteligência acima da média”. Estudos dessa natureza reforçam a

representação e a construção midiática de uma percepção estereotipada de cientistas, que corrobora a visão masculinizada da profissão (SOUZA; ÁVILA, 2020, p. 135).

Vale considerar que a própria estruturação da ciência, da construção do conhecimento científico e das teorias é marcada pela supremacia masculina, pelo androcentrismo, pois, conforme explica Harding (1993), não foram as experiências femininas que problematizaram situações que careciam de explicações e, portanto, de formulações teóricas. Nem podemos conceber que as teorias foram estruturadas a partir das peculiaridades dos diferentes homens, “mas tão somente a experiência de homens heterossexuais, brancos, burgueses e ocidentais” (HARDING, 1993, p. 9) foi inspiradora das variadas formulações teóricas criadas no universo do patriarcalismo. É nesse sentido que a crítica feminista à ciência influencia na revisão do conhecimento ocidentalizado.

Ainda não existe um consenso entre as variadas correntes feministas que dê conta de um discurso único, que abrace as diversas realidades. Apesar disso, são essas teorias que de modo semelhante representam “a oposição aos silêncios e mentiras emanados dos discursos patriarcais e de nossa consciência domesticada” (HARDING, 1993, p. 10) e, mesmo na instabilidade de suas categorias analíticas, representam alicerces para lutas políticas e práticas sociais por equidade entre os gêneros. Para Harding (1993), a pesquisa científica feminista não veio para substituir as interpretações do gênero masculino pelo feminino, mas para avançar na objetividade, que se sobrepõe aos olhares subjetivos.

Nesse sentido é que surge a Epistemologia Feminista, ligada à área da Epistemologia Social¹⁰, com o intuito de levar olhares questionadores e interpretativos sobre o conhecimento científico, esclarecendo e contestando preconceitos, inclusive na forma de fazer ciência. Um exemplo desse preconceito, apontado por Ketzer (2017), é a representação masculina nas Ciências Físicas e Ciências da Vida, comumente descrita com características superiores, o que valida o poder e a dominação sobre as mulheres. Os estereótipos que ridicularizam e menosprezam as mulheres e enaltecem os homens também estão presentes nos conceitos epistemológicos e na história da Filosofia (KETZER, 2017).

Rago (2012) destaca que os estudos com bases feministas não se reduzem às críticas ao saber e à produção científica marcada pelo olhar masculino, mas demonstram possibilidades de interpretações que articulam os novos olhares com aquilo que

¹⁰ “A Epistemologia é a área da Filosofia que se ocupa de estudar o conhecimento (*episteme*, do grego, conhecimento, logos, estudo). Também denominada Teoria do Conhecimento, ela é uma área central para qualquer campo do conhecimento que busque fundamentar seus métodos e justificá-los. A Epistemologia ocupa-se de responder questões como: o que é conhecimento? Quais as suas fontes? Quais os tipos de conhecimento existentes? Como podemos justificar o que conhecemos?” (KETZER, 2017, p. 96).

tradicionalmente já é considerado conhecimento sistematizado. Dessa forma, não se trata de um rompimento por completo do que outrora as Ciências Humanas alcançaram com suas atividades científicas. Trata-se de esclarecimentos com base na experiência histórica, cultural, das relações sociais das mulheres “que se expressa na busca de uma nova linguagem, ou na produção de um contradiscurso” (RAGO, 2012, p. 25), que certamente se soma às análises, às interpretações e às críticas, resultando em um conhecimento com maior rigor objetivo e menos excludente. Assim, a epistemologia feminista caracteriza-se como um “projeto feminista de ciência” que argumenta contra a ciência, incidindo “na denúncia de seu caráter particularista, ideológico, racista e sexista: o saber ocidental opera no interior da lógica da identidade, valendo-se de categorias reflexivas, incapazes de pensar a diferença” (RAGO, 2012, p. 27).

Sendo assim, ao questionar os conceitos das Ciências Humanas que privilegiam e hierarquizam as identidades e trazem como modelo o homem branco, hétero e civilizado, a epistemologia feminista empreende uma reação contra a hierarquização dos saberes, a desvalorização do espaço privado ocupado por mulheres, o ocultamento das lutas e conquistas femininas, além de denunciar as relações de poder presentes na produção do conhecimento científico (RAGO, 2012).

Outro ponto da epistemologia feminista que merece ser destacado é a proposta do estudo e análise dos sujeitos como seres identitários da cultura, da construção social e das relações, desbancando a essência biológica que, por vezes, serviu para massificar identidades de contextos diferenciados. Em Harding (1993) e Rago (2012), essa concepção é extremamente importante para as correntes teóricas ligadas ao feminismo, pois vê a construção do gênero a partir das relações sociais, sexuais e culturais de cada sociedade, desnaturalizando-o como resultado do sexo biológico. É nesse contra-argumento de reconhecimento que outras maiorias minorizadas também tentam romper com os conceitos normativos e lutam por espaço de consideração, de defesa de suas interpretações na estruturação do conhecimento científico, trazendo a marca da contenda por liberdade, por emancipação e pela valorização das diferenças.

1.5 Literatura e empoderamento feminino: por onde começar?

Previsto na agenda 2030 da ONU (2019) e popularmente disseminado em propostas políticas, projetos do meio universitário, ações de empreendedorismo do setor privado, discussões em rodas de conversas e pautas feministas de luta, a palavra empoderamento vem

ganhando força e intensidade no vocabulário dos últimos anos. Ela origina-se da palavra *power*, da língua inglesa, que significa força. Na língua portuguesa, a palavra empoderamento surge como um neologismo da palavra *empower*, que quer dizer basicamente “dar poder ou habilidade a algo ou a alguém” (BERTH, 2019, p. 23).

Apesar dessa tradução simples e literal, a palavra empoderamento abarca um conceito amplo, complexo e por vezes mal compreendido e interpretado, caindo em um uso indiscriminado que o distancia de suas raízes, sobretudo das que embasam as teorias feministas (SARDENBERG, 2012). Entre controvérsias e um extenso repertório de análises da origem e intenções do conceito de empoderamento, Berth (2019), em estudos e comparações de diversas literaturas, destaca a indicação de Paulo Freire com a sua Teoria da Conscientização como a precursora da Teoria do Empoderamento. Isso porque a intenção do educador era levar a conscientização para uma prática da liberdade, uma forma reacionária de enfrentamento à opressão.

Mesmo não tendo incluído especificamente a opressão feminina em suas pautas de luta, a teoria freiriana tem alicerçado muitas discussões e pensamentos feministas, dado o seu compromisso com a busca de caminhos e ações contra as desigualdades. Nesse sentido, o empoderamento prevê a “recuperação consciente das potencialidades de indivíduos vitimados pelos sistemas de opressão, e visa principalmente à libertação social de todo um grupo, a partir de um processo amplo e em diversas frentes de atuação, incluindo a emancipação intelectual” (BERTH, 2019, p. 32). Assim, diante dessa emancipação intelectual, é que a educação, a escola como ambiente de discussões, assume o compromisso com a formação integral, com conjunturas e oportunidades para o desenvolvimento da consciência crítica dos sujeitos, que é “condição indissociável do empoderamento” (BERTH, 2019, p. 37).

Freire (1979) defendeu que a conscientização pode levar as pessoas a lutar por uma transformação radical na sociedade, não aceitando passivamente as condições que lhes são impostas. A tomada de consciência impulsiona as pessoas a assumir seus papéis como sujeitos, a se humanizar, a transformar o mundo, a se impor contra as desigualdades. Em comum acordo, Sardenberg (2012) argumenta que a conscientização é fundamental para o processo de mudança e o posicionamento das mulheres ante a dominação e as desigualdades que têm estruturado as relações de gênero; “a demanda para mudar não nasce ‘naturalmente’ dentro de uma condição de subordinação”. Dessa forma, o empoderamento deve ser estimulado e desencadeado por “forças induzidas externamente”, sendo que “as mulheres têm que ser convencidas, ou se convencer do seu direito à igualdade, dignidade e justiça” (SARDENBERG, 2012, p. 8).

Diante disso, buscamos, para orientação do nosso estudo, a concepção de empoderamento como um processo ligado à autonomia, à libertação e à autodeterminação das mulheres diante das desigualdades, da opressão de gênero e do patriarcalismo (SARDENBERG, 2012), que envolva as individualidades, mas, sobretudo, o coletivo, conforme defende Magdalena León:

O empoderamento como autoconfiança e autoestima deve integrar-se em um sentido de processo com a comunidade, a cooperação e a solidariedade. Ao ter em conta o processo histórico que cria a carência de poder, torna-se evidente a necessidade de alterar as estruturas sociais vigentes; quer dizer, se reconhece o imperativo da mudança (LÉON, 2001, p. 97).

Sobre as ações para o empoderamento feminino, a professora, escritora e ativista bell hooks (2013) defende a participação da escola, pois considera que o ato de educar é “fundamentalmente político”, e o aprendizado pode ser revolucionário, caracterizando-se um ato contra-hegemônico, o que ela chama de “pedagogia revolucionária de resistência”. A estudiosa também se inspira na “práxis” de Paulo Freire, fundamentada no agir e refletir sobre o mundo, a fim de modificá-lo. Assim, essa educação vista como prática da liberdade é capaz de engajar sujeitos, críticos e ativos, e não apenas “consumidores passivos” (HOOKS, 2013, p. 26), podendo se materializar numa ação facilitadora do processo de empoderamento.

Numa sociedade como a que vivemos, o ato de transgredir se faz necessário, pois vivemos numa cultura de dominação, que “sustenta a supremacia branca, o imperialismo, o sexismo e o racismo, afastando a educação de sua prática da liberdade” (HOOKS, 2013, p. 45). Contudo, a escola ainda é a esperança, pois, por meio do comprometimento, inspirada em outros movimentos sociais, é capaz de criar condições para o empoderamento e provocar mudanças na realidade de muitas pessoas, inclusive mulheres, na luta pela libertação feminina.

Destacamos como inspiração para a luta feminina por empoderamento os movimentos feministas, especialmente o feminismo decolonial¹¹, que se contrapõe ao feminismo eurocentrado, “pois vê a necessidade de uma nova epistemologia que legitime um saber situado que parta da experiência concreta de grupos específicos” (FUNCK, 2014, p. 24). Para Curiel (2017), precisamos dar oportunidade de fala à realidade vivida aqui na América Latina,

¹¹ Curiel (2017) apresenta o feminismo decolonial como uma crítica ao feminismo eurocentrado, que traz as marcas e vozes de uma representação hegemônica, caracterizada por mulheres heterossexuais, brancas, burguesas e ocidentais. Em contraposição, apresenta o feminismo decolonial, representado pela interseccionalidade dos diferentes grupos de mulheres oprimidas. Assim, mulheres latino-americanas, afro-americanas e indígenas estão representadas no feminismo decolonial.

construir o nosso próprio discurso, baseado na nossa história, compreender a realidade e atuar sobre ela, tanto teórica quanto politicamente.

Embora nosso foco de pesquisa seja a atividade da escola e as ações extensionistas como facilitadoras do processo de empoderamento, não podemos nos esquecer das bases de lutas e resistências que oportunizaram o direito de voz à mulher e às outras minorias. De acordo com Curiel (2017), a teoria feminista evidencia a ideologia que estrutura, provoca e reproduz tantos tipos de discriminação, não apenas no grupo de mulheres, mas de outros grupos que sofrem com a exclusão e marginalização na sociedade. É a partir dos estudos das correntes feministas “que o gênero adquire maior importância como categoria analítica. Seu uso teórico, epistemológico e político serviu para desnaturar o que significava ser mulher, concebida como ‘o outro’ em relação ao paradigma masculino” (CURIEL, 2017, p. 7, tradução nossa). Esses estudos mostraram que as desigualdades entre os sexos não eram provenientes da natureza, mas construídas social e historicamente.

Unindo as ideias feministas ao papel emancipatório da escola e das ações de extensão, acreditamos que a educação seja capaz de levar o sujeito a transgredir, a acreditar em suas capacidades de “alterar os ambientes burgueses onde se inserem” (HOOKS, 2013, p. 242). Para isso, é necessário que cada um se torne parte do processo pedagógico, que cada voz seja ouvida, que cada presença seja reconhecida e valorizada. Não se trata de um empoderamento *light* (CORNWALL, 2018), que não confronta as relações sociais e de poder. É um empoderamento que contesta as “normas sociais, as relações afetivas e as instituições subjacentes que as constroem” (CORNWALL, 2018, p. 6).

Assim, na perspectiva de viver na sala de aula ações que incentivem o empoderamento, é que hooks (2013) defendeu uma prática pedagógica preocupada em compreender e questionar os sistemas de dominação, ao mesmo tempo que valoriza a participação ativa, as experiências individuais e a integralidade dos sujeitos. Para ela, a escola pode, sim, se transformar em um espaço de confrontação das ordens sociais que mantêm o poder, seja de classe, raça ou gênero.

Dessa maneira, buscamos, dentre as possibilidades de práticas pedagógicas transformadoras, o uso da literatura dentro do programa Meninas Cientistas. Alós e Andreta (2017) defendem a literatura como uma “práxis” capaz de confrontar o mundo e influenciar diretamente a vida dos leitores, pois “mesmo a mais inocente das análises imanentistas, centrada apenas nos aspectos formais e textuais, favorece e reitera uma concepção particular de Literatura que, por sua vez, fomenta uma determinada concepção de mundo” (ALÓS; ANDRETA, 2017, p. 28).

Para Zilberman (2008), a literatura é capaz de explorar uma pluralidade temática, inserir o leitor na alteridade, sem desprezar as suas próprias dimensões individuais. São as linhas e as entrelinhas, o explícito e o implícito, se juntando para a formação do imaginário, que leva a um novo olhar sobre o mundo real, assumindo um compromisso pedagógico para além da didática; um compromisso com a reflexão lúcida e crítica, com a interpretação de significados e (re)significados. A literatura “[...] suscita um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção, produz uma modalidade de reconhecimento em quem lê” (ZILBERMAN, 2008, p. 23).

Em comum acordo, Lima e Lopes (2015) defendem que a literatura pode introduzir, desde muito cedo, assuntos e reflexões fundamentais para a construção de um conhecimento racional, mas sobretudo sensível e crítico diante das realidades do mundo. Nesse sentido, a literatura tem uma função essencial na formação humanística e integral dos sujeitos, podendo servir como ponto de partida para debates que envolvem as experiências sociais das mulheres em diferentes contextos, nas relações de gênero e na construção da identidade feminina pela sociedade capitalista e patriarcal. Dessa forma, assume o seu compromisso com a dimensão política das relações sociais, ao mesmo tempo que dá a sua contribuição na emancipação dos sujeitos (SCHMIDT, 2002).

O comprometimento da literatura com as questões sociais, políticas e culturais está condicionado ao tipo de produção que nos serve de referência. Isso porque, dentro do próprio espaço de produção, nos deparamos com obras que se configuram como aliadas na perpetuação da dominação masculina, patriarcal, branca e elitista. Alós e Andreta (2017) pontuam que, a partir de 1960, nos Estados Unidos, professoras do meio universitário iniciaram uma reflexão mais profunda sobre o favorecimento que os homens brancos viviam no universo acadêmico, a começar pelos currículos universitários. A par de tais críticas, também foram suscitados questionamentos diante da misoginia naturalizada nas obras canônicas. O discurso se centrava numa análise política e ideológica, verificando como as mulheres eram retratadas e tratadas nas obras canônicas, o que representava de certa maneira uma afronta à estrutura universitária estadunidense, que tradicionalmente desprezava a relação dos textos literários com o contexto histórico e cultural. Daí em diante, os estudos avançaram, e a busca pela representação feminina na literatura, tanto de personagens como de escritoras, foi se consolidando.

Schmidt (2002) descreve pontualmente a representação desses estudos para o campo literário, para o saber institucionalizado e para a nova configuração da Literatura.

Foi o questionamento da hegemonia desse sujeito nos processos de instituição e institucionalização dos significados social, político, cultural, estético e teórico reguladores do campo literário que inaugurou a interlocução crítica com as histórias literárias, com as configurações dos cânones nacionais, com as convenções discursivas, com os códigos estéticos e retóricos, com os próprios conceitos de literatura, de identidade e de valor, gerados e mantidos pela crítica literária e pelo discurso historiográfico, compactuados com o sistema patriarcal da cultura ocidental e, por extensão, das culturas nacionais, vistas sob o prisma de valor inquestionável e universalizante (SCHMIDT, 2002, p. 108).

Sobremaneira, a ressignificação de conceitos e papéis naturalizados na tradição literária constituiu-se também um enfrentamento à violência epistemológica sofrida pelas mulheres quando tiveram suas identidades deturpadas e ocultadas na história, no conhecimento sistematizado e na cultura, ora marcados pelos discursos e valores da supremacia masculina, branca e elitista. Aqui no Brasil, a crítica feminista na literatura, unindo teoria e ativismo, representou uma reviravolta, na medida em que as autorias de obras femininas foram reconhecidas e consideradas literatura formal, entrando definitivamente para a historiografia literária e ampliando seus quadros de referência e de valor. Tal como a literatura, as vozes femininas foram ouvidas, e a representatividade na cultura, na política e na literatura se materializou, influenciando na construção das subjetividades da mulher brasileira (SCHMIDT, 2002). Dessa maneira, temos “uma história que se constrói não mais como lugar de consenso em torno de uma identidade referenciada na paternidade cultural, mas como lugar dialógico, aberto às tensões e contradições de uma cultura no plural” (SCHMIDT, 2002, p. 111).

A literatura é considerada um artefato cultural que pode servir tanto para reforçar padrões como para desconstruí-los. Dentre esses padrões, estão as diferenças de gênero, que tanto no campo cultural como social servem para naturalizar as desigualdades, os preconceitos, os estereótipos e as hierarquias. O sujeito feminino foi definido como inferior, passivo, irracional e destituído de autonomia, sendo simplesmente dependente do sujeito masculino. Assim, no contexto das resistências, é que a literatura abre espaços para as transgressões, em oposição aos discursos de poder e dominação que ainda legitimam a supremacia masculina; são os contextos e as vozes que personificam realidades de mulheres que enfrentam diariamente o preconceito, a submissão e as várias faces da violência (SEGALA; JULIANO, 2019).

Em uma de suas análises sobre a literatura feminina, Schmidt (2006) aponta Lya Luft como uma das representantes do discurso que reconhece a mulher como agente construtor da subjetividade, que representa e é representada, que identifica na experiência e na consciência

o aprisionamento e a necessidade de libertação. Dessa maneira, há uma relação direta entre o espaço textual e o espaço discursivo, tratando da dominação patriarcal e do desejo de enfrentá-lo, com a libertação e a emancipação. E nessa condição, as mulheres vão escrevendo as suas próprias histórias, mudando os rumos dos enredos, trazendo os seus olhares e provando que a interpretação depende de onde estamos. Para isso, é preciso mover-se, instaurar-se no desconforto da resignificação. Ao fazer uma analogia com a Medusa, uma personagem da mitologia grega, Schmidt (2006) diz que, para redefinir a sua personagem ao renascer, ela precisou perder a inocência. “E essa é a perda mais feliz da nossa história” (SCHMIDT, 2006, p. 110).

2 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Neste capítulo, apresentamos a trajetória metodológica da nossa pesquisa em suas diversas fases. Trazemos o método utilizado, o tipo de pesquisa, os sujeitos participantes e o processo de recrutamento, a validação, pré-teste e aplicação dos instrumentos de coleta de dados, o tratamento e análise dos achados.

2.1 Caracterizando o método

A pesquisa foi desenvolvida sob a perspectiva do método qualitativo. Trata-se de um método de estudo importante em resposta à mudança social acelerada, que ocasiona uma diversificação de contextos, de realidades e perspectivas sociais, sendo que, dessa maneira, os métodos dedutivos tradicionais, baseados em modelos teóricos estáticos, acabam fracassando diante dessa variedade social e diferenciação dos objetos (FLICK, 2008).

Nossos fundamentos metodológicos partem da epistemologia feminista, considerando que a construção do conhecimento se estrutura em torno dos papéis de gênero, fundamentais nas atividades epistêmicas e na sistematização do saber científico. Para Ketzer (2021), a epistemologia feminista tem o compromisso de esclarecer preconceitos e questioná-los, concordando com Rago (2012), quando a autora afirma que tal campo de pesquisa é uma “forma específica de produção do conhecimento que traz a marca especificamente feminina, tendencialmente libertária, emancipadora” (RAGO, 2012, p. 10). Trata-se de um campo que questiona, afronta e propõe um novo olhar para a construção do conhecimento e para a própria ciência, por meio da interação entre os sujeitos, do diálogo, das observações, das hipóteses confirmadas ou refutadas, das redescobertas, da interpretação subjetiva, sem pretensões de se reafirmar como verdade absoluta e inquestionável. Estrutura-se em contraposição aos conceitos excludentes, fundamentados na universalidade do ser homem, branco, hétero e civilizado (RAGO, 2012).

Considerando que o nosso objeto de pesquisa está inserido num contexto maior e diante de uma realidade peculiar, vivenciada por meninas e mulheres em seus mais variados espaços e suas relações sociais, é que utilizamos a abordagem metodológica qualitativa, respaldada na epistemologia feminista. Além do diálogo com a literatura para a construção teórica e científica, optamos por investigar a realidade a partir da concepção dos próprios sujeitos, em conformidade com Flick (2008), quando sustenta que “os campos de estudos não

são situações artificiais criadas em laboratório, mas sim práticas e interações do sujeito com a vida cotidiana” (FLICK, 2008, p. 24).

Para a construção da nossa pesquisa, optamos pelo estudo de caso, sendo desenvolvido em três fases: pesquisa bibliográfica e documental, tendo como base a construção do conhecimento por meio de artigos, livros e documentos relacionados com o nosso objeto de estudo; observação assistemática e participante, mediante o acompanhamento do processo formativo e desenvolvimento das oficinas de literatura do programa Meninas Cientistas; e a aplicação dos questionários e realização de entrevistas. O estudo foi complementado pela elaboração e desenvolvimento do produto educacional.

2.2 Objeto pesquisado

O nosso objeto de pesquisa é o programa “Meninas Cientistas: educação, protagonismo e enfrentamento às violências de gênero”, desenvolvido pelo IFG – Campus Uruaçu. Trata-se de um projeto que reúne o tripé ensino, pesquisa e extensão da Educação Profissional e Tecnológica. Foi planejado para início em 2019 e, em sua dimensão extensionista, atendeu a três escolas públicas da cidade de Uruaçu-GO, com 60 (sessenta) vagas. De acordo com os documentos analisados, poderiam participar do projeto as estudantes dessas escolas que se enquadrassem em um ou mais requisitos previstos no edital, sendo: renda *per capita* familiar de até um salário e meio, pertencer a comunidade quilombola, cigana ou indígena e/ou ter algum tipo de deficiência. As atividades aconteciam presencialmente no Instituto Federal de Goiás – Campus Uruaçu, em dias alternados da semana, no turno vespertino. O projeto começou trabalhando com encontros em formato de oficinas, vinculadas a três áreas do conhecimento: Engenharia Civil, Química e Informática. Geralmente, as oficinas eram realizadas nos laboratórios do IFG – Campus Uruaçu.

Nos anos de 2020, 2021 e 2022, as atividades foram ampliadas para outras áreas do conhecimento, sendo que atualmente trabalha com as oficinas de Engenharia Civil, literatura, Empoderamento e Protagonismo Juvenil, Virologia, Química, Raciocínio Lógico, Robótica e Modelagem 3D e Divulgação Científica.

Em 2021, o projeto foi aprovado em edital da FAPEG, com o fomento de 240 (duzentos e quarenta) bolsas, no valor de R\$ 600,00 (seiscentos reais), dividido em 6 (seis) parcelas de R\$ 100,00 (cem reais), contemplando as participantes extensionistas.

Atualmente, o projeto, que se tornou um programa do IFG, atende diversas meninas de escolas públicas das cidades de Uruaçu-GO e Cavalcante-GO, além de envolver estudantes,

egressas e servidores do IFG – Campus Uruaçu e membros externos. Os encontros acontecem pela plataforma *Youtube* e de forma presencial, em Uruaçu, Cavalcante e comunidades quilombolas participantes.

As atividades são desenvolvidas em dois momentos distintos. Na primeira fase, as monitoras, que são discentes do IFG – Campus Uruaçu, egressas ou meninas da comunidade externa, recebem a formação ofertada pelos professores proponentes das oficinas. Na segunda fase, são as monitoras que se responsabilizam pelo planejamento das atividades, desde a metodologia, preparação do material, técnicas utilizadas nas oficinas; tudo isso sob a orientação dos proponentes e coordenação.

2.3 O locus da pesquisa e as participantes

Sendo o programa Meninas Cientistas uma proposta do IFG – Campus Uruaçu que envolve o ensino, a pesquisa e a extensão, optamos por fazer o recorte observando a prática extensionista, apesar de termos a consciência de que o projeto é construído e executado, promovendo atividades que envolvem o mencionado tripé. Dessa maneira, consideramos como *locus* de pesquisa o IFG – Campus Uruaçu, embora o estudo tenha envolvido escolas públicas das cidades de Uruaçu-GO e Cavalcante-GO que são participantes do programa Meninas Cientistas.

O IFG – Campus Uruaçu está localizado na cidade de Uruaçu, no norte do estado de Goiás, atendendo a uma mesorregião formada por mais de dez municípios. Iniciou suas atividades em 25 de agosto de 2008 e, atualmente, conta com quatro cursos técnicos integrados ao ensino médio, sendo: Edificações, Informática e Química, em período integral, e Comércio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Oferta, também, três cursos superiores: Bacharelado em Engenharia Civil, Licenciatura em Química e Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas.

Diante do grande número de oficinas ofertadas pelo programa Meninas Cientistas, optamos por nos aproximar mais da oficina de literatura, por entender que as temáticas e discussões promovidas poderiam contribuir significativamente para o alcance dos objetivos do nosso estudo e respostas às nossas indagações, além de contemplar a nossa área de formação, sendo um fator vantajoso para a proposta do produto educacional. Apesar dessa escolha, compreendemos que o formato do programa Meninas Cientistas não segrega as participantes por área de interesse, priorizando determinada oficina em detrimento de outra.

Pelo contrário, o programa trabalha de forma conjunta, sendo que, ao se inscrever, a participante assume o compromisso de frequentar todas as oficinas.

Tendo em vista os nossos objetivos e a intenção de triangular dados obtidos por categorias diferentes, convidamos para participar da pesquisa aproximadamente 70 participantes do programa Meninas Cientistas, dentre docentes, participantes equipe (discentes do IFG, egressas e comunidade externa) e meninas extensionistas (discentes das escolas públicas participantes), cadastradas no programa em 2021 e/ou 2022. Desse número, tivemos o total de 47 aceites, por meio de preenchimento e assinaturas no Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Como participantes efetivas, considerando as respostas aos questionários e participação nas entrevistas, conseguimos o total de 39, das quais três docentes, cinco participantes equipe e 31 meninas extensionistas.

As docentes participantes são professoras efetivas no IFG, possuem experiência em pesquisa e doutorado em suas respectivas áreas; fazem parte do programa Meninas Cientistas, entre um a três anos e meio.

Na amostragem das participantes equipe, tivemos cinco discentes do IFG ou egressas. Possuem entre 18 e 19 anos, sendo que duas fazem curso superior em outra instituição de ensino, duas são discentes de curso superior no IFG – Campus Uruaçu e uma concluiu o curso técnico e está se preparando para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Todas são participantes do Meninas Cientistas há mais de dois anos, tendo desempenhado funções nas várias áreas do conhecimento do programa.

A amostra das participantes extensionistas foi formada por 31 discentes da rede pública de ensino das cidades de Uruaçu-GO e Cavalcante-GO; possuem entre 12 e 18 anos e cursam entre o 7º ano do ensino fundamental e a 3ª série do ensino médio. Tivemos oito estudantes de escolas públicas estaduais, 10 de escolas públicas municipais e 13 de instituições federais. As estudantes do IFG – Campus Uruaçu convidadas para participar de nosso estudo como participantes extensionistas são bolsistas no programa Meninas Cientistas e desenvolvem atividades como as demais participantes das outras escolas. Consideramos o aceite e a disponibilidade dessas convidadas em participar do estudo.

Como critério de inclusão das participantes equipe, convidamos as atuantes na oficina de literatura em 2021 e/ou 2022. Como apenas quatro concordaram em participar da pesquisa, estendemos o convite para duas outras monitoras que têm participação efetiva, de modo geral, no programa. No entanto, apenas uma concordou em participar, totalizando cinco participantes equipe. Para as participantes externas, convidamos, inicialmente, as 24 meninas

com quem tivemos contato presencial na cidade de Cavalcante-GO. Com o aceite de apenas cinco extensionistas, partimos para convites aleatórios nas cidades de Uruaçu e Cavalcante, mediante listagem disponibilizada pela coordenação do programa, até atingirmos a amostragem mínima, 30 participantes, prevista no planejamento da nossa pesquisa.

2.4 Recrutamento das participantes

O recrutamento das participantes foi feito de forma presencial, por aplicativo *Whatsapp* e por ligação telefônica, dentro do período de dois meses, entre junho e agosto de 2022, obedecendo a uma pausa em julho, em função das férias das estudantes.

Para o convite na cidade de Cavalcante-GO, localizada a aproximadamente 360 km da cidade de Uruaçu-GO, fizemos uma visita nos dias 4 e 5 do mês de junho de 2022, com a equipe de trabalho do programa Meninas Cientistas. Na ocasião, fizemos a divulgação do projeto de pesquisa, ressaltando os objetivos e a importância do estudo. Solicitamos, em lista de frequência, o nome completo e o número de *Whatsapp* das presentes, sendo feito o compromisso de um contato posterior para formalização do convite para participação na pesquisa e envio dos *links* dos termos.

Inicialmente, o convite foi enviado para 24 meninas, pelo *Whatsapp*, com os *links* do TALE e TCLE, salvos no *Google Forms*. Tanto no TALE quanto no TCLE foi colocado o *link* de acesso a um vídeo armazenado na plataforma *Loom*, com duração de 5 minutos, onde estão expostos, resumidamente, os pontos principais da pesquisa e dados importantes dos referidos termos. O aceite das participantes e a autorização dos responsáveis puderam ser feitos pelo próprio termo, clicando na opção “Concordo em participar da pesquisa” (TALE) e “Autorizo a participação” (TCLE); em seguida, clicando em “Enviar resposta”. Nesse primeiro convite, apenas cinco meninas aceitaram participar da pesquisa, o que nos levou a buscar outras estratégias para ampliar o número de participantes.

Solicitamos à equipe responsável pela documentação do programa Meninas Cientistas o nome das participantes extensionistas, seu contato telefônico, nome do responsável e suas respectivas escolas. Assim, fomos em quatro escolas da cidade de Uruaçu-GO para fazermos o convite de forma presencial, tendo a autorização da direção de cada escola e um momento de 15 minutos com as extensionistas para falarmos do projeto de pesquisa e fazermos o convite. Optamos por levar os termos impressos, ficando acordado que o recolhimento seria no dia seguinte, em caso de aceite e autorização. Nessa fase, conseguimos o aceite de 21 participantes, chegando, posteriormente, ao total de 39 meninas. Do total de meninas que

aceitaram participar da pesquisa, 31 prosseguiram respondendo ao questionário. A divulgação e o convite também foram feitos em *lives* das oficinas de literatura, por meio do *chat* no *Youtube*, em canal específico¹² do programa Meninas Cientistas.

Para o recrutamento das participantes equipe, enviamos o convite, com os *links* dos termos para o número de *Whatsapp*, de forma individual e personalizada. Das sete convidadas, seis aceitaram, sendo que, dessas, apenas cinco prosseguiram com a participação. Já a formalização do convite para as docentes foi feito por *e-mail*, assim como o envio dos termos.

2.5 Tipo de estudo e coleta de dados

A escolha pelo estudo de caso, sob a abordagem qualitativa, orienta-se pela necessidade de compreensão profunda de uma realidade singular (GAYA, 2008), sendo uma oportunidade de aprofundarmos nas peculiaridades do programa Meninas Cientistas como prática extensionista, suas ações e resultados alcançados. Dessa forma, trata-se de uma estratégia de estudo capaz de levar às evidências de como se processa esse espaço de formação, troca de experiências, discussões e contato da mulher, aqui chamada de menina, com o universo da ciência e o combate às desigualdades de gênero.

Para Yin (2015), o estudo de caso é capaz de analisar com profundidade situações, eventos, dentro de um contexto real, em diferentes espaços e ao longo do tempo. Assim sendo, consideramos importante trabalhar essa realidade de dentro, em contato com a equipe de trabalho e extensionistas, participando dos eventos, processo formativo, planejamento e desenvolvimento das oficinas, para analisarmos em diferentes contextos e situações o desenrolar do programa. Além disso, o uso de várias fontes de evidências, a partir da análise documental, observação assistemática e participativa, questionário e entrevista e a inclusão de diferentes sujeitos de pesquisa, nos permitiu olhares de diversos ângulos. Yin (2015) destaca a importância de contato do pesquisador com várias fontes, perspectivas e participantes, o que para ele acaba “incluindo a possibilidade de desafiar as suposições iniciais do pesquisador” (YIN, 2015, p. 226).

¹² Endereço de acesso ao canal do *Youtube* do programa Meninas Cientistas: <https://www.youtube.com/c/MeninasCientistasIFG/videos?app=desktop>.

2.5.1 Sustentação teórica e análise documental

Nosso ponto inicial foi a busca pelo aporte teórico, incluindo os fundamentos da EPT, a historicização da mulher dentro do universo das relações sociais e do trabalho, o contexto da prática extensionista desenvolvida na EPT e o uso da literatura como leitura de vida para a conscientização. Nessa fase, utilizamos a leitura analítica de artigos, capítulos de livros e obras completas, teses e dissertações disponibilizadas nas bases de dados: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), *Google Acadêmico*, *Scielo*, Sistema Integrado de Bibliotecas (SOPHIA) do IFG, além de obras impressas.

Para as informações relacionadas à EPT, buscamos referenciais que abordassem a construção histórica da Rede Federal, os propósitos que estruturam o ensino profissional e como essa educação chegou até os dias de hoje, na perspectiva de uma formação *omnilateral* dos sujeitos.

A identificação da mulher dentro do contexto construído pelas relações sociais, econômicas e culturais e as consequentes formas de preconceitos, subordinação e desigualdade de gênero foi considerada a partir de estudos feministas, sociológicos e históricos, que articulassem a realidade às perspectivas de enfrentamento.

Na intenção de verificar as possibilidades criadas e desenvolvidas pela prática extensionista na EPT, pesquisamos referências que retratassem seus fundamentos e experiências exitosas, sobretudo relacionadas a gênero. Nessa fase, apesar da intensa busca, verificamos que a literatura ainda carece de publicações, especialmente quando se aliam os descritores “projeto de extensão”, “gênero” e “empoderamento feminino”, o que acabou limitando nosso aporte teórico sobre o tema. Diante disso, aprofundamos nosso estudo em extensão como prática para a emancipação dos sujeitos.

Para o estudo da literatura, associamos os descritores “feminismo”, “literatura”, “estudo de gênero”. Selecionamos catorze referências para leitura e análise, entre teses, dissertações, artigos e capítulos de livro. A busca foi especialmente por fundamentos que respondessem como a literatura pode ser utilizada para introduzirmos debates que relacionem as questões de gênero, o sexismo, os tipos de violência contra a mulher e o processo de conscientização.

Quanto à análise documental, incluímos todo material disponibilizado pela coordenação e equipe do programa Meninas Cientistas. Lemos, analisamos e destacamos informações consideradas importantes para nosso estudo. Inclui-se nessa etapa a análise dos

seguintes documentos¹³ e produção: projetos de ensino, pesquisa e extensão, versões 2019 e 2020; editais da chamada pública 2021 e 2022; plano de trabalho/ações 2021 e 2022; pareceres sobre uso de recursos e espaços do IFG – Campus Uruaçu; documento de cadastro no CNPq; carta de anuência das instituições participantes; relatórios de atividades 2019 a 2021; relatórios técnico-científicos para a FAPEG (extensionistas e equipe); calendário de atividades 2022; listagem das extensionistas cadastradas em 2022; *e-book* publicado em 2020.

2.5.2 Observação assistemática/participativa

Segundo Rago (2012), a epistemologia feminista propõe uma nova estrutura para a construção do conhecimento, não condizente com os laboratórios isolados. O processo do conhecimento ocorre na interação com os sujeitos e com o meio social, na observação, no diálogo, na consideração dos diferentes pontos de vista, de forma que não existe um caminho pronto a ser percorrido, mas um caminho em construção, dinâmico e permeado por novas descobertas.

Diante disso, nos aproximamos mais do nosso objeto de pesquisa e dos sujeitos participantes, sob a perspectiva da epistemologia feminista, e solicitamos à coordenação do Meninas Cientistas a nossa entrada no programa, assumindo a função de pesquisadora. Após a autorização, manifestamos a nossa intenção de acompanharmos, com mais rigor, a oficina de literatura, decisão justificada pelo nosso interesse temático e área de formação. Com o aval das docentes proponentes, prosseguimos com a observação. Inicialmente, optamos pela observação assistemática, que, segundo Marconi e Lakatos (2003), corresponde à observação espontânea, não estruturada, durante a qual o pesquisador vai registrando os fatos, as observações de maneira informal, sem meios técnicos específicos. Após os primeiros contatos com o nosso objeto de pesquisa, optamos por estender a nossa ação de estudo para a observação participante. A decisão foi acordada com a equipe formadora do programa Meninas Cientistas, na intenção de que a nossa presença contribuísse com a oficina de literatura e as discussões, além de estabelecermos a confiança das participantes e evidenciarmos a importância da nossa pesquisa.

A fase de observação foi dividida em distintos momentos. Observamos as reuniões gerais e periódicas de planejamento e avaliação das atividades, bem como os repasses dos

¹³ Os documentos fornecidos pela equipe do programa Meninas Cientistas foram enviados por *e-mail* em formato PDF ou *link* de compartilhamento do *drive*. Com exceção do *e-book* publicado, os demais documentos não estão disponíveis para consulta pública.

avisos e orientações. Outro momento de destaque foi a observação do processo formativo das monitoras para a oficina de literatura, estruturado em seis encontros síncronos, via *Google Meet*, com duração de aproximadamente uma hora cada encontro. O terceiro refere-se aos encontros com as participantes extensionistas, dentre os quais foram quatro encontros via *Google Meet*, dois encontros pela plataforma *Youtube* e três encontros presenciais, sendo o primeiro na cidade de Cavalcante, o segundo na Comunidade Quilombola Kalunga Engenho II e o terceiro no IFG – Campus Uruaçu.

Durante o processo formativo e nos encontros com as participantes extensionistas, quando utilizado o serviço de comunicação *Google Meet* e os encontros presenciais, valemos da observação participativa, com algumas falas, indagações e abertura das oficinas ofertadas no período noturno, conforme solicitado e combinado com as professoras proponentes.

2.5.3 Questionários e entrevistas

Os questionários e roteiros de entrevistas foram elaborados na fase de construção do projeto de pesquisa, levando em consideração a temática proposta, as perguntas de pesquisa e os objetivos. Como são instrumentos construídos para fins específicos desta pesquisa, foram submetidos ao processo de validação, sendo convidadas três profissionais da área da educação, com formação em Ciências Sociais, Educação e/ou Linguagem, conforme: avaliadora 1 – graduada em Ciências Sociais, mestra em Ciências Sociais e doutora em Sociologia; avaliadora 2 – graduada em Ciências Sociais e mestra em Antropologia Social; avaliadora 3 – graduada em Pedagogia/ Letras e mestra em Educação.

Foram submetidos à validação dois questionários, sendo o primeiro destinado às participantes extensionistas, contendo 18 questões, e o segundo, destinado às participantes equipe, contendo 14 questões. Para as entrevistas, foram construídos quatro roteiros, sendo: o primeiro indicado para a coordenadora geral do programa Meninas Cientistas, incluindo 10 questões; o segundo para as docentes, incluindo oito questões; o terceiro para as participantes extensionistas, com o total de 11 perguntas; o quarto para as participantes equipe, incluindo oito perguntas. No processo de validação, foram avaliados, em cada questão, os critérios de organização, correspondente à estrutura e lógica da pergunta; a clareza, levando em consideração se a pergunta está clara e sem ambiguidade; o vocabulário, se as palavras e a organização textual facilitam a compreensão e estão adequadas à idade/grau de instrução. As avaliadoras atribuíram o valor de 0 (zero) a 10 (dez) para cada questão, considerando os

critérios citados. Nos questionários, de modo geral, foram sugeridas poucas alterações no quesito organização, além da inclusão de novas questões. Quanto aos roteiros de entrevistas, não houve nota inferior a 10 (dez), indicando a aprovação total das perguntas.

Após validados, feitas as devidas correções e inclusão das sugestões, o questionário e o roteiro da entrevista destinados às participantes extensionistas passaram pelo pré-teste. Marconi e Lakatos (2003) destacam que essa etapa é importante para a verificação de falhas, como inconsistência das perguntas, complexidade do vocabulário, ambiguidade e ordem das questões, além de verificar se o tempo de aplicação está adequado ao público participante. Para isso, foi escolhida uma escola pública estadual da cidade de Uruaçu, onde, após autorização da direção e coordenação, foram selecionadas aleatoriamente pela própria coordenadora três estudantes, com idade de 13, 14 e 15 anos, sendo que uma cursa o 8º ano e duas cursam o 9º. Nessa fase, foram sugeridas adequações na estrutura e clareza de duas questões do questionário, além da substituição de uma palavra no roteiro de entrevista, sendo que as participantes relataram o desconhecimento de seu significado.

Para aplicação dos questionários, foi utilizado o aplicativo *Google Forms*, sendo os *links* enviados pelo *Whatsapp* privado de cada participante. O questionário complementado e validado para aplicação às meninas extensionistas ficou estruturado com 24 questões, das quais 19 questões fechadas, com possibilidade de incluir respostas, e cinco questões abertas. Da questão 1 a 16, foram solicitados dados para identificação das participantes e construção do perfil socioeconômico; da questão 17 a 24, foram indagadas a relação e percepções das participantes relacionadas ao programa Meninas Cientistas. O questionário aplicado à equipe participante foi composto por 17 perguntas, sendo 12 fechadas, das quais seis com possibilidade de incluir resposta, e cinco questões abertas. Ambos os instrumentos foram configurados com perguntas livres, não havendo a obrigação de serem respondidas para avançar para a questão seguinte. O prazo de envio das respostas foi de cinco dias após recebê-los. Embora tenha sido solicitado o nome da participante no questionário, foi-lhes garantido o direito de sigilo.

A entrevista semiestruturada foi escolhida como procedimento metodológico devido a seus inúmeros benefícios, tais como: pode ser utilizada com toda a população, independente do grau de escolaridade dos participantes; sua grande flexibilidade e a oportunidade de perceber atitudes, como gestos e expressões faciais durante o processo de entrevista. Além disso, possui vantagens como a possibilidade de obtenção de respostas rápidas e precisas, menor risco de distorção e análise subjetiva por parte do pesquisador, além de permitir complementos, esclarecimentos e correções simultâneas, conforme Lüdke e André (2018).

Ademais, Yin (2015) destaca que as entrevistas são importantes fontes de evidências para os estudos de caso, pois trazem os eventos comportamentais dos participantes e uma visão pessoal do que está sendo pesquisado. Dessa forma, ela pode contribuir com a complementação das indagações feitas nos questionários, além de ampliarem as descobertas e evidenciarem novos achados.

As entrevistas foram realizadas com 10 participantes, escolhidas mediante critério de maior tempo de participação no programa Meninas Cientistas e/ou a disponibilidade. Do total foram entrevistadas três meninas extensionistas, quatro participantes equipe e três docentes. Utilizamos como espaço para a realização das entrevistas salas administrativas do IFG – Campus Uruaçu, escolas de origem das participantes e o *Google Meet* para as não residentes na cidade de Uruaçu. Procedemos com a gravação das entrevistas, por meio da autorização das participantes, e posterior transcrição literal das falas.

2.5.4 Método para análise dos dados

Na fase de análise dos nossos achados, optamos pelo método da triangulação por compreendermos que nosso estudo envolve diferentes sujeitos e perspectivas sobre um mesmo fenômeno, podendo evidenciar paradoxos, contradições e convergências peculiares, que carecem de diálogo entre si. Além do mais, compreendemos com Minayo, Assis e Souza (2005) que a triangulação é uma estratégia de estudo que traz

[...] combinação e o cruzamento de múltiplos pontos de vista; a tarefa conjunta de pesquisadores com formação diferenciada; a visão de vários informantes e o emprego de uma variedade de técnicas de coleta de dados que acompanha o trabalho de investigação. Seu uso, na prática, permite interação, crítica intersubjetiva, e comparação (Denzin, 1973; Minayo & Sanchez, 1993; Minayo *et al.*, 1999; Minayo & Cruz Neto, 1999) (MINAYO; ASSIS; SOUZA, 2005, p. 233).

Ademais, Santos *et al.* (2020) consideram que o método da triangulação torna o evento pesquisado mais compreensível, pois reflete sobre os diferentes níveis de profundidade e percepções, o que não seria possível com o uso de apenas uma perspectiva metodológica. Assim, a triangulação ainda pode ser concebida como uma estratégia de validação da pesquisa, que visa a fortalecer as conclusões sobre o tema pesquisado.

No nosso estudo, decidimos pela triangulação dos dados, quando utilizamos três distintas categorias de sujeitos (docentes, participantes equipe e participantes extensionistas) e a triangulação metodológica, referindo-se às diversas fontes onde buscamos as evidências,

como forma de aprofundarmos, compararmos e complementarmos os achados. Essa variedade de dados sob situações de coletas diferenciadas é “o que permite confluências, discordâncias, perguntas, dúvidas, falseamentos, numa discussão interativa e intersubjetiva na construção e análise dos dados” (MINAYO; MINAYO-GOMÉZ, 2003, p. 136).

Dessa forma, desenvolvemos a análise dos achados comparando, refutando, convergindo e complementando respostas e percepções sobre o mesmo assunto ou pontos diferentes correlacionados, a partir dos diversos sujeitos, com o uso de múltiplos instrumentos de coleta de dados, além do aporte teórico.

2.6 Contextualizando o Produto Educacional

Criados em 1995 por meio da Portaria n. 47 da CAPES (BRASIL, 2019) e regulamentados pela Portaria n. 80, de 1998, do MEC, os mestrados profissionais estão ligados às várias áreas do conhecimento, incluindo a educação (LEITE, 2018). Uma das exigências dos programas de mestrados profissionais em educação, dentre eles o ProfEPT, é o planejamento, desenvolvimento e aplicação do produto educacional, vinculados ao mundo do trabalho e à pesquisa científica. As contribuições deverão representar estudos e práticas, “focados na melhoria dos processos de ensino no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, seja em ambientes formais e não formais” (BRASIL, 2018b, p. 25).

Compreendendo que a educação profissional e tecnológica envolve espaços que vão além dos institucionais, especialmente quando se pensa numa extensão comprometida com as questões educacionais, científicas, sociais, culturais e humanas, na perspectiva do desenvolvimento integral dos sujeitos, é que planejamos e desenvolvemos um produto educacional no formato de oficina, enquadrando-se na categoria de cursos de curta duração e atividades de extensão (BRASIL, 2019). A ideia nasce das inquietações durante o processo investigativo, que indicavam a necessidade de aprofundamento nas discussões relacionadas a gênero, para complementarem e darem força às ações para o empoderamento feminino, já previstas no programa Meninas Cientistas.

Durante a fase inicial do planejamento, pensamos em desenvolver a proposta com as participantes extensionistas do Meninas Cientistas. Após as orientações na etapa de qualificação, em observação às oficinas de literatura e início da aplicação dos questionários e realização das entrevistas, compreendemos que a proposta do produto teria mais utilidade e comprometimento com a proposta extensionista se fosse desenvolvida em escolas públicas, especialmente naquelas situadas em regiões periféricas e com meninas que não estivessem

inscritas ou frequentes no programa Meninas Cientistas. Os dados começaram a apontar para a necessidade de levar conhecimento, promover discussões e potencializar ações para uma conscientização crítica e reveladora das condições que envolvem o sexismo, o silenciamento, as violências veladas, o preconceito e a inferiorização à qual as mulheres estão submetidas socialmente, culturalmente, nas relações afetivas e no mundo das profissões.

Essas ações, tal qual defende Berth (2019), a partir da Teoria da Conscientização de Paulo Freire, estão ligadas diretamente ao processo de empoderamento.

Empoderamento como teoria está estritamente ligado ao trabalho social de desenvolvimento estratégico e recuperação consciente das potencialidades de indivíduos vitimados pelos sistemas de opressão, e visa principalmente à libertação social de todo um grupo, a partir de um processo amplo e em diversas frentes de atuação, incluindo a emancipação intelectual (BERTH, 2019, p. 32).

A oportunidade de promover esse momento de debate, levar conhecimento e incentivar a conscientização seria por meio da extensão, em conformidade com Pacheco (2011), que defende que a extensão é a via para fazer chegar às comunidades o conhecimento produzido e vivenciado nos Institutos Federais. Diante disso, a proposta do produto passou a ser pensada e planejada para esse público, que, conforme revelado na fase da observação e análise dos dados, tem pouco ou nenhum acesso às discussões em suas escolas de origem. Consideramos tais discussões fundamentais para a tomada de consciência, ora precursoras do processo de empoderamento.

Para a estruturação completa e desenvolvimento do produto, levamos em torno de cinco meses, desde o planejamento até a realização da oficina. Mais detalhes estão descritos no capítulo 4 e apresentados nos apêndices A e B.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Apresentaremos neste capítulo a descrição e análise dos resultados obtidos durante o processo de pesquisa, por meio da coleta de dados, que inclui o levantamento bibliográfico e documental, observação participante com registros no diário de bordo da pesquisadora, questionários e entrevistas realizadas com docentes que atuam no programa Meninas Cientistas, discentes e egressas do IFG que fazem parte da equipe de trabalho do referido programa e participantes extensionistas. Para preservarmos a identidade das participantes, optamos pela indicação de códigos quando apresentarmos suas falas, posicionamentos e outras informações. Assim nomeamos: D1, D2 e D3 para docentes; M1, M2, M3, M4 e M5 para as meninas que fazem parte da equipe; e E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E9, E10, E11, E12, E13, E14, E15, E16, E17, E18, E19, E20, E21, E22, E23, E24, E25, E26, E27, E28, E29, E30, E31 para as participantes extensionistas.

Utilizamos para a análise dos dados a técnica da triangulação de dados e triangulação metodológica, por meio da qual partimos da leitura fluente do material coletado, análise e destaque das informações relevantes para resposta ao nosso problema de pesquisa e alcance dos objetivos propostos. Dessa forma, priorizamos as convergências, contradições, complementação de ideias entre os dados obtidos nas diferentes fontes (fundamentos teóricos, documentos, observação, questionário e entrevista), bem como as informações, percepções e julgamentos dos diferentes sujeitos participantes.

Para facilitar a compreensão dos nossos achados, na perspectiva da metodologia da triangulação, apresentaremos a descrição e análise divididas em tópicos e assuntos: Meninas Cientistas: quem são?; Intenções do programa Meninas Cientistas; A extensão proposta pelo programa Meninas Cientistas: até onde pode chegar?; literatura: da leitura de vida ao empoderamento; Resultados e desafios.

3.1 Meninas Cientistas: quem são?

Denominamos Meninas Cientistas em nossa pesquisa todas as participantes, sejam discentes do IFG, egressas e membras da comunidade externa que fazem parte da equipe de trabalho do programa “Meninas Cientistas: educação, protagonismo e enfrentamento às violências de gênero”, além das participantes extensionistas. A proposta do programa de extensão, assim como o Edital de Chamada Pública do IFG, n. 007/2022, indicou como perfil para preenchimento das vagas estudantes de escolas públicas que se enquadrassem em um ou

mais critérios, sendo: estar em situação de vulnerabilidade social e/ou ter deficiência e/ou ser da comunidade cigana, indígena ou quilombola e/ou residente na zona rural.

Em 2022, foram ofertadas 143 (cento e quarenta e três) vagas para estudantes residentes no município de Cavalcante-GO e 69 (sessenta e nove) para estudantes residentes em Uruaçu-GO, membras da comunidade externa ao IFG. Conforme observamos nas reuniões com a equipe de planejamento, nem todas as vagas foram preenchidas no tempo indicado no referido edital, e assim estendeu-se a oportunidade às discentes do IFG que não compunham a equipe de trabalho e que atendiam aos critérios exigidos no edital.

Como previsto na Chamada Pública, as participantes foram beneficiadas com uma Bolsa de Iniciação Científica Júnior no valor de R\$ 100,00 (cem reais) mensais, com duração de 6 meses, fomento da FAPEG, destinado às participantes externas. Além disso, foi ofertada uma vaga para a comunidade interna, discente do IFG – Campus Uruaçu, participante da equipe do programa Meninas Cientistas, preferencialmente do curso técnico integrado ao ensino médio em Informática, no valor de oito parcelas de R\$ 100,00.

Priorizando pela clareza na identificação do perfil das participantes, apresentaremos de forma separada extensionistas e equipe, a fim de comprovarmos diferenças, semelhanças e particularidades entre os grupos.

3.1.1 Participantes extensionistas – perfil característico/educacional, familiar e socioeconômico

As participantes extensionistas do programa Meninas Cientistas são estudantes de escolas públicas municipais e estaduais das cidades de Cavalcante e Uruaçu, além de estudantes do IFG – Campus Uruaçu e Instituto Federal Goiano (IF Goiano), Campus Ceres, que participaram do programa Meninas Cientistas entre os anos de 2021 e 2022. O perfil das meninas que aceitaram participar da nossa pesquisa foi construído com as respostas das perguntas de 1 a 16 do questionário. Para facilitar a identificação, a fim de não deixar escapar nenhuma informação importante, optamos por subdividir o perfil, classificando e agrupando as informações em: perfil característico e educacional, perfil familiar e perfil socioeconômico.

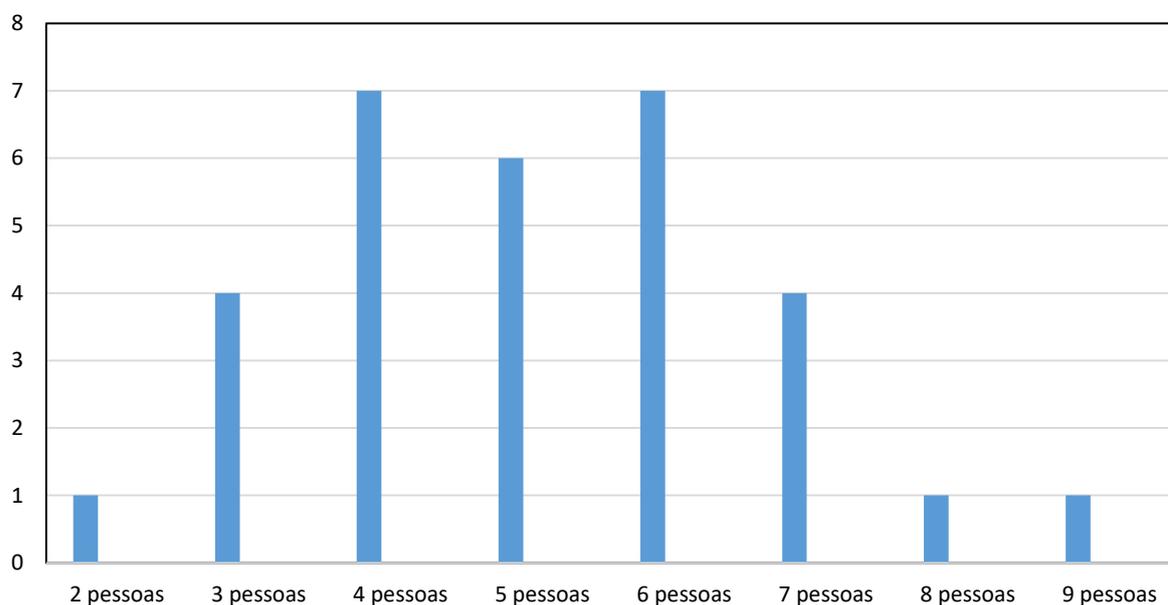
O perfil característico e educacional refere-se às informações pessoais das participantes, além de dados importantes para identificarmos especificidades educacionais do grupo. Dentre as 31 meninas que responderam ao questionário, as idades prevalentes foram de 13 a 16 anos, somando 67,8% do total, o que equivale a 24 meninas, sendo que, dentre as demais, temos duas com 12 anos, quatro com 17 e uma com 18. Todas as participantes

afirmaram não possuir nenhuma necessidade educacional específica ou deficiência. Quanto à autodeclaração racial, 58,1% se autodeclararam pardas, 22,6% se autodeclararam pretas, 16,1% brancas e 3,2% indígenas. A divisão por rede de ensino evidenciou que 41,9% estudam em instituições da rede federal, 32,3% na rede estadual e 25,8% na rede municipal de ensino.

Respostas relacionadas às questões específicas sobre a trajetória escolar mostraram que 81,3% não apresentaram dificuldade para aprender a ler e/ou escrever, enquanto 15,6% disseram que apresentaram dificuldades e 3,1% não souberam informar. Sobre reprovação no itinerário escolar, 87,5% das participantes disseram nunca ter reprovado, enquanto 12,5% informaram que já passaram pela experiência da reprovação.

O perfil familiar foi construído com respostas que trazem algumas informações sobre o contexto familiar, dentre as quais, o número de moradores na residência e dados de escolarização dos pais. Para Marteleto (2002), grande parte dos estudos empíricos confirma a hipótese de que, quanto maior o número de membros na constituição familiar, menos privilégio e oportunidades para a escolarização.

Gráfico 1 – Quantidade de pessoas que moram na residência



Fonte: de autoria própria.

De acordo com o gráfico, percebemos que, em mais da metade das residências, habitam entre quatro e seis pessoas, equivalendo juntos a 65% das respondentes. Trata-se de um dado importante, especialmente quando triangulado com a renda mensal da família, descrita no próximo perfil.

Tabela 3 – Escolarização dos pais

GRAU DE ESCOLARIDADE DOS PAIS - %									
MEMBRO	Nenhuma Instrução	1ª a 4ª série	5ª a 8ª série	Ensino médio completo	Ensino Médio Incompleto	Ensino Superior completo	Ensino Superior incompleto	Pós-graduação	Não sei informar
MÃE	-	16,1	12,9	45,1	9,7	9,7	-	6,5	-
PAI	-	9,4	18,8	25	15,6	3,1	6,3	-	21,8

Fonte: elaborado pela autora

O grau de formação escolar dos pais, apresentado na tabela acima, revela uma porcentagem maior de escolarização das mães. A porcentagem maior dos pais está concentrada na formação de 5ª a 8ª série e ensino médio incompleto, valor que pode ser justificado pelo maior percentual de mães que concluíram o ensino médio. Comparando o ensino superior completo e incompleto, observamos um valor quase equiparado, demonstrando ainda uma vantagem para as mães que já concluíram e conseguiram avançar para a pós-graduação. Mesmo não desfrutando de oportunidades equânimes no mercado de trabalho, tanto na ocupação quanto salário, Leone e Portilho (2018) afirmam que o acesso à educação superior tem proporcionado às mulheres um progresso profissional que, inevitavelmente, repercute nas relações sociais. “As mulheres são a maioria dos estudantes universitários, porém ainda estão muito concentradas nas carreiras acadêmicas que dão acesso às ocupações pior remuneradas e de menor prestígio social” (LEONE; PORTILHO, 2018, p. 244).

Consideramos a escolarização dos responsáveis um fator importante na representação da realidade vivenciada pelas meninas participantes da pesquisa, principalmente do ponto de vista das perspectivas de formação escolar futura. O IBGE (BRASIL, 2017b) analisou a mobilidade ocupacional relacionada às desigualdades de oportunidades, levando em consideração a escolaridade dos pais e sua influência sobre os filhos. Os dados coletados e analisados confirmam que a escolarização dos responsáveis influencia diretamente nas perspectivas escolares dos filhos, visto que

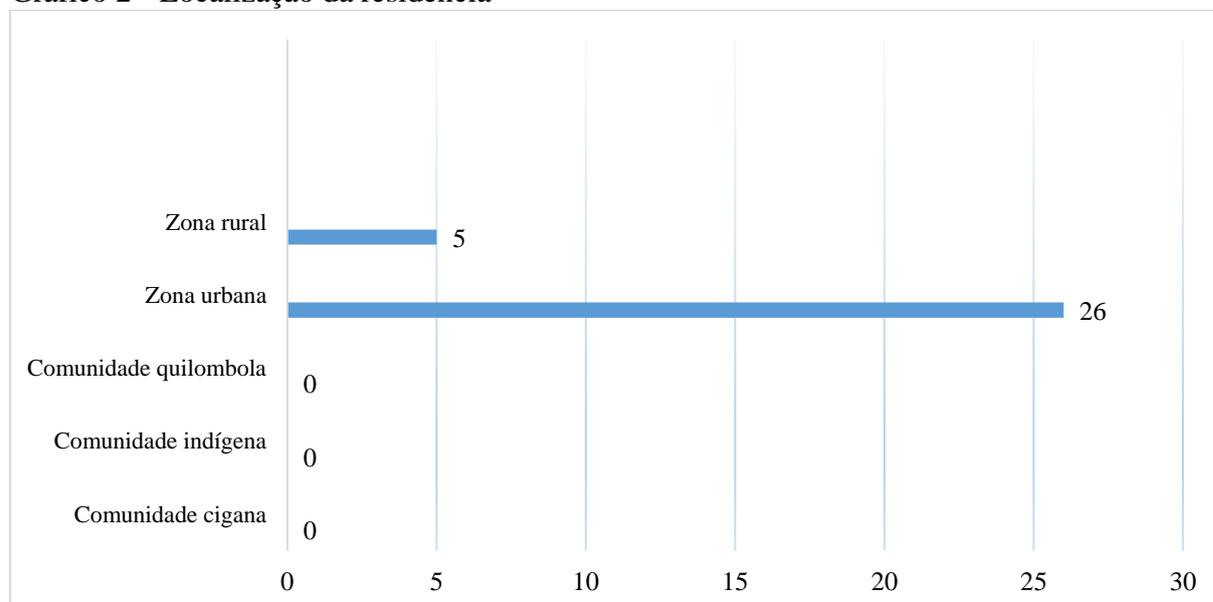
É possível verificar que **quanto maior o nível de instrução dos pais, maior a proporção de filhos que alcançaram o nível “superior completo”**. Enquanto apenas 4,6% dos filhos cujos pais não tinham instrução conseguiram concluir o ensino superior, 69,6% deles concluíram esse nível de ensino, dado que seus pais

também possuíam ensino superior completo. A mesma tendência pode ser observada em relação à conclusão do ensino médio. **Os filhos de pais com ensino superior apresentam um percentual 3,7 vezes maior de possuírem ao menos o ensino médio completo se comparados aos filhos de pais sem instrução**, totalizando 95,1% e 25,8%, respectivamente (BRASIL, 2017b, p. 99, grifos nossos).

Para a construção do perfil socioeconômico, priorizamos respostas relacionadas à renda familiar, recebimento de auxílio de programas sociais, tipo e localização da moradia e acesso à internet. Sabemos que a construção e caracterização de um perfil socioeconômico envolvem diversos outros fatores, mas entendemos a necessidade de termos acesso a dados básicos para facilitar a compreensão do lugar social ocupado por essas meninas. O próprio edital de chamada pública, conforme mencionado no início deste subitem, já nos forneceu algumas informações a esse respeito, quando estabeleceu critérios para a contemplação de bolsas, indicando que as participantes deveriam apresentar ao menos um dos critérios: pertencer a comunidade quilombola, cigana ou indígena, residir em área rural, estar em situação de vulnerabilidade social ou ter alguma deficiência.

Assim, quanto à localização da residência, temos uma maior concentração na zona urbana, sendo que, nessa pergunta, a participante poderia escolher mais de uma opção de resposta, contemplando a localização e o pertencimento a alguma comunidade.

Gráfico 2 - Localização da residência



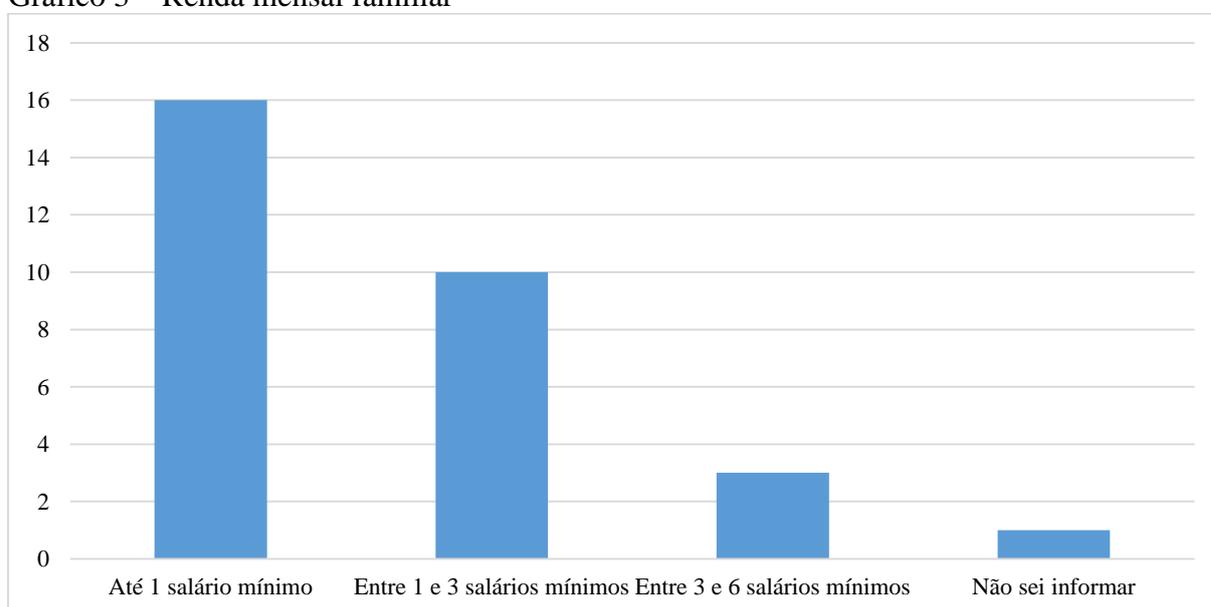
Fonte: de autoria própria

Nenhuma das 31 respondentes nesta pergunta declarou residir em comunidade quilombola, indígena ou cigana. O programa Meninas Cientistas atende várias meninas de Cavalcante-GO, sendo que a cidade está próxima a algumas comunidades quilombolas. Dessa

forma, caso tivéssemos um número maior de participantes na pesquisa que residem na cidade, possivelmente teríamos identificado esse pertencimento.

A renda familiar apareceu contemplada em apenas três agrupamentos que variaram de R\$ 0,00 a R\$ 7.272,00 (sete mil e duzentos e setenta e dois reais), expressos em média, levando em consideração o salário mínimo em 2022 de R\$ 1.212,00 (mil e duzentos e doze reais). Das 30 respondentes, 16 afirmaram que a renda mensal familiar é de até um salário mínimo, 10 afirmaram receber entre um a três salários mínimos e três recebem acima de três salários, chegando até seis, como mostra o gráfico a seguir.

Gráfico 3 – Renda mensal familiar



Fonte: de autoria própria

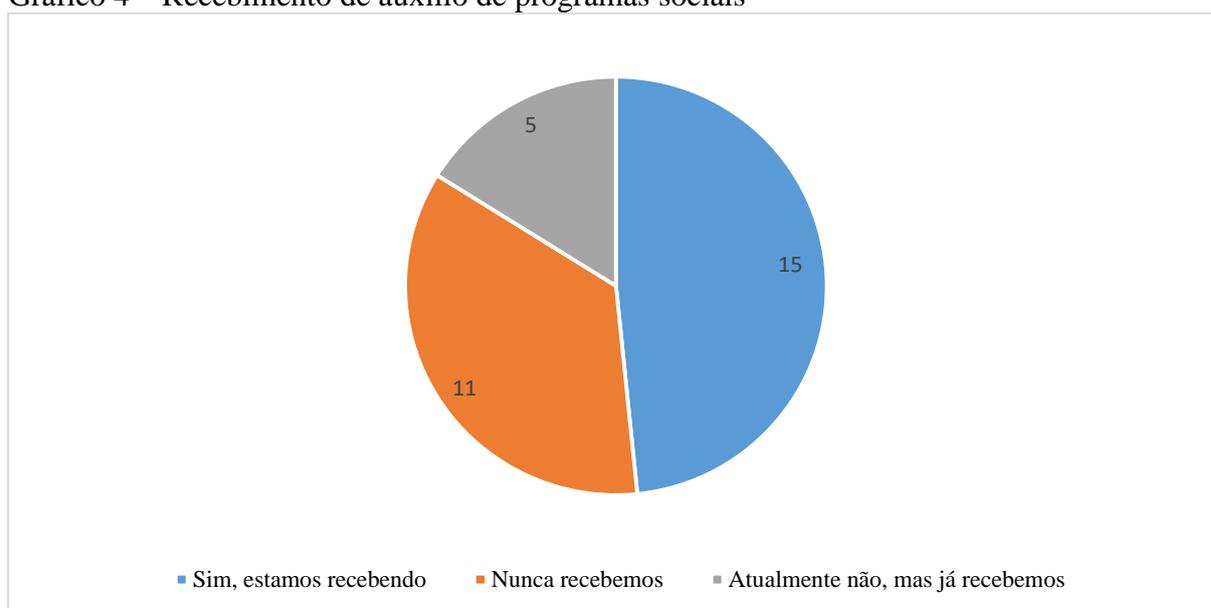
Retornando aos dados indicados no Gráfico 1, sobre a quantidade de pessoas residentes no mesmo domicílio, se comparada à renda, observamos que 53% das participantes podem ter em suas respectivas casas o valor *per capita* equivalente de R\$ 135,00 (cento e trinta e cinco reais) a R\$ 606,00 (seiscentos e seis reais), considerando que a renda familiar seja integralmente o salário mínimo e o número de habitantes varie de duas a nove pessoas. Diante desses valores, em conformidade com a Secretaria de Desenvolvimento Social (SEDES), “são consideradas famílias de baixa renda aquelas que possuem renda mensal por pessoa (renda *per capita*) de até meio salário mínimo (R\$ 606,00) ou renda familiar total de até três salários mínimos (R\$ 3.636,00)”.

Assim, a partir dos dados expressos nos gráficos e na caracterização da SEDES, ponderamos que, no mínimo, 86,66% das participantes respondentes são provenientes de famílias de baixa renda, um dos fatores que caracterizam a vulnerabilidade social.

Para Costa *et al.* (2018), a vulnerabilidade está ligada, dentre outros indicadores, à insuficiência e/ou insegurança de renda das famílias, que podem desencadear problemas como a presença do trabalho infantil. Desse modo, considerando a proposta do programa Meninas Cientistas, que analisaremos mais detalhadamente a seguir, percebemos a intenção de incentivar o empoderamento de meninas por meio do acesso às ciências, à educação e às perspectivas profissionais, como forma de enfrentamento à vulnerabilidade social. Corroborando, Iorio (2002, p. 24) diz que o “empoderamento das pessoas vivendo na pobreza é um processo de obter acesso e controle sobre si e sobre os meios necessários para a sua existência”, sendo que, para nós, o acesso às ciências, aos espaços de discussões coletivas e à educação formal configura-se fator de incentivo.

Quando perguntadas sobre o recebimento de auxílio de programas social do governo, como Bolsa Família, Renda Cidadã, Mães de Goiás, Pra Ter Onde Morar, Bolsa Estudo, Crédito Social, Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), ou outros, das 31 respondentes, 15 afirmaram que são beneficiárias, o que corresponde a aproximadamente 48% das respondentes. Demais dados conforme o gráfico que segue.

Gráfico 4 – Recebimento de auxílio de programas sociais



Fonte: de autoria própria

Além dos indicadores acima, reconhecemos como importante a informação de acesso à internet, sendo este um recurso primordial para o acompanhamento das oficinas ofertadas pelo programa Meninas Cientistas no formato on-line, por meio da plataforma *Youtube* e/ou *Google Meet*, lembrando que o formato on-line nas instituições de ensino foi adotado em decorrência da pandemia SARS-CoV-2, Covid-19, em 2020 e 2021, obedecendo às medidas sanitárias de segurança estabelecidas pelo Ministério da Saúde para combate à doença.

Das 31 respondentes, 29 afirmaram que têm internet em casa, seja ela fibra, via rádio, via linha telefônica ou outra, e duas participantes disseram que usam a internet, porém têm apenas dados móveis. Pela observação nos comentários das participantes durante as oficinas em formato virtual e reuniões com a equipe de trabalho do projeto, a exemplo de “*minha internet está oscilando*”, “*se eu sair é porque a internet caiu*”, “*estou no celular e ele está travando*”, foram indicados problemas relacionados ao acesso e participação, ocasionados pela qualidade da internet, falta ou desgaste de equipamentos. Alguns relatos indicaram que os aparelhos eram velhos, por vezes estavam no conserto ou não abriam arquivos enviados.

3.1.2 Participantes equipe – as meninas que fazem e mostram ciência

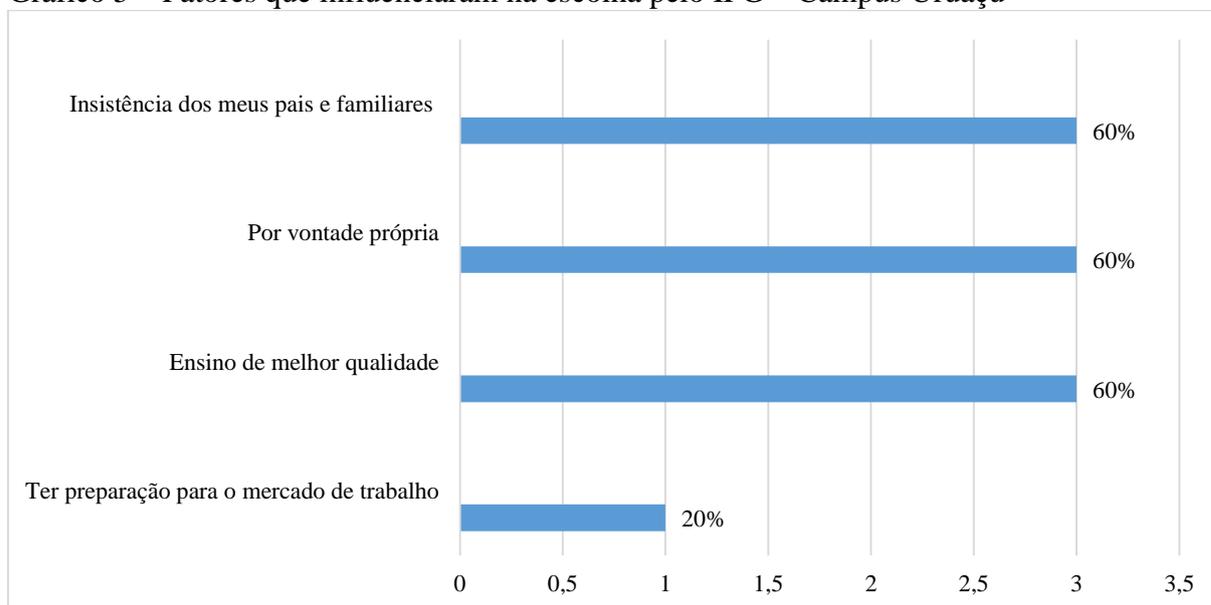
As participantes equipe são estudantes do IFG – Campus Uruaçu, egressas e convidadas da comunidade. Elas exercem, dentro do programa Meninas Cientistas, variadas funções, desde apoio administrativo, que auxilia na organização da documentação das participantes, tira fotos, escreve notícias, responde às dúvidas nos grupos de *whatsapp*, representa o programa em eventos institucionais e outros, até a monitoria, que atua diretamente nas oficinas das diversas áreas, mantendo contato com os professores formadores, planejando e participando comoicineiras. Algumas participantes acumulam as funções de apoio administrativo e monitoria.

As cinco participantes da nossa pesquisa têm entre 18 e 19 anos e se autodeclararam em 80% pardas e 20% brancas. Elas são egressas dos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio (Química e Edificações) e/ou discentes atuais do IFG – Campus Uruaçu nos cursos Engenharia Civil e Licenciatura em Química. Todas são oriundas de escolas públicas estaduais, antes do ingresso no IFG.

O tempo de permanência na instituição variou entre três e cinco anos, até a data da aplicação do questionário de pesquisa. Referente à participação no programa Meninas Cientistas, foram unânimes em afirmar que participam há mais de dois anos, sendo que algumas fazem parte da equipe desde o ano de 2019, quando as atividades eram desenvolvidas

integralmente presenciais no IFG – Campus Uruaçu. Quanto ao(s) fator(es) que mais influenciou (influenciaram) na escolha por estudar no IFG – Campus Uruaçu, temos:

Gráfico 5 – Fatores que influenciaram na escolha pelo IFG – Campus Uruaçu



Fonte: de autoria própria.

Na resposta à questão do gráfico acima, as participantes podiam escolher quantas alternativas quisessem e ainda acrescentar novas afirmações, caso não estivessem contempladas nas assertivas. Como podemos observar, temos o mesmo percentual para três assertivas, sendo considerados os fatores de maior influência: insistência da família, vontade própria e ensino de qualidade.

Apesar da Lei n. 11.741, de 16 de julho de 2008 preconizar que a educação profissional técnica de nível médio intenciona a formação geral e o preparo para o exercício de profissões técnicas (BRASIL, 2008a), observamos entre as participantes um percentual pouco expressivo para o fator de influência “preparação para o mercado de trabalho”, se comparado aos demais. Em análise da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2007, Schwartzman e Castro (2013) afirmaram que, embora os cursos técnicos tragam muitos benefícios para os estudantes e a sociedade, muitos concluintes não exercem funções em suas áreas de formação. Dentre os fatores causais, aparece a falta de vagas ou uma absorção maior de profissionais graduados.

Confirmando tais fatores, três das cinco participantes disseram que não pretendem exercer profissionalmente a função de técnica, conforme transcrito da entrevista.

Não, porque não é uma área na qual eu me vejo trabalhando. O curso técnico foi uma ótima oportunidade de explorar a área, mas existem outras áreas na qual eu tenho mais afinidade (Participante M2).

Então, eu não penso em trabalhar na função de técnica porque tenho desejo de focar mais nos meus estudos. Pretendo fazer graduação, pós, mestrado e doutorado (Participante M1).

Eu não penso mais em seguir na área de edificações, pois me apaixonei pelo ramo da educação [...] sonho em poder ser uma professora [...] quero chegar a ser doutora (Participante M4).

Percebemos na fala de M2 e M4, além do distanciamento das pretensões de exercerem a função de técnicas, a intenção de um distanciamento da área de formação. Mas, apesar disso, é convergente entre as participantes o desejo de seguir os estudos e obter uma formação superior, chegando ao doutorado, o que, para nós, é uma representação contundente de que a educação ofertada no IFG – Campus Uruaçu preza as livres escolhas e vai além dos conhecimentos técnicos e científicos; ela é emancipatória à medida que prioriza a formação humana plena e integral, estimulando a autonomia e a consciência de seus alunos, para que eles se insiram no processo de produção, mas que, além disso, sejam capazes de fazer suas escolhas conscientemente e se tornem agentes no projeto de uma sociedade melhor (MOURA, 2007). Ademais, destacamos aqui o convívio com a produção científica no programa Meninas Cientistas, em várias áreas do conhecimento, para além da formação técnica dessas estudantes. Ao desempenhar variadas funções dentro do programa, elas tiveram contato com outros saberes, inclusive com a prática da docência, o que despertou nelas, conforme relato de duas participantes na entrevista, o desejo de seguir na profissão docente, a exemplo da fala da M4.

3.2 Intenções do projeto Meninas Cientistas

De acordo com os documentos, plano de trabalho e relatórios disponibilizados na página virtual¹⁴, o programa Meninas Cientistas começou suas atividades por meio da Chamada n. 31/2018 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), direcionada às ações para “Meninas nas Ciências Exatas, Engenharias e Computação”. A ideia inicial era desconstruir a concepção de que a área do conhecimento das ciências exatas é para homens. Assim, uniu-se ensino, pesquisa e extensão numa perspectiva

¹⁴ Página virtual de divulgação de eventos, editais e produção do programa Meninas Cientistas: linktr.ee/meninascientistas.

de ações que contribuíssem com o “empoderamento de estudantes a partir da ciência” (Plano de trabalho do programa Meninas Cientistas, 2021).

Nos planos do projeto para 2021 e 2022, o “tipo de ação” aparece denominada programa – até então era projeto – sendo exclusivamente de extensão, trazendo como área temática “Mulheres e Relações de Gênero”, tema “Grupos Sociais Vulneráveis”, com carga horária de 250 horas, destinado a “Jovens em situação de vulnerabilidade social, de violência, de exclusão educacional ou em cumprimento de medida socioeducativa e comunidades tradicionais (quilombola, indígenas e outras)”. Em 2022, o programa foi aprovado por meio do Edital 02/2022/PROEX/IFG – Ações de Extensão – Faixa 3, de R\$ 8.000,00 (oito mil reais) a R\$ 16.000,00 (dezesesseis mil reais), conforme a Resolução n. 24/2019/CONSUP/IFG.

Além da FAPEG, o programa tem parceria com a *British Council, King’s College of London* e o Museu do Amanhã, a Escola Estadual Especial Herbert José de Souza – Betinho, o Centro de Ensino em Período Integral Aeroporto e a Escola Municipal Enéas Fernandes de Carvalho, escolas de Uruaçu, e o Fundo Municipal de Assistência Social do Município de Cavalcante, conforme transcrito do plano de trabalho.

O objetivo geral do então programa de extensão Meninas Cientistas, nomeado como ação Empodera¹⁵, foi ampliado para “promover a popularização da ciência por intermédio de ações de extensão que possibilitem o empoderamento e o reconhecimento de potenciais individuais e coletivos, nas mais diferentes áreas do conhecimento”. Além desse objetivo, o texto do planejamento enfatiza a perspectiva do programa no enfrentamento das “vulnerabilidades sociais e das violências de gênero”, fortalecimento da educação básica para a redução das desigualdades.

São ofertadas oficinas em diferentes áreas do conhecimento: Engenharia Civil, Empoderamento, Física/Engenharia Nuclear, Geoprocessamento, literatura, Química, Popularização da Ciência, Raciocínio Lógico, Robótica/Modelagem 3D e Virologia, contemplando a proposta *Science, Technology, Engineering e Mathematics (STEM)*¹⁶, traduzida do inglês para indicar Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática.

¹⁵ É o nome dado às atividades semestrais, de forma que, entre 2021 e 2022, foram ofertados o Empodera 1 e o Empodera 2. O arquivo de consulta foi disponibilizado pela coordenação do programa Meninas Cientistas, gerado via Sistema Unificado de Administração Pública (SUAP), com acesso restrito a servidores.

¹⁶ O reconhecimento de um contexto de desigualdade na presença das mulheres nas áreas das exatas e tecnológicas vem estimulando, desde o início dos anos 2000, várias iniciativas de governos, empresas e organizações da sociedade civil na promoção da inserção delas nas áreas das exatas, mais especificamente nas Ciências, Tecnologia, Engenharias e Matemáticas, conhecida como STEM. Todavia, é importante assinalar que essa sigla está associada a uma política educacional estadunidense, elaborada para responder ao baixo desempenho de estudantes americanos nesses campos do conhecimento, bem como à perda de competitividade internacional dos EUA (Estados Unidos da América) nessas áreas. Uma das estratégias apresentadas foi o incentivo à ampliação do número de estudantes pertencentes a grupos sub-representados

No que consta no plano de trabalho do programa, além do compromisso com a popularização das ciências como forma de incentivar o empoderamento e o reconhecimento dos potenciais individuais e coletivos, as diversas oficinas trazem peculiaridades de suas respectivas áreas, convergentes com a proposta geral, dentre as quais destacamos o conhecimento básico de conceitos empregados em exemplos do cotidiano, o diálogo e o incentivo ao protagonismo feminino.

Para a equipe de trabalho que acompanhou o programa Meninas Cientistas entre os anos de 2021 e 2022 e participou da nossa pesquisa, os objetivos convergem com a proposta de planejamento e ação, conforme podemos observar nas respostas transcritas das entrevistas, quando perguntadas sobre o objetivo do programa:

Introduzir para elas esse mundo das ciência, computadores, laboratórios de química, laboratório de engenharia, de solos, de desenho, pra elas verem que existem mais coisas, que ciência não é só aquele [...] homem louco, que fica de jaleco em laboratórios (M1- grifos nossos).

Dar oportunidades para pessoas que não têm acesso, mas tem potencial. Para que consigam crescer e consigam expandir (M3 – grifos nossos).

Fazer as meninas olhar que elas também podem, elas também conseguem. Abrir essa visão, fazer essa mudança no olhar de que aquelas áreas que podem ser masculinas em meio a visão da sociedade, a gente também pode estar lá dentro (M2 – grifos nossos).

Para ajudar meninas em situação de vulnerabilidade, meninas que são pobres. Sendo mulher, o acesso à ciência vai ser diminuído. Quando você for mulher e pobre, você tem mais dificuldades (M4 – grifos nossos).

A ideia de ciência, de oportunidade e de empoderamento está relacionada ao enfrentamento à vulnerabilidade, conforme preconiza a proposta do projeto. O excerto “*para que consigam crescer e consigam expandir*” (M3) concerne ao acesso e possibilidades de contato com as ciências para a realização pessoal, profissional e social. Nesse contexto, não se trata de um acesso isolado, inconsciente, mas de uma oportunidade de conscientização e apropriação do saber em prol da libertação e da luta por direitos. Conforme hooks (2013), inspirada em Paulo Freire, trata-se de uma educação para a prática da liberdade, concretizada na transgressão de uma realidade imposta pela opressão de classes, pela discriminação de sexo e raça.

Apesar de alguns avanços, de acordo com Souza e Ávila (2020), ainda é muito presente a hierarquia nas Ciências, em especial quando se trata de Ciências Exatas. Para as

nos cursos de graduação nas áreas STEM. Não à toa são as meninas o foco de vários programas, políticas e estudos (OLIVEIRA; UNBEHAUM; GAVA, 2019, p. 133).

autoras, essa delimitação é influenciada diretamente por questões culturais e históricas, que constituíram o papel da mulher na sociedade. Dessa forma, “partindo da construção histórica da mulher na ciência, até o início do século XX a ciência era um espaço culturalmente definido como impróprio para as mulheres” (SOUZA; ÁVILA, 2020, p. 136), o que resultou na exclusão ou invisibilidade das mulheres em várias áreas, confirmado pela fala da M2, na qual ressalta “*aquelas áreas que podem ser masculinas em meio a visão da sociedade*”.

Ponto fundamental para essa desconstrução são as ações de incentivo à pesquisa científica e produção de ciência por mulheres. O CNPq e a FAPEG têm demonstrado esse incentivo na medida em que aprovam projetos com temáticas que envolvem mulheres, ciências e relações de gênero. Essas ações configuram-se como políticas públicas para a diminuição da desigualdade de gênero nas ciências e nas ocupações profissionais. No excerto de M2, podemos evidenciar esse desejo de ver a mulher no lugar que ela deseja ocupar, “*a gente também pode estar lá dentro*”, ao se referir às profissões e ciências masculinizadas.

Outro dado convergente que vale ser ressaltado é a estereotipação da figura propagada quando se pensa em cientista. Na fala da M1, percebe-se essa ideia quando afirma “*que ciência não é só aquele [...] homem louco, que fica de jaleco em laboratórios*”. Souza e Ávila destacam “a representação e a construção midiática de uma percepção estereotipada de cientistas, que corrobora a visão masculinizada da profissão” (SOUZA; ÁVILA, 2020, p. 135).

Dessa forma, triangulando a literatura, a proposta do programa Meninas Cientistas e as percepções das participantes, foi evidenciado em seus objetivos o compromisso do programa com as oportunidades de acesso e popularização das Ciências, como meio de conscientização e enfrentamento às vulnerabilidades femininas, ocasionadas, dentre outros fatores, pela desigualdade de gênero e pela condição socioeconômica, conforme a entrevistada D2:

*Vulnerabilidade social é uma coisa que a gente precisa falar, porque a instituição tem esse **propósito de alcançar as meninas**[...]A gente precisa alcançar as meninas em todos os níveis, mas por que não começar com **aquelas que foram excluídas a todo momento**? Então... É importante as meninas que estão em situação de vulnerabilidade, **que tem algum tipo de deficiência**, as meninas **que moram na zona rural**. As vezes ela não tá em precariedade, mas ela tá distante, tem uma dificuldade de mobilidade maior (Participante D2 – grifos nossos).*

Fica revelada na fala da participante a intenção de levar ciências por meio de um projeto de extensão para alcançar meninas, especialmente aquelas que vivem em situação de vulnerabilidade social ou que se encontram excluídas de oportunidades, seja por questões socioeconômicas, seja por dificuldades de mobilidade, ou mesmo por possuírem algum tipo

de deficiência. Tal intenção aparece já concretizada nas respostas das extensionistas, reunindo as ideias de acesso, oportunidade e conhecimento:

O projeto meninas cientistas me fez abrir uma visão para diferentes áreas do conhecimento e me mostrou o empoderamento que estamos fazendo sinto que este projeto pode mudar a vida que muitas meninas. (E26 – grifos nossos)

O projeto Meninas Cientistas é um projeto de empatia imensa, o qual possibilita iniciações científicas e oportunidades de ensino excepcionais a garotas que, por motivos exteriores, não encontrariam tal oportunidade tão facilmente. (E27 – grifos nossos)

O projeto menina cientista e muito legal porque dar oportunidade para muitas meninas aprender um pouco de tudo e mostrar que mulheres também pode trabalhar no que elas quiser. (E8 – grifos nossos)

Mesmo participando a pouco tempo do projeto, acredito que ele faz uma grande diferença e dá várias oportunidades para expandir seus conhecimentos. Realmente sou grata pela oportunidade de participar do projeto e espero que mais meninas possam ter acesso ao projeto. (E21 – grifos nossos)

O programa não consegue abarcar um número maior de participantes por ano, mas essa oportunidade dada às meninas participantes, além de ser inicialmente um enfrentamento às vulnerabilidades sociais, pode constituir-se como ação ante as desigualdades de gênero nas ciências e na educação.

Para se ter uma noção da disparidade ainda atual entre a participação feminina e masculina nas ciências, basta entrar no *site* oficial da Academia Brasileira de Ciências (ABC). Dos 568 membros titulares, somente 108 são mulheres, diante de 460 participações masculinas. Dessas mulheres, um número pouco expressivo representa a área das chamadas ciências exatas e tecnológicas, o que, para Sígolo, Gava e Unbehaum (2021), é a expressão da segregação horizontal¹⁷ nas áreas de conhecimento.

Estudos da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2017) revelaram uma representação muito baixa das mulheres nas áreas STEM, o equivalente a 20% de ingresso nos cursos de ensino superior, nos países-membros. Esse dado denuncia a falta de oportunidades equânimes e, sobretudo, que os potenciais femininos não têm sido aproveitados para o desenvolvimento dos países (OCDE, 2017). O agravamento da desigualdade de acesso à educação se intensifica quando, com a divisão de

¹⁷ Para Sígolo, Gava e Unbehaum. (2021, p. 5), a segregação horizontal se expressa na desigual participação de homens e mulheres nas áreas de conhecimento e nas carreiras acadêmicas e profissionais, sendo reduzida a participação de mulheres nas ciências exatas e tecnológicas, especialmente nas engenharias, em contraste com a maior ou equivalente participação feminina nas áreas biológicas, especialmente de saúde, e também humanas e sociais, com destaque à educação, como analisam Maria Rosa Lombardi (2006, 2018a, 2018b), Betina S. Lima, Maria Lúcia de Braga e Isabel Tavares (2015) e Marcia Grossi *et al.* (2016).

gênero, são analisadas as questões racial e socioeconômica, pois as mulheres negras e pobres são ainda mais segregadas e excluídas das condições primárias de acesso à educação e à ciência. Dados do IBGE (BRASIL, 2017a, p. 6) apresentam uma “considerável desigualdade entre as mulheres por cor ou raça, fazendo com que as mulheres pretas ou pardas de 15 a 17 anos de idade apresentem atraso escolar em 30,7% dos casos, enquanto 19,9% das mulheres brancas dessa faixa etária estão na mesma situação”.

3.3 A extensão proposta pelo programa Meninas Cientistas: até onde pode chegar?

A prática extensionista promovida pelos Institutos Federais faz parte da missão indissociável de desenvolver institucionalmente ensino, pesquisa e extensão. Esse propósito objetiva produzir e expandir conhecimento, ciência, tecnologia e formação cidadã para além do espaço escolar, desenvolvendo a educação *omnilateral*. A *omnilateralidade*, na concepção de Frigotto, refere-se à formação humana em todas as dimensões, capaz de desenvolver as potencialidades dos sujeitos em suas dimensões intelectual, psicossocial, afetiva, cultural e física, entre outras (FRIGOTTO, 2012). Dessa forma, abarcando as inteligências de maneira ampla, a extensão assume um papel fundamental como prática de uma educação *omnilateral*, que interage com a realidade da comunidade, inclusive com destaque para a emancipação dos sujeitos (PACHECO, 2011).

Para Pacheco, a força da educação deve ser “renovada por meio de projetos criativos e desafiadores” e “permead[a] pela vida concreta de cada comunidade” (PACHECO, 2011, p. 5 e 9). Assim sendo, é necessário que essas ações sejam ampliadas, que o espaço escolar seja público e comprometido com a emancipação, conscientização, de modo que torne real e concreta a luta contra a exclusão social.

Diante dessa concepção, em análise documental da proposta do programa Meninas Cientistas, destacamos o compromisso da ação extensionista com a realidade regional, em especial com as cidades de Uruaçu e Cavalcante. O aporte teórico do projeto apresenta dados dos desafios vivenciados por mulheres, sobretudo daquelas que vivem em situação de vulnerabilidade social, com destaque para a falta de acesso à educação e às ciências, menores salários, a masculinização de profissões, as formas de violência contra a mulher, a incidência de violência sexual e a exploração sexual criminosa.

De acordo com a entrevistada D2, em projeto de pesquisa desenvolvido no IFG – Campus Uruaçu, anterior ao programa Meninas Cientistas, foram apontados pelas participantes o trabalho e a educação como caminho para o enfrentamento e superação de

problemas como a violência. Com os resultados obtidos e em resposta ao diálogo estabelecido com a comunidade, foi estruturada a ação extensionista que deu origem ao programa Meninas Cientistas, conforme excerto da fala da D2, “[...] *a gente faz a formação dessas meninas, para que a gente faça o enfrentamento às violências, e no segundo momento dialogar com o setor produtivo, para que a gente tenha mais espaço para meninas e mulheres nos ambientes de trabalho*”.

Pacheco (2011) afirma que, quando os Institutos Federais reúnem ciência, tecnologia, trabalho e cultura a favor da comunidade, eles se tornam “verdadeiras incubadoras de políticas sociais” (PACHECO, 2011, p. 18). São essas políticas sociais que incentivam a luta por uma sociedade democrática, que pode combater as desigualdades históricas e estruturais de uma realidade que privilegia alguns e oprime outros.

Tratando de acesso e oportunidades, refletimos a partir da escrita de Pacheco (2011), quando defende que “institutos revelam-se espaços privilegiados de aprendizagem, inovação e transferência de tecnologias capazes de gerar mudança na qualidade de vida de milhares de brasileiros” (PACHECO, 2011, p. 21). Em comparação com as concepções evidenciadas nas falas das participantes de nosso estudo, percebemos a possibilidade de materialização de uma política social.

Em primeiro lugar, isso acontece quando o programa promove uma forma de acesso, abrindo as portas do IFG – Campus Uruaçu para meninas que vivem em situação de vulnerabilidade social ou que pertençam a um grupo oprimido ou sem oportunidades, conseqüentes de questões socioeconômicas, e que ainda não conseguiram ingressar nos cursos da instituição. Tal ação não significa somente o ato de levar conhecimento, ciência, mas de mostrar que esse acesso é público e de qualidade, em concordância com os excertos referentes às reflexões sobre a prática extensionista para o acesso da comunidade ao IFG.

*A extensão, ela é fundamental para que a gente consiga que a **comunidade perceba que nós estamos aqui**. [...] Na pesquisa sobre os dez anos do campus, nós fomos pra rua também. A maior parte das pessoas que foram entrevistadas não sabiam que o IFG era público. [...] **Porque a comunidade se sente pertencente a instituição**. [...] E a nossa instituição é para a comunidade. Então, **abrir as portas da instituição pra comunidade, é mostrar que isso aqui é público e é dela** (D2, grifos nossos)*

*[...] quando as meninas estão aqui, desfrutando dos espaços aqui, elas vão levar para fora... **Então elas são a comunidade. Então elas fazem parte da comunidade. É a comunidade que está aqui dentro***. (D3, grifos nossos)

*E na semana passada todas estavam perguntando quando que é a inscrição para entrar no ensino médio aqui no Instituto. Então eu acho que **é uma abertura sim, é***

uma aproximação, né, que deve acontecer entre a comunidade externa e o IFG. Eu acho que elas sentem vontade de estar aqui. (D1, grifos nossos)

Meu sentimento era de... tipo assim... um sentimento muito bom, sabe? Tipo: “nossa, olha só... a gente tá conseguindo fazer alguma coisinha diferente para nossa comunidade. (M4, grifos nossos)

*No início foi muito corrido, mas eu achava divertido, porque eu nunca tinha participado de um projeto de extensão, foi o meu primeiro projeto de extensão no IFG foi o das Meninas Cientistas e, é... **Eu achei muito divertido ver as meninas chegando, se interessando pelo projeto e tal...** porque, no início, foi muito, assim, sabe mágico? Elas entraram e viram, e ficaram “Meu Deus, aqui é enorme, tem até elevador”. (M1, grifos nossos)*

*Eu acho bem gratificante [...] Assim, você sente que realmente está fazendo uma coisa importante, **uma coisa relevante e que vai dar um resultado enorme no futuro.** Vai dar um resultado, de verdade, é muito bom. Eu acho muito, muito legal.* (M3, grifos nossos)

O projeto me apresentou o IFG. [...] *Eu tinha o meu mundo [...] abre muito os seus olhos, abre muito a sua mente e **você vai adquirindo tudo aquilo para você prosseguir.*** (E28, grifos nossos)

O posicionamento das participantes entrevistadas converge com a meta 1 do planejamento do programa Meninas Cientistas para o ano 2022. O texto considera a “Consolidação de diálogo com a comunidade e demais envolvidos no Programa de Extensão”. Dessa forma, a partir do diálogo e das oportunidades de acesso é que podemos avançar para outros pontos fundamentais e convergentes entre a proposta do programa e as percepções das participantes, como a apropriação das ciências em suas diferentes áreas e as ações para o empoderamento feminino. Está declarado nas falas das participantes E28 e E6 que o programa Meninas Cientistas foi responsável por levá-las até o IFG. Além do mais, fica comprovado com a fala seguinte da E28 que existem pessoas que, mesmo residindo nas proximidades do Campus Uruaçu, desconhecem a instituição e seu propósito pedagógico, corroborando o excerto da entrevista da D1. Com mais de 14 anos de pleno funcionamento do IFG – Campus Uruaçu, ainda encontramos moradores que pensam que a instituição é particular.

*Tudo no projeto é interessante! E, tipo assim, **ele abre tipo portas novas. Eu morava aqui, inclusive eu morava perto do IF e não sabia o que era o IFG. Então, tipo eu não conhecia.** Isso aqui para mim foi um trem novo, entendeu? Então, o **projeto ele abre as portas,** entendeu? A sua mente. Tipo, amplia, né?* (E28 – grifos nossos)

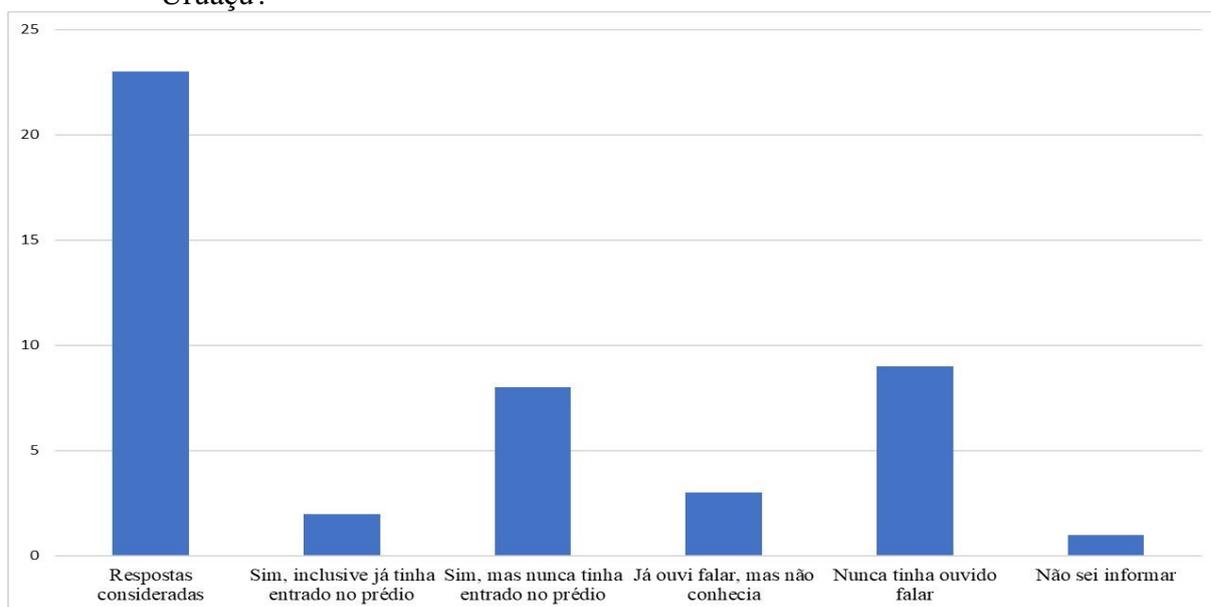
*Alguns acham que **aqui é escola particular** ou que é só uma escola, faculdade. Alguns chamam de faculdade IFG.* (D1 – grifos nossos)

O gráfico que segue ilustra a resposta à pergunta de n. 19 do questionário – “Antes de entrar no projeto Meninas Cientistas, você já conhecia o IFG – Campus Uruaçu?” –

aplicado às participantes externas. Nessa pergunta, optamos por não considerar as respostas das discentes que estudam no IFG – Campus Uruaçu, cujo tempo de participação no programa Meninas Cientistas é inferior ao tempo de estudo no Campus, o que poderia comprometer as evidências nas respostas. Assim, das 31 respondentes, consideramos 23 respostas. Dessa forma, 39% das respostas válidas confirmam que as participantes nunca tinham ouvido falar do IFG antes da entrada no programa Meninas Cientistas.

Quando analisamos o acesso físico, levando em consideração a entrada nas dependências do IFG – Campus Uruaçu, o número sobe para 87%. Trata-se de um número alto, pois das 23 respondentes consideradas, oito são da cidade de Cavalcante e 15 de Uruaçu ou comunidades vizinhas. Destacamos tal representação como um dado significativo, pois, embora essas meninas residam na localidade, nunca tiveram acesso ao campus. Vale ressaltar que o IFG – Campus Uruaçu desenvolve outros projetos extensionistas, dentre eles o Conhecendo o IFG¹⁸.

Gráfico 6 – Antes de entrar no projeto Meninas Cientistas, você já conhecia o IFG – Campus Uruaçu?



Fonte: de autoria própria

Sabemos que o contato com o espaço físico não é suficientemente um fator que determinará o acesso, porém, quando esse contato é incentivado por ações que envolvem o

¹⁸ Ação destinada aos concluintes do ensino fundamental e do ensino médio, onde o IFG – Campus Uruaçu organiza a visita nas dependências da instituição, para que a comunidade escolar externa conheça a estrutura física, os cursos ofertados e a dinâmica do funcionamento institucional. Na ocasião, também são divulgados os processos seletivos para o ingresso nos cursos técnicos e superiores.

protagonismo das discentes do IFG e comunidade externa, conseguimos ver bons resultados, conforme relato da E28:

Na minha cabeça eu ia fazer o 9º onde eu estava, ia fazer o ensino médio numa outra escola e pronto, entendeu? E ia fazer um curso, um trem e pra mim, pronto. Porque eu não queria fazer faculdade nenhuma. Só de pensar no trabalho, não, não queria. Aí teve o projeto e eu comecei a conversar muito com as meninas que na época eram monitoras, tipo a... Então, tipo, elas falavam: Nossa! Mas aqui não sei o que... Aí eu fui ver, foi despertando aquele interesse. Aí, tipo, quando eu despertei o interesse, aí que eu comecei a estudar, tipo pra passar na prova e tal.

Embora as atividades do programa Meninas Cientistas em 2021 e 2022 tenham sido desenvolvidas em grande parte por encontros remotos pelo *Google Meet* ou *Youtube*, o que impediu que algumas meninas tivessem acesso aos espaços físicos da instituição, o contato com a equipe e as participações efetivas nas oficinas on-line já foram suficientes para que 26 das 31 respondentes ao questionário afirmassem que desejam estudar no IFG. Nesse total de 26, estão contempladas 12 estudantes que já são matriculadas e frequentes no IFG ou no Instituto Federal Goiano – Campus Ceres, conforme respostas à questão de n. 20 do questionário.

Quadro 1 – Desejo de estudar no IFG

Você tem vontade de estudar no IFG – Campus? Responda abaixo, completando a ideia: Sim, porque... ou não, porque... (caso você já estude no IFG ou em outro Instituto Federal, fale o que te motivou a entrar na instituição)	
Sim, porque...	Não, porque
<ul style="list-style-type: none"> • Tenho muita vontade de estudar lá! (E1) • Sim, porque acho interessante e porque acho que lá tem mais oportunidades. (E2) • Sim, porque o nível de conhecimento dos professores são altíssimo. (E5) • Sim, porque lá tem os melhores aprendizado e é um sonho fazer parte. (E6) • Sim, porque eu achei muito legal lá e também o ensino é ótimo e interessante. (E7) • Sim, porque todo mundo que já passou pelo IFG fala que lá é bom e eu pretendo estudar lá também. (E8) • Sim, porque é uma instituição de ensino muito boa. (E10) • Sim, pq o aprendizado é de qualidade. (E11) • Sim, porque a escolaridade é muito boa. (E12) • Sim é um IF muito desenvolvido. (E13) • Eu já estudo e o que me motivou a entrar foi a qualidade do ensino. (E14) • Sim, porque já fui informada que o ensino lá é de ótima qualidade. (E16) • Sim, porque tem um bom ensino. (E17) • Sim, porque já ouvi falar que é uma das melhores. (E18) • Ter um currículo melhor. (E19) 	<ul style="list-style-type: none"> • Não, eu gosto bastante da minha cidade e da escola daqui. (E3) • Não, porque estou satisfeita onde estudo. (E4) • Não, porque como eu não nasci aqui. Aí eu não sabia que o IFG existia. (E9) • Não, porque eu estudo no IF campus Ceres. (E15) • Não, gosto do colégio em que estudo agora. (E30)

Continua

Continuação Quadro 1

Você tem vontade de estudar no IFG – Campus? Responda abaixo, completando a ideia: Sim, porque... ou não, porque... (caso você já estude no IFG ou em outro Instituto Federal, fale o que te motivou a entrar na instituição)	
Sim, porque....	Não, porque
<ul style="list-style-type: none"> • Eu já estudo na Instituição, me motivou a estudar aqui por causa do ensino que é ótimo e por causa das novas experiências. (E20) • A primeira vez que escutei sobre o IFG eu estava no sexto ano do fundamental, logo após ouvir falar sobre o instituto me interessei e quis estudar lá. (E21) • Sim, um ensino avançado mas talvez em minha condição não possa por ser integral. (E22) • Então eu optei por estudar no IFG pois sabia que seria muito bom para o meu currículo, além de ser considerada um dos melhores colégios. (E23) • Era a minha meta de adolescência. (E24) • Eu já estudo no IFG o que me motivou foi o fato de ter um curso técnico. (E25) • Sim eu já estudo no IFG Campus Uruaçu o que me motivou a estudar aqui foi o ensino e a formação técnica que ele oferece. (E26) • Estudo no IFG, sendo que a motivação para tal se deve ao ensino de boa qualidade e à qualificação técnica oferecida pelo mesmo. (E27) • As oportunidade que o IFG traria. (E28) • Já estudo. A esperança de ter um futuro melhor. (E29) • Sim, porque a instituição possui uma ótima estrutura, assim, oferece recursos didáticos interessantes. (E31) 	<ul style="list-style-type: none"> •

Fonte: de autoria própria – grifos nossos.

Dentre os fatores de maior influência na motivação para a escolha do IFG, está a qualidade do ensino. E essa qualidade é permeada por objetivos que vão além dos conhecimentos científicos. Ela aparece claramente nas falas vinculadas a “oportunidade”, “futuro melhor”, “qualificação”, concretizada em nosso entendimento mediante a literatura e os achados, pela formação geral, científica, técnica e humana, ou seja, pela formação integral dos sujeitos, conforme preconizam as concepções e diretrizes estabelecidas para os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.

Trata-se de um projeto progressista que entende a **educação como compromisso de transformação e de enriquecimento de conhecimentos** objetivos **capazes de modificar a vida social** e de atribuir-lhe maior sentido e alcance no conjunto da experiência humana, proposta incompatível com uma visão conservadora de sociedade. Trata-se, portanto, de uma **estratégia de ação política e de transformação social** (BRASIL, 2010, p. 19, grifos nossos).

Mesmo sabendo que essa qualidade de ensino pretendida está intrinsecamente ligada a uma construção histórica de luta, resistência e reestruturação em que a educação profissional e tecnológica da Rede Federal conseguiu construir e fazer seu bom nome ao longo de sua

trajetória, compreendemos, no contexto da nossa pesquisa, que o programa Meninas Cientistas tem conseguido incentivar as meninas a desejarem ingressar na instituição. Isso está evidente quando retomamos o número de 87% que indicaram não conhecer presencialmente as instalações prediais da instituição e que, desse total, 39% nem sequer sabiam de sua existência.

O desejo de ingressar na Rede não é garantia de acesso dessas meninas. Um dos motivos decorre do fato de que o número de vagas ofertadas para os cursos técnicos integrados ao ensino médio tem se mantido entre 90 anuais, distribuídas em igual quantidade, 30 para cada um dos três cursos ofertados, Química, Informática e Edificações, no campus Uruaçu. Verificamos no *site* oficial do IFG, no *link* Seleção Técnico Integrado 2023¹⁹, que o total de inscrições deferidas para participação no sorteio para ingresso em 2023 foi de 271, o que representa, de modo geral, que três candidatos concorreram a uma vaga, sem considerarmos a variação de concorrência específica de cada curso.

Os cursos técnicos integrados ao ensino médio são ofertados no formato integral, sendo que os discentes têm aulas das disciplinas do núcleo comum ao Ensino Médio e das técnicas específicas de cada curso, distribuídas nos turnos matutino e vespertino. A partir dessa informação, não poderíamos ignorar a escrita da participante E22 ao expor seu desejo de estudar no IFG – Campus Uruaçu, no Quadro 1 quando diz que “*Sim, um ensino avançado mas talvez em minha condição não possa por ser integral.*” A justificativa da participante, conforme informações que obtivemos na fase de observação, foi a condição socioeconômica da família, que acabou imputando a ela a responsabilidade de trabalhar no contraturno escolar, para somar a sua renda à dos demais da casa. Embora não tenhamos aprofundado nessa premissa, consideramos que a situação se estende a outras meninas, conforme identificamos na fase de divulgação para o desenvolvimento do nosso produto educacional. Foram comuns as expressões “*Não posso, porque trabalho à tarde*” ou “*À tarde tenho que cuidar dos meus irmãos, pois a minha mãe trabalha*”.

Diante disso, em comum com Pacheco (2011), compreendemos a proposta da ação extensionista dos Institutos Federais, especificamente do IFG – Campus Uruaçu, por meio do programa Meninas Cientistas, como uma educação de oportunidades ofertada àquelas que, por diferentes motivos, não podem ou não conseguem frequentar seus espaços formais.

¹⁹ Disponível em: <http://www.ifg.edu.br/estude-no-ifg/selecoes-em-andamento/tecnico-integrado>. Acesso em: 7 dez. 2022.

É nessa via que a extensão pode possibilitar a segmentos e setores – que tradicionalmente estão excluídos das atividades desenvolvidas nessas instituições – o acesso ao conhecimento científico e tecnológico a fim de criar condições favoráveis à inserção e permanência no trabalho, de geração de trabalho e renda e exercício da cidadania [...] Assim, os Institutos Federais tornam-se espaço privilegiado para a democratização do conhecimento científico e tecnológico e valorização do conhecimento popular (PACHECO, 2011, p. 52).

Projetos de extensão criados para se chegar à comunidade a partir de suas próprias demandas se configuram instrumentos de oportunidades para o conhecimento, conscientização e ação, podendo transformar a vida pessoal, profissional e social de uma população, especialmente no contexto do que investigamos, de meninas e mulheres silenciadas pela histórica cultura de opressão, discriminação e desigualdade.

3.4 A literatura: da leitura de vida ao empoderamento

Como ponto de partida para análise dos achados referentes à proposta da oficina de literatura, trazemos a citação de Schmidt (2006), que apresenta um resumo claro e bastante pontual da importância da literatura nas instituições de ensino ou outro espaço de encontro coletivo para as discussões, partilha dos anseios e busca por uma realidade que comungue do respeito às diversidades e do bem social.

Trazer a literatura para a realidade em que vivemos, mostrar aos nossos alunos a importância da reflexão crítica como porta de acesso e discernimento entre velhos e novos conhecimentos a partir dos quais podemos forjar realidades possíveis que venham ao encontro do nosso desejo de identidades humanas, plenas e soberanas, no contexto de uma sociedade mais justa, igualitária e solidária, é a demanda que se impõe se quisermos ser os educadores e intelectuais comprometidos com o nosso tempo. Penso que não temos uma outra escolha que possa justificar o nosso trabalho (SCHMIDT, 2006, p. 110).

A oficina de literatura foi incluída na proposta do programa Meninas Cientistas a partir de 2021 – Empodera 1. No plano geral, ela aparece com o objetivo de “refletir sobre a produção literária de autoria feminina, analisando a representação da mulher na literatura e os discursos sobre a escrita feminina em diferentes épocas”²⁰, além de contribuir com o conhecimento e a popularização da literatura nacional e estrangeira.

Organizacionalmente, a oficina de literatura foi estruturada em dois momentos distintos: no primeiro, as professoras proponentes ofertaram formação para as monitoras, que são discentes do IFG, egressas e membras da comunidade; no segundo, foram as monitoras

²⁰ Informações retiradas do plano geral de trabalho do programa Meninas Cientistas, disponibilizado em arquivo PDF pela coordenação; não compartilhado em plataforma digital de acesso público.

que planejaram e fizeram os encontros com as participantes externas, sob a orientação e acompanhamento das professoras proponentes.

Durante o processo formativo, composto por seis encontros on-line, de aproximadamente uma hora cada, observamos a intenção da proposta de levar literatura escrita por mulheres que retratasse histórias, contextos, autorias e imaginários distintos, de modo que a literatura fosse a extensão e ressignificação de variadas realidades, mas ao mesmo tempo singular e atual.

Segundo Alós e Andreta (2017), embora a literatura não reflita o mundo, ela o representa, especialmente quando se relaciona com outros discursos que estejam disponíveis ao público ou à comunidade que a interpreta. Assim, a literatura ganha um cunho político, na medida em que dialoga com as realidades, incentivando a interpretação crítica de situações e fatos da vida real.

Diante disso, compreendemos que a fase formativa da oficina de literatura está vinculada ao contexto de leitura e produção, quando estrutura sua proposta intencionalmente para representar a construção social do papel da mulher e levar para a discussão a realidade vivenciada por mulheres em diferentes contextos, espaços e tempo. Trata-se de uma ação provocativa para a reflexão sobre a configuração feminina como personagem, mas também como produtora de textos literários e de conhecimento científico.

Para Rago (2012), as discussões que hoje fazem parte do universo acadêmico e que permitem uma reflexão sobre temas que envolvem crenças, valores e práticas que oprimem, desvalorizam e estigmatizam as mulheres só foram possíveis, em grande parte, por pressão das próprias mulheres, fossem elas feministas assumidas ou não. A exigência foi que novas interpretações fossem feitas, por categorias e olhares que não fizessem parte da “estrutura falocêntrica especular” (RAGO, 2012, p. 13).

Em convergência com a literatura que emblema e repercute novas interpretações, foram trabalhados textos, contexto histórico e espacial com uma breve biografia de nomes como: Adélia Prado, Cecília Meireles, Chimamanda Ngozi, Cora Coralina, Greta Thunberg e Malala Yousafzai. O uso da leitura dramatizada como metodologia de ensino, com textos na primeira pessoa do singular, proporcionou um ambiente virtual (*Google Meet*) dinamizado, acolhedor e participativo, como podemos observar nas seguintes falas:

A intenção foi sensibilizar através da literatura. A humanização pela Literatura. (D1)

A forma de abordar a atividade foi bem interessante. Trouxe o objetivo do projeto de ser mais dinâmico, envolvente e interessante (M3)

Nossa preocupação com a metodologia é justamente porque agradar um público, estimular um público, é muito difícil. A química tem laboratório, edificações tem laboratório. O que a Literatura tem para mostrar de concreto? (D3)

Quando a gente está em EaD fica difícil prender a atenção. A metodologia prendeu a nossa atenção, fez a gente querer saber a história. (M1)

Na apresentação sobre a situação da literatura escrita por mulheres, com destaque para o desenrolar histórico, observamos o patriarcalismo como evidência, sendo um fator de influência para as desigualdades de oportunidade na produção e acesso à literatura e outras áreas do conhecimento. Para Harding (1993), a crítica feminista foi fundamental para rever as bases de sustentação do pensamento ocidental, tendo começado acirradamente contra a discriminação das mulheres nas ciências e se expandindo para outros setores que mantinham a força androcêntrica. Apesar dessa luta, podemos observar que ainda há resistência às mudanças, como se nota na fala de D1, que afirma: “*A gente percebe que recentemente essa escrita literária feminina está sendo mais difundida, tendo maior visibilidade, embora ainda não de forma equiparada. Ainda temos muitos obstáculos*”. Duarte (2003) corrobora ao afirmar que vê progresso na produção literária feminina, em outras áreas do conhecimento e na vida social, porém ainda “*persistem nichos patriarcais de resistência*” (DUARTE, 2003, p. 168).

Como ponto forte nos textos utilizados e obras citadas, situa-se o protagonismo feminino, conforme pontua D1: “*Todas essas autoras (Cora, Adélia, Cecília) trabalham muito com o protagonismo, que muitas vezes, quando a gente pensa na literatura de autoria feminina, ela foi simplesmente apagada, apagada a forma como as mulheres pensam, os desejos*”. Esse protagonismo se traduz em formato de enfrentamento às mais variadas adversidades, além das conquistas vividas pelas personagens em suas tramas, sejam permeadas por sofrimentos, vitórias, perdas, ressignificações, ou contravenção aos símbolos, metáforas e estereótipos que marcam a construção feminina, a exemplo do poema “*Mulher ao Espelho*”, de Cecília Meireles, que se utiliza da linguagem metafórica para retratar uma mulher em busca de si mesma, de sua identidade, ora sufocada por questões sociais, culturais e políticas.

*Falará, coberta de luzes
do alto penteado ao rubro artelho
porque uns expiram sobre cruces
outros, buscando-se no espelho
(MEIRELES, 2003, p. 127)*

Para Neves, Souza e Requena (2020), a literatura traz consigo um poder humanizador, pois, quando a leitura é feita de forma crítica e consciente, ela pode mudar paradigmas e afrontar realidades de desigualdade, preconceitos e subjugação, o que representa para as mulheres e outras maiorias minorizadas uma aliada na luta por igualdade e respeito. Nesse contexto da literatura para a formação integral, que envolve nos espaços da EPT conhecimento, aspectos físicos, técnicos e culturais dos sujeitos, é que vislumbramos as concepções marxistas na defesa do princípio educativo para a superação dos problemas gerados pela sociedade capitalista (FRIGOTTO; CIAVATTA, 2012).

Apesar desse poder humanizador de construir novas interpretações e apelos, no decorrer do processo formativo da oficina de literatura, corroboramos a observação de D3 de que “*Muitas pessoas têm dificuldade de interpretar os textos porque não querem abrir mão de seus valores*”, ideias permeadas de senso comum, influenciadas pela cultura e, por vezes, pela religiosidade.

Schmidt (2006) foi bastante incisiva em seu texto “A crítica feminina na mira”, quando afirma que, embora ainda sejamos muito influenciados por ideias e teorias culturais de poder, especialmente europeias e norte-americanas, a nossa prática crítica avançou. Para Rago (2012, p. 6), “as teóricas feministas propuseram não apenas que o sujeito deixasse de ser tomado como ponto de partida, mas que fosse considerado dinamicamente como efeito das determinações culturais, inserido em um campo de complexas relações”, sejam elas políticas, sociais, étnicas e de gênero. Efetivamente, podemos olhar para a literatura como um lugar de construção dessas relações, quando propomos a análise do discurso literário a partir de condicionantes históricos, políticos e estéticos locais, designando à literatura uma dimensão política, sobretudo com o compromisso emancipatório.

Diante disso, destacamos a importância de levar a literatura como leitura de vida para diferentes espaços, pois, em comum acordo com Lima e Lopes (2015), entendemos que, por meio da literatura, os indivíduos se transformam interiormente, tornando-se mais sensibilizados, críticos e, possivelmente, mais atuantes diante dos infortúnios. É nesse ambiente de interpretações críticas que o processo formativo e os encontros da oficina de literatura foram construídos.

Assim, quando perguntamos às participantes sobre a proposta da oficina de literatura dentro do programa Meninas Cientistas, suas intenções e objetivos, as respostas foram convergentes entre si, com o plano de trabalho geral, com os descritos no planejamento da oficina de literatura e com o aparato teórico de nossa pesquisa.

*[...] a literatura consegue ali, **abrir o espaço para a gente fazer discussões** [...] eu acho que a literatura ajuda a gente a **pensar sobre a mulher**, sobre esse contexto [...] no conto a gente consegue não só ler uma história, porque essas histórias a gente vê o tempo todo, ocorrendo ali nos jornais [...] consegue **fazer algumas análises de como aquela mulher acabou sendo vítima, de como ela foi tratada** [...] Às vezes a gente não consegue perceber algumas situações e a literatura vai nos **ajudando a perceber a realidade**, trazer a realidade. (D1 – grifos nossos)*

*[...] quando as meninas, qualquer leitor, qualquer cidadão, não lê, ela fica muito limitada no contexto dela e ela não entende que o que ela vive, outras pessoas vivem ou já viveram e conseguiram resolver os problemas de uma forma A, B ou C. E a **literatura nos traz isso, a vivência dos personagens** [...] quando nós pegamos a literatura e olhamos pro contexto geral, **é uma vida**, né? E essa experiência que eu tive, na faculdade ainda, foi riquíssima. Porque **nós entendemos a cultura, o contexto político, o contexto social, a história mesmo** [...] nós temos uma **percepção mais geral e mais crítica**. Então, muitas vezes, **a vida das personagens é nossa vida**, é o que nós vivemos. (D3 – grifos nossos)*

Nos excertos acima, está afirmado o compromisso da literatura com a vida real, na medida em que as situações vividas pelas personagens tornam-se objeto de discussão, sensibilização e tomada de consciência sobre realidades experienciadas por tantas mulheres, inclusive no nosso convívio familiar ou social. A literatura torna-se um “artefato cultural” para a compreensão da vida em seus mais variados aspectos e, assim, valendo do seu propósito político, uma aliada na desconstrução de preconceitos, estereótipos e padrões culturais e comportamentais (SEGALA; JULIANO, 2019, p. 37).

Continuamente, relacionando a literatura para a tomada de consciência, que, por sua vez, é condição fundamental para o empoderamento feminino, compreendemos em Léon (2001) que os sujeitos conscientes, diante do processo histórico e cultural que gera as desigualdades, a carência de poder, tornam-se mais convencidos das necessidades de mudança nas estruturas sociais que as sustentam. Nesse sentido, para analisar a proposta da oficina de literatura e suas ações que podem levar ao empoderamento feminino, destacamos os excertos da resposta à pergunta “Existe relação entre a proposta da oficina de literatura e o empoderamento feminino?”, complementados com a fala da participante monitora.

*Sim. E muito. Principalmente quando trazemos essas **personagens que vão à luta**, né? [...] Tem os problemas, tem os desafios, tem as limitações, tem as intimidações. Mas é muito interessante ouvir das meninas, o espelhamento. Ah...essa personagem é tudo que eu quero ser. (D3- grifos nossos)*

*Bom, acho que a partir do momento em que as meninas conseguem **ler um texto e fazer uma reflexão** sobre esse texto, quando elas chegarem ali na realidade, numa situação real, elas vão **conseguir analisar a situação**, elas vão conseguir **refletir sobre aquele determinado momento**. Elas não vão aceitar certas coisas. Elas também vão conseguir, acho que pensam que elas tem outros caminhos, que elas alcançar os seus objetivos [...]. Acho que tudo isso ajuda, além, é claro, da gente pensar do lado, que quando a gente tá falando de literatura, a gente está falando também de leitura, do **incentivo à leitura**. (D1 – grifos nossos)*

*Mas eu vou falar específico da literatura, que teve uma aula que eu formulei que a gente fez vários **exemplos de mulheres muito influentes**, não só na literatura, mas em outras áreas também, por exemplo, Hipátia de Alexandria, que ela foi uma matemática muito importante (M4 – grifos nossos)*

Nas respostas em destaque, percebemos a intenção de levar à oficina uma literatura que provoque reflexões a partir de situações vivenciadas pelas personagens, e que essas reflexões provoquem a conscientização e ação diante de situações semelhantes e outras que subestime as capacidades femininas ou que coloquem as mulheres em condição de inferioridade. Essa compreensão crítica da realidade poderá desencadear ações críticas (FREIRE, 1979), o que, para nós, é a essência do empoderamento.

A perspectiva de ações para o empoderamento feminino, de modo geral no programa Meninas Cientistas e em específico na oficina de literatura, está ratificada nas respostas das monitoras ao questionário, associando a tal conceito as ideias de acolhimento, conhecimento, consciência, direito de escolhas, respeito, capacidade profissional e independência. Na fala da M3, em entrevista, percebemos o compromisso da literatura em trabalhar temas reais, nas quais as meninas se vejam e possam reconhecer as suas capacidades, quando afirma que *“Apesar da gente estar ali propondo determinado conteúdo, a gente sempre tenta associar com algo que vá mostrar para as meninas que aquilo ali também pertence a elas”*, complementando que os momentos de discussão, de forma explícita ou não, são propostas de conscientização que podem levar ao empoderamento.

Nos quatro encontros virtuais observados, desenvolvidos pelas monitoras com as participantes externas, percebemos o uso de temáticas específicas para cada momento, mas em comum para situações como a subjugação da mulher, a desigualdade de gênero, em especial no cenário literário, o enfrentamento ao machismo e as formas de resistência. A exposição dos temas e o diálogo com as participantes foram permeados por citações e exemplos de incentivo à luta feminina e de conquista da mulher na sociedade em diferentes épocas e espaços. Como exemplo, citamos o terceiro encontro observado, no qual foram destacadas personagens marcantes na literatura, com ênfase para a importância da representatividade feminina. As autoras que ilustraram a aula foram Clarice Lispector, Lygia Fagundes, Lubi Prates, Rachel de Queiroz e Sheyla Smanioto. As monitoras apresentaram o resumo de obras, como *Memorial de Maria Moura*, e seguiram com uma breve análise, sempre destacando as personagens femininas e seus feitos representativos, fazendo uma analogia com situações atuais do cotidiano.

A desconstrução de estereótipos foi marcante no quarto encontro. A monitora trabalhou a autora americana Amanda Lovelace (2018), com a obra *A bruxa não vai para a fogueira neste livro*, com o propósito de levar para a discussão alguns estereótipos que envolvem a construção da figura feminina, além do apagamento de mulheres em função da supremacia masculina. Trechos do livro como “eles riscaram isso dos livros de história”, “em todas as grandes invenções você encontrará marcas de queimado” e “as mulheres são bibliotecas prestes a explodir” foram utilizados para fomentar as discussões e, ao mesmo tempo, encorajar com exemplos as participantes a tomar consciência de seus lugares ante os desafios e a lutar pelo reconhecimento (LOVELACE, 2018). Para a finalização da oficina, foi exibido o videoclipe *Queima* e a exposição de curiosidades, retratando nove mulheres que foram apagadas da história, a exemplo de Maria Quitéria e Ruby Brigdes.

Considerando em Freire que o processo de empoderamento é uma construção individual e coletiva de resistência ante o poder opressor, percebemos que a oficina de literatura tem promovido discussões e encorajamento fundamentais no processo da conscientização crítica. Apesar de não ser algo que se possa dar a alguém, o empoderamento pode ser cultivado e incentivado com ações que oportunizem às mulheres o acesso às suas quatro dimensões²¹. Na proposta da oficina de literatura, conseguimos vislumbrar o incentivo às dimensões cognitiva, psicológica, política, sem perder, indiretamente, a dimensão econômica (BERTH, 2019).

Na dimensão cognitiva, que se trata de uma visão consciente e crítica da realidade, destacamos que a leitura, os conteúdos, as discussões, os exemplos ilustrativos e a contextualização do imaginário e das situações da vida real podem levar as meninas a tomar consciência de suas realidades e a querer mudanças. Antes de qualquer luta por transformação, é preciso reconhecer-se na condição de oprimida, sejam elas opressões de gênero, social ou de raça.

A dimensão psicológica está contemplada no sentimento da autoestima, de suas capacidades individuais. A oficina de literatura, em sua proposta de planejamento, formação das monitoras e encontros com as participantes externas, incentivou a valorização das individualidades e o reconhecimento das capacidades, aspectos essenciais para o empoderamento. A metodologia utilizada no decorrer da proposta priorizou estratégias de

²¹ “O empoderamento consiste de quatro dimensões, cada uma igualmente importante, mas não suficiente por si própria para levar as mulheres a atuar em seu próprio benefício. São elas a dimensão cognitiva (visão crítica da realidade), psicológica (sentimento de autoestima), política (consciência das desigualdades de poder e a capacidade de se organizar e se mobilizar) e econômica (capacidade de gerar renda independente)” (STROMQUIST 1995, p. 232 apud SARDENBERG, 2012, p. 6).

partilha, escuta e, sobretudo, de empatia, pois a luta não deve ser de interesse individual, mas coletivo, em especial dos grupos em maior desvantagem na relação de opressão.

Apesar de compreendermos a dimensão psicológica atrelada a uma construção adquirida no decorrer de nossas vidas, diante de nossas vivências nos diferentes espaços, consideramos que práticas coletivas que prezem a valorização do ser humano, seja em seus aspectos físicos, culturais ou sociais, tendem a fortalecer as individualidades e o poder de resiliência, notabilizando as potencialidades diante dos desafios, inclusive da opressão de gênero. Para Juliano e Yunes (2014), intervenções que objetivam incentivar a resiliência requerem o fortalecimento do sentido coletivo e comunitário entre os envolvidos, para que as ações sejam realmente eficazes. Nesse sentido, entendemos que a oficina de literatura atingiu seus objetivos como uma prática coletiva de ação para a resiliência, com a participação de docentes, monitoras e participantes externas.

A dimensão política requer a consciência de que existe desigualdade de poder e que cabe a nós, de alguma forma, nos mobilizarmos para a luta. Reiteramos a importância da conscientização para a ação. Para Berth (2019), uma das formas de ouvir as vozes silenciadas dos oprimidos é possibilitando a eles o acesso aos espaços de discussão e, sobretudo, de decisões, o que a autora considera como uma ferramenta de resistência. Olhando por essa vertente, interpretamos que as discussões viabilizadas pela oficina de literatura podem levar as participantes a uma tomada de consciência de seus lugares em diferentes espaços que ocupam. Essa ação por si só não representa uma transformação, mas poderá refletir nas vidas individuais e coletivas, especialmente quando essas meninas atingirem a maioria e tiverem acesso às decisões políticas, quer seja pelo direito do voto, quer seja pela representação política no poder.

Embora nem oficina de literatura, nem tampouco o programa Meninas Cientistas contemplem uma formação profissional que gerará renda, compreendemos que a proposta está indiretamente ligada a tal dimensão econômica do empoderamento. Isso, na medida em que apresenta às meninas participantes as possibilidades de diferentes áreas do conhecimento e, sobretudo, dos exemplos de mulheres da literatura ou outros saberes que superaram as adversidades, o preconceito e ocuparam as profissões que quiseram, mesmo que, em sua época, não fossem reconhecidas. Além disso, a dimensão econômica do empoderamento poderá ser construída com mais significado e força, à medida que a mulher ocupar seu lugar de direito no trabalho e na produção de renda, munida de ideias, convicções e posturas que possam sustentá-la no enfrentamento às variadas formas de subordinação opressora, inclusive ao “patriarcado do salário” (FEDERICI, 2017, p. 195), conforme bem definiu a autora.

Em confirmação a esse argumento, destacamos a concordância entre o programa Meninas Cientistas, a oficina de literatura, as concepções de empoderamento e sua relação com as escolhas profissionais, a partir da fala das entrevistadas:

Acho que uma mulher empoderada é aquela que ela sabe o que ela quer fazer, ela não se importa se outras pessoas estão dizendo que o que ela está fazendo não é o que ela deveria fazer [...] Ela que tem que decidir o caminho dela e não os outros [...] a gente sempre quer mostrar pras meninas que elas podem fazer muito mais do que elas acreditam que elas podem Porque aí você não vai aceitar mais questões de tipo de assédio sexual, você não vai mais aceitar assédio moral do seu chefe, aquelas ofensas machistas que você fica escutando todos os dias. (M4 – grifos nossos)

[...] o empoderamento feminino é meio que quebrar essa ideia, romper essa ideia e mostrar que ela pode sim que ela pode fazer o que ela quiser, trabalhar onde ela quiser e fazer o que ela tiver direito pra fazer [...] É muito dividido essa imagem na infância, tipo, de coisas que você pode ser e o que você pode não ser. E eu acho que quando você introduz todo esse mundo que a pessoa não conhece, que ela nunca teve acesso, muda... Muda o pensamento, muda a forma que ela vai ver, ela vai encarar o mundo, a profissão que ela vai exercer, quais são as paixões dela [...] (M1 – grifos nossos)

[...] o empoderamento é isso, é eu ter a força, vamos dizer assim, e a consciência de que eu posso e consigo fazer aquilo [...] a experiência de estar num ambiente onde tem mulheres, cada uma com a sua história, você vai se inspirando, tipo, aquela pessoa ali tem uma história de tal forma [...] Por causa se não tivesse esse empoderamento eu nem poderia estar falando com a Senhora. Por causa que toda a mudança historicamente eu consegui ter essa oportunidade de estar hoje aqui no IFG. Que futuramente eu posso ter uma profissão que realmente quero para mim, que eu vou ter uma voz e por causa de todas as outras mulheres que vieram antes de mim eu posso ter a certeza que eu vou conseguir aquilo que eu quero, no ambiente de trabalho, pessoal ou qualquer outra área. (M2 – grifos nossos)

empoderamento feminino, dar espaço para as mulheres terem uma noção da capacidade que elas têm... Do que elas podem exercer [...] Encorajada a fazer o que ela, o que ela almeja, né...A exercer a profissão que ela tem vontade e... algo assim.[...] o empoderamento vai desconstruindo e vai ajudando mulheres, seja no âmbito que for, seja dentro da casa delas, seja no emprego, seja assim na sociedade, de um modo geral. Então, eu acredito que seja uma chave pra gente conseguir quebrar preconceitos e ir construindo uma trajetória bem mais livre, bem mais, é... Bem melhor para todas as mulheres. (M3 – grifos nossos)

[...] uma mulher empoderada pra mim é aquela mulher que luta. Ela luta por ter os mesmos direitos [...]Quando e as pessoas te veem empoderada, até no seu ambiente de trabalho, muda a forma como elas te veem, também. Muda muito a forma como elas te tratam, entendeu? (E28 – grifos nossos)

[...] a ideia é: eu não empodero você, você não me empodera, a gente abre a porta. Então, a menina se reconhecer e falar: “Poxa, eu consigo fazer isso”, é... A gente incentiva, a gente abre a porta. A gente incentiva que a menina reconheça seu potencial. Então a gente traz pessoas que possam falar sobre o assunto, a gente mostra os nossos exemplos, a gente mostra as meninas que já fizeram parte do Projeto. Então, isso, é... A gente dá o subsídio para ela se encontrar [...] Então, abrindo essa porta, pra onde elas vão, é escolha delas. Eu costumo dizer [...] que o

nosso objetivo é que elas estejam vivas, livres e felizes. Se ela vai pra ciência, se ela vai pra tecnologia, se ela vai ser uma cozinheira, uma dona de casa... Isso é uma escolha dela, isso é empoderamento dela. “Aí, eu desisti da escola e vou abrir uma empresa”, se ela se sente fortalecida, se sente forte pra isso, eu também venci, você também venceu. (D2 – grifos nossos)

Percebemos que o conceito de empoderamento aparece nas falas ligado à força e luta feminina, à autoconfiança nos próprios potenciais, à quebra de preconceitos, ao enfrentamento à violência e à liberdade de escolha e decisão. Apesar de alguns serem conceitos ligados à individualidade, de como o ser humano se vê e comporta diante dos fenômenos e fatos, concordamos que essas atitudes e formas de comportamentos são influenciadas pela coletividade, à medida que as experiências são compartilhadas do mesmo lado da história. Para Léon (2001), esse sentimento de coletividade, do reconhecimento de que estamos sob o mesmo domínio de poder e práticas opressoras, é que nos conecta ao mesmo contexto social, político, histórico e cultural e nos faz preocupar-nos uns com os outros. Esse sentimento é mostrado nas falas das participantes entrevistadas, nas palavras de encorajamento, na reconhecimento dos potenciais umas das outras e, sobretudo, no reconhecimento de que mudanças são necessárias para que as mulheres possam conquistar posições mais equânimes e de respeito, inclusive em suas escolhas profissionais.

De tal forma, baseados em nossos achados, compreendemos que ações que otimizem a construção do empoderamento feminino constituem-se práticas de resistência à desigualdade de gênero, ao preconceito, à inferiorização da mulher, sendo a oficina de literatura, dentre as demais, esse espaço oportuno de debate, do diálogo entre o fictício e a vida real, dos exemplos femininos que transgrediram os estereótipos de suas épocas, dos saberes que quebraram e quebram o silêncio e a invisibilidade.

3.5 Resultados e desafios

Pesquisadoras como Barreto (2022), Olinto (2012) e Rago (2004) evidenciam em seus estudos que a segregação que as mulheres enfrentam na educação, nas ciências e no mercado de trabalho é bem antiga e, apesar de ter regredido nos últimos tempos, ainda não é suficiente para equiparar a atuação feminina nos diferentes contextos. Sejam essas representações na política, nos cargos de maior prestígio em empresas, na valorização salarial igualitária, na ascensão equânime aos postos mais altos dos programas de pesquisas científicas, ou ao acesso igualitário às bolsas de produtividade em agências de fomento. Para Olinto (2012, p. 75), “à medida que se sobe na hierarquia das bolsas de produtividade, menor é a participação

feminina, o contrário ocorrendo com o grupo masculino”. Esse fator é um indicador de que existem mecanismos dentro do universo das pesquisas com fomentos que incidem na discriminação de gênero dentro da carreira científica.

A superação dessas diferenças, em especial na ciência, pressupõe o investimento em estudos e projetos de desconstrução dos aspectos que sustentam a divisão sexual do trabalho. Isso deve ser feito desde a primeira idade, incluindo a divisão das tarefas domésticas, que acaba sustentando os estereótipos que futuramente serão influência na escolha profissional de mulheres e homens (OLINTO, 2012).

Dessa maneira, conseguimos inferir com o nosso estudo que o programa Meninas Cientistas tem conseguido alcançar diretamente meninas a partir dos 12 anos e que vivem em situação de vulnerabilidade social, com o incentivo a uma ciência viva, dinâmica e curiosa, que, a partir de suas realidades, é construída e reconhecida como conhecimento científico. Um exemplo que vale ser lembrado é a experiência vivenciada na oficina de Química, na qual o ponto de partida para a construção dos conceitos foram os materiais de limpeza e higiene pessoais utilizados pelas participantes em suas casas.

Ademais, o programa tem valorizado a autonomia, o desenvolvimento da consciência crítica e o reconhecimento das desigualdades de gênero nas ciências e em outros espaços, inclusive profissionais, promovendo a conscientização que poderá se materializar em luta. Para Olinto (2012), esse contato com a experiência escolar, no nosso caso com o programa Meninas Cientistas, é importante para a formação de valores e atitudes que serão decisivos para as escolhas pessoais e profissionais das mulheres. A discussão de Olinto (2012) é corroborada por Louro (1997), quando a estudiosa atribui à escola a responsabilidade de reproduzir as identidades de gênero e de classe fundamentadas nas relações de desigualdade. Ao contrário disso, para a autora, a escola deve assumir a missão com a descontinuidade dessa cadeia que trata as diferenças como desiguais e gera preconceito e marginalização.

Ainda está muito arraigada nas concepções sobre trabalho, inclusive na mentalidade feminina, a delimitação das profissões. Sete das 30 respondentes extensionistas afirmaram que existem profissões que são específicas para homens e profissões para mulheres. Os principais argumentos utilizados foram a força física (trabalhos mais pesados), considerando que a constituição biológica do homem está mais apta para trabalhos que exigem esforço físico, a demanda do mercado que exige que determinadas profissões sejam exercidas por um dos gêneros e o preconceito com ocupações incomuns. Apesar disso, foi perceptível entre as participantes o desejo de seguirem as mais variadas profissões, inclusive as ditas masculinizadas, dentre agronomia, astronomia, zootecnia e policial.

Assuntos como a falta de equidade entre os gêneros nas oportunidades profissionais e nas ciências, formas de violência veladas (as violências não físicas), o preconceito e os estereótipos que envolvem a figura feminina ainda são pouco debatidos nos ambientes escolares, especialmente no ensino fundamental. Prova disso é que apenas uma das extensionistas que participaram da entrevista afirmou que já tinha ouvido falar sobre feminicídio na escola, mas todas desconheciam as expressões “igualdade de gênero” e “empoderamento feminino” antes de participarem do programa Meninas Cientistas. A participante E28 compartilhou que *“Não tinha! Fui conhecer essas coisas aqui, foi depois que eu entrei no projeto. Até então o projeto abriu muito os meus olhos para outras coisas que aconteciam, para aquele comentário, para aquela outra coisinha”*. E a participante E31: *“A meu ver, o projeto Meninas Cientistas foi ótimo, pois me possibilitou ter um acesso mais amplo em relação a conteúdos e assuntos não debatidos normalmente em sala de aula, [...]”*.

Outro dado que confirma nossa conclusão foi que, durante o desenvolvimento do produto educacional, os conceitos trabalhados que faziam parte dos temas geradores e estavam presentes dentro do reconto só eram reconhecidos quando instigados no momento da reflexão conduzida. Em um dado momento, após a contação de parte do reconto, foi perguntado às participantes se a personagem Cinderela sofria algum tipo de violência. Unanimemente, as respostas foram que “não”, sendo complementadas com “ela não apanhava”, configurando o entendimento de que só existe um tipo de violência: a física.

Dessa forma, um dos resultados que conseguimos identificar no programa Meninas Cientistas foi o compromisso de levar, por meio das ciências, com destaque especial para a oficina de literatura, a problematização de situações cotidianas enfrentadas pelas mulheres e que muitas vezes são naturalizadas como normais, passam despercebidas ou não provocam questionamentos e indignação por quem é vítima, conforme inferimos da fala da participante M5: *“[...] já presenciei algumas situações que, se não fosse pelo projeto e pelos ensinamentos, eu não saberia reagir e iria ficar quieta”*; e da E2: *“Eu acho o projeto Meninas Cientistas muito interessante, pois fala muito sobre o direito da mulher entre outros”*.

Outro ponto já mostrado anteriormente, mas que reiteramos, é a aproximação com a comunidade e popularização do IFG – Campus Uruaçu por meio do programa Meninas Cientistas. Nas falas das participantes em entrevista e em algumas respostas no questionário, o conhecimento sobre a instituição e as oportunidades por ela oferecidas só foi possível após o contato com a prática extensionista, como afirma E6: *“Para mim é uma oportunidade única*

porque, sem esse projeto, meu sonho de entrar na IFG era distante, mas, com o projeto, meu sonho se realizou”. Além do mais, houve menção em algumas respostas sobre a relação entre as áreas do conhecimento e das ciências trabalhadas, com uma possível escolha profissional, mostrando o compromisso indireto do programa com a profissionalização. Ao serem perguntadas sobre a profissão que desejam seguir, dentre as respostas, destacamos os excertos:

***Engenharia**, retorno financeiro (E5- grifos nossos)*

*Acredito que seja uma escolha bem difícil, mas levando em consideração acredito que vou seguir pela área da **arquitetura**, pois acho que combina comigo (E21- grifos nossos)*

***Arquitetura**, por que sempre tive bastante interesse nessa área (E24 - grifos nossos)*

***Astronomia**, pois acredito fielmente na imensidão do universo e na decidida de desvendá-lo, o que pode ser feito por meio dessa ciência (E27 - grifos nossos)*

*Tô fazendo **engenharia ambiental** agora, porque surgiu um interesse muito grande na área de geoprocessamento (M1- grifos nossos)*

Sobre as mudanças pessoais (conhecimento, ideias e modo de ver as coisas), as entrevistadas extensionistas foram unânimes em afirmar que, após a entrada no programa Meninas Cientistas, mudaram o pensamento sobre determinadas situações debatidas nas oficinas, forma de agir e conhecimento adquirido. A participante E1 disse que já se interessava por tecnologia e ciência, mas que isso ficou mais intenso após a entrada no programa. Quanto ao rendimento escolar e contribuição com os conteúdos estudados em suas séries de origem, as participantes pontuaram o maior interesse nas aulas, melhor rendimento, organização e dedicação aos estudos.

Essa análise foi estendida à equipe participante, sendo que as mudanças pessoais de destaque foram: o encorajamento, a criticidade diante de situações que envolvem gênero, as perspectivas e escolha profissional e o interesse, conforme os excertos extraídos das entrevistas no quadro que segue.

Quadro 2 – Mudança pessoal após a entrada no programa Meninas Cientistas

Pergunta 5 – Você consegue ver mudanças em si mesma, quer seja conhecimento adquirido, ideias novas, modo de ver as coisas, após a sua entrada no programa Meninas Cientistas?	
M1	Durante as oficinas com as meninas eu aprendi a fazer diversas coisas, é... principalmente na área de química [...] Foi uma experiência muito legal e entender, também, o ponto de vista delas sobre aquilo que elas estavam vivenciando no momento [...] O projeto que me fez ter interesse [...] bem mais interessante essa parte, porque a gente pôde ver mais aplicado no nosso dia a dia mesmo. E eu comecei a gostar mais do curso.
M2	[...] quando eu entrei no projeto, eu consegui começar a falar mais [...] Então, eu também tenho meu direito de falar, eu também tenho meu direito de me impor e fazer aquilo que eu realmente quero. Então o projeto foi bastante importante para mim. Eu me senti assim, acolhida. Comecei a poder falar, uma coisa que eu não podia antes. Então o projeto para mim foi isso.
M3	Eu, de certa forma, mesmo tentando ter a mente o mais aberto possível, não era tanto quanto eu gostaria. E, com um projeto, muita coisa, eu fui aprendendo muita coisa, eu fui entendendo muita coisa. E... eu acho que eu fiquei bem mais consciente [...] Eu não fazia ideia da realidade das outras escolas, não fazia ideia de como era a conscientização de outras meninas além de mim e das que eu conhecia. Então, com o projeto, eu consegui crescer muito, muito, muito como pessoa [...] Me ajudou a ter uma noção maior sobre o que eu quero para o meu profissional. Então acho que ajudou de um modo geral, em tudo.
M4	Acho que eu tinha uma visão meio “fechadinha das coisas”. Tipo assim, eu sabia que coisas assim aconteciam, mas eu não tinha noção do tamanho [...] choque de realidade [...] Por exemplo, eu nunca tinha pensado nos bairros mais pobres de Uruaçu, eu só tinha, tipo, só passado lá perto, nunca tinha conhecido alguém que fosse de lá de verdade. Ai eu conheci, vi que a vivência delas era bem diferente da vivência que eu tinha morando no centro da cidade, numa casa maior e tudo mais, sempre com meus pais fazendo as coisas e eu não tendo que fazer nada, diferente delas. E elas eram muito mais novas que eu e isso foi meio que um choque de realidade que me fez acordar pra esse tipo de coisa e ai eu percebi ainda mais o tanto que é diferente, tinha meninas que não iam para os encontros pois tinham que ficar cuidando da casa, dos irmãos. Coisa que não era o trabalho de irmãos mais velhos e sim delas, que eram mais novas, por conta de serem mulheres [...] eu já tinha o intuito de ser professora antes , só que ai quando começou a pandemia que foi quando nós que éramos monitoras começamos a fazer as aulas, projetos, essas coisas assim com as meninas, mesmo que fosse virtualmente, foi muito bom, foi muito gostosinho de fazer. Porque sabe aquela vontade de continuar fazendo esse tipo de coisa, aquela vontade de ensinar mais, é muito bom...

Fonte: de autoria própria – grifos nossos.

Notamos na fala da M1 que as oficinas do programa, as quais usaram conceitos científicos aplicados à prática, influenciaram no aumento de seu interesse, inclusive pelo curso técnico que, na época, cursava. Para a M2, o programa significou acolhimento, além de dar-lhe o direito de voz e a oportunidade de ser ouvida. As participantes M3 e M4 relacionam o programa com seu estado de maior consciência, com o crescimento como pessoa e influência na escolha profissional.

Outro ponto convergente quando analisadas as respostas dos questionários, entrevistas e observação, é o entendimento, por parte das participantes e nosso, que o programa Meninas Cientistas tem proporcionado oportunidade de acesso às ciências e às tecnologias, assim como

incentivado o interesse pelas áreas tradicionalmente masculinizadas. Afirmativas como, por exemplo, da E26: “o projeto *Meninas Cientistas* me fez abrir uma visão para diferentes áreas do conhecimento [...]”, E20: “O projeto *Meninas Cientistas* é essencial para o crescimento das mulheres nas ciências” e E2: “abrir a visão de que a gente também pode entrar naquelas áreas [...]” comprovam tal compreensão. Conforme observamos, merece destaque a oficina de Robótica Educacional, por ser considerada uma das áreas de maior evidência da desigualdade de gênero no campo acadêmico. A oficina trabalha noções básicas de computação, lógica de programação, *arduino e Scratch*, protótipos. O trabalho é dinamizado e colocado em prática em parceria com a ação IFMaker, laboratório de impressão em 3D, que produz material para uso interdisciplinar. Em revisão da literatura realizada por Silva *et al.* (2022), foram elencados cinco problemas que afastam ou dificultam a permanência de mulheres na área da informática, sendo: “a falta de representatividade, estereótipos, autopercepção inadequada, depreciação de gênero e indiferença de terceiros” (SILVA *et al.*, 2022, p. 12).

Dessa forma, em conformidade com a proposta geral do programa *Meninas Cientistas*, a oficina de Robótica Educacional, inspirada no protagonismo, na cooperação, liderança e representatividade, busca popularizar de forma prática, criativa e prazerosa o universo da informática. Ela mostra, assim como as demais oficinas, que a mulher é capaz de ocupar qualquer espaço nas ciências e no conhecimento e romper com os estereótipos que a inferioriza perante o trabalho e a atuação masculina.

Outro desdobramento do programa *Meninas Cientistas* que tem ganhado uma repercussão social é o projeto de iniciação científica, desenvolvido com estudantes do ensino médio, com o tema Saúde menstrual, direitos e políticas públicas²². O estudo tem como objetivo geral “Identificar a situação de acesso à alimentação, saneamento básico, saúde pública e de produtos de higiene íntima por pessoas que menstruam e residem em municípios do interior do Estado de Goiás, para propor políticas públicas de combate à pobreza menstrual”. O projeto também prevê ações de diálogo com as participantes, debates coletivos que incentivem a informação sobre o tema e a construção de propostas que combatam a pobreza menstrual.

Além de todas as ações que trabalham diretamente com a equipe e extensionistas, o programa *Meninas Cientistas* tem investido na produção científica, publicação de artigos e

²² Documentos disponibilizados pela equipe proponente. Não disponível para acesso em ambientes digitais.

participação nos mais variados eventos, desde feiras livres, Campus Party²³, simpósios e outros encontros nacionais e internacionais. “*O Inspira Ciência*²⁴ deu essa oportunidade pra gente. Convites dentro da instituição [...] palestras no Brasil inteiro”, afirma a participante D3. Durante a pandemia do coronavírus, o programa Meninas Cientistas fez um mapeamento das ações do IFG, trabalhou com ação de combate às *fake news* e produziu 500 protetores faciais, entregues a trabalhadores da saúde atuantes na linha de frente nos municípios do Norte Goiano, conforme consta nos documentos oficiais do programa.

Em 2020, foi publicado um *e-book*, que reuniu cinco artigos produzidos por docentes e discentes do IFG, participantes do programa. Os artigos ressaltam as representações e os desafios vivenciados pelas mulheres na produção científica, no trabalho e em outros espaços de desigualdade, além das perspectivas de enfrentamento a partir do conhecimento científico. Ademais, mostra a experiência vivida no programa Meninas Cientistas em suas diversas áreas do conhecimento, com o uso de sequências didáticas que podem ser desenvolvidas no ensino fundamental.

No que concerne aos desafios enfrentados para o planejamento e execução do programa Meninas Cientistas, triangulando nossa observação participante, as entrevistas e o questionário, elencamos cinco desafios com maior recorrência, sendo: o uso do sistema remoto, por meio de plataformas digitais, para o desenvolvimento das oficinas; a adequação de temas que atendessem a idade/série distintas – 12 a 18 anos; a burocratização para o recebimento das bolsas de fomento; os cortes nas verbas para a educação e a ciência; e os desafios institucionais de acesso aos recursos necessários para o desenvolvimento do programa.

Quanto ao primeiro desafio elencado, o uso do sistema remoto de ensino configurou-se um problema nacional, ainda mais latente quando envolve população em situação de vulnerabilidade social. Um dos problemas são os recursos insuficientes para manter uma internet e dispositivos conectados que deem conta das transmissões das aulas síncronas. Para se ter uma ideia, a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2019 do IBGE (BRASIL, 2021b) mostra que, dentre alunos de 15 a 17 anos, apenas 48,6% dos estudantes de escolas públicas possuíam simultaneamente internet, computador ou notebook em casa. Isso significa que, do

²³ “A Campus Party é o maior festival de tecnologia, empreendedorismo, ciência e disruptividade do mundo! Nosso objetivo é criar cada vez mais um ambiente imersivo e disruptivo para debater sobre tecnologia, criatividade, inovação e educação”. Disponível em: <https://brasil.campus-party.org/>. Acesso em: 8 dez. 2022.

²⁴ O Inspira Ciência é um programa de formação de professores da Educação Básica realizado pelo Museu do Amanhã, IDG – Instituto de Desenvolvimento e Gestão e o *British Council* para estimular um ensino de ciência vibrante, aproximando escolas, museus e universidades. Disponível em: <https://inspiraciencia.org.br/>.

total de 85,3% com acesso à internet, 36,7% tiveram que acompanhar as aulas síncronas fazendo uso de aparelhos celulares ou tablets (BRASIL, 2021b).

[...] somente 54,0% do total de estudantes de 15 a 17 anos de idade, independente da rede de ensino, possuíam acesso simultâneo à Internet e computador ou notebook em casa em 2019, ano anterior ao início da pandemia de COVID-19, ilustrando o desafio apresentado ao sistema educacional brasileiro para garantir educação de qualidade para todos. Em números absolutos, 3,6 milhões de estudantes de 15 a 17 anos de idade não tinham acesso a equipamento(s) e conexão, em um total de 6,8 milhões (BRASIL, 2021b, p. 86).

Embora indicado no nosso estudo que todas as participantes da pesquisa afirmaram ter acesso à internet, seja banda larga ou dados móveis, observamos nas participações no *chat* durante as oficinas os relatos de problemas com equipamentos ou internet de baixa qualidade.

Além das barreiras referentes ao acesso, o ensino remoto foi indicado como um fator de comprometimento da excelência na execução da proposta do programa Meninas Cientistas. As justificativas apontadas pelas participantes da nossa pesquisa relacionam-se a: pouca interação durante as oficinas; configuração da proposta do que é uma oficina, que deveria envolver algo prático; falta de contato presencial entre participantes e equipe, que dificulta a construção de vínculo de confiança; e pouca participação das extensionistas. Nhandumbo (2020, p. 565) afirma que o uso de ferramentas e plataformas on-line “requer disciplina, compromisso, motivação, criatividade e vontade para sua implementação”. Acrescentamos à ideia da autora as condições materiais e humanas, além do preparo para adaptar as propostas e conseguir bons resultados. Em vista dessa análise, destacamos os excertos:

*Eu acho que foi nesse sistema remoto, porque **quando a gente está trabalhando**, assim, **presencialmente**, que a gente conhece ali os nossos alunos, **a gente pode tentar encontrar estratégias** dentro ali, que são mais necessários, vamos começar, dentro daquele contexto. (D1 – grifos nossos)*

***Porque oficina, o conceito** que eu tenho de oficina é você ir pra um espaço é **pôr a mão na massa**. Então, o ensino remoto colocou uma barreira ai, né... (D3 – grifos nossos)*

*Acho que isso também acontece **nas lives**, **acho que nem todas conseguem acessar as lives**, **nem todas sabem mexer em uma live**, **porque elas não tem tanto acesso a tecnologia** e ai fica complicado pra elas e fica complicado pra gente pra tentar chegar até elas. **Presencialmente** a gente ia lá nelas, perguntava se elas estavam entendendo, **mostrava a elas como fazia de um jeito mais fácil** de ser entendido. Quando estar fazendo isso tudo **on-line**, **não tem como você ajudar ela de um jeito mais efetivo**, é complicado. (M4 – grifos nossos)*

*Se o projeto **voltasse a ser presencial**, acredito que **seria melhor** (E17- grifos nossos)*

Embora as percepções representadas nos trechos acima sejam por três grupos distintos de participantes, reiteramos que, dentre as externas, apenas uma se manifestou quanto à preferência pela presencialidade, sendo que as demais não se posicionaram. Destacamos que, durante o ano de 2022, foram realizados alguns encontros presenciais nas cidades de Uruaçu e Cavalcante, o que favoreceu o contato mais próximo entre equipe e extensionistas. Além disso, concordamos com a participante M2, que, ao refutar a ineficácia do ensino remoto, afirmou que o formato abriu possibilidades para levar o programa para mais meninas, inclusive da cidade de Cavalcante, o que seria dificultado se as oficinas permanecessem integralmente presenciais. Outro ponto citado pela referida participante foi que as ações realizadas pela plataforma *YouTube* facilitaram o contato de outras pessoas com o programa, sendo que, de qualquer lugar do mundo e em tempo síncrono ou posterior, as *lives* poderiam ser vistas.

No que se refere ao segundo desafio apontado, a adequação de temas que atendessem a idade/série distintas – 12 a 18 anos ou mais, especificamente relatado e observado na oficina de literatura, compreendemos e corroboramos o posicionamento da D1, ao expor a dificuldade em escolher textos que atendessem meninas de idades tão diferentes. Um dos apontamentos da participante é que, se o público participante fosse de uma faixa etária mais próxima, a exemplo dos alunos do ensino médio, poderia escolher textos mais provocativos para avançar e aprofundar nas reflexões relacionadas à mulher. Nem sempre um texto atrativo para o ensino médio é atrativo para o ensino fundamental, de modo recíproco.

O terceiro desafio elencado, a burocracia para o recebimento das bolsas de fomento, foi observado por nós, especialmente nas reuniões da equipe proponente, quando as orientações eram repassadas e os relatos sobre as dificuldades com a documentação eram compartilhados. A relação exigida no edital incluía, além de cópias dos documentos pessoais da participante menor e do/da responsável legal – documento de identidade, Cadastro de Pessoa Física (CPF) – Certidão Negativa de Débito junto à Receita Estadual, Certidão Negativa do Cadastro Informativo de Créditos não Quitados do Setor Público estadual (CADIN) e documento comprobatório da condição de tutor, para casos em que o pai ou a mãe não fossem o responsável legal pela menor. Para as estudantes maiores de 18 anos, incluía-se a Certidão Negativa do Cadastro Nacional de Condenações Cíveis por Ato de Improbidade Administrativa (CNJ), a Certidão Criminal da Justiça Estadual e da Justiça Federal e a Certidão de Quitação Eleitoral – Justiça Eleitoral.

No mais, foram solicitados documentos complementares que comprovassem a situação da estudante em atendimento aos requisitos do edital, sendo:

Declaração de Rendimentos Familiar (Anexo II) ou da comprovação de recebimento de Programa Social ou Declaração emitida pela Assistência Social do Município de Cavalcante ou Uruaçu ou representante [do] Projeto Meninas Cientistas (para comprovação da vulnerabilidade social), caso a entrada seja pelo critério de vulnerabilidade social; Laudo médico atestando a espécie e o grau ou nível de deficiência ou documento similar, caso a entrada seja pelo critério de pessoa com deficiência; Declaração de vínculo com a comunidade cigana, indígena ou quilombola, caso a entrada seja pelo critério de membra das referidas comunidades (Anexo III); Comprovante de residência na zona rural (declaração ou cadastro em nome da/do responsável pela estudante), caso a entrada seja pelo critério da residência em áreas rurais (Modelo de autodeclaração no Anexo IV).²⁵

A equipe de trabalho fez plantão de apoio no IFG – Campus Uruaçu e nos encontros presenciais na cidade de Cavalcante, porém algumas participantes não conseguiram providenciar a tempo a documentação exigida para o recebimento das bolsas, sendo um fator considerado para a evasão do programa, conforme relatos de estudantes durante o desenvolvimento do produto educacional. Além da burocracia exigida na documentação para inscrição, a equipe de trabalho despende considerável tempo e energia para organização dos relatórios, colhimento das assinaturas e envio de prestação de conta das bolsas recebidas, o que poderia ser gasto com outras ações para o fortalecimento do programa.

Os cortes nas verbas para a educação e a ciência são apresentados como o quarto desafio no desenvolvimento do programa Meninas Cientistas. As restrições de diárias²⁶, decorrentes da falta de recursos orçamentários, dificultaram a participação de uma equipe maior de discentes nos trabalhos realizados na cidade de Cavalcante e mesmo em outros eventos, conforme inferimos das falas durante as reuniões da equipe de trabalho e nas conversas via aplicativo *Whatsapp*. Em observação, verificamos que o lanche oferecido às participantes nos encontros realizados no IFG – Campus Uruaçu foi custeado com recurso pessoal das professoras proponentes. A participante D2 afirma que “*os cortes na educação, pra ciência, pra tecnologia são os maiores desafios que a gente tem hoje [...] desafios hoje são estruturais [...]*”. A redução de investimentos e o provável colapso no financiamento da educação foram analisados pelos estudiosos Denise Carreira e Roberto Catelli Jr. (2019), que demonstraram preocupação, já na época do estudo, com a precarização dos serviços públicos, dentre eles a educação, considerada uma via de promoção de experiências transformadoras,

²⁵ Texto retirado do Edital de Chamada Pública do IFG, n. 007/2022. Não se encontra atualmente disponível para acesso público.

²⁶ As diárias são verbas que a instituição, no caso o IFG – Campus Uruaçu, destina para o custeio de despesas com hospedagem, alimentação e locomoção dos servidores e discentes para realizarem atividades de interesse da administração pública, incluindo as pedagógicas.

inclusive na busca pela equidade de gênero, conforme a proposta do programa Meninas Cientistas.

O último fator de desafio para o desenvolvimento das atividades do programa é o acesso a materiais, como equipamentos, e até mesmo transporte que possa chegar às comunidades mais distantes, a exemplo do povoado Kalunga do Engenho II, localizado a 27 km da cidade de Cavalcante, com via não pavimentada. Em acompanhamento ao planejamento das ações e visitas às comunidades, nos deparamos com a dificuldade de conseguir transporte institucional para atender a essas demandas do programa, corroborando o desabafo da participante D3, quando afirma que *“a gente quer ir pra comunidade e a gente recebe a notificação de que o carro não vai na terra. Os carros institucionais não podem ir na terra. E é na terra que a gente quer ir”*. Além disso, muitos equipamentos são restritos ao uso dentro do Campus, dadas as dificuldades de instalação e outros impedimentos técnicos, sendo o caso do laboratório IFMaker. A solução apontada pelas participantes é a montagem de um laboratório móvel, que possa ir para as escolas, eventos, comunidades e feiras livres. O programa tem participado de editais de fomento para compra de recursos, inclusive de alto custo, mas, até a realização da nossa coleta, o laboratório móvel ainda era um sonho e uma meta.

No mais, consideramos que todos os desafios enfrentados para o desenvolvimento do programa Meninas Cientistas são passíveis de solução, principalmente com o fortalecimento das ações da proposta e mudanças orçamentárias pelo poder público federal. Os benefícios e o alcance conquistado pelo programa mostram que é possível fazer ciência para a inclusão social e para o empoderamento feminino. Trata-se, assim, de uma prática extensionista que ultrapassa o seu compromisso com a educação e concretiza-se como política pública de enfrentamento às desigualdades, sejam educacionais, socioeconômicas, raciais ou de gênero.

4 PRODUTO EDUCACIONAL

Conforme já mencionado no capítulo 3, o produto educacional foi planejado nos meses de junho a outubro e desenvolvido no mês de novembro de 2022, seguindo as fases de planejamento, desenvolvimento e avaliação. Todas as descrições detalhadas das etapas de desenvolvimento e avaliação estão no plano do produto educacional e no livro “Cinderela, felizes para sempre”, apêndices A e B, respectivamente.

4.1 Planejamento

Nessa fase, construímos o protótipo para a disciplina eletiva de Produção de Recursos Educacionais, já com a ideia inicial da estruturação da oficina. Seguimos com a escrita do conto “Cinderela, felizes para sempre?”, inspirado no conto “Cinderela”, com o objetivo de levar literatura e ao mesmo tempo trabalhar eixos temáticos de sensibilização e conscientização sobre a construção da identidade feminina e as desigualdades que permeiam as relações sociais no conto e na vida real.

Buscamos apoio teórico que sustentasse o uso da literatura para a desconstrução de estereótipos de gêneros e para definir nossos objetivos, o ementário e a metodologia da oficina. Assim nasce a proposta, seguindo o mesmo nome do conto “Cinderela, felizes para sempre?”, trazendo como título uma pergunta feita diretamente para a protagonista da história, como forma de evidenciar que somente nós mesmas somos capazes de responder sobre a nossa realidade, desejos, sentimentos, inquietudes e sonhos.

Assim, concluímos o planejamento de uma oficina destinada às estudantes de escolas públicas ou particulares, que tenham acima de 12 anos e que estejam cursando entre o 7º ano do ensino fundamental à 3ª série do ensino médio, com carga horária de 12 horas, distribuídas em três encontros com duração de três horas cada, sendo o restante do tempo destinado à atividade avaliativa.

4.2 Preparação

Durante a preparação, organizamos todos os recursos e materiais necessários para o desenvolvimento da proposta, além da diagramação do projeto da oficina, criação da arte para confecção das camisetas e aquisição de equipamentos. Foi na fase de preparação que também

escolhemos a escola piloto para apresentar a proposta e buscar a permissão para seu desenvolvimento.

A escola escolhida está situada em uma região periférica da cidade de Uruaçu. Segundo o Projeto Político-Pedagógico (PPP)²⁷ da instituição, ela atende famílias dos setores Aeroporto, Residenciais, Rosen Park, Santa Helena e Vale do Sol, nas modalidades de educação infantil e ensino fundamental I e II. Está descrito no PPP que “são famílias carentes, cujos pais buscam, junto à unidade escolar, ajuda para resolver várias situações como: indisciplina, doença, desnutrição, gravidez de riscos” (PPP/Anônimo, 2022, p. 8).

Diante do exposto, e também pela experiência de nossa atuação docente na instituição por cerca de cinco anos, consideramos a necessidade do desenvolvimento de projetos de extensão na comunidade que levem conhecimento, mas, além disso, levem incentivo, experiências motivadoras, encorajamento e conscientização. O formato de oficina, com o uso da literatura e dos temas geradores, contemplando realidades comuns, poderia ser atrativo e dinâmico, além de representar uma ação característica da prática pedagógica para a liberdade, que implica “diretamente a preocupação de questionar as parcialidades que reforçam os sistemas de dominação” (HOOKS, 2013, p. 20), dentre eles o sexismo, e dar um novo sentido às experiências vivenciadas nos espaços formais de ensino.

Apresentamos a proposta para a diretora e coordenadora pedagógica e, após o aceite, ficou acordado o desenvolvimento para os dias 22, 23 e 25 de novembro de 2022. Procedemos com a divulgação da oficina nas turmas, na qual abrimos 15 vagas para as discentes do 7º, 8º e 9º anos. Além disso, anexamos cartazes na escola, e todas as vagas foram preenchidas no início da divulgação.

4.3 Desenvolvimento

Conforme planejado e acordado com as servidoras responsáveis pela instituição escolhida, desenvolvemos a oficina “Cinderela, felizes para sempre?” nos dias 22, 23 e 25 de novembro de 2022, no turno vespertino, das 14h às 17h, com intervalo de 15 minutos para o lanche. Tivemos a participação efetiva de 13 inscritas nas atividades.

Para o desenvolvimento, seguimos todas as etapas do planejamento, de acordo com a metodologia apresentada no nosso plano. Nessa fase, suscita-se uma observação quanto à metodologia de apresentação da história, sendo que a leitura não foi uma estratégia chamativa,

²⁷ A versão do Projeto Político-Pedagógico foi disponibilizada pela Secretaria Municipal de Educação de Uruaçu, em arquivo PDF.

capaz de prender a atenção. Quando passamos a contar a história, sem uso da leitura, percebemos que as participantes ficaram mais atentas e envolvidas, inclusive respondendo com mais desenvoltura às perguntas relacionadas aos temas geradores. Outra estratégia atrativa foi quando envolvemos as meninas participantes dentro da história, assumindo o papel de representar as personagens nos diálogos. Observamos uma maior atenção e emoção quando as falas foram dramatizadas.

Um recurso que merece ser ressaltado pelo seu potencial de discussões, durante o desenvolvimento da oficina, foi a exibição do documentário *Mulheres Fantásticas*, composto de 15 episódios com duração de aproximadamente dois minutos cada um. Em cada episódio exibido, as participantes deveriam atribuir um adjetivo para a mulher inspiradora. Posteriormente, elas fizeram a partilha dos adjetivos escolhidos e prosseguimos com uma breve discussão. As personagens apresentadas foram: Malala Yousafzai, Dona Ivone Lara, Hedy Lamarr, Yusra Mardini, Frida Kahlo, Maria Quitéria, Nannerl Mozart, Maria Sibylla Merian, Carolina de Jesus, Wangari Maathai, Marietta Baderna, Amelia Earhart, June Almeida, Ada Lovelace, Dandara.

Na finalização, utilizamos a técnica do autódromo, que envolveu questões verdadeiras e falsas relacionadas à história, às discussões dos temas geradores e outros assuntos suscitados e debatidos durante o desenvolvimento. A dinâmica promovida pela técnica mostrou uma excelente devolutiva sobre os conceitos trabalhados, além da interação e participação das equipes na busca pelos acertos.

4.4 Avaliação

Na fase de avaliação, foram apresentados os textos produzidos pelas participantes. A intenção era escolher uma mulher inspiradora, que fosse famosa ou de convivência próxima, e produzir um texto em forma de poema, prosa ou mensagem, falando sobre os motivos que fazem com que tal mulher seja uma inspiração. A maioria das participantes escolheu as próprias mães ou avós. Os textos foram todos construídos em prosa, e as apresentações permeadas por timidez. Os motivos inspiradores com mais repetição foram a força, a independência, a garra e, sobretudo, a capacidade de ter criado e educado os filhos sozinhas, sem a presença do pai.

Prosseguimos com a avaliação da oficina, composta por dez questões, sendo sete fechadas, duas com necessidade de justificativa e uma aberta. Solicitamos que as meninas não se identificassem na ficha, com a intenção de deixá-las mais confortáveis ao emitirem suas

opiniões. Segue quadro com o resultado, com as respectivas perguntas e a incidência de respostas na frente das alternativas.

Quadro 3 – Avaliação da oficina: Cinderela, felizes para sempre?

Oficina: Cinderela, felizes para sempre?				
1 – O que você achou da metodologia usada na oficina? (dinâmicas, contação de história, roda de conversa)	Não gostei	Gostei um pouco	Gostei bastante	Achei excelente
	-	-	3	10
2 – O material usado pela professora (reconto, vídeos, música, animações) foi:	Ruim	Bom	Ótimo	Excelente
	-	-	2	11
3 – Sobre a carga horária da oficina (3 tardes, com 3 horas cada), você considera que foi:	Extensa		Curta	Suficiente
	-		4	9
4 – Você acha que os temas trabalhados sobre a mulher dentro do reconto são importantes para as discussões, a conscientização e a luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres?	Não são importantes		Pouco importante	Muito importantes
	-		-	13
5 – Você indicaria a oficina para alguma colega que não participou?	Não, porque...		Sim, porque	
	-		13	
	-		“Me ensinou sobre ser uma mulher independente”; “Porque ensina a não se desvalorizar”; “Ajuda a se defender, mudar pensamentos”; “Pode ensinar alguma coisa que ela não sabe sobre machismo”	
6 – Outras oficinas ou eventos que envolvam a temática de violência contra a mulher, desvalorização do trabalho feminino, desigualdade entre homens e mulheres devem ser trabalhadas na escola?	Não, porque....		Sim, porque	
	-		13	
	-		“Vai ajudar outras pessoas que precisam”; “Ensina as mulheres a se defenderem”; “Ensina bastante coisas importantes”; “Assunto importante que pode conscientizar muitas mulheres”.	
7 – Você considera que a oficina “Cinderela, felizes para sempre?” despertou o seu interesse para assuntos relacionados à luta das mulheres por igualdade, reconhecimento e respeito?	Não despertou	Despertou pouco	Despertou muito	
	-	-	13	
8 – Depois de participar da oficina “Cinderela, felizes para sempre?”, você se considera uma menina mais consciente dos problemas e dificuldades enfrentados pelas mulheres?	Não considero	Considero um pouco mais	Considero muito mais	
	-	-	13	

Continua

Continuação Quadro 3

Oficina: Cinderela, felizes para sempre?			
9 – Para você, uma mulher que consegue identificar situações de desigualdade, discriminação, preconceito e violência contra ela e contra outras mulheres, tem mais condições de lutar pelos seus direitos e pela igualdade?	Acho que não	Sim, um pouco mais	Sim, bem mais
	-	1	12
10 – Deixe aqui as suas críticas, elogios, sugestões ou qualquer outra observação sobre a oficina.	<p>“Quando cheguei, achei que íamos ler, mas foi uma oficina que abre os olhos das mulheres que aprendam a viver independente.”</p> <p>“Eu amei muito a história da Cinderela. Ela ensina as adolescentes e crianças a não ficar em um relacionamento tóxico. E aprender que tem que ser tratada com igualdade.”</p> <p>“Acho que deveria ter mais oficina, porque é muito interessante e legal e aprende muitas coisas.”</p> <p>“Eu achei muito bom. Amei demais. Gostei muito do jeito que fomos tratadas.”</p> <p>“Eu achei muito legal. Tratadas muito bem.”</p> <p>“Foi muito bom porque ensinou a não se desvalorizar.”</p> <p>“Não tenho críticas, apenas elogios. Essa oficina foi muito boa e ao mesmo tempo serviu de aprendizado para muitas meninas que participaram, inclusive para mim.”</p> <p>“Foi muito bom. Eu queria que continuasse. Gostei da forma que fomos tratadas”.</p>		

Fonte: de autoria própria, baseado nas respostas das participantes na avaliação da oficina.

As respostas nos permitem inferir que os temas trabalhados foram interessantes e provocativos, principalmente quando consideramos as conclusões nas perguntas de 4 a 9. Mesmo que os conceitos não tenham ficado inteiramente aprofundados, o que julgamos exigir uma vivência mais ampla e contínua com as discussões, percebemos a apropriação de ideias e sentimentos que sinalizam o início de uma tomada de consciência.

O que também nos chama a atenção é a reincidência do sentimento de gratidão pela forma como foram tratadas. Diante disso, corroboramos hooks (2013) quando a autora chama atenção para o entusiasmo como uma ferramenta pedagógica fundamental na prática de ensinar, considerada um ato de transgressão. Não basta serem assuntos interessantes para criar um ambiente de aprendizado significativo e até mesmo empolgante. “Nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros” (HOOKS, 2013, p. 17). Dessa forma, concluímos que a oficina uniu entusiasmo, ludicidade, interesse pela escuta e iniciou o processo de empoderamento. Acreditamos que tenha sido um momento de diálogo, de expressão das singularidades, das histórias de vida contadas, que nos fizeram entender que estávamos no lugar certo.

CONSIDERAÇÕES DE UM DEBATE INESGOTÁVEL

Não sou livre enquanto qualquer outra mulher for prisioneira, ainda que as amarras dela sejam diferentes das minhas (LORDE, 2019, p. 169).

A nossa proposta de estudo nasceu no contexto da EPT, tanto no desenrolar do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), quanto da nossa atuação profissional no IFG – Campus Uruaçu. Dessa maneira, partimos do pressuposto de que a prática extensionista da EPT chega à comunidade, criando oportunidades para a democratização do saber científico, tecnológico, cultural, humano e emancipador. Nesse sentido, procuramos analisar se o programa Meninas Cientistas tem materializado ações que podem levar ao empoderamento feminino, partindo de propostas que oportunizem o contato com os saberes e incentivem o desenvolvimento da consciência crítica.

Mais do que fazer um apanhado da trajetória de estudo, do processo de investigação e dos resultados obtidos, propomos em nossas considerações uma reflexão sobre o papel social da prática de extensão no processo de emancipação dos sujeitos. Será mesmo que a extensão, aqui representada pelo programa Meninas Cientistas, tem sido capaz de incentivar a tomada de consciência e a busca por justiça social e igualdade de direitos? Será que o programa Meninas Cientistas tem desenvolvido uma ação eficaz na promoção do empoderamento feminino e, por conseguinte, na luta contra o machismo, o sexismo, a supremacia masculina, atuando contra as sequelas do patriarcalismo?

A educação ofertada pelos IFs tem responsabilidade pela transformação social, influenciando diretamente na vida individual e coletiva dos envolvidos, conforme prevê seus atributos legais e sociais, estabelecidos em sua longa trajetória de luta e conquistas. Dessa forma, o compromisso ultrapassa os espaços formais educativos e se introduz no meio social como uma ação política que leva conhecimento e oportunidades, numa relação de troca constante com a comunidade.

Nas nossas análises, destacamos que o programa Meninas Cientistas foi inspirado na luta contra a segregação de gênero nas profissões, a discriminação e a pouca participação das mulheres nas “ciências duras”. Assim, ele tem buscado em sua proposta desenvolver ações incentivadoras da autonomia e do encorajamento para que meninas sigam as profissões que desejarem e ocupem também outros espaços tradicionalmente marcados e delimitados pelo patriarcalismo. Nas oficinas, as participantes e equipe têm contato com as várias áreas do conhecimento, por meio de um saber científico mais próximo das realidades, portanto, mais

prático e acessível. Apreendemos das respostas aos questionários e entrevistas essa aproximação com a ciência, com a tecnologia, com as profissões e com conhecimentos até então não ensinados e debatidos em suas escolas de origens. A expansão do programa nas áreas do conhecimento e no número de participantes atendidas mostra que é possível ampliar metas e objetivos, tal qual tem feito na multiplicação das oficinas e vagas ofertadas, nos eventos organizados, na popularização das ciências e no alcance territorial.

O compromisso social dos IFs com a efetivação de políticas públicas, conforme defende Pacheco (2011), está presente já nos critérios de seleção das participantes. O programa inclui os grupos vulneráveis, os historicamente excluídos ou limitados das oportunidades, como pessoas de comunidades indígenas, quilombolas e ciganas. Além disso, ultrapassou um raio de 300 quilômetros para atender à cidade de Cavalcante-GO, em função de seu alto índice de vulnerabilidade social e do grande percentual de meninas vítimas de violência sexual, conforme publicado pelo jornal *O Popular* (2019).

As oportunidades criadas pelo programa podem representar um avanço na subjetividade feminina das comunidades envolvidas, que, por sua vez, refletirá diretamente na vida pessoal e profissional das meninas participantes. Rago (2012) defende que, quando nós, mulheres, ocupamos profissões, cargos e espaços culturalmente masculinizados, mostrando que somos capazes e construindo a cultura com a nossa marca e identidade, também estamos rompendo com as normatividades opressoras. Isso é um processo que exige uma luta contínua, em pequenas e grandes ações que transformem a vida de oito ou 800, mas que, num espaço de tempo, materializem em resultados o que estamos construindo. Quantas foram as mulheres que se esconderam atrás dos pseudônimos, do anonimato e da invisibilidade, resistindo e fazendo história, mesmo sem ganho de causa em sua época, deixando para nós exemplos de luta e resistência? (BARRETO, 2022)

Quando olhamos para o empoderamento feminino como uma construção individual e coletiva, condicionado ao desenvolvimento da consciência crítica, do diálogo e do debate, encontramos no programa Meninas Cientistas evidências que comprovam a contribuição no incentivo e na indução ao processo da conscientização. A apropriação da consciência crítica, o contato com o saber produzido por mulheres, os relatos de vida de mulheres que sobressaíram em suas profissões fazem parte dos assuntos, conceitos e conhecimentos trabalhados nas oficinas. Falas nas entrevistas, nos questionários e na observação que fizemos do processo formativo e das aulas da oficina de literatura confirmam que foi por meio do programa que elas tiveram contato com áreas e assuntos até então considerados masculinos, a exemplo do que é trabalhado na oficina de Robótica e Modelagem 3D.

Na literatura, oficina de que participamos e na qual coletamos dados mais profundos, observamos debates expressivos, que mostraram o poder da literatura engajada e pretenciosa. As experiências e relatos partilhados deram vida, sensibilidade e sentido às histórias contadas, aos poemas declamados. A vida das personagens é a vida da vizinha, de uma tia, de uma conhecida ou de um boato que circulou no bairro. A fome, a violência, o alcoolismo retratado no *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, obra de Carolina de Jesus, fazem parte da vida real de muitas pessoas. Dessa maneira, nesse contexto das analogias, a literatura vai ganhando forma e aproximando a escrita bela e poética das realidades, mostrando o seu comprometimento social nos questionamentos e contestações das normas culturais que tratam os sujeitos com desigualdade, seja de poder, raça, gênero ou classe.

Se partirmos para a enumeração dos atributos e ações do programa Meninas Cientistas para o empoderamento feminino, podemos resumir em três palavras: conhecimento, ciência, conscientização. Primeiro, o conhecimento produzido nas oficinas do programa não se reduz a conceitos científicos, mas é construído no diálogo, na troca de experiências, nos significados concretos e úteis do aprendizado para a formação de atitudes. Segundo, o acesso às várias ciências é uma forma convincente de mostrar que as mulheres podem seguir pelas carreiras que desejarem. Embora haja majoritariamente presença masculina nas ciências duras, o acesso pode ser estimulado com a divulgação e com o encorajamento, mostrando que a realidade de desigualdade que nos circunda não é resultado de incapacidades, mas de falta de oportunidades. Dessa forma, o acesso à ciência poderá influenciar diretamente nas escolhas profissionais, que, por sua vez, estão ligadas às dimensões cognitivas e econômicas, consideradas por Berth (2019) como fundamentais para o processo de empoderamento. Terceiro, é na tomada de consciência que compreendemos a realidade em que estamos inseridas. Sem compreendermos de onde emanam as forças de poder que nos oprimem e impedem de usufruirmos os nossos direitos em plenitude, como e por que vamos lutar? O processo de conscientização favorece o desenvolvimento da dimensão política, da participação social para a transformação.

A metodologia que escolhemos para o desenvolvimento do nosso estudo nos possibilitou o acesso a vários contextos e situações. Na observação participativa, exploramos o processo formativo das monitoras, as reuniões de planejamento e avaliação, o desenrolar das oficinas presenciais e on-line, oportunizando a coleta de dados em momentos distintos. Além disso, conseguimos informações de diferentes sujeitos, o que nos permitiu explorar as percepções de vários ângulos. Como entrevistamos docentes, monitoras e participantes externas, alcançamos diferentes pontos de vistas nas diversas fases do programa:

planejamento, desenvolvimento e avaliação. Dessa forma, propusemos triangular os dados para delinear as conclusões da forma mais assertiva e confiável, embora sejamos conscientes das limitações de um estudo de caso na abordagem qualitativa, sendo que as interpretações dos achados trazem inevitavelmente as marcas da subjetividade da pesquisadora.

Como o empoderamento é um processo que vai sendo construído e manifestado nos comportamentos e ações ao longo da vida, não conseguimos mensurá-lo em se tratando de resultados, ou seja, o nosso estudo não concluiu se as meninas participantes do programa Meninas Cientistas são mais empoderadas que as não participantes. Para essa possível conclusão, necessitaríamos de uma investigação mais profunda em um espaço de tempo maior, durante o qual possivelmente faríamos um estudo comparativo, envolvendo outras participantes e procedimentos complementares para coleta de evidências e análise.

Todavia, consideramos que o nosso objetivo geral e os objetivos específicos foram majoritariamente atingidos. Para investigar o desenvolvimento do empoderamento a partir do programa Meninas Cientistas, empenhamos o nosso estudo na busca por ações que podem favorecer e incentivar o empoderamento das meninas participantes (objetivo específico 1). Assim, verificamos documentos, como plano de trabalho, editais, relatórios e publicações, além da observação assistemática e participativa, e conseguimos evidências que relacionam ciência, empoderamento, enfrentamento às vulnerabilidades e à violência contra a mulher. Buscamos saber o que as participantes e equipe proponente, em suas percepções, experiências e relatos, veem de resultado do programa (objetivo específico 2). Elas confirmaram os princípios norteadores da proposta, apresentaram as dificuldades que enfrentam para a concretização do programa e nos trouxeram novos elementos, a exemplo da relação do Meninas Cientistas com a popularização do IFG – Campus Uruaçu e a aproximação comunidade-instituição. Sentimos uma lacuna no nosso estudo, no sentido de aprofundamento nas outras áreas do conhecimento que não fossem a literatura. Como o programa abarca oito oficinas, distribuídas entre as áreas de Linguagem, Informática, Química, Biologia, nos propusemos a fazer um recorte pela literatura, considerando a nossa área de formação e experiência. Assim, o extenso campo de estudo e o curto tempo para a realização da pesquisa não nos permitiram avançar para outras áreas, pois, caso optássemos por estudar o programa inteiro, provavelmente nos depararíamos com um vasto campo de evidências para coleta e análise de dados. Com esse recorte, não conseguimos avançar muito no que se refere à popularização das ciências, pois os dados coletados foram mais genéricos ou indicados de forma indireta nas respostas dos questionários e entrevistas.

No acompanhamento e participação na oficina de literatura, desde o processo formativo ao desenvolvimento com as participantes externas, colhemos indícios que comprovaram o poder da literatura engajada (SARTRE, 2006) no processo de conscientização, que, por sua vez, pode levar ao empoderamento. Temas como as hierarquias na produção do conhecimento, o ocultamento de escritoras e personagens femininas memoráveis da história, atitudes machistas e relacionamentos abusivos suscitaram debates nos encontros das oficinas. Essas discussões poderão se materializar em atitudes e, nesse sentido, compreendemos que mulheres empoderadas e conscientes conseguem enxergar melhor as violências, as desigualdades, tendo uma maior possibilidade de enfrentá-las (objetivo específico 3).

Apesar de todas as conquistas e resultados que o programa Meninas Cientistas demonstra alcançar nesses quatro anos de execução, ponderamos as dificuldades institucionais, materiais e humanas que comprometem o alcance total de seus objetivos. Os encontros presenciais que dinamizam a proposta poderiam acontecer com mais frequência se não fossem os cortes de verbas para a educação, que ocasionaram redução nos gastos com transportes, diárias e compra de equipamentos. Outro ponto que observamos, e que poderá contribuir em outras propostas, refere-se à organização de um planejamento de estratégias de cooperação pré-acordadas entre a equipe de trabalho, de modo que umas pessoas não fiquem sobrecarregadas em função de uma divisão de tarefas e responsabilidades voluntárias.

Ademais, pontuamos a nossa análise sobre o sistema remoto adotado no programa: mesmo tendo alcançado um maior número de participantes, por meio do acesso virtual às oficinas, a metodologia desenvolvida não é suficiente para criar um ambiente intensamente participativo, com uso de recursos e estratégias práticas que tradicionalmente caracterizam uma oficina. Assim, observamos a necessidade de aumentar os encontros presenciais, de modo que as participantes e equipe mantenham convivências fundamentais para o processo de cooperação, de fortalecimento e movimentação para o empoderamento feminino. Afinal, é nessa junção de pessoas que lutam pela mesma causa, desconstruindo e construindo conceitos e atitudes, que o empoderamento prático e coletivo se consolida, numa perspectiva de transformações sociais e relacionais que serão usufruídas por todas e todos (BERTH, 2019).

Concluindo as nossas considerações, mas convictas de que este é um assunto inesgotável, justificamos o planejamento e desenvolvimento do produto educacional, conforme o objetivo específico 4, com a intenção de devolver para a comunidade uma proposta prática e útil, resultante da nossa pesquisa. A oficina “Cinderela, felizes para sempre?” e o livro literário com o mesmo nome usaram a sutileza e a poesia do reconto para

suscitar discussões sobre a influência das histórias infantis na construção da identidade feminina, dos estereótipos determinantes para as relações assimétricas e para manutenção do poder que aprisiona as subjetividades femininas e mantém a dominação masculina. Na fase de desenvolvimento, foram três dias de encontro com uma realidade que confirma a necessidade urgente da multiplicação de projetos de pesquisa, ensino e extensão que discutam claramente temáticas de gênero, mostrando que ainda sofremos com a interferência do patriarcalismo, que somos vítimas do machismo nos diferentes espaços que ocupamos. Precisamos de mais propostas que valorizem o protagonismo e as conquistas femininas e que não deixem mulheres em condições vulneráveis à margem da luta e do processo de empoderamento.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS (ABC). Membros Titulares. 2022. Disponível em: <http://www.abc.org.br/membros/titular/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

ALÓS, Anselmo Peres; ANDRETA, Bárbara Loureiro. Crítica literária feminista: revisitando as origens. **Fragmentum**, [S. l.], n. 49, p. 15–31, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/26594>. Acesso em: 17 nov. 2022.

ANDRADE, Diogo de Calasans Melo. Historicidade da propriedade privada capitalista e os cercamentos. **Revista História: Debates e Tendências**, v. 18, n. 3, p. 408-419, 31 ago. 2018. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/8597>. Acesso em: 2 jan. 2023.

ANDRADE, Vanessa Carvalho de. Malabarismo com facas: Física e gênero. In: STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane Rodrigues de; ZANELLO, Valeska. **Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas**. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2014, p. 302-312. Disponível em: https://mulheresnopoder.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2019/09/BR_ART_66_ESTUDOS_FEMINISTAS_E_DE_GENERO_ARTICULACOES_E_PERSPECTIVAS.pdf. Acesso em: 14 nov. 2022.

ARIZA, Marina; OLIVEIRA, Orlandina de. Formación y dinámica familiar en México, Centroamérica y el Caribe. **Ibero-Amerikanisches Archiv**, v. 23, n. 1/2, p. 27-44, 1997. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43392750>. Acesso em: 8 fev. 2022.

BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. A educação das mulheres no Brasil: sobre o capítulo dos acessos à escolarização. In: GAZOLA *et al.* (Org.). **Educação e nação no bicentenário da Independência**. Belo Horizonte: KMA, 2022. Disponível em: <file:///I:/Bibliografia/Ci%C3%A2ncia/X%20E-Bool-Educacao-e-Nacao-no-Bicentenario-Final.pdf>. Acesso em: 3 dez. 2022.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 184 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro). Disponível em: <https://www2.unifap.br/neab/files/2021/01/Empoderamento-Feminismos-Plurais-Joice-Berth.pdf>. Acesso em: 15 set. 2021.

BRASIL. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 16 de julho de 1934**. Presidência da República. Casa Civil. 1934. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm. Acesso em: 15 jul. 2021.

BRASIL. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 10 de novembro de 1937**. Presidência da República. Casa Civil, 1937. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm. Acesso em: 3 jul. 2021.

BRASIL. **Decreto n. 5.154, de 23 de julho de 2004**. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Brasília-DF, 2004. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm. Acesso em: 3 jul. 2021.

BRASIL. **Decreto n. 8.268, de 18 de junho de 2014**. Altera o Decreto n. 5.154, de 23 de julho de 2004, que regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília-DF, 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/decreto/d8268.htm. Acesso em: 18 jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Documento Orientador Área 46: Ensino**. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/ensino1.pdf>. Acesso em: 21 out. 2022.

BRASIL. IBGE. **Educação 2019**. PNAD Contínua. 2020a. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf. Acesso em: 19 jan. 2023.

BRASIL. IBGE. Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil. **Estudos e Pesquisas, Informação Demográfica e Socioeconômica**, n. 38. Brasília: IBGE, 2017a.

BRASIL. **Expansão da Rede Federal**. Ministério da Educação. Portal MEC. 2018a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec-programas-e-aco-es/expansao-da-rede-federal>. Acesso em: 2 nov. 2021.

BRASIL. **Lei n. 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília-DF, 1961. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-norma-actualizada-pl.html>. Acesso em: 4 jul. 2021.

BRASIL. **Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus e dá outras providências. Brasília-DF, 1971. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm. Acesso em: 10 jul. 2021.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília-DF, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 6 jul. 2021.

BRASIL. **Lei n. 11.741, de 16 de julho de 2008**. Altera dispositivos da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica. Brasília, 2008a. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11741.htm. Acesso em: 10 jul. 2021.

BRASIL. **Lei n. 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília-DF, 2008b. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm. Acesso em: 4 jul. 2021.

BRASIL. MEC. Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT. **Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional**. Anexo ao Regulamento. 2018b. Disponível em: https://profept.ifes.edu.br/images/stories/ProfEPT/Turma_2018/Regulamento/Anexo-ao-Regulamento-2019.pdf. Acesso em: 3 jan. 2022.

BRASIL. Secretaria de Desenvolvimento Social (SEDES). **O que é Cadastro Único**. 2022. Disponível em: <https://www.sedes.df.gov.br/cadastro-unico/>. Acesso em: 29 dez. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CES, de 18 de dezembro de 2018**. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei n. 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências. Brasília-DF: MEC, 2018c. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECESN72018.pdf. Acesso em: 14 ago. 2021.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Relatório Anual Socioeconômico da Mulher 2017/2018 (RASEM)**. 2020b. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/publicacoes-1/SPMRaseamdigital.pdf>. Acesso em: 16 set. 2022.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Resumo Técnico: Censo Escolar da Educação Básica 2020**. 2021a. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>. Acesso em: 13 out. 2021.

BRASIL. IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2017**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017b. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101459.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2022.

BRASIL. IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2021**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021b. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101892.pdf>. Acesso em: 16 set. 2022.

BRASIL. **Um novo modelo em educação profissional e tecnológica: concepção e diretrizes**. Brasília-DF: MEC, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6691-if-concepcaoediretrizes&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 5 dez. 2022.

CAPELATO, R. **Mapa do ensino superior no Brasil**. São Paulo: SEMESP, 2020. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/mapa/edicao-10/> Acesso em 27 dez. 2022.

CARREIRA, Denise; CATELLI Jr., Roberto. Educação: a mediocridade autoritária como política de governo. **De Olho nos Planos**, 11 abr. 2019. Disponível em: <https://deolhonosplanos.org.br/opiniao-mediocridade-autoritaria/>. Acesso em: 20 dez. 2022.

CONIF. Conselho Nacional das Instituições Federais de Educação Profissional e Tecnológica. Extensão Tecnológica - Rede Federal EPCT. Fórum de Pró-Reitores/as de Extensão – Forproext. Fórum de Dirigentes do Ensino – FDE. Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. **Diretrizes para a Curricularização da Extensão na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica**. Brasil, 2019. Disponível em: https://portal.conif.org.br/images/Docs/estudos/diretrizes-para-curricularizacao-da-extensao---fde-e-forproext_aprovado_agosto_2020.pdf. Acesso em: 19 set. 2021.

CORNWALL, Andrea. Além do “Empoderamento Light”: empoderamento feminino, desenvolvimento neoliberal e justiça global. **Cadernos Pagu**, v. 52, 2018:e185202. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/9zJqwjXHP4KbgfsLRCY7WpC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 2 ago. 2021.

COSTA, Marco Aurélio *et al.* **Vulnerabilidade social no Brasil**: conceitos, métodos e primeiros resultados para municípios e regiões metropolitanas brasileiras. Texto para Discussão, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10419/177580>. Acesso em: 2 nov. 2022.

CRUZ, Renatha Cândida da *et al.* **Meninas Cientistas**: a construção feminina do saber. Belo Horizonte-MG: Poisson, 2020. Disponível em: https://www.poisson.com.br/livros/individuais/meninas_cientistas/. Acesso em: 14 dez. 2021.

CURIEL, Ochy. “Gênero, raza, sexualidad: debates contemporâneos.” **Intervenciones em estudios culturales**, v. 4, p. 41-61, 2017. Disponível em: <http://portal.amelica.org/ameli/jatsRepo/53/5312003/5312003.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2021.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/6fB3CFy89Kx6wLpwCwKnqfS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 dez. 2022.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa. Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FERREIRA JR., Amarílio. **História da Educação Brasileira**: da Colônia ao século XX. São Carlos: EdUFSCar, 2010. 123 p. (Coleção UAB-UFSCar). Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5618173/mod_resource/content/1/Ferreira%20Jr.%20C%20AmarilioHist%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira_%20UAB-UFSCAR.pdf. Acesso em: 6 out. 2021.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa-3**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2008.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. Tradução de Kátia de Mello e Silva. Revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação *omnilateral*. In: SALETE, Roseli; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/1191.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2022.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação e Trabalho: bases para debater a Educação Profissional Emancipadora. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 71-87, jan./jun. 2001. Disponível em: https://www.feis.unesp.br/Home/DSAA/DSAA/ProjetoGQT-SCM/documentos/educacao/04_frigotto.pdf. Acesso em: 2 ago. 2021.

FRIGOTTO, Gaudêncio. ProfEPT – Aula inaugural 2021. Institutos Federais, nova institucionalidade e identidade: impacto social do ensino, pesquisa e extensão. **Youtube**, 28 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x5SWqfKfWlg>. Acesso em: 28 maio 2021.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Trabalho como princípio educativo. In: SALETE, Roseli; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/1191.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2022.

FUNCK, Susana Borneó. Desafios atuais dos feminismos. In: STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane Rodrigues de; ZANELLO, Valeska. **Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas**. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2014, p. 22-35. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/16349/1/LIVRO_EstudosFeministasedeGeneroArticula%20e%20perspectivas.pdf. Acesso em: 23 jul. 2022.

GAYA, Adroaldo. O universo empírico: sujeitos da pesquisa, universo, população e amostra. GAYA, Adroaldo (Org.). **Ciências do movimento humano: introdução à metodologia da pesquisa**. Porto Alegre: Armed, 2008.

GIULANI, Paola Cappelin. Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 536-559. Disponível em: <https://democraciadireitoegenero.files.wordpress.com/2016/07/del-priore-histc3b3ria-das-mulheres-no-brasil.pdf>. Acesso em: 14 set. 2022.

GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. **Constituição histórica da educação no Brasil**. Curitiba: InterSaberes, 2013, (Série Fundamentos da Educação). Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/6170/pdf/1?code=O36Eq4nUBhzhLJPRpbivION6KphxkVBTaa+/Khr5Sb2jCVM6aTOj+hti6D1KhznBhKA0y4ivt+ysJBbtrG+0/g>. Acesso em: 18 set. 2021.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. Quaderni del carcere. 4 v. Torino: Einaudi, 1975.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 7-32, 1993. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/15984/14483>. Acesso em: 20 dez. 2022.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

IFG – Instituto Federal de Goiás. **Edital 02/2022/PROEX/IFG**. Estabelece o processo seletivo de Ações de extensão para apoio financeiro institucional. 2022. Disponível em: https://www.ifg.edu.br/attachments/article/3734/EDITAL_EXTENS%C3%83O_IFG_2022.pdf. Acesso em: 26 out. 2022.

IFG – Instituto Federal de Goiás. **Resolução 24/2019/CONSUP/IFG**. Dispõe sobre o Regulamento das Ações de Extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – IFG. 2019. Disponível em: <https://www.ifg.edu.br/attachments/article/3734/Resolu%C3%A7%C3%A3o%2024%202019-editado-4.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2022.

IORIO, Cecília. Algumas considerações sobre estratégia de empoderamento e de direitos humanos. In. ROMANO, Jorge O.; ANTUNES, Marta. **Empoderamento e direitos no combate à pobreza**. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil, 2002. 116p. 25 cm. Disponível em: <https://docplayer.com.br/6580929-Empoderamento-e-direitos-no-combate-a-pobreza.html>. Acesso em: 3 nov. 2022.

JULIANO, Maria Cristina Carvalho; YUNES, Maria Angela Mattar. Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. **Ambiente & Sociedade**, v. 17, n. 3, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-753X20140003000099>. Acesso em: 2 jan. 2023.

KETZER, Patricia. Como pensar uma Epistemologia Feminista? Surgimento, repercussões e problematizações. **Argumentos – Revista de Filosofia**, Fortaleza, ano 9, n. 18, p. 95-106, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/32159>. Acesso em: 30 jun. 2022.

KETZER, Patrícia. Epistemologia feminista. **Blog Mulheres na Filosofia**. UNICAMP, 2021. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/wp-content/uploads/sites/178/2021/10/Epistemologia-Feminista.docx-1.pdf>. Acesso em: 18 out. 2022.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEITE, Priscila Souza Chisté. Produtos educacionais em mestrados profissionais na área de ensino: uma proposta de avaliação coletiva de materiais educativos. **Atas - Investigação Qualitativa em Educação**: Atas do 7º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 330-339, 10 jun. 2018. Anual. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2018/article/view/1656>. Acesso em: 14 dez. 2022.

LÉON, Magdalena de. “El empoderamiento de las mujeres: Encuentro del primer y tercer mundos en los estudios de género”. **La Ventana**, n. 13, p. 94-106, 2001. Disponível em: <http://148.202.18.157/sitios/publicacionesite/ppperiod/laventan/Ventana13/ventana13-4.pdf>. Acesso em: 2 out. 2021.

LEONE, Eugênia T. PORTILHO, Luciana. Inserção de mulheres e homens com nível superior de escolaridade no mercado de trabalho brasileiro. **Temáticas**, Campinas, v. 26, n. 52, p. 227-246, ago./dez. 2018. Disponível em: <file:///G:/11709-Texto+do+artigo-21234-1-10-20191009.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2022.

LIMA, Karen Fernanda Pinto de; LOPES, Margarete Edul Prado de Souza. A importância da literatura na escola: uma proposta na formação do cidadão. **ANTHESIS: Revista de Letras e Educação da Amazônia Sul-Ocidental**, ano 04, n. 06. Cruzeiro do Sul (AC): UFAC/CEL (Campus Floresta), 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/anthesis/article/view/176>. Acesso em: 3 dez. 2022.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Tradução: Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 484-508. Disponível em: <https://democraciadireitoegenero.files.wordpress.com/2016/07/del-priore-histc3b3ria-das-mulheres-no-brasil.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2021.

LOVELACE, Amanda. **A bruxa não vai para a fogueira neste livro**. Rio de Janeiro: Leya, 2018.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. Rio de Janeiro: E.P.U., 2018.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTELETO, Letícia. O papel do tamanho da família na escolaridade dos jovens. **Revista Brasileira de Estudos da População**, v. 2, n. 9, p. 159-177, jul./dez. 2002. Disponível em: https://www.rebep.org.br/revista/article/view/317/pdf_298. Acesso em: 28 dez. 2022.

MEIRELES, Cecília. **Flor de poemas**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa; ASSIS, Simone Gonçalves de; SOUZA, Edinilsa Ramos de (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Maria-Minayo/publication/33024173_Avaliacao_por_Triangulacao_de_Metodos_Abordagem_de_Programas_Sociais/links/571d440308ae6eb94d0e50a0/Avaliacao-por-Triangulacao-de-Metodos-Abordagem-de-Programas-Sociais.pdf. Acesso em: 22 nov. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa; MINAYO-GÓMEZ, Carlos. Difíceis e possíveis relações entre métodos quantitativos e qualitativos nos estudos de problemas de saúde. In: GOLDENBERG, Paulete; MARSIGLIA, Regina Maria Giffoni; GOMES, Mara Helena de Andréa (Org.). **O clássico e o novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003, p. 117-142. Disponível em:

https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/classico_novo_abordagens_ciencias_sociais.pdf. Acesso em: 29 nov. 2022.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. Raízes do feminismo político e embates atuais.

Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 12, n. 1, p. 8-23, abr. 2020.

Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/38134/21810>. Acesso em: 2 ago. 2021.

MOURA, Dante Henrique. Ensino médio integrado: subsunção aos interesses do capital ou travessia para a formação humana integral? **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 705-720, jul./set. 2013. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022013000300010&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 6 ago. 2021.

MOURA, Dante Henrique. Educação Básica e Educação Profissional e Tecnológica: dualidade histórica e perspectiva de integração. **Holos**, Ano 23, v. 2, p. 4-30, 2007.

Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/11/110>. Acesso em: 28 nov. 2021.

NEVES, Jessica Carolina de Souza; SOUZA, Luana Beatriz Rodrigues de; REQUENA, Pamella Cristina. O feminismo na literatura: a importância da visibilidade da mulher no ensino de literatura na Educação Básica através do texto companheiras de Eneida Moraes.

Revista Água Viva, [S. l.], v. 5, n. 1, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/aguaviva/article/view/25849>. Acesso em: 17 nov. 2022.

NHANTUMBO, Telma Luís. Capacidade de resposta das instituições educacionais no processo de ensino-aprendizagem face à pandemia de Covid-19: impasses e desafios.

Educamazônia – Educação, Sociedade e Meio Ambiente, v. 25, n. 2, p. 556-571, 2020.

Disponível em:

<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/educamazonia/article/view/7851/5535>. Acesso em: 5 jan. 2023.

NOSELLA, Paolo; AZEVEDO, Mário Luiz Neves de. “A Educação em Gramsci”. **Teoria e Prática da Educação**, v. 15, p. 25-33, 2012. Disponível em:

<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/20180>. Acesso em: 16 jun. 2021.

NÚÑEZ, Martín Paradelo. Mulher, trabalho e anarquismo. In: RAGO, Margareth. **Gênero e História**. CNT-Compostela, 2012. Disponível em:

<https://we.riseup.net/assets/179824/Margareth%20Rago%20G%C3%AAAnero%20e%20Hist%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2023.

OLINTO, Gilda. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil.

Inclusão Social, [S. l.], v. 5, n. 1, 2012. Disponível em:

<https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1667>. Acesso em: 7 dez. 2022.

OLIVEIRA, Elisabeth Regina Baptista de; UNBEHAUM, Sandra; GAVA, Thais. A

Educação STEM e gênero: uma contribuição para o debate brasileiro. **Cadernos de Pesquisa**, v. 49, n. 171, 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cp/a/cdq95fNyJ5cwBr3CDmXMK4S/?lang=pt#>. Acesso em: 2 set. 2022.

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. **The pursuit of gender equality: an uphill battle**. Paris, 2017. Disponível em <http://www.oecd.org/gender/the-pursuit-of-gender-equality-9789264281318-en.htm>. Acesso em: 29 out. 2022

ONU – Organização das Nações Unidas. **Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. 2019. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 28 ago. 2022.

PACHECO, Eliezer. **Institutos federais: uma revolução na educação profissional e tecnológica**. Brasília: Fundação Santillana, Moderna, 2011. Disponível em: https://www.fundacaosantillana.org.br/wp-content/uploads/2019/12/67_Institutosfederais.pdf. Acesso em: 20 jul. 2021

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 484-508. Disponível em: <https://democraciadireitoegenero.files.wordpress.com/2016/07/del-priore-histc3b3ria-das-mulheres-no-brasil.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2021.

RAGO, Margareth. **Epistemologia feminista, gênero e história**. Gênero e História. CNT-Compostela, Agosto de 2012. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/179824/Margareth%20Rago%20G%C3%AAnero%20e%20Hist%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 20 nov 2022.

RODRIGUES José. **A educação politécnica**. Campinas/SP: Autores Associados, 1998. Disponível em: http://www.epsjv.fiocruz.br/upload/d/Educacao_Politecnica_.pdf. Acesso em: 16 jul. 2021.

SANTOS, Karine da Silva *et al.* O uso de triangulação múltipla como estratégia de validação em um estudo qualitativo. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 2, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020252.12302018>. Acesso em: 27 nov. 2022.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. **Conceituando “empoderamento” na perspectiva feminista**. I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres – Projeto TEMPO. NEIM/UFBA, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/6848>. Acesso em: 31 jul. 2022.

SARTRE, Jean-Paul. **O que é literatura?** 3. ed. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 2006.

SAVIANI, Dermeval. O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias. In: FERRETTI, Celso João *et al.* (Org.). **Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 1994.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/wBnPGNkvstzMTLYkmXdrkWP/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 25 jul. 2021.

SCHMIDT, Rita Terezinha. A crítica feminista na mira da crítica. **Ilha do desterro**, Florianópolis, n. 42, p. 103-125, jan-jun, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/7462/6843>. Acesso em: 2 jan. 2023.

SCHMIDT, Rita Terezinha. O fim da inocência: Medusas de ontem e de hoje. **Signo**, UNISC – Santa Cruz do Sul, Ed. Especial, p. 95-112, 2006. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/443>. Acesso em: 2 jul. 2022.

SCHWARTZMAN, Simon; CASTRO, Claudio de Moura. Ensino, formação profissional e a questão da mão de obra. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 21, n. 80, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362013000300010>. Acesso em: 26 dez. 2022.

SEGALA, Ivonete; JULIANO, Dilma Beatriz. Literatura destinada às crianças: uma possível discussão de gênero. **Memorare**, Tubarão, v. 6, n. 1, p. 36-53, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://docplayer.com.br/218063201-Literatura-destinada-as-criancas-uma-possivel-discussao-de-genero.html>. Acesso em: 7 dez. 2022.

SÍGOLO, Vanessa Moreira; GAVA, Thais; UNBEHAUM, Sandra. Equidade de gênero na educação e nas ciências: novos desafios no Brasil atual. **Cadernos Pagu**, n. 63, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449202100630017>. Acesso em: 2 jan. 2023.

SILVA, Uyara Ferreira *et al.* Problemas enfrentados por alunas de graduação em ciência da computação: uma revisão sistemática. **Educação e Pesquisa**, v. 48, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248236643por>. Acesso em: 3 jan. 2023.

SOUZA, Ludimila Moitinho de; ÁVILA, Maria Auxiliadora. Mulheres na Ciência e Tecnologia: revisão da literatura. **Revista Científica On-line Tecnologia, Gestão e Humanismo**, v. 10, n. 1, jun. 2020. Disponível em: <http://www.fatecguaratingueta.edu.br/revista/index.php/RCO-TGH/issue/view/14>. Acesso em: 3 nov. 2022.

TEÓFILO, Sarah. Casos de abuso sexual ainda assombram Cavalcante, em Goiás. **O Popular**, 14/09/2019. Disponível em: <https://opopular.com.br/noticias/cidades/casos-de-abuso-sexual-ainda-assombram-cavalcante-em-goi%C3%AAs-1.1887071>. Acesso em: 18 nov. 2021.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução: Cristhian Matheus Herrera. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e pedagogia: ponto & contraponto**. 2. ed. São Paulo: Global; Campinas: ALD – Associação de Leitura de Brasil, 2008.

APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL (OFICINA)



Cinderella, felizes para sempre?
(oficina)

INSTITUTO FEDERAL
Goiano

PROFEPT
INSTITUTO FEDERAL
Goiano

Mestranda: Vânia Claudia Guimarães
Orientadora: Mirelle Amaral de São Bernardo
Ilustradora: Izabella Silva Sales

VÂNIA CLAUDIA GUIMARÃES

Oficina: Cinderela, felizes para sempre?
PRODUTO EDUCACIONAL

Banca Examinadora

Profª Dra Mirelle Amaral de São Bernardo
Orientadora

Profª Dra Sangelita Miranda Franco Mariano
Avaliadora interna

Profª Dra Rhanya Rafaella Rodrigues
Avaliadora interna

Profª Dra Lúcia Gonçalves de Freitas
Avaliadora externa

Profª Dra Eleusa Maria Leão
Avaliadora externa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Guimarães, Vânia Claudia.

M357e Oficina: Cinderela, felizes para sempre? [produto educacional] / Vânia Claudia
Guimarães – Ceres, GO, 2023
XXV, 25 f.: il. color.

Orientadora: Dra. Mirelle Amaral de São Bernardo.

Produto Educacional elaborado a partir da Dissertação intitulada “Extensão na Educação Profissional e Tecnológica: o programa Meninas Cientistas e o empoderamento feminino” (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) - Programa de Pós Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, Instituto Federal Goiano, Campus Ceres, 2023.
Bibliografia. Anexos.

1. Produto educacional. 2. Educação - oficinas. 3. Mulheres - condições sociais. I. São Bernardo, Mirelle Amaral de (orientador). II. Sales, Izabella Silva (ilustradora). III. Título.

CDD: 370.11

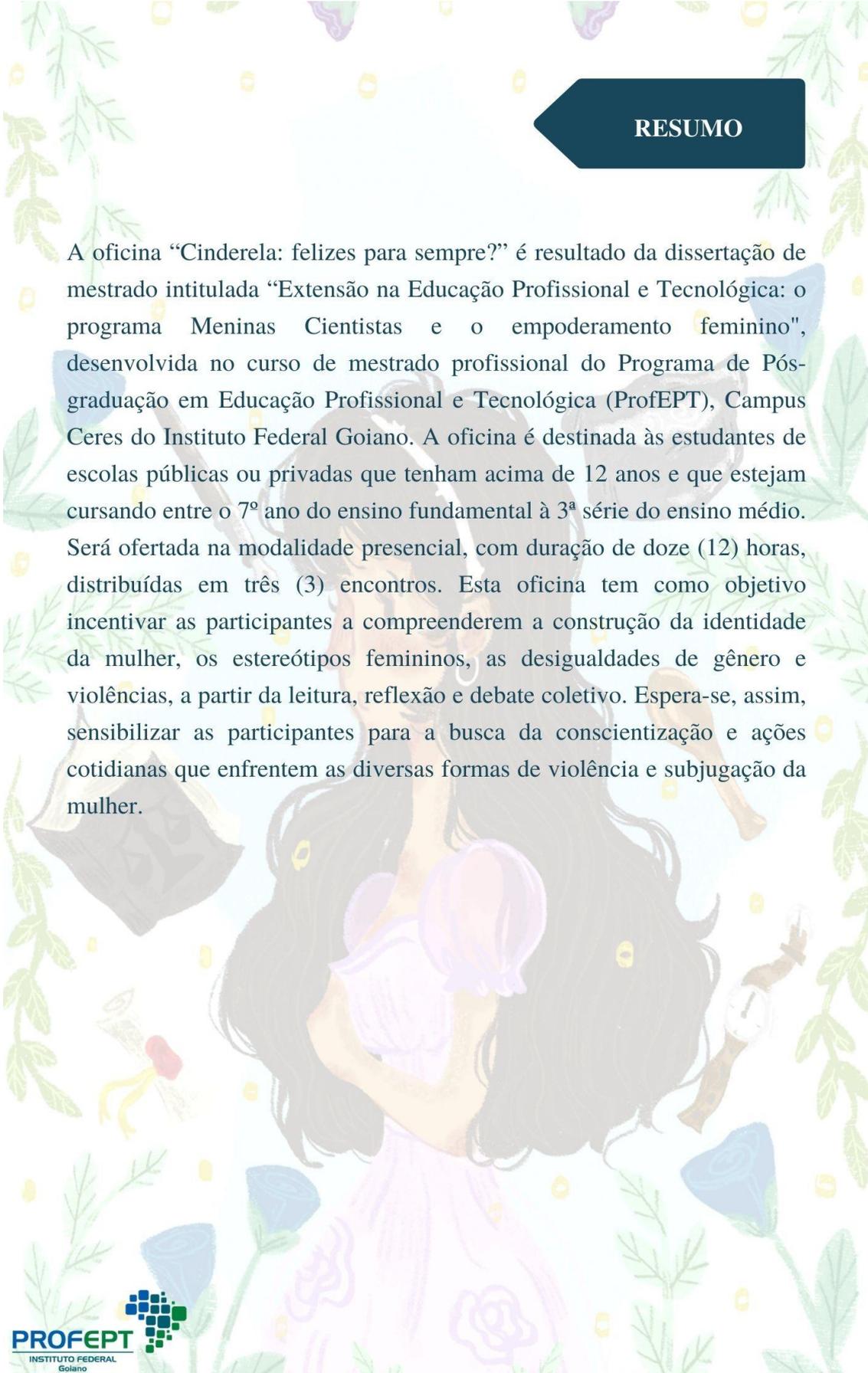
*Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do SIB/IFG, Campus Uruaçu
Bibliotecária Sabrina Gisele da Silva Felix CRB1/2561*



(RE)ENCONTRO-ME

*Tentaram me apagar
Tentaram me calar
Tentaram ocultar a minha identidade
Calei
Perdi o chão
Estremeci
E no profundo do silêncio, gemidos e dor
Havia uma mão
Havia uma voz
A mão entrelaçou na minha
A voz sussurrou no meu ouvido
Abri os olhos
Olhei as mãos
Escutei o clamor
Percebi-me por perto
Eu estava ali junto de mim
Levantei
Gritei
O silêncio se foi
E nunca mais calaram a minha voz*

Vânia Guimarães



RESUMO

A oficina “Cinderela: felizes para sempre?” é resultado da dissertação de mestrado intitulada “Extensão na Educação Profissional e Tecnológica: o programa Meninas Cientistas e o empoderamento feminino”, desenvolvida no curso de mestrado profissional do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), Campus Ceres do Instituto Federal Goiano. A oficina é destinada às estudantes de escolas públicas ou privadas que tenham acima de 12 anos e que estejam cursando entre o 7º ano do ensino fundamental à 3ª série do ensino médio. Será ofertada na modalidade presencial, com duração de doze (12) horas, distribuídas em três (3) encontros. Esta oficina tem como objetivo incentivar as participantes a compreenderem a construção da identidade da mulher, os estereótipos femininos, as desigualdades de gênero e violências, a partir da leitura, reflexão e debate coletivo. Espera-se, assim, sensibilizar as participantes para a busca da conscientização e ações cotidianas que enfrentem as diversas formas de violência e subjugação da mulher.



SÚMARIO	
INTRODUÇÃO	04
IDENTIFICAÇÃO	06
JUSTIFICATIVA	07
EMENTÁRIO	08
BASES METODOLÓGICAS	10
METODOLOGIA	12
RECURSOS	14
AVALIAÇÃO	15
REFERÊNCIAS	17
ANEXOS	18



INTRODUÇÃO

A nossa proposta de produto educacional nasce das inquietações vivenciadas, observadas e ouvidas no decorrer da pesquisa. Pode ser que seja apenas um grão semeado num vasto chão de terra batida, mas, ainda assim, teve a oportunidade de germinar, florescer e dar frutos.

Compreendemos o poder da educação a partir da “pedagogia revolucionária de resistência” (hooks, 2013, p.11), capaz de sensibilizar e encorajar os sujeitos na luta contra as opressões, o silenciamento, as inúmeras configurações de violência. A educação pode representar uma oportunidade de tomada de consciência para meninas e mulheres, diante do privilegiamento dos homens e suas variadas faces de subordinação.

Hooks (2013) destaca a “práxis” de Paulo Freire na concepção de tornar real aquilo que já sabemos na consciência, o que não se resume em uma ação cega, sem intenção, mas construída pela reflexão e ação. Só assim poderemos transformar as nossas realidades, dando significado para a nossa existência.

Dessa forma, sustentadas pelas concepções da práxis freiriana, especialmente no compromisso com a conscientização, inspiradora do empoderamento, é que propomos uma oficina que leve para meninas a literatura como releitura de práticas naturalizadas que oprimem, discriminam, inferiorizam e agridem as mulheres, pois “muitas vezes, estar imerso na realidade opressiva impede uma percepção clara de si mesmo enquanto oprimido”(BERTH, 2019, p. 19).

Para Joice Berth (2019), o empoderamento resulta da junção de pessoas na construção e reconstrução de uma realidade, de forma que isso influencie na coletividade, na transformação social e possa ser usufruído por todas e todos. Desse modo, para a autora, o empoderamento é “a contraposição fortalecida ao sistema dominante” conectado na “razão coletiva de ser” (BERTH, 2019, p. 35).

INTRODUÇÃO

Como parte da dissertação de mestrado que teve como objeto de estudo o programa “Meninas Cientistas: educação, protagonismo e enfrentamento às violências de gênero”, com dedicação especial à oficina de Literatura, é que planejamos a oficina “Cinderela: felizes para sempre?”, baseada na reescrita do conto tradicional “Cinderela”. A decisão de levar o conto para uma oficina é por entender que parte da construção da identidade feminina é predisposta pelo imaginário infantil no contato social e cultural, inclusive com a literatura.

Ao levantar os títulos mais procurados pelas crianças em uma escola infantil de Campinas, Cruz & Bebeli (2008) chamam atenção que o livro Cinderela só foi retirado por meninas. Cinderela é apresentada como uma menina pobre, branca e de cabelos loiros que sonha em encontrar um príncipe encantado. (BEBELI, 2010, p. 70).

A citação de Bebeli (2010) nos provoca a pensar sobre a predileção e tendência que a meninas têm pelos contos das princesas em suas primeiras escolhas literárias. Apesar de ser um objeto de consumo lúdico, oculta expectativas de características e comportamentos que trazem a mulher como o ser belo, fragilizado, sonhador, passiva e que sempre é salva por um homem, o príncipe ou caçador, corajoso, protetor, aventureiro e pronto para cuidar da mocinha.

Diante disso, o reconto e adaptação de um clássico infantil, a partir de novos contextos, mediante a criticidade e o incentivo à conscientização, poderá trazer para o debate e partilha coletiva, situações da vida real, comumente vivenciadas por inúmeras meninas e mulheres. No mais, é possível cultivar os ideais de luta, de resistência, sem hierarquização de pessoas, de gêneros; é possível construir uma nova história, sem aquela ideia dos “felizes para sempre”.

IDENTIFICAÇÃO

• Oficina Cinderela: felizes para sempre?

• Forma de oferta Presencial

• Carga horária 12 horas, distribuídas em 3 encontros de 3 horas e complementação para desenvolvimento do trabalho avaliativo.

• Público participante Meninas acima de 12 anos e que estejam cursando entre o 7º ano do ensino fundamental à 3ª série do ensino médio.

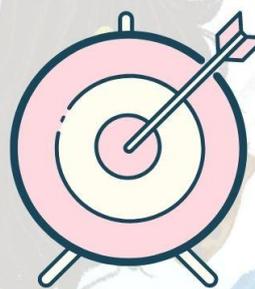
• Objetivo geral Identificar a constituição da identidade da mulher, dos estereótipos femininos, das desigualdades de gênero e violências, a partir da leitura, reflexão e debate coletivo.

• Interpretar os contos infantis numa perspectiva crítica, correlacionando com situações do cotidiano;

• Verificar estereótipos de gênero, situações de violência e subjugação feminina no conto apresentado e outras situações compartilhadas;

• Apontar possibilidades de enfrentamento às desigualdades e violências de gênero.

Objetivos específicos



Fonte: Banco de Imagem do Cajuva

JUSTIFICATIVA

Pensando numa educação que não se preocupa apenas com o ensino das ciências, mas com integralidade dos sujeitos, na perspectiva da *omnilateralidade*, é que propomos como produto educacional, seguindo a categoria de “cursos de curta duração e atividades de extensão” (CAPES, 2019), em formato de oficina, estruturado com bases na dimensão teórico-reflexiva. Será uma oficina de socialização, de trocas de experiências, de estudo, e sobretudo, de engajamento, pois acreditamos no fazer coletivo, no empoderamento que parta da luta na coletividade, pois de acordo com Joice Berth,

Indivíduos empoderados formam uma coletividade empoderada e uma coletividade empoderada, conseqüentemente, será formada por indivíduos com alto grau de recuperação da consciência do seu eu social, de suas implicações e agravantes (BERTH, 2019, p. 36).

Para Berth (2019), o empoderamento é algo construído gradualmente. Entendemos que uma oficina não será suficiente para tornar uma mulher preparada para lutar contra o sexismo, a violência de gênero, as injustiças estruturais construídas historicamente no mundo do trabalho, no lar, nas ciências. Mas é o começo. É uma proposta de incluir no espaço educacional um debate que ecoa de vozes silenciadas e mulheres invisibilizadas diante da opressão.

Além disso, consideramos o produto educacional como uma resposta prática, extensível e complementar à nossa pesquisa. É a materialização do conhecimento útil, com aporte teórico- científico e aplicável em diferentes espaços e situações, como prática colaboradora para uma formação humana integral.

EMENTÁRIO

1

PARTE I – INFÂNCIA: MENINAS BRINCAM DE BONECAS PARTE II – JUVENTUDE: CINDERELA, A MAIS BELA DE TODAS



Carga horária – 03 horas

Recursos – notebook,
projektor multimídia
imagens impressas,
folhas de papel A4,
fita adesiva,
novelo de lã,
drive externo.



Fonte: banco de imagem do Canva

Temas geradores I - Infância:

a construção do feminino;
a ideia da fragilidade;
a educação para a dependência e
subordinação;
brinquedos e as brincadeiras na
constituição dos gêneros;

Temas geradores II - Juventude:

Padrões de beleza femininos;
Vaidade para a submissão;
Escolhas ou determinações?



2

PARTE III – CINDERELA E O LAR: LUGAR DE MULHER É NA COZINHA? PARTE IV – VELHICE: ATÉ QUE O ABANDONO NOS SEPRE



Carga horária – 03 horas

Recursos – notebook,
projektor multimídia
imagens impressas,
folhas de papel A4,
fita adesiva,
novelo de lã,
drive externo.



Fonte: banco de imagem do Canva

Temas geradores III – Vida adulta:

responsabilidade materna/
desvalorização do trabalho
feminino/
profissão e gênero/
relacionamentos abusivos.

Temas geradores IV – Velhice:

abandono na velhice ou na
doença/
perda da utilidade/
envelhecer na submissão/
educação e empoderamento
feminino



EMENTÁRIO


**AVALIAÇÃO – APRESENTAÇÃO DAS PRODUÇÕES TEXTUAIS
ELABORADAS PELAS PARTICIPANTES**


Carga horária – 03 horas

Recursos – notebook,
projetor multimídia
imagens impressas,
folhas de papel A4,
fita adesiva,
novelo de lã, 
drive externo. 



Exibição das 15 animações da
série Mulheres Fantásticas



Proposta avaliativa
Mulheres fantásticas
Mulheres que inspiram.

Produção textual:
Apresentação e exposição

Serão consideradas 03 horas para o desenvolvimento
da atividade avaliativa, totalizando 12 horas de
oficina

Fonte: banco de imagem do Canva

BASES METODOLÓGICAS

A oficina “Cinderela: felizes para sempre?” tem como base metodológica a Pedagogia Libertadora, nas interfaces das ideias freirianas, em especial da educação para a conscientização, sendo a dialogicidade entre os sujeitos a mola sustentadora da ação.

Para Freire, “a existência, por ser humana não pode ser muda, silenciosa [...]. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo.” (FREIRE, 2015, p. 108). Assim, propomos a problematização para o diálogo, incentivando o pronunciamento e a conscientização de meninas que vivem e presenciam inúmeras situações de desigualdades, de preconceito, de hierarquização, de sujeição ao privilegiamento masculino. O autor complementa que “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 2015, p. 108).

O ponto de partida para as discussões será a literatura recontada, que traz os temas geradores contextualizados, estimulando a reflexão, o pronunciamento e a troca de saberes e experiências. De acordo com Aguiar e Bordini (1993),

A obra literária pode ser entendida como uma tomada de consciência do mundo concreto que se caracteriza pelo sentido humano dado a esse mundo pelo autor. Assim, não é um mero reflexo na mente, que se traduz em palavras, mas o resultado de uma interação ao mesmo tempo receptiva e criadora. Essa interação se processa através da mediação da linguagem verbal, escrita ou falada. (AGUIAR; BORDINI, 1993,p.14).

Dessa forma, o uso da literatura é intencionalmente uma estratégia para envolver as participantes nesse universo da leitura pretensiva, que ocasiona os encantamentos com as letras, enredo, personagens, mas que também provoca a reflexão.

BASES METODOLÓGICAS

O uso dos temas geradores para a análise do contexto feminino proporciona a aproximação da literatura com a realidade, na medida que ilustra situações cotidianas, ora naturalizadas, e que muitas vezes passam despercebidas por quem vive ou presencia. É uma forma de enxergar o imaginário em situações da vida real. Para a doutora e professora Tozoni-Rei, “os temas geradores só serão geradores de ação-reflexão-ação, se forem carregados de conteúdos sociais e políticos com significado concreto para a vida dos educandos” (TOZONI-REIS, 2006, p. 104),

Assim, unindo a literatura, os temas geradores, a roda de conversa e o diálogo, podemos chegar num nível mais elevado de conhecimento crítico da realidade, “pela experiência da reflexão coletiva da prática social real” (TOZONI-REIS, 2006, p. 104).

Nos ensinamentos freirianos, esse trabalho educativo envolve a coletividade, a discussão democrática, a socialização da experiência humana, participativa, para facilitar o processo da descoberta e de conscientização, e, sobretudo, da ação. Nas concepções de Paulo Freire, “a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente”. (FREIRE, 1989, p. 13).

Usando a literatura e a contação de história, propomos a decodificação das palavras para a decodificação do mundo social, onde muitas mulheres vivem submetidas à desigualdade e opressão. É a leitura que transcende o conhecimento. É a possibilidade da reescrita de uma nova realidade.

METODOLOGIA

Eixos temáticos – Serão trabalhados estereótipos de gênero, subjugação feminina, desigualdade e violência durante as fases da vida da mulher, relacionamentos abusivos e outros, por meio da história “Cinderela: felizes para sempre?”, inspirada no clássico “A Cinderela”. Os eixos apresentarão exemplos e reflexões da construção da identidade da mulher, as formas de submissão e as possibilidades de enfrentamento e empoderamento feminino.

Eixo metodológico - A história foi adaptada de forma que retrate a vida da personagem em suas várias fases. Assim, foram acrescentados ao roteiro tradicionalmente original, um enredo complementar, como novos espaços, tempo e personagens. A história foi dividida em 4(quatro) partes, sendo que cada uma delas contempla a discussão de temas relacionados à identidade feminina e seus desafios. O ponto de partida é o conto infantil, porém todas as fases foram contextualizadas com a realidade feminina atual.

1º encontro – 3 horas de duração

- **Acolhimento e apresentação** – dinâmica do novelo de lã (Em círculo e de pé cada participante diz o nome, o que mais gosta de fazer, o que espera da oficina. Assim que terminar de falar, segura a linha e joga o novelo para outra participante e, assim, sucessivamente. No final faz-se a reflexão: nós somos uma construção coletiva e como tal precisamos do apoio de cada uma para manter a nossa teia de aranha (o desenho formado) e impedir que os predadores nos ataquem. É de mãos dadas que manteremos a nossa força, a nossa resistência. Se uma de nós soltarmos a linha, a teia não resistirá e será desfeita..)
- **Parte I – Infância:** meninas brincam de bonecas - Contar a primeira parte da história da Cinderela: felizes para sempre?, relatando a sua infância (cotidiano, brincadeiras, relações, sonhos). Após a contação, cada menina receberá uma ficha com um nome de uma característica (física, emocional; exemplos: independente, meiga, carinhosa, loira, negra, olhos azuis, teimosa, bonita, submissa, inteligente, tagarela ...). Após ser solicitado, cada menina decidirá se atribuirá ou não a característica à Cinderela, de forma que seu perfil será identificado com os nomes colados no quadro. Minutos de reflexão conduzida.

Perguntas norteadoras: Por que você atribuiu essa característica à Cinderela? Como é a Cinderela da história que foi contada a você? O que você aprendeu com essa primeira parte da história recontada? O que as brincadeiras e os brinquedos da infância da “Cinderela: felizes para sempre?” tem a nos ensinar? Existe diferença no tratamento que Cinderela recebe, se comparado ao irmão? Isso acontece na realidade? Qual era o papel do pai de Cinderela na família? E da mãe? Existia hierarquia? (outras perguntas poderão surgir, de acordo com a participação das meninas).

Minutos de reflexão conduzida é um momento de fala e escuta, conduzido pela proponente, sobre a relação da história com os temas

- **Parte II – Juventude: Cinderela, a mais bela de todas?** Contar a segunda parte da história da Cinderela, relatando a sua adolescência e juventude, a perda dos pais e do irmão, o encontro com seu futuro marido e o significado da beleza feminina. Colar no quadro 4 (quatro) imagens de beleza feminina, de acordo com a cultura de diferentes lugares e pedir que elas votem na imagem que mais condiz com que elas imaginam da definição de beleza de Cinderela. Minutos de reflexão conduzida

METODOLOGIA

Perguntas norteadoras: O que as duas histórias, original e o reconto, nos ensinam sobre beleza feminina? Existem padrões? Como eles influenciam na nossa vida? Na história original a inimiga de Cinderela é a madrasta; e no reconto? E nas outras histórias infantis? Vamos recordar? Branca de Neve, A Bela Adormecida, Rapunzel? Quem salva as princesas? Que aprendizado podemos tirar disso? (outras perguntas poderão surgir, de acordo com a participação das meninas).

2º encontro – 3 horas de duração

- **Parte III – Cinderela e o lar: lugar de mulher é na cozinha?** Contar a terceira parte da história da Cinderela, relatando a união com o príncipe, a maternidade, profissão do lar e anulação de seus sonhos. Após a história, será apresentada à turma a música “Desconstruindo Amélia”, da cantora Pitty. Em seguida, a turma será dividida em equipes de 3(três) meninas e elas preencherão uma ficha que contém uma lista de profissões, que poderão ser separadas em profissões femininas e profissões masculinas. Minutos de reflexão conduzida

Perguntas norteadoras: O que essa parte da história nos ensina sobre o papel do homem e da mulher nos lares? Isso é uma realidade que vivenciamos ou é uma ficção de histórias? Quais partes da música confirma a realidade vivenciada por Cinderela? E no cuidado com os filhos, de quem é a responsabilidade? E sobre as profissões? Existe igualdade de escolha e salarial? (deixar as meninas apresentarem o que preencheram nas fichas)

Minutos de reflexão conduzida é um momento de fala e escuta, conduzido pela proponente, sobre a relação da história com os temas

Parte IV – Velhice: até que o abandono nos separe. Contar a quarta parte da história da Cinderela, relatando o seu envelhecimento, o adoecimento e fim dos felizes para sempre. Exibir o vídeo - Na velhice e na doença, mulheres são as maiores vítimas do abandono. Minutos de reflexão conduzida.

Perguntas norteadoras: Qual a relação que o título dessa parte final tem a ver com a realidade de Cinderela? A personagem Cinderela sofreu alguma forma de violência? Qual o perfil de Arquimedes nessa parte da história? Quem cuidou de Cinderela quando estava doente? Cuidar é função da mulher? Quais situações retratadas no vídeo fazem sentido para você? Cinderela se tornou uma mulher empoderada?

Proposta avaliativa – Mulheres que inspiram. Escolha uma mulher que seja inspiração para você. Pode ser uma mulher famosa ou alguma que vive bem pertinho. Elabore um texto, em forma de narrativa ou de poema, falando um pouquinho sobre a vida dela. Não esqueça de dizer por que ela é sua inspiração. Se possível, crie uma ilustração. Formaremos um mosaico das mulheres inspiradoras.

3º encontro – Mulheres fantásticas e apresentação da atividade avaliativa

- Exibição da série de animação Mulheres Fantásticas, no total de 15 episódios. As meninas receberão uma lista com os nomes das 15 personagens apresentadas. A cada apresentação será feita uma pequena pausa para discussão. As meninas deverão escolher um adjetivo e escrever na frente dos nomes das personagens. No final, a cada nome citado, elas lerão em voz, uma por vez, cada adjetivo atribuído.
- Apresentação e exposição dos textos produzidos pelas meninas, como requisito de atividade avaliativa. Cada menina colará seu texto numa folha de papel pardo, de forma que, ao final, seja construído um mosaico.
- Realização da técnica do autódromo.
- Preenchimento da ficha de avaliação do produto educacional “Cinderela: felizes para sempre”.


RECURSOS

TEMAS GERADORES	RECURSOS UTILIZADOS	TÉCNICA DE ENSINO
<p>1º encontro</p> <p>a construção do feminino/ a ideia da fragilidade/ a dependência / os brinquedos e as brincadeiras na constituição dos gêneros/ Padrões de beleza femininos vaidade para a submissão/ escolhas ou determinações?</p>	<p>notebook/ projektor multimídia / caixa de som/ imagens impressas/ folhas de papel A4/ fita adesiva/ novelo de lã/ quadro para anotações</p>	<p>dinâmica de interação/ aula expositiva dialogada, com contação de história/leitura</p>
<p>2º encontro</p> <p>vida adulta: responsabilidade materna/ desvalorização do trabalho feminino/ profissão e gênero/relacionamentos abusivo/ abandono na velhice/ perda da utilidade/ envelhecer na submissão/ educação e empoderamento feminino</p>	<p>notebook/ projektor multimídia / caixa de som/ folhas impressas/ folhas de papel A4/ fita adesiva/ drive</p>	<p>aula expositiva dialogada, com contação de história/ roda de conversa</p>
<p>3º encontro</p> <p>mulheres que inspiram/ mulheres fantásticas/ empoderamento feminino</p>	<p>notebook/ projektor multimídia / caixa de som/ folhas impressas/ folhas de papel A4/ fita adesiva/ papel pardo pinças atômicas drive</p>	<p>aula expositiva dialogada, roda de conversa/ apresentação oral</p>

AVALIAÇÃO

Realização da técnica do autódromo

Planejamento

- Elaboração de 20 afirmativas sobre os temas trabalhados. As afirmativas podem ser verdadeiras ou falsas e serão agrupadas de duas em duas.
- Desenho de um quadro grande em folha de papel pardo ou outro de similar tamanho. O quadro deverá ser composto por 12 colunas. A primeira coluna será destinada aos nomes das equipes. Da segunda à décima primeira coluna deverá ser indicado os números das questões: 01, 02, 03[...]10. Na última coluna deverá vir escrito: TOTAL. Caso o professor oficinairo tenha à sua disposição um quadro na sala que será desenvolvida a oficina, poderá fazer o desenho no momento do desenvolvimento da dinâmica.

Desenvolvimento

- O professor colará o desenho do quadro em algum espaço da sala, que seja visível a todos participantes.
- Pedirá que a turma se divida em grupos (3 ou mais, de acordo com a quantidade de participantes);
- Cada grupo deverá escolher um nome para a sua equipe;
- Cada membro da equipe será nomeado pelas letras do alfabeto (A, B, C, D), de forma de cada grupo tenha as mesmas letras;
- Será entregue uma folha em branco para cada equipe, que colocará o nome escolhido, e enumerará no sentido vertical de 01 a 10;
- O professor explicará o jogo e dará um exemplo com duas afirmativas de qualquer assunto e que sejam verdadeiras ou falsas. Exemplo: O céu é lilás (F). O mês de dezembro tem 31 dias (V). Assim que o professor terminar de ler as assertivas, os participantes deverão conversar entre si e decidir suas opções por verdadeiro ou falso. Assim que o fizerem, deverão anotar em frente ao número da questão na folha que foi entregue pelo professor. Não poderá ter rasuras;

AVALIAÇÃO

- Antes de prosseguir, o professor passará olhando as opções anotadas nas folhas do grupo, para que ao verbalizar as respostas, um grupo não seja influenciado pela resposta do outro;
- O professor segue para o quadro desenhado e vai anotando na frente a resposta dos grupos a partir da pergunta. Exemplo: Letra A do grupo Lutadores, qual é a resposta da questão de número 1? O participante que ficou nomeado com a letra deverá responder VV ou VF ou FF e, assim, sucessivamente. Após todas as equipes serem perguntadas e anotadas as respostas no quadro, o professor dará a resposta correta e pontuará marcando (X) para o grupo que pontuou e (-) para o grupo que não pontuou. No final, ganha a equipe que acertar o maior número de respostas corretas.
- Após falar a resposta correta, é importante que o professor comente por que as assertivas são verdadeiras ou falsas, aproveitando para retomar os conceitos trabalhados.

Avaliação contínua

A avaliação será realizada de forma contínua, durante a participação das meninas nas dinâmicas, rodas de conversa e demais atividades. Será considerada, também, a assiduidade, pois a oficina foi estruturada num modelo sequencial de ideias, temas e discussões, e sua descontinuidade poderá comprometer o alcance dos objetivos propostos. A atividade de conclusão é o momento avaliativo principal, porém não deverá ser atribuído nenhum valor numérico (notas) às atividades produzidas. A dinâmica de apresentação oral e construção do mosaico será sucedida de uma roda de conversa para avaliação do produto educacional e preenchimento da ficha avaliativa.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, V.T. BORDINI, M.G. Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas. 2.ed. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1993.

BELELI, I. Gênero. In R. Miskolci (Org), Marcas da diferença no ensino escolar (p. 45-74). São Carlos, SP: EdUFSCar, 2010.

BERTH, Joice. Empoderamento / Joice Berth. -- São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019. 184 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro)

BRASIL. CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Documento Orientador Área 46: Ensino. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/ensino1.pdf>. Acesso em: 21 out. 2022.

DESCONSTRUINDO Amélia, Pitty, disco "Chiaroscuro", 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PJVbXHsJeBk>. Acesso em: 05 de set 2022.

FREIRE, Paulo. Importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 23ed. São Paulo, Autores Associados, Cortez, 1989.
_____. Pedagogia do Oprimido. 59ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 2015.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade. São Paulo. Editora Martins Fontes, 2013.

MULHERES fantásticas, (Série com 15 episódios), TV Globo, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=mulheres+fant%C3%A1sticas Acesso: 10 out 2022.

SOUSA, Natália. Na velhice e na doença: mulheres são abandonadas quando não podem mais cuidar, 2022. Disponível em: <<https://azmina.com.br/reportagens/na-velhice-e-na-doenca-mulheres-sao-abandonadas-quando-nao-podem-mais-cuidar>> Acesso: 08 out 2022.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. Temas ambientais como “temas geradores”: contribuições para uma metodologia educativa ambiental crítica, transformadora e emancipatória. Revista Educar, Curitiba, n. 27, p. 93-110, 2006. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/6467>. Acesso em: 12 out 2022

ANEXOS

Ficha de Inscrição



INSTITUTO FEDERAL GOIANO – CAMPUS CERES
 PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA
 MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA



Ficha de inscrição - Oficina: Cinderela, felizes para sempre?

Você foi convidada para participar da oficina “Cinderela, felizes para sempre?” Será um momento de contação de história, muita emoção e troca de experiência. Teremos brindes, um delicioso lanche e muita diversão.

Local: _____

Data: 22, 23 e 24 de novembro de 2022.

Horário: das 14 às 17 horas

Responsável pela oficina: Vânia Claudia Guimarães

Obs.: A oficina será totalmente gratuita

DADOS PESSOAIS

NOME COMPLETO:

DATA DE NASCIMENTO:

IDADE:

SÉRIE:

NOME DA MÃE:

ENDEREÇO:

TELEFONE (WHATSAPP):

TEM ALGUMA DEFICIÊNCIA OU NECESSIDADE EDUCACIONAL ESPECÍFICA?
 () SIM () NÃO SE SIM, QUAL?

Uruaçu, _____ de _____ de 2022

 ASSINATURA DA ALUNA

 ASSINATURA DA(DO) RESPONSÁVEL

Cartaz de divulgação

OFICINA

Cinderela, felizes para sempre?



DIAS: 22, 23 E 24 DE NOVEMBRO
HORÁRIO: DAS 14 ÀS 17 HORAS

15 VAGAS



PÚBLICO: MENINAS QUE ESTEJAM CURSANDO DO 7º AO 9º ANO



PROFESSORA RESPONSÁVEL: VÂNIA CLAUDIA GUIMARÃES



LOCAL:



a oficina é totalmente gratuita.
 teremos brindes, um delicioso
 lanche e muita diversão.

Ficha das Profissões



INSTITUTO FEDERAL GOIANO – CAMPUS CERES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA



FICHA DAS PROFISSÕES

Você tem abaixo uma lista de profissões. Leia atentamente cada uma delas, pense e distribua, como preferir, no quadro abaixo. Todas aparecem escritas no masculino, mas você poderá fazer a adaptação, se achar necessário.

PROFESSOR	MÉDICO	CAMINHONEIRO
CIENTISTA	MECÂNICO	PEDREIRO
FRENTISTA	ADMINISTRADOR DE FAZENDA	ENFERMEIRO
CABELELEIRO	ENGENHEIRO	PILOTO DE AVIÃO
POLICIAL	GARI	AGENTE DE TRÂNSITO
PINTOR DE CONSTRUÇÃO	JOGADOR DE FUTEBOL	ELETRICISTA
PSICÓLOGO	ASSISTENTE SOCIAL	ARQUITETO
FARMACÊUTICO	ASSISTENTE ADMINISTRATIVO	MAQUIADOR

PROFISSÃO FEMININA	PROFISSÃO MASCULINA	PROFISSÃO NEUTRA

Atividade Mulheres Fantásticas



INSTITUTO FEDERAL GOIANO – CAMPUS CERES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA



Mulheres Fantásticas

Observe as animações sobre algumas mulheres que foram corajosas em seu tempo e acabaram se tornando exemplos para nós. Ao final de cada animação, atribua um adjetivo para cada uma delas.

MULHERES	ADJETIVOS
Malala Yousafzai	
Dona Ivone Lara	
Hedy Lamarr	
Yusra Mardini	
Frida Kahlo	
Maria Quitéria	
Nannerl Mozart	
Maria Sibylla Merian	
Carolina de Jesus	
Wangari Maathai	
Marietta Baderna	
Amelia Earhart	
June Almeida	
Ada Lovelace	
Dandara	

_____ , saiba que você também é uma menina fantástica!



Lista de Frequência



INSTITUTO FEDERAL GOIANO – CAMPUS CERES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA



Lista de frequência

Oficina: Cinderela, felizes para sempre?

Responsável: Vânia Claudia Guimarães

Data: ____ / 11 /2022

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____
6. _____
7. _____
8. _____
9. _____
10. _____
11. _____
12. _____
13. _____
14. _____
15. _____
16. _____
17. _____
18. _____

Instituto Federal Goiano – Campus Ceres
Rod. GO-154, Km 03, Zona Rural - Ceres - GO - CEP: 76300-000



Ficha de Avaliação da Oficina



INSTITUTO FEDERAL GOIANO – CAMPUS CERES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA



Avaliação da oficina: Cinderela, felizes para sempre?

Chegamos ao final da nossa oficina! Foi um imenso prazer ter a sua participação nesses três dias de muita conversa, histórias e discussões de temas tão importantes. Você poderá contribuir ainda mais com a nossa proposta avaliando a oficina. Vamos lá?

1- O que você achou da metodologia usada na oficina? (dinâmicas, contação de história, roda de conversa)
() Não gostei () Gostei um pouco () Gostei bastante () Achei excelente

2- O material usado pela professora (reconto, vídeos, música, animações) foi:
() Ruim () Bom () Ótimo () Excelente

3 – Sobre a carga horária da oficina (3 tardes, com 3 horas cada), você considera que foi:
() Extensa () Curta () Suficiente

4 – Você acha que os temas trabalhados sobre a mulher dentro do reconto são importantes para as discussões, a conscientização e a luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres?
() Não são importantes () Pouco importantes () Muito importantes

5- Você indicaria a oficina para alguma colega que não participou?

() Não, porque _____
() Sim, porque _____

6 – Outras oficinas ou eventos que envolvam a temática de violência contra a mulher, desvalorização do trabalho feminino, desigualdade entre homens e mulheres devem ser trabalhadas na escola?

() Não, porque _____
() Sim, porque _____

7- Você considera que a oficina "Cinderela, felizes para sempre?" despertou o seu interesse para assuntos relacionados à luta das mulheres por igualdade, reconhecimento e respeito?
() Não despertou () Despertou pouco () Despertou muito

8- Depois de participar da oficina "Cinderela, felizes para sempre?", você se considera uma menina mais consciente dos problemas e dificuldades enfrentados pelas mulheres?
() Não considero () Considero um pouco mais () Considero muito mais

9 – Para você, uma mulher que consegue identificar situações de desigualdade, discriminação, preconceito e violência contra ela e contra outras mulheres, tem mais condições de lutar pelo seus direitos e pela igualdade?
() Acho que não () Sim, um pouco mais () Sim, bem mais

10 – Deixe aqui as suas críticas, elogios, sugestões ou qualquer outra observação sobre a oficina.

Obrigada!



23

APÊNDICE B – PRODUTO EDUCACIONAL (TEXTO LITERÁRIO)

Link de acesso da publicação: <https://www.editorafi.org/ebook/676cinderela>



APÊNDICE C - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE

26/01/23, 00:42

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

Você, participante do projeto Meninas Cientistas, está sendo convidada a participar, como voluntária, da pesquisa com o nome: "Extensão na Educação Profissional e Tecnológica. Estudo de caso do projeto Meninas Cientistas: a construção feminina do saber". Meu nome é Vânia Cláudia Guimarães, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é a Educação. Sou aluna do Mestrado Profissional em Educação no Instituto Federal Goiano – Campus Ceres e essa proposta de pesquisa faz parte do Mestrado. O local de realização da pesquisa será no Instituto Federal de Goiás – Campus Uruaçu. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, preencha com o seu nome e e-mail e clique no link "enviar resposta". O ato de preencher e enviar a resposta significa que você aceitou participar, como voluntária, da pesquisa. Em seguida, enviaremos para o seu e-mail, uma via deste mesmo termo, assinado pelas pesquisadoras. É importante que você guarde o documento, salvando o arquivo ou não apagando o e-mail recebido. Caso o perca, poderá, a qualquer momento, solicitar outra via à pesquisadora responsável. Declaro que este termo está de acordo com o previsto na alínea "a", do item IV.5 da RES/MS 466/2012, especificamente o cumprimento das exigências contidas nos itens IV.3. Esclarecemos que, em caso de não aceitar participar, você não será prejudicada de forma alguma. Mas se aceitar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas por mim, pelo e-mail vania.guimaraes@ifg.edu.br, por ligação telefônica, inclusive a cobrar, para o número (62) [REDACTED]. Se preferir, poderá enviar mensagem, via whatsapp, para esse mesmo número. Se continuar com dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal Goiano, pelo número (62) 3605 3600, ou pelo e-mail: cep@ifgoiano.edu.br e também com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Goiás, pelo número (62) 36122239, ou pelo e-mail: cep@ifg.edu.br. Esses comitês contribuem com a qualidade das pesquisas e cuidam para que a pesquisa respeite todos os participantes, não lhes traga riscos que vão contra sua saúde e dignidade e que seja garantido a assistência completa, caso ocorra prejuízos de qualquer natureza aos participantes da pesquisa.

1-*Informações Importantes sobre a Pesquisa.*

Para que servirá essa pesquisa? (Objetivos e justificativa) A pesquisa tem como objetivo analisar os resultados do projeto Meninas Cientistas. Pretende-se verificar se esse projeto é importante e se tem influenciado positivamente na vida das meninas que participam dele, como melhores resultados na aprendizagem, interesse nas ciências, desejo de se profissionalizar e seguir os estudos. Essa pesquisa é importante, pois, a análise e divulgação dos resultados do Projeto Meninas Cientistas, poderá incentivar a criação de outros projetos, dando novas oportunidades a você e a outras pessoas. Vamos verificar se tais projetos podem levar a comunidade externa para dentro do IFG e oferecer oportunidades de acesso ao ensino e ao empoderamento de outros participantes.

Como você participará?: Inicialmente, a pesquisadora responsável fará a divulgação do projeto de pesquisa para as participantes das oficinas Mulheres na Literatura e

26/01/23, 00:42

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

Empoderamento e Protagonismo Juvenil, do projeto Meninas Cientistas, por meio de entrada nas aulas das oficinas. Após conseguir os contatos telefônicos, whatsapp e/ou e-mail, das participantes, fará contato individual e agendará uma reunião virtual coletiva, com o convite também aos responsáveis. Nessa reunião será apresentado a proposta de pesquisa, bem como suas garantias éticas. Após a reunião será enviado, por e-mail e/ou whatsapp, às participantes e responsáveis, os links de acesso aos formulários de autorização (consentimento) e aceitação (assentimento) para participar da pesquisa. Cada voluntária e/ou responsável poderá responder o formulário no seu tempo livre e em até três (3) dias após recebê-lo. Você receberá uma via deste documento, assinada pelas pesquisadoras, no e-mail que informar, após terminar de responder. No início da pesquisa você responderá um questionário para que as pesquisadoras conheçam um pouco de você, de sua trajetória escolar e da sua experiência com o projeto Meninas Cientistas. Você levará de 10(dez) a 15(quinze) minutos para respondê-lo. Caso tenha interesse e seja selecionada, poderá participar de uma entrevista e/ou grupo focal, que serão realizados pela pesquisadora responsável. A entrevista poderá ser no IFG-Campus Uruaçu, por ligação telefônica ou pelo Google Meet. O grupo focal é uma roda de conversa e poderá acontecer no IFG- Campus Uruaçu ou pelo Google Meet. Caso você seja selecionada e se disponha a participar da entrevista, poderá haver a gravação da fala para que seja feita a transcrição. Mas isso só poderá acontecer mediante a sua autorização e do responsável, após leitura e assinatura em um termo específico para autorização de gravação de voz, que será enviado, com antecedência, por e-mail, com o link de acesso (Google Forms). Não terá nenhum problema ou prejuízo caso não autorize a gravação. A sua participação na pesquisa é muito importante, pois fazendo parte do projeto Meninas Cientistas, você poderá falar sobre sua experiência e nos ajudar a entender como esse projeto tem contribuído com as participantes.

Sigilo: Sua identidade será resguardada com sigilo, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, identificar-lhe, será mantido em segredo e todas as informações coletadas serão exclusivas para fins da pesquisa. Qualquer material que conste seu nome ou indique a sua participação, não será divulgado com a sua identificação. No lugar do nome, usaremos, por exemplo, Menina A, Menina B.

Riscos e benefícios: A pesquisa pode te oferecer riscos mínimos, que são: cansaço, dúvidas para responder às perguntas e/ou constrangimento, desconforto, ansiedade, vergonha referente a algum tema das perguntas da entrevista e/ou grupo focal. Para minimizar esses riscos, oferecemos um prazo maior para você responder o questionário e enviar, que poderá ser de 5(cinco) dias após recebê-lo. Além disso, as perguntas são livres, não havendo a obrigação de serem respondidas, caso tenha algum desconforto. A participação na entrevista será de livre vontade e você não precisará responder às perguntas que lhe causarem desconforto, dúvidas ou qualquer outro sentimento de insegurança. O grupo focal, que é uma roda de conversa, será coordenado pela pesquisadora responsável, conhecedora da técnica, pronta para fazer todas as intervenções diante das possíveis situações de constrangimento, conflito ou outras situações que causem incômodo às participantes. Ainda assim, caso você sinta qualquer desconforto, contará com o apoio da equipe multiprofissional do IFG – Campus Uruaçu, formada por pedagogas e psicólogas, que poderão te atender e fazer os encaminhamentos. Você não terá nenhum gasto financeiro para receber o atendimento. Assim, você participante, receberá a assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário, em caso de danos decorrentes da pesquisa. Para evitar a violação (vazamento) das informações coletadas em ambientes virtuais, como o questionário, os dados serão armazenados em dispositivo (computador) de propriedade da pesquisadora responsável e apagado de qualquer outro espaço. Para as entrevistas

26/01/23, 00:42

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

será feito o agendamento prévio, com dia, horário e local adequado, quer seja presencial ou à distância, primando pela privacidade e sigilo das participantes entrevistadas. Caso a entrevista seja gravada, você poderá solicitar a posse da gravação e transcrição da entrevista a qualquer momento, bastando enviar um e-mail ou mensagem pelo whatsapp para a pesquisadora responsável. Todo material produzido na pesquisa será guardado por 5 (cinco) anos em lugar seguro, sob a responsabilidade da pesquisadora responsável. Após esse período, os documentos digitais serão apagados e os impressos triturados e enviados para a reciclagem. Esta pesquisa traz como benefício a aquisição de conhecimentos sobre como as escolas e faculdades públicas, especialmente o IFG, podem se aproximar da comunidade e propor projetos que façam a diferença na vida pessoal e profissional das pessoas. Poderá trazer várias informações importantes sobre educação na vida das mulheres, na luta por mais espaço e respeito. Além disso, a pesquisa de um projeto como o Meninas Cientistas servirá como incentivo na criação de outros projetos, que trabalhem diretamente com a comunidade, oferecendo oportunidades de conhecimento para outros jovens.

Direitos da participante e responsabilidades da pesquisadora: Durante todo estudo será assegurado a você e a seus responsáveis legais, o esclarecimento sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejarem, através dos meios citados acima (ligação telefônica, inclusive a cobrar, e-mail ou whatsapp). Ainda assim, você é livre para recusar-se a participar, retirar seu assentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento, sendo que a sua participação é voluntária e a recusa em participar não lhe causará qualquer penalidade ou prejuízo. A sua participação nesta pesquisa está plenamente isenta de cobranças de taxas e quaisquer outros custos financeiros. Você não terá nenhuma despesa nem receberá nenhuma vantagem financeira para participar da pesquisa. Caso ocorra algum gasto financeiro por sua parte e/ou do responsável, em decorrência de sua participação na pesquisa, em qualquer fase, este será totalmente custeado ou ressarcido pela pesquisadora responsável. O custeio ou ressarcimento de qualquer despesa, a exemplo de transporte, alimentação, atendimento médico ou psicológico, em razão da sua participação nesta pesquisa, está assegurado, conforme Resolução CNS n. 466 de 12 de dezembro de 2012. Você receberá a assistência integral e imediata, incluindo assistência médica e psicológica, dentre outras, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário, em caso de danos decorrentes da pesquisa. Além disso, fica garantido a você participante, representado pelo responsável legal, o direito de pedir indenização por qualquer dano ou prejuízo decorrente da pesquisa. A pesquisa será suspensa se houver algum risco ou danos a você ou outra participante, que não estiver previsto neste termo, sejam eles de ordem física, psíquica, moral, intelectual, social, ideológica ou cultural. A coleta de dados só será iniciada após a aprovação do projeto de pesquisa pelos CEPs do IF Goiano e IFG e o cronograma será devidamente cumprido. A pesquisa será encerrada após cumprir todas as etapas previstas no cronograma.

Divulgação e acesso aos resultados: Se durante a realização da pesquisa você quiser saber dos resultados parciais, é só entrar em contato com a pesquisadora responsável. Após a conclusão da pesquisa, os resultados serão divulgados aos alunos e servidores do IFG, participantes do projeto Meninas Cientistas e comunidade em geral, por meio de artigo científico, divulgação em eventos acadêmicos do IFG e outras instituições, página oficial do projeto Meninas Cientistas e por e-mail, além do depósito no repositório do Portal do Capes e do IF Goiano, com os devidos créditos às autoras. Esses repositórios são como se fossem bibliotecas virtuais, com acesso livre. Assim você poderá ler e conhecer os resultados da pesquisa a qualquer momento após a publicação.

26/01/23, 00:42

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

***Obrigatório**

1. Veja as informações sobre o projeto no link que segue: *

<https://www.loom.com/share/02bf562018e448618072abd92b522608>

Marcar apenas uma oval.

- Assisti às instruções do vídeo
- Não assisti às instruções do vídeo

2. Moro na cidade de: *

Marcar apenas uma oval.

- Cavalcante - Goiás
- Uruaçu - Goiás

3. **Nome do (a) responsável legal ***

4. Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo com o nome “Extensão na Educação Profissional e Tecnológica. Estudo de caso do projeto Meninas Cientistas: a construção feminina do saber”. Informo que tenho idade inferior a 18 anos, e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui, ainda, devidamente informada pela pesquisadora responsável, Vânia Claudia Guimarães, sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso a qualquer momento deixar de participar da pesquisa, sem que isto leve a qualquer penalidade ou prejuízo. Declaro, portanto, que concordo em participar no projeto de pesquisa acima descrito. *

Marcar apenas uma oval.

- Concordo** em participar da pesquisa
- Não concordo** em participar da pesquisa

26/01/23, 00:42

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

5. *Nome completo* *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (pais/responsáveis legais)

26/01/23, 00:49

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (pais/responsáveis legais)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (pais/ responsáveis legais)

Prezada mãe, prezado pai ou responsável,

A sua filha ou pessoa por quem você é responsável está sendo convidada para participar, como voluntária, da pesquisa com o nome “Extensão na Educação Profissional e Tecnológica. Estudo de caso do projeto Meninas Cientistas: a construção feminina do saber”. Para ela participar da pesquisa, precisará aceitar o convite, mediante assinatura de um termo e da sua autorização (consentimento). Meu nome é Vânia Claudia Guimarães, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é a Educação. Sou aluna do Mestrado Profissional em Educação no Instituto Federal Goiano – Campus Ceres e essa proposta de pesquisa faz parte do mestrado. O local de realização da pesquisa será no Instituto Federal de Goiás – Campus Uruaçu. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você consentir a participação de sua filha ou pessoa sob sua responsabilidade neste estudo, peço que preencha o formulário com o seu nome, nome da participante, e-mail e marque na opção pai, mãe ou responsável legal, e indique na frente o grau de parentesco com a participante, caso não seja a mãe ou pai. Em seguida clique no link “enviar resposta”. O ato de preencher e enviar a resposta significa que você autorizou a participação de sua filha ou pessoa sob a sua responsabilidade. Logo após enviaremos para o e-mail informado, uma via deste mesmo termo, assinado pelas pesquisadoras. É importante que você guarde o documento, salvando o arquivo ou não apagando o e-mail recebido. Caso o perca, poderá, a qualquer momento, solicitar outra via à pesquisadora responsável. Declaro que este termo está de acordo com o previsto na alínea “a”, do item IV.5 da RES/MS 466/2012, especificamente o cumprimento das exigências contidas nos itens IV.3. Esclareço que caso você se recuse a autorizar, não haverá penalização nem para você nem para sua filha ou pessoa sob sua responsabilidade. Além disso, você poderá a qualquer momento da pesquisa retirar a sua autorização (consentimento). Caso você autorize, poderá a qualquer tempo tirar as dúvidas sobre a pesquisa entrando em contato comigo pelo e-mail vania.guimaraes@ifg.edu.br, por ligação telefônica, inclusive a cobrar, para o número (62) [REDACTED]. Se preferir, poderá enviar mensagem, via whatsapp, para esse mesmo número. Se continuar com dúvidas sobre os direitos de sua filha ou pessoa sob sua responsabilidade na participação desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal Goiano, pelo número (62) 3605 3600, ou pelo e-mail: cep@ifgoiano.edu.br e também com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Goiás, pelo número (62) 36122239, ou pelo e-mail: cep@ifg.edu.br. Esses comitês contribuem com a qualidade das pesquisas e cuidam para que a pesquisa respeite todos os participantes, não lhes traga riscos que vão contra sua saúde e dignidade e que seja garantido a assistência completa, caso ocorra prejuízos de qualquer natureza aos participantes da pesquisa.

1 Informações Importantes sobre a Pesquisa:

Para que servirá essa pesquisa? (Objetivos e justificativa): A pesquisa tem como

26/01/23, 00:49

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (pais/responsáveis legais)

objetivo analisar os resultados do projeto Meninas Cientistas. Pretende-se verificar se esse projeto é importante e se tem influenciado positivamente na vida das meninas que participam dele, como melhores resultados na aprendizagem, interesse nas ciências, desejo de se profissionalizar e seguir os estudos. Essa pesquisa é importante, pois, a análise e divulgação dos resultados do Projeto Meninas Cientistas, poderá incentivar a criação de outros projetos, dando novas oportunidades à sua filha ou pessoa sob sua responsabilidade e às outras pessoas. Vamos verificar se tais projetos podem levar a comunidade externa para dentro do IFG e oferecer oportunidades de acesso ao ensino, à inclusão e ao empoderamento de outros participantes.

Como será a participação de sua filha ou pessoa sob sua responsabilidade:

Inicialmente, a pesquisadora responsável fará a divulgação do projeto de pesquisa para as participantes das oficinas Mulheres na Literatura e Empoderamento e Protagonismo Juvenil, do projeto Meninas Cientistas, com entrada nas aulas dessas oficinas. Após conseguir os contatos telefônicos, whatsapp e/ou e-mail, das participantes e responsáveis legais, fará contato individual e agendará uma reunião virtual coletiva. Nessa reunião será apresentada a proposta de pesquisa, bem como suas garantias éticas. Após a reunião será enviado, por e-mail e/ou whatsapp, às participantes e responsáveis, os links de acesso aos formulários de autorização (consentimento) e aceitação (assentimento) para participar da pesquisa. Cada voluntária e/ou responsável poderá responder o formulário no seu tempo livre e em até três (3) dias após recebê-lo. Este termo que você está lendo aqui acompanhará o formulário. Você receberá uma via deste documento no e-mail que informar, logo após terminar de responder. No início da pesquisa sua filha ou pessoa sob sua responsabilidade responderá um questionário online (Google forms) para que as pesquisadoras possam conhecê-la um pouco, saber de sua trajetória escolar e da experiência com o projeto Meninas Cientistas. Ela levará de 10(dez) a 15(quinze) minutos para respondê-lo. Caso tenha interesse e seja selecionada, poderá participar de uma entrevista e/ou grupo focal, que serão realizados pela pesquisadora responsável. A entrevista poderá ser no IFG-Campus Uruaçu, por ligação telefônica ou pelo Google Meet. O grupo focal é uma roda de conversa e poderá acontecer no IFG- Campus Uruaçu ou pelo Google Meet. Caso ela seja selecionada e se disponha a participar da entrevista, poderá haver a gravação da fala para que seja feita a transcrição. Mas isso só poderá acontecer mediante a sua autorização e da participante, após leitura e assinatura em um termo específico para autorização de gravação de voz, que será enviado, com antecedência, por e-mail, com o link de acesso (Google Forms). Vocês poderão ter acesso à gravação e transcrição da fala da entrevista a qualquer momento, bastando solicitar, via e-mail ou mensagem pelo whatsapp, para a pesquisadora responsável. Não terá nenhum problema ou prejuízo caso não autorize a gravação. A participação de sua filha ou pessoa sob sua responsabilidade na pesquisa é muito importante, pois fazendo parte do projeto Meninas Cientistas, ela poderá falar sobre suas experiências e nos ajudar a entender como esse projeto tem contribuído com as participantes.

Sigilo: A identidade de sua filha ou pessoa sob sua responsabilidade será resguardada com sigilo, durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados. A privacidade será respeitada, ou seja, o nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa identificá-la, será mantido em segredo e todas as informações coletadas serão exclusivas para fins da pesquisa. Qualquer material que conste o nome ou indique a participação dela, não será divulgado com identificação. No lugar do nome, usaremos, por exemplo, Menina A, Menina B.

Riscos e benefícios: Os riscos mínimos que a pesquisa pode oferecer são: cansaço,

26/01/23, 00:49

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (pais/responsáveis legais)

dúvidas para responder às perguntas e/ou constrangimento, desconforto, ansiedade, vergonha referente a algum tema das perguntas da entrevista e/ou grupo focal. Para minimizar esses riscos, oferecemos um prazo maior para que sua filha ou pessoa sob sua responsabilidade possa responder ao questionário e enviar, que poderá ser de 5(cinco) dias após recebê-lo. Além disso, as perguntas são livres, não havendo a obrigação de serem respondidas, caso tenha algum desconforto. A participação na entrevista será de livre vontade e sua filha ou pessoa sob sua responsabilidade não precisará responder às perguntas que causarem a ela desconforto, dúvidas ou qualquer outro sentimento de insegurança. O grupo focal, que é uma roda de conversa, será coordenado pela pesquisadora responsável, conhecedora da técnica, pronta para fazer todas as intervenções diante das possíveis situações de constrangimento, conflito ou outras situações que causem incômodo às participantes. Ainda assim, caso ela sinta qualquer desconforto, contará com o apoio da equipe multiprofissional do IFG – Campus Uruaçu, formada por pedagogas e psicólogas, que poderão atendê-la e fazer os encaminhamentos necessários para resguardar a sua saúde e seu bem estar. Você, pai, mãe ou responsável, não terá nenhum gasto financeiro com tais atendimentos. Sua filha ou pessoa sob sua responsabilidade, receberá a assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário, em caso de danos decorrentes da pesquisa. Para evitar a violação (vazamento) das informações coletados em ambientes virtuais, como o questionário, os dados serão armazenados em dispositivo (computador) de propriedade da pesquisadora responsável e apagado de qualquer outro espaço. Para as entrevistas será feito o agendamento prévio, com dia, horário e local adequado, quer seja presencial ou à distância, primando pela privacidade e sigilo das participantes entrevistadas. Caso a entrevista seja gravada, mediante a sua autorização e de sua filha ou pessoa sob sua responsabilidade, ela será transcrita e vocês poderão ter acesso à gravação e transcrição da fala a qualquer momento, bastando solicitar via e-mail ou mensagem pelo whatsapp à pesquisadora responsável. Sua filha ou pessoa sob sua responsabilidade terá a plena liberdade em recusar-se a responder questões que lhe causem desconforto emocional e/ou constrangimento no questionário, na entrevista e/ou grupo focal. Além disso, poderá a qualquer momento retirar a sua aceitação em participar na pesquisa, sem nenhuma penalidade e a garantia expressa de liberdade de recusa. O material produzido na pesquisa será guardado por 5 (cinco) anos, em lugar seguro, sob a responsabilidade da pesquisadora responsável. Após esse período, os documentos digitais serão descartados, com o apagamento definitivo de todos os meios digitais e o material físico (impresso) será fragmentado e enviado para a reciclagem. Esta pesquisa traz como benefício a aquisição de conhecimentos sobre como as escolas e faculdades públicas, especialmente o IFG, podem se aproximar da comunidade e propor projetos que façam a diferença na vida pessoal e profissional das pessoas. Poderá trazer várias informações importantes sobre educação na vida das mulheres, na luta por mais espaço e respeito. Além disso, a pesquisa de um projeto como o Meninas Cientistas servirá como incentivo na criação de outros projetos, que trabalhem diretamente com a comunidade, oferecendo oportunidades de conhecimento para outros jovens.

Direitos da participante e responsabilidades da pesquisadora: Durante todo estudo será assegurado a você, responsável legal, e às participantes, o esclarecimento sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejarem, através dos meios citados acima (ligação telefônica, e-mail ou whatsapp). Ainda assim, você é livre para retirar o consentimento de autorização na participação de sua filha ou pessoa sob sua responsabilidade e ela poderá recusar-se a participar, retirar o assentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sendo que toda participação é voluntária e a recusa em participar não causará qualquer penalidade ou prejuízo para as participantes e responsáveis. Você

26/01/23, 00:49

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (pais/responsáveis legais)

não terá nenhuma despesa nem receberá nenhuma vantagem financeira para participar da pesquisa. A participação de sua filha ou pessoa sob sua responsabilidade nesta pesquisa está plenamente isenta de cobranças de taxas e quaisquer outros custos financeiros. Vocês não terão nenhuma despesa. Caso ocorra algum gasto financeiro por sua parte, de sua filha ou pessoa sob sua responsabilidade, em decorrência da participação na pesquisa, em qualquer fase, este será totalmente custeado ou ressarcido pela pesquisadora responsável. O custeio ou ressarcimento de qualquer despesa, a exemplo de transporte, alimentação, atendimento médico ou psicológico, em razão da participação nesta pesquisa, está assegurado, conforme Resolução CNS n. 466 de 12 de dezembro de 2012. Sua filha ou pessoa sob sua responsabilidade receberá a assistência integral e imediata, incluindo assistência médica e psicológica, dentre outras, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário, em caso de danos decorrentes da pesquisa. Além disso, fica garantido a você responsável, representando sua filha ou pessoa sob sua responsabilidade, o direito de pedir indenização por qualquer dano ou prejuízo decorrente da pesquisa. A pesquisa será suspensa se houver algum risco ou dano à sua filha ou pessoa sob sua responsabilidade, que não estiver previsto neste termo, sejam eles de ordem física, psíquica, moral, intelectual, social, ideológica ou cultural. A coleta de dados só será iniciada após a aprovação do projeto de pesquisa pelos CEPs do IF Goiano e IFG e o cronograma será devidamente cumprido. A pesquisa será encerrada após cumprir todas as etapas previstas no cronograma.

Divulgação e acesso aos resultados: Se durante a realização da pesquisa, você, sua filha ou pessoa sob a sua responsabilidade, quiserem saber dos resultados parciais, é só entrar em contato com a pesquisadora responsável. Após a conclusão da pesquisa, os resultados serão divulgados aos alunos e servidores do IFG, participantes do projeto Meninas Cientistas e comunidade em geral, por meio de artigo científico, divulgação em eventos acadêmicos do IFG e outras instituições, página oficial do projeto Meninas Cientistas e por e-mail, além do depósito no repositório do Portal do Capes e do IF Goiano, com os devidos créditos às autoras. Esses repositórios são como se fossem bibliotecas virtuais, com acesso livre. Assim você poderá ler e conhecer os resultados da pesquisa a qualquer momento após a publicação.

***Obrigatório**

1. Conheça um pouquinho do projeto e receba as instruções assistindo ao vídeo *
no link (são apenas 5 minutinhos):
<https://www.loom.com/share/67b5263d6289430bbc9fab4b018da9ee>

Marcar apenas uma oval.

- Assisti às instruções
- Não assisti às instruções

26/01/23, 00:49

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (pais/responsáveis legais)

2. **1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:** *

Eu _____

_____, abaixo assinado, autorizo a minha filha ou pessoa sob minha responsabilidade em participar do projeto de pesquisa com o nome “Extensão na Educação Profissional e Tecnológica. Estudo de caso do projeto Meninas Cientistas: a construção feminina do saber”. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que a participação dela nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui, ainda, devidamente informada e esclarecida pela pesquisadora responsável, Vânia Claudia Guimarães, sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação da minha filha ou pessoa sob minha responsabilidade na pesquisa. Foi-me garantido que posso a qualquer momento retirar o meu consentimento, sem que isto leve a qualquer penalidade ou prejuízo. Declaro, portanto, que concordo com a participação da minha filha ou pessoa sob minha responsabilidade no projeto de pesquisa acima descrito.

Marcar apenas uma oval.

- Autorizo a participação
- Não autorizo a participação

3. **Meu nome completo (responsável) ***

4. **Nome da menina pela qual sou responsável ***

5. **Grau de parentesco ***

Marcar apenas uma oval.

- Sou mãe ou pai
- Sou avó ou avô
- Sou tia ou tio
- Sou prima ou primo
- Outro: _____

APÊNDICE E – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (discentes internas e externas acima de 18 anos)

26/01/23, 00:47

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (discentes internas e externas acima de 18 anos)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (discentes internas e externas acima de 18 anos)

Você, participante do projeto Meninas Cientistas, está sendo convidada a participar, como voluntária, da pesquisa com o título: Extensão na Educação Profissional e Tecnológica. Estudo de caso do projeto Meninas Cientistas: a construção feminina do saber. Meu nome é Vânia Claudia Guimarães, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é a Educação. Sou aluna do Mestrado Profissional em Educação no Instituto Federal Goiano – Campus Ceres e essa proposta de pesquisa faz parte do mestrado. O local de realização da pesquisa será no Instituto Federal de Goiás – Campus Uruaçu. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, preencha com o seu nome e e-mail e clique no link "enviar resposta". O ato de preencher e enviar a resposta significa que você aceitou participar, como voluntária, da pesquisa. Em seguida, enviaremos para o seu e-mail, uma via deste mesmo termo, assinado pelas pesquisadoras. É importante que você guarde o documento, salvando o arquivo ou não apagando o e-mail recebido. Caso o perca, poderá, a qualquer momento, solicitar outra via à pesquisadora responsável. Declaro que este termo está de acordo com o previsto na alínea "a", do item IV.5 da RES/MS 466/2012, especificamente o cumprimento das exigências contidas nos itens IV.3. Esclareço que em caso de não aceitar participar, você não será prejudicada de forma alguma. Mas se aceitar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas por mim, pelo e-mail vania.guimaraes@ifg.edu.br, por ligação telefônica, inclusive a cobrar, para o número (62) 3605 3600. Se preferir, poderá enviar mensagem, via whatsapp, para esse mesmo número. Se continuar com dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal Goiano, pelo número (62) 3605 3600, ou pelo e-mail: cep@ifgoiano.edu.br e também com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Goiás, pelo número (62) 36122239, ou pelo e-mail: cep@ifg.edu.br. Esses comitês contribuem com a qualidade das pesquisas e cuidam para que a pesquisa respeite todos os participantes, não lhes traga riscos que vão contra sua saúde e dignidade e que seja garantido a assistência completa, caso ocorra prejuízos de qualquer natureza aos participantes da pesquisa.

1- Informações Importantes sobre a Pesquisa

Objetivos e justificativa: A pesquisa tem como objetivo analisar os resultados do projeto Meninas Cientistas. Pretende-se verificar se esse projeto é importante e se tem influenciado positivamente na vida das meninas que participam dele, como melhores resultados na aprendizagem, interesse nas ciências, desejo de se profissionalizar e seguir os estudos. Essa pesquisa é importante, pois, a análise e divulgação dos resultados do Projeto Meninas Cientistas, poderá incentivar a criação de outros projetos, dando novas oportunidades a você e a outras pessoas. Vamos verificar de tais projetos podem levar a comunidade externa para dentro do IFG e oferecer oportunidades de acesso ao ensino, à inclusão e ao empoderamento de outros participantes.

Como você participará: Inicialmente, a pesquisadora responsável fará a divulgação do

26/01/23, 00:47

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (discentes internas e externas acima de 18 anos)

projeto de pesquisa para as participantes das oficinas Mulheres na Literatura e Empoderamento e Protagonismo Juvenil, do projeto Meninas Cientistas, incluindo as monitoras e professoras. Entrará nas turmas durante as aulas e após conseguir os contatos telefônicos, whatsapp e/ou e-mail, das participantes e responsáveis, para as menores de 18 anos, fará o contato individual e agendará uma reunião virtual coletiva. Nessa reunião apresentará a proposta de pesquisa, bem como suas garantias éticas. Após a reunião será enviado, por e-mail e/ou whatsapp, às participantes e responsáveis, os links de acesso aos formulários de autorização (consentimento) e aceitação (assentimento) para participar da pesquisa. Cada voluntária e/ou responsável poderá responder o formulário no seu tempo livre e em até três (3) dias após recebê-lo. Este termo que você está lendo aqui acompanhará o formulário. No início da pesquisa você responderá um questionário para que as pesquisadoras conheçam um pouco de você, de sua trajetória escolar e da sua experiência com o projeto Meninas Cientistas. Você levará de 10(dez) a 15(quinze) minutos para respondê-lo. Caso tenha interesse e seja selecionada, poderá participar de uma entrevista e/ou grupo focal, que serão realizados pela pesquisadora responsável. A entrevista poderá ser no IFG-Campus Uruaçu, por ligação telefônica ou pelo Google Meet. O grupo focal é uma roda de conversa e poderá acontecer no IFG- Campus Uruaçu ou pelo Google Meet. Caso você seja selecionada e se disponha a participar da entrevista, poderá haver a gravação da fala para que seja feita a transcrição. Mas isso só poderá acontecer mediante a sua autorização, após leitura e assinatura em um termo específico para autorização de gravação de voz, que será enviado, com antecedência, por e-mail, com o link de acesso (Google Forms). Você poderá ter acesso à gravação e transcrição da fala de sua entrevista a qualquer momento, bastando solicitar, via e-mail ou mensagem pelo whatsapp, para a pesquisadora responsável. Não terá nenhum problema ou prejuízo caso não autorize a gravação. A sua participação na pesquisa é muito importante, pois fazendo parte do projeto Meninas Cientistas, você poderá falar sobre sua experiência e nos ajudar a entender como esse projeto tem contribuído com as participantes. A sua participação na pesquisa é muito importante, pois fazendo parte do projeto Meninas Cientistas, você poderá falar sobre sua experiência e nos ajudar a entender como esse projeto tem contribuído com as participantes.

Sigilo: Sua identidade será resguardada com sigilo, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, identificar-lhe, será mantido em segredo e todas as informações coletadas serão exclusivas para fins da pesquisa. Qualquer material que conste seu nome ou indique a sua participação, não será divulgado com a sua identificação. No lugar do nome, usaremos, por exemplo, Menina A, Menina B.

Riscos e benefícios: A pesquisa pode te oferecer riscos mínimos, que são: cansaço, dúvidas para responder às perguntas e/ou constrangimento, desconforto, ansiedade, vergonha referente a algum tema das perguntas da entrevista e/ou grupo focal. Para minimizar esses riscos, oferecemos um prazo maior para você responder o questionário e enviar, que poderá ser de 5(cinco) dias após recebê-lo. Além disso, as perguntas são livres, não havendo a obrigação de serem respondidas, caso tenha algum desconforto. A participação na entrevista será de livre vontade e você não precisará responder às perguntas que lhe causarem desconforto, dúvidas ou qualquer outro sentimento de insegurança. O grupo focal, que é uma roda de conversa, será coordenado pela pesquisadora responsável, conhecedora da técnica, pronta para fazer todas as intervenções diante das possíveis situações de constrangimento, conflito ou outras situações que causem incômodo às participantes. Ainda assim, caso você sinta qualquer desconforto, contará com o apoio da equipe multiprofissional do IFG – Campus Uruaçu, formada por pedagogas e psicólogas, que poderão te atender e fazer os

26/01/23, 00:47

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (discentes internas e externas acima de 18 anos)

encaminhamentos. Você não terá nenhum gasto financeiro para receber o atendimento. Assim, você participante, receberá a assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário, em caso de danos decorrentes da pesquisa. Para evitar a violação (vazamento) das informações coletadas em ambientes virtuais, como o questionário e termos, os dados serão armazenados em dispositivo (computador) de propriedade da pesquisadora responsável e apagado de qualquer outro espaço. Para as entrevistas será feito o agendamento prévio, com dia, horário e local adequado, quer seja presencial ou à distância, primando pela privacidade e sigilo das participantes entrevistadas. Caso a entrevista seja gravada, você poderá solicitar a posse da gravação e transcrição da entrevista. Todo material produzido na pesquisa será guardado por 5 (cinco) anos em lugar seguro, sob a responsabilidade da pesquisadora responsável. Após esse período, os documentos digitais serão apagados e os impressos triturados e enviados para a reciclagem. Esta pesquisa traz como benefício a aquisição de conhecimentos sobre como as escolas e faculdades públicas, especialmente o IFG, podem se aproximar da comunidade e propor projetos que façam a diferença na vida pessoal e profissional das pessoas. Poderá trazer várias informações importantes sobre educação na vida das mulheres, na luta por mais espaço e respeito. Além disso, a pesquisa de um projeto como o Meninas Cientistas servirá como incentivo para a criação de outros projetos, que trabalhem diretamente com a comunidade, oferecendo oportunidades de conhecimento para outros jovens.

Direitos da participante e responsabilidades da pesquisadora: Durante todo estudo será assegurado a você, o esclarecimento sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar, através dos meios citados acima (ligação telefônica, e-mail ou whatsapp). Ainda assim, você é livre para recusar-se a participar, retirar seu assentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento, sendo que a sua participação é voluntária e a recusa em participar não lhe causará qualquer penalidade ou prejuízo. A sua participação nesta pesquisa está plenamente isenta de cobranças de taxas e quaisquer outros custos financeiros. Você não terá nenhuma despesa nem receberá nenhuma vantagem financeira para participar da pesquisa. Caso ocorra algum gasto financeiro por sua parte e/ou responsável, em decorrência de sua participação na pesquisa, inclusive o valor gasto com transporte para ir participar da entrevista e/ou grupo focal, este será totalmente custeado ou ressarcido pela pesquisadora responsável. O custeio ou ressarcimento de qualquer despesa, a exemplo de transporte, alimentação, atendimento médico ou psicológico, em razão da sua participação nesta pesquisa, está assegurado, conforme Resolução CNS n. 466 de 12 de dezembro de 2012. Você receberá a assistência integral e imediata, incluindo assistência médica e psicológica, dentre outras, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário, em caso de danos decorrentes da pesquisa. Além disso, fica garantido a você participante, o direito de requerer indenização por qualquer dano ou prejuízo decorrente da pesquisa. A pesquisa será suspensa se houver algum risco ou danos a você ou outra participante, que não estiver previsto neste termo, sejam eles de ordem física, psíquica, moral, intelectual, social, ideológica ou cultural. A coleta de dados só será iniciada após a aprovação do projeto de pesquisa pelos CEPs do IF Goiano e IFG e o cronograma será devidamente cumprido. A pesquisa será encerrada após cumprir todas as etapas previstas no cronograma.

Divulgação e acesso aos resultados: Se durante a realização da pesquisa você quiser saber dos resultados parciais, é só entrar em contato com a pesquisadora responsável. Após a conclusão da pesquisa, os resultados serão divulgados aos alunos e servidores do IFG, participantes do projeto Meninas Cientistas e comunidade em geral, por meio de artigo científico, divulgação em eventos acadêmicos do IFG e outras instituições, página oficial do projeto Meninas Cientistas e por e-mail, além do depósito no repositório do

26/01/23, 00:47

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (discentes internas e externas acima de 18 anos)

Portal do Capes e do IF Goiano, com os devidos créditos às autoras. Esses repositórios são como se fossem bibliotecas virtuais, com acesso livre. Assim você poderá ler e conhecer os resultados da pesquisa a qualquer momento após a publicação.

***Obrigatório**

1. Veja as informações sobre o projeto no link que segue. São apenas 5 minutinhos: *

<https://www.loom.com/share/02bf562018e448618072abd92b522608>

Marcar apenas uma oval.

- Assisti às instruções do vídeo
 Não assisti às instruções do vídeo

2. Moro na cidade de: *

Marcar apenas uma oval.

- Cavalcante - Goiás
 Uruaçu - Goiás

3. Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo com o nome “Extensão na Educação Profissional e Tecnológica. Estudo de caso do projeto Meninas Cientistas: a construção feminina do saber”. Informo que tenho idade igual ou superior a 18 anos, e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui, ainda, devidamente informada pela pesquisadora responsável, Vânia Claudia Guimarães, sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso a qualquer momento deixar de participar da pesquisa, sem que isto leve a qualquer penalidade ou prejuízo. Declaro, portanto, que concordo em participar no projeto de pesquisa acima descrito. *

Marcar apenas uma oval.

- Concordo** em participar da pesquisa
 Não concordo em participar da pesquisa

26/01/23, 00:47

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (discentes internas e externas acima de 18 anos)

4. *Nome completo* *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (docentes)

26/01/23, 00:48

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (docentes)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (docentes)

Você, docente que atua no projeto Meninas Cientistas, está sendo convidada a participar, como voluntária, da pesquisa com o título: Extensão na Educação Profissional e Tecnológica: Possibilidades de Inclusão. Estudo de caso do projeto Meninas Cientistas: a construção feminina do saber. Meu nome é Vânia Claudia Guimarães, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é a Educação. Sou aluna do Mestrado Profissional em Educação no Instituto Federal Goiano – Campus Ceres e essa proposta de pesquisa faz parte do mestrado. O local de realização da pesquisa será no Instituto Federal de Goiás – Campus Uruaçu. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, preencha com o seu nome e e-mail e clique no link “enviar resposta”. O ato de preencher e enviar a resposta significa que você aceitou participar da pesquisa. Em seguida, enviaremos para o seu e-mail, uma via deste mesmo termo, assinado pelas pesquisadoras. É importante que você guarde o documento, salvando o arquivo ou não apagando o e-mail recebido. Caso o perca, poderá, a qualquer momento, solicitar outra via à pesquisadora responsável. Declaro que este termo está de acordo com o previsto na alínea “a”, do item IV.5 da RES/MS 466/2012, especificamente o cumprimento das exigências contidas nos itens IV.3. Esclareço que em caso de não aceitar participar, você não será prejudicada de forma alguma. Mas se aceitar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas por mim, pelo e-mail vania.guimaraes@ifg.edu.br, por ligação telefônica, inclusive a cobrar, para o número (62) [REDACTED]. Se preferir, poderá enviar mensagem, via whatsapp, para esse mesmo número. Se continuar com dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal Goiano, pelo número (62) 3605 3600, ou pelo e-mail: cep@ifgoiano.edu.br e também com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Goiás, pelo número (62) 36122239, ou pelo e-mail: cep@ifg.edu.br.

1- Informações Importantes sobre a Pesquisa

Objetivos e justificativa: Analisar o acesso e a participação de meninas em situação de vulnerabilidade social ao projeto Meninas Cientistas e suas ações de incentivo ao empoderamento feminino e à conscientização do lugar da mulher nas ciências. Acreditamos que a nossa pesquisa, desenvolvida por meio da observação e da escuta, alicerçada na realidade dos sujeitos, possa nos mostrar caminhos que mobilizem e encorajem ao enfrentamento de tantas formas de subjugação feminina. Além disso, reconhecemos que a pesquisa dos resultados de um projeto de extensão exitoso seja capaz de fomentar demais práticas de pesquisa e extensão, que promovam a inclusão e a emancipação de tantos outros sujeitos “invisíveis”, além de promover a participação e aproximação do IFG com a comunidade regional.

Como você participará: Inicialmente, a pesquisadora responsável fará a divulgação do projeto de pesquisa para as participantes das oficinas Mulheres na Literatura e Empoderamento e Protagonismo Juvenil, do projeto Meninas Cientistas, incluindo as monitoras e professoras. Após conseguir o contato das participantes e responsáveis, entrará em contato individual e agendará uma reunião virtual coletiva. Nessa reunião

26/01/23, 00:48

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (docentes)

será apresentada a proposta de pesquisa, bem como suas garantias éticas. Após a reunião será enviado, por e-mail e/ou whatsapp, às participantes e responsáveis os links de acesso aos formulários de consentimento e assentimento para participar da pesquisa. Cada voluntária poderá responder o formulário no seu tempo livre e em até três (3) dias após recebê-lo. Caso aceite o convite e assine o termo, você receberá uma via deste documento no e-mail que informar. A sua participação na pesquisa será por meio de entrevista e disponibilização dos documentos (projetos, planejamento das oficinas, relatórios e outros) que possam contribuir com o alcance dos objetivos da nossa pesquisa. Além disso, necessitaremos entrar nas aulas das oficinas na fase da observação, caso você autorize. A gravação da entrevista para fins de transcrição da fala, só poderá acontecer mediante a sua autorização, após leitura e assinatura em termo específico para autorização de gravação de voz, que será enviado, com antecedência, para o seu e-mail, em formato digital (Google Forms). Você poderá ter acesso à gravação e transcrição da fala de sua entrevista a qualquer momento, bastando solicitar, via e-mail ou mensagem pelo whatsapp, para a pesquisadora responsável. Não terá nenhum problema ou prejuízo caso não autorize a gravação. A sua participação na pesquisa é muito importante, pois fazendo parte do projeto Meninas Cientistas, você poderá falar sobre sua experiência e nos ajudar a entender como esse projeto tem contribuído com as participantes.

Desconfortos, riscos e benefícios: Nossa pesquisa não apresentará riscos biológicos, físicos ou químicos às participantes. Todavia a pesquisa pode te oferecer riscos mínimos ao participar da entrevista, tais como: situações de constrangimento, desconforto, vergonha, ansiedade, dúvidas ou risco de identificação. Ademais, a utilização de ambientes virtuais para a coleta de dados traz risco quanto à confidencialidade dos dados, pois poderá ocorrer violações. Assim, para minimizar situações como as descritas acima, serão tomadas medidas como o agendamento prévio das entrevistas, com dia, horário e local adequado, quer seja presencial ou à distância, primando pela privacidade e sigilo das participantes entrevistadas. Além disso, as perguntas são livres, não havendo a obrigação de serem respondidas, caso tenha algum desconforto. Os dados coletados e registrados ficarão de posse da pesquisadora responsável, em dispositivo particular. Para intervenção em situações que causem qualquer tipo de desconforto nas participantes, o projeto contará com o apoio da equipe multiprofissional no IFG - Campus, formada por pedagogas e psicólogas, preparadas para atuarem em situações dessa natureza. Esta pesquisa traz como benefício a aquisição de conhecimentos sobre como a prática extensionista das instituições públicas de ensino, em especial do IFG, pode chegar à comunidade e provocar mudanças na vida pessoal e profissional das pessoas. Ainda é importante porque irá divulgar e fomentar práticas exitosas, que vão além do ensino e da pesquisa, que promovam o acesso da comunidade, especialmente daqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade social, através da formação integral e emancipatória.

Garantia de esclarecimento, liberdade de recusa e garantia de sigilo: Durante todo estudo será assegurado a você, participante, o esclarecimento sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar, através dos meios citados acima (e-mail, ligação telefônica, whatsapp). Ainda assim, você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sendo que a sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou prejuízo. Sua identidade será resguardada com sigilo e todas as informações coletadas serão exclusivas para fins da pesquisa. Qualquer material que conste seu nome ou indique a sua participação só poderá ser liberado com a sua permissão, dada a autorização no final deste termo e apreciação prévia dos documentos que serão

26/01/23, 00:48

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (docentes)

publicados, lembrando que a qualquer momento você poderá mudar de ideia e cancelar a sua autorização, bastando enviar um e-mail, com a solicitação, para a pesquisadora responsável.

Custos da participação, ressarcimento e indenização por eventuais danos: Você não terá nenhum gasto financeiro ao participar dessa pesquisa, nem receberá qualquer vantagem financeira. Caso ocorra algum gasto financeiro por sua parte, em decorrência de sua participação, este será totalmente custeado ou ressarcido pela pesquisadora responsável. O custeio ou ressarcimento de qualquer despesa, a exemplo de transporte, alimentação, atendimento médico ou psicológico, em razão da participação nesta pesquisa, está assegurado, conforme Resolução CNS n. 466 de 12 de dezembro de 2012. Você receberá a assistência integral e imediata, incluindo assistência médica e psicológica, dentre outras, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário, em caso de danos decorrentes da pesquisa. Além disso, fica garantido a você participante, o direito de requerer indenização por qualquer dano ou prejuízo decorrente da pesquisa. A pesquisa será suspensa se houver algum risco ou danos a você ou outra participante, que não estiver previsto neste termo, sejam eles de ordem física, psíquica, moral, intelectual, social, ideológica ou cultural. A coleta de dados só será iniciada após a aprovação do projeto de pesquisa pelos CEPs do IF Goiano e IFG e o cronograma será devidamente cumprido. A pesquisa será encerrada após cumprir todas as etapas previstas no cronograma e seu consentimento é importante nessa etapa do processo investigativo.

Divulgação dos resultados e descarte do material da pesquisa: Se durante a realização da pesquisa você quiser saber dos resultados parciais, é só entrar em contato com a pesquisadora responsável. Após a conclusão desta pesquisa, seus resultados serão divulgados aos alunos e servidores do IFG, participantes do projeto Meninas Cientistas e comunidade em geral, por meio de artigo científico, divulgação em eventos acadêmicos do IFG e outras instituições, página oficial do projeto Meninas Cientistas e por e-mail, além do depósito no repositório do Portal do Capes e do IF Goiano, com os devidos créditos às autoras. Quanto aos documentos gerados por esta pesquisa, estes serão armazenados sob a responsabilidade da pesquisadora responsável, que ao final de cinco anos de guarda, procederá com o descarte seguro.

***Obrigatório**

1. Resguardando o direito à privacidade e anonimato na participação da pesquisa, bem como a sua identificação durante a coleta de dados e publicação dos resultados, solicitamos autorização:

Marcar apenas uma oval.

Permito a minha identificação através de uso do meu nome nos resultados publicados da pesquisa.

Não permito a minha identificação através do uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa.

26/01/23, 00:48

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (docentes)

2. Eu *

abaixo assinado, marcando na opção "concordo em participar da pesquisa" e clicando no link "enviar resposta", estou concordando em participar do estudo de mestrado intitulado "Extensão na Educação Profissional e Tecnológica. Estudo de caso do projeto Meninas Cientistas: a construção feminina do saber". Informo que tenho idade igual ou superior a 18 anos, e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui, ainda, devidamente informada pela pesquisadora responsável, Vânia Cláudia Guimarães, sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso a qualquer momento deixar de participar da pesquisa, sem que isto leve a qualquer penalidade ou prejuízo. Declaro, portanto, que concordo em participar no projeto de pesquisa acima descrito.

Marcar apenas uma oval.

- Concordo** em participar da pesquisa
- Não concordo** em participar da pesquisa

3. **Nome completo** *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE G – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

26/01/23, 00:46

Termo de autorização para gravação de voz

Termo de autorização para gravação de VOZ

Eu _____ por meio deste termo, fui solicitada pela pesquisadora Vânia Claudia Guimarães, responsável pelo estudo de mestrado intitulado "Extensão na Educação Profissional e Tecnológica. Estudo de caso do projeto Meninas Cientistas: a construção feminina do saber", a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte. Essa AUTORIZAÇÃO só pode ser concedida mediante o compromisso das pesquisadoras em garantir-me os seguintes direitos:

1. Poderei ler a transcrição da minha gravação;
2. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza;
3. Minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas; (não se aplica às voluntárias que permitirem identificação - uso do nome - nos resultados publicados da pesquisa, por meio de autorização no TCLE - professoras e coordenadora)
4. Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização, em observância ao Art. 5º, XXVIII, alínea "a" da Constituição Federal de 1988.
5. Os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob responsabilidade da pesquisadora responsável da pesquisa, e após esse período serão destruídos.
6. Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

26/01/23, 00:46

Termo de autorização para gravação de voz

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/ Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

***Obrigatório**

1. Nome completo (**seu nome será mantido em sigilo**): *

2. Sobre a autorização acima

Marcar apenas uma oval.

- Concordo com a gravação
- Não concordo com a gravação

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE H – QUESTIONÁRIO PARA AS PARTICIPANTES EXTENSIONISTAS

Olá! Seja bem-vinda!	
<p>Você foi convidada a participar, como voluntária, da pesquisa “Extensão na Educação Profissional e Tecnológica. Estudo de caso do projeto Meninas Cientistas: a construção feminina do saber”. A sua participação consiste em responder questões das quais serão extraídas informações que serão utilizadas para dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal Goiano – Campus Ceres. A pesquisa será desenvolvida pela pesquisadora Vânia Claudia Guimarães e tem como objetivo analisar o acesso e a participação de meninas em situação de vulnerabilidade social ao projeto Meninas Cientistas e suas ações de incentivo ao empoderamento feminino, sob a orientação da professora Dr^a Mirelle Amaral de São Bernardo. Suas respostas serão utilizadas somente para fins da pesquisa e sua identidade será mantida em sigilo em todas as etapas do projeto, inclusive na publicação dos resultados. As perguntas abaixo são importantes para conhecermos um pouquinho de você e sua relação com o projeto Meninas Cientistas e com o IFG. Você não é obrigada a responder todas as perguntas, mas se responde-las irá contribuir bastante com a nossa pesquisa. Levará no máximo 15 minutinhos para concluir. Vamos lá?</p>	
Nome completo (seu nome será mantido em sigilo).	
1	Quantos anos você tem? () 12 () 13 () 14 () 15 () outro_____
2	Você possui alguma Necessidade Educacional Específica ou deficiência? () sim () não
3	Se você respondeu "sim" na pergunta anterior, informe aqui qual o tipo de Necessidade Educacional Específica ou deficiência.
4	Como você se autodeclara? () Preta. () Parda. () Amarela de origem asiática. () Indígena. () Branca.
5	Quantas pessoas moram com você (incluindo pais, filhos, irmãos, parentes, amigos ou outros)? Considere nas letras de “a” a “g”, a quantidade de pessoas sem contar você. () Moro sozinha () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7 () outro_____
6	A casa onde você mora é: () Própria. () Financiada. () Alugada. () Cedida. () Outro _____
7	A casa onde você mora está localizada na: (você poderá marcar mais de uma alternativa). () Zona rural () Zona urbana () Comunidade quilombola () Comunidade indígena () Comunidade cigana
8	A escola que você estuda é: () Pública municipal. () Pública estadual. () Pública Federal. () Outra _____
9	Qual é o nível de escolaridade da sua mãe? () Nenhuma instrução. () Da 1 ^a a 4 ^a série do Ensino Fundamental (antigo primário). () Da 5 ^a a 8 ^a série do Ensino Fundamental (antigo ginásio). () Ensino Médio incompleto (antigo 2 ^o grau). () Ensino Médio completo (antigo 2 ^o grau). () Ensino Superior (faculdade) incompleto. () Ensino Superior (faculdade) completo. () Pós-graduada. () Não sei informar. () Outro _____

10	Qual é o nível de escolaridade da sua pai? () Nenhuma instrução. () Da 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário). () Da 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio). () Ensino Médio incompleto (antigo 2º grau). () Ensino Médio completo (antigo 2º grau). () Ensino Superior (faculdade) incompleto. () Ensino Superior (faculdade) completo. () Pós-graduada. () Não sei informar. () Outro _____
11	A situação conjugal dos seus pais é: () Vivem juntos. () Separados. () Pai falecido. () Mãe falecida. () Pai e mãe falecidos. () Outro _____
12	Quanto é, aproximadamente, a renda mensal da sua família (casa)? () Até um salário mínimo (de R\$ 0,00 a R\$ 1.212,00). () De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 1,212,01 a R\$ 3.636,00). () De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 3.636,01 a R\$ 7.272,00). () De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 7.272,01 a R\$ 10.908,00). () Mais de 9 salários mínimos (acima de R\$ 10.908,00). () Outro _____
13	Você ou alguém da sua família recebe auxílio de algum programa social (Bolsa Família, Renda Cidadã, Mães de Goiás, Pra Ter Onde Morar, Bolsa Estudo, Crédito Social, PETI, etc.)? () Sim, estamos recebendo. () Nunca recebemos. () Atualmente não, mas já recebemos. () Outro _____
14	Você tem acesso à internet? () Sim, tenho internet na minha casa (fibra, via rádio, via linha telefônica, outra). () Sim, apenas dados móveis. () Não tenho. () Não sei informar. () Outro _____
15	Você apresentou alguma dificuldade para aprender a ler e/ou escrever? () Não. () Sim. () Não sei informar. () Outro _____
16	Você já reprovou em alguma série? () Não. () Sim . () Não sei informar. () Outro _____
17	Como você conheceu o Projeto Meninas Cientistas? () Através de um (uma) amigo (a). () Através de um familiar (mãe, pai, irmã, irmão, outros). () Através das redes sociais (Instagram, Facebook, outro). () Através de pessoas da escola onde estudo. () Outro _____
18	Há quanto tempo você participa (ou participou) do projeto Meninas Cientistas? () Menos de 6 meses () Entre 6 meses e 1 ano. () Entre 1 ano e 2 anos. () Mais de 2 anos. () Outro _____
19	Antes de entrar no projeto Meninas Cientistas, você já conhecia o IFG –Campus Uruaçu? () Sim, inclusive já tinha entrado no prédio. () Sim, mas nunca tive a oportunidade de entrar no prédio. () Já ouvi falar, mas não conhecia. () Nunca tinha ouvido falar. () Não sei informar. () Outro _____
20	Você tem vontade de estudar no IFG – Campus Uruaçu? Responda abaixo, completando a ideia: Sim, porque.... ou Não, porque.... (caso você já estude no IFG ou em outro Instituto Federal, fale o que te motivou a entrar na instituição)

21	Você considera que existem profissões que são exclusivas para homens e profissões exclusivas para mulheres? Responda abaixo, completando a ideia: Sim, porque.... ou Não, porque....
22	Você deseja seguir uma profissão? () Sim, desejo. () Não desejo. () Ainda não pensei nisso. () Não sei informar. () Outro _____
23	Se você respondeu "sim" na pergunta anterior, informe aqui qual profissão deseja seguir e o porquê dessa escolha.
24	Chegamos no final do questionário. Aqui você pode deixar seu comentário, sugestões ou outras observações sobre o projeto Meninas Cientistas.

Fonte: de autoria própria

APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO PARA AS DISCENTES PARTICIPANTES EQUIPE

Olá! Seja bem-vinda!	
<p>Você foi convidada a participar, como voluntária, da pesquisa “Extensão na Educação Profissional e Tecnológica. Estudo de caso do projeto Meninas Cientistas: a construção feminina do saber”. A sua participação consiste em responder questões das quais serão extraídas informações que serão utilizadas para dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal Goiano – Campus Ceres. A pesquisa será desenvolvida pela pesquisadora Vânia Claudia Guimarães e tem como objetivo analisar o acesso e a participação de meninas em situação de vulnerabilidade social ao projeto Meninas Cientistas e suas ações de incentivo ao empoderamento feminino, sob a orientação da professora Dr^a Mirelle Amaral de São Bernardo. Suas respostas serão utilizadas somente para fins da pesquisa e sua identidade será mantida em sigilo em todas as etapas do projeto, inclusive na publicação dos resultados. As perguntas abaixo são importantes para conhecermos um pouquinho de você e sua relação com o projeto Meninas Cientistas e com o IFG. Você não é obrigada a responder todas as perguntas, mas se responde-las irá contribuir bastante com a nossa pesquisa. Levará no máximo 15 minutinhos para concluir. Vamos lá?</p>	
Nome completo (seu nome será mantido em sigilo).	
1	Quantos anos você tem? () 16 anos. () 17 anos. () 18 anos. () outro _____
2	Há quanto tempo você estuda no IFG – Campus Uruaçu? (Caso você seja egressa, informe quantos anos estudou na instituição). () 1 ano. () 2 anos. () 3 anos. () 4 anos. () Outro _____
3	Antes de estudar no IFG, você estudava numa escola. () Pública municipal. () Pública Estadual. () Particular com bolsa de estudo. () Particular sem bolsa de estudo. () Outro _____
4	Como você se autodeclara? () Preta. () Parda. () Amarela de origem asiática. () Indígena. () Branca.
5	Qual curso você faz (ou fez)? () Técnico Integrado ao Ensino Médio – Informática. () Técnico Integrado ao Ensino Médio – Edificações. () Técnico Integrado ao Ensino Médio – Química. () Técnico Integrado ao Ensino Médio – EJA (Comércio). () Bacharelado em Engenharia Civil. () Licenciatura em Química. () Tecnólogo em Análises e desenvolvimento de Sistemas.
6	Como você obteve conhecimento do IFG? () Pela minha família (pais, irmã, irmão). () Pela escola anterior. () Pelos amigos. () Pela internet. () Outro _____
7	Qual (is) fator(es) mais influenciou (influenciaram) na sua decisão de estudar no IFG? () Insistência dos meus pais ou familiares. () Por vontade própria. () Ensino de melhor qualidade. () Ter preparação para o mercado de trabalho. () Outro _____

8	Você considera que existem profissões que são exclusivas para homens e profissões exclusivas para mulheres? () Sim. () Não.
9	Agora justifique a sua resposta da questão anterior.
10	Como você conheceu o projeto Meninas Cientistas? () Através de uma(um) amiga(o). () Através de um familiar (mãe, pai, irmã, irmão, outros). () Através das redes sociais (Instagram, Facebook, outro). () Através de servidores do IFG. () Outro _____
11	Há quanto tempo você faz parte do projeto Meninas Cientistas? () Menos de 6 meses. () Entre 6 meses e 1 ano. () Entre 1 ano e 2 anos. () Mais de 2 anos.
12	Você considera que o seu conhecimento, reflexões e ações diante do machismo, da violência de gênero, do sexismo, aumentaram após seu ingresso no projeto Meninas Cientistas? Numa escala de 0 a 10, indique. () 0 (não aumentou). () 1-3 (aumentou pouco). () 4-7 (aumentou consideravelmente). () 8-10 (aumentou muito).
13	O que você pensa quando falamos em empoderamento feminino?
14	“Essa profissão é para homens”. “Lugar de mulher é na cozinha”. Essas expressões incomodam você? () Sim. () Não
15	Agora justifique a sua resposta da questão anterior.
16	Expresse em uma frase ou um parágrafo o significado do projeto Meninas Cientistas para você.
17	Chegamos no final do questionário. Aqui você pode deixar seu comentário, sugestões ou outras observações sobre o projeto Meninas Cientistas.

Fonte: de autoria própria

APÊNDICE J – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS DISCENTES PARTICIPANTES EXTENSIONISTAS

Bom dia/Boa tarde!	
<p>Você foi convidada para participar da pesquisa intitulada “Extensão na Educação Profissional e Tecnológica: possibilidades de inclusão. Estudo de caso do projeto Meninas Cientistas: a construção feminina do saber”, que faz parte do Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – <i>Campus Ceres</i>. Suas respostas serão utilizadas somente para fins da pesquisa e sua identidade será mantida em sigilo em todas as etapas do projeto, inclusive na publicação dos resultados.</p> <p>Seguirei um roteiro, no entanto o mais importante é o seu depoimento, a sua vivência no projeto e as suas percepções. Com a sua permissão a entrevista será gravada e seu nome será mantido em anonimato (seu nome não será mencionado).</p>	
1	Fale um pouco sobre como foi a sua entrada no projeto Meninas Cientistas.
2	Como você avalia o projeto? Tem gostado de participar? O que está sendo mais interessante para você?
3	Você consegue ver mudanças em si mesma, quer seja conhecimento adquirido, ideias novas, modo de ver as coisas, após à sua entrada no projeto Meninas Cientistas?
4	Você acredita que participar de um projeto como Meninas Cientistas pode trazer mudanças para a sua vida pessoal e profissional? Se sim, consegue exemplificar?
5	E na escola, consegue ver alguma mudança no seu rendimento, como notas, interesse nos estudos e participação nas aulas, após à sua entrada no projeto Meninas Cientistas?
6	Já pensou alguma vez em estudar no IFG? Se sim, isso foi antes ou depois da sua entrada no projeto Meninas Cientistas?
7	Você acha que os estudos e a escolha profissional podem trazer mudanças na vida de uma pessoa? Se sim, como?
8	Você considera que homens e mulheres têm os mesmos direitos na sociedade atual? Os direitos das mulheres são respeitados?
9	O que você entende por empoderamento feminino e/ou mulher empoderada?
10	Você considera que o empoderamento feminino pode trazer mudança para as mulheres em suas escolhas profissionais e na relação no ambiente de trabalho?
11	Você já havia participado ou, pelo menos, ouvido/lido discussões sobre equidade de gênero e empoderamento feminino antes de participar do projeto?

Fonte: de autoria própria

APÊNDICE K – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS DISCENTES PARTICIPANTES EQUIPES

Bom dia/Boa tarde!	
<p>Você foi convidada para participar da pesquisa intitulada “Extensão na Educação Profissional e Tecnológica: possibilidades de inclusão. Estudo de caso do projeto Meninas Cientistas: a construção feminina do saber”, que faz parte do Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – <i>Campus Ceres</i>. Suas respostas serão utilizadas somente para fins da pesquisa e sua identidade será mantida em sigilo em todas as etapas do projeto, inclusive na publicação dos resultados.</p> <p>Seguirei um roteiro, no entanto o mais importante é o seu depoimento, a sua vivência no projeto e as suas percepções. Com a sua permissão a entrevista será gravada e seu nome será mantido em anonimato (seu nome não será mencionado).</p>	
1	Fale um pouco sobre como foi a sua entrada no projeto Meninas Cientistas.
2	Para você, quais são os objetivos principais do projeto Meninas Cientistas? Por que ele foi pensando?
3	Você consegue ver mudanças em si mesma, quer seja conhecimento adquirido, ideias novas, modo de ver as coisas, após à sua entrada no projeto Meninas Cientistas?
4	Você acredita que participar de um projeto como Meninas Cientistas pode trazer mudanças para a sua vida pessoal e profissional? Se sim, consegue exemplificar?
5	Como você se sente quando vê meninas de outras escolas públicas participando de oficinas dentro do IFG?
6	Você acredita que o projeto Meninas Cientistas pode trazer mais meninas de escolas públicas para estudarem no IFG?
7	O que você entende por empoderamento feminino e/ou mulher empoderada?
8	Você considera que o empoderamento feminino pode trazer mudança para as mulheres em suas escolhas profissionais e na relação no ambiente de trabalho?

Fonte: de autoria própria

APÊNDICE L – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS DOCENTES PROPONENTES

Bom dia/Boa tarde!	
<p>Você foi convidada para participar da pesquisa intitulada “Extensão na Educação Profissional e Tecnológica: possibilidades de inclusão. Estudo de caso do projeto Meninas Cientistas: a construção feminina do saber”, que faz parte do Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – <i>Campus Ceres</i>. Suas respostas serão utilizadas somente para fins da pesquisa e sua identidade será mantida em sigilo em todas as etapas do projeto, inclusive na publicação dos resultados.</p> <p>Seguirei um roteiro, no entanto o mais importante é o seu depoimento, a sua vivência no projeto e as suas percepções. Com a sua permissão a entrevista será gravada e seu nome será mantido em anonimato, caso não tenha concordado com a divulgação de sua identidade ao assinar o TCLE.</p>	
1	A oficina Mulheres na Literatura é uma proposta nova no projeto Meninas Cientistas. O que você, como proponente, pensou ao incluir a Literatura nesse projeto?
2	Como a Literatura é capaz de trazer discussões sobre, por exemplo, o sexismo, a violência de gênero, a desigualdade de gênero no mercado de trabalho?
3	Pensando na perspectiva da proposta de ensino dos IFs, no que se refere à educação integral, <i>omnilateral</i> , como você situa a oficina Mulheres na Literatura nesse contexto?
4	Você considera que existe relação entre a proposta da oficina Mulheres na Literatura e o empoderamento feminino?
5	Quais os principais desafios enfrentados até agora no planejamento e execução da proposta Mulheres na Literatura, dentro do projeto Meninas Cientistas?
6	Quanto aos objetivos da proposta Mulheres na Literatura, você considera que já foram alcançados?
7	Você considera que a proposta do projeto Meninas Cientistas e, em especial da oficina Mulheres na Literatura, traz, de modo geral, os princípios da inclusão de meninas que vivem em situação de vulnerabilidade social?
8	Na sua opinião, o projeto Meninas Cientistas aproxima e/ou aproximará a comunidade externa com o IFG-Campus Uruaçu?

Fonte: de autoria própria

APÊNDICE M – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A COORDENAÇÃO

Bom dia/Boa tarde!	
<p>Você foi convidada para participar da pesquisa intitulada “Extensão na Educação Profissional e Tecnológica: possibilidades de inclusão. Estudo de caso do projeto Meninas Cientistas: a construção feminina do saber”, que faz parte do Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – <i>Campus Ceres</i>. Suas respostas serão utilizadas somente para fins da pesquisa e sua identidade será mantida em sigilo em todas as etapas do projeto, inclusive na publicação dos resultados.</p> <p>Seguirei um roteiro, no entanto o mais importante é o seu depoimento, a sua vivência no projeto e as suas percepções. Com a sua permissão a entrevista será gravada e seu nome será mantido em anonimato, caso não tenha concordado com a divulgação de sua identidade ao assinar o TCLE.</p>	
1	Você é uma das idealizadoras do projeto Meninas Cientistas e está nele desde o início. O que motivou você e os outros servidores a pensarem em um projeto dessa natureza?
2	Vocês pensaram e elaboraram um projeto, que consegue abranger o tripé da organização pedagógica dos IFs: ensino, pesquisa e extensão. Qual é o objetivo principal da prática extensionista do projeto Meninas Cientistas?
3	Pensando na perspectiva da proposta de ensino dos IFs, no que se refere à educação integral, <i>omnilateral</i> , como você situa o projeto Meninas Cientistas nesse contexto?
4	Como você avalia o projeto Meninas Cientistas relacionado à inclusão de meninas que vivem em situação de vulnerabilidade social?
5	Quais os critérios que foram utilizados para selecionar as alunas do IFG, as escolas participantes e as alunas externas para participarem do projeto?
6	O projeto Meninas Cientistas está no seu quarto ano de trabalho. O que você consegue ver de resultados durante esse tempo?
7	Quais os desafios/dificuldades enfrentadas durante esses quatro anos para fazer o projeto acontecer?
8	Qual a relação você vê entre o projeto Meninas Cientistas e o empoderamento feminino?
9	Existe relação entre a proposta do projeto Meninas Cientistas e o trabalho/profissionalização?
10	Neste quarto ano de projeto, você vê uma maior proximidade da comunidade externa com o IFG – Campus Uruaçu?

Fonte: de autoria própria

ANEXO A – FOLHA DE ROSTO CONEP PESQUISA EM SERES HUMANOS



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO

Documentos 2/2021 - CGP-CE/DAP-CE/CMPCE/IFGOIANO



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: EXTENSÃO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: POSSIBILIDADES DE INCLUSÃO. Estudo de caso do projeto Meninas Cientistas: a construção feminina do saber			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 40			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7. Ciências Humanas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: VANIA CLAUDIA GUIMARAES			
6. CPF: 774.142.501-30	7. Endereço (Rua, n.º): Rua Manoel Ribeiro Sobrinho Bandeirantes Quadra 03, Lote 13 URUACU GOIAS 76400000		
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 62984092342	10. Outro Telefone:	11. Email: vania.guimaraes@ifg.edu.br
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.			
23 10 2021 Data: ____ / ____ / ____		 _____ Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA GOIANO		13. CNPJ: 10.651.417/0004-10	14. Unidade/Órgão:
15. Telefone: (62) 3307-7100	16. Outro Telefone:		
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.			
Responsável: <u>CLEITON MATEUS SOUSA</u>		CPF: <u>091.671.957-09</u>	
Cargo/Função: <u>DIRETOR-GERAL</u>			
Data <u>23</u> / <u>10</u> / <u>2021</u>		_____ ASSINATURA ELETRÔNICA	
PATROCINADOR PRINCIPAL: NÃO SE APLICA			

Documento assinado eletronicamente por:

- **Cleiton Mateus Sousa, DIRETOR GERAL - CD2 - CMPCE**, em 23/10/2021 17:23:25.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 23/10/2021. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifgoiano.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 322082
Código de Autenticação: d168437e65



INSTITUTO FEDERAL GOIANO
Campus Ceres
Rodovia GO-154, Km.03, Zona Rural, None, CERES / GO, CEP 76300-000
(62) 3307-7100

ANEXO B – TERMO DE COMPROMISSO DAS PESQUISADORAS

TERMO DE COMPROMISSO

Declaro que cumprirei os requisitos da Resolução CNS n.º 466/12 e/ou da Resolução CNS n.º 510/16, bem como suas complementares, como pesquisadora responsável e/ou pesquisador participante do projeto de pesquisa intitulado “Extensão na Educação Profissional e Tecnológica: possibilidades de inclusão. Estudo de caso do projeto Meninas Cientistas: a construção feminina do saber”.

Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados, exclusivamente, para os fins previstos no protocolo da pesquisa acima referida e, ainda, a publicar os resultados, sejam eles favoráveis ou não.

Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto, considerando a relevância social da pesquisa, o que garante a igual consideração de todos os interesses envolvidos.

Ceres, 18 de outubro de 2021.



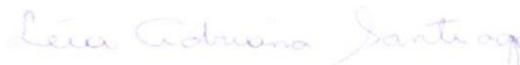
Vânia Claudia Guimarães
Assinatura da pesquisadora responsável



Maria Antônia de Oliveira Alves
Assinatura da colaboradora



Profª Dra Mirelle Amaral de São Bernardo
Assinatura da orientadora



Profª Dra Leia Adriana da Silva Santiago
Assinatura da coorientadora

ANEXO C – CARTA DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO PROPONENTE – IF GOIANO



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO

CARTA DE ANUÊNCIA

O Campus Ceres do IF Goiano, declara anuência e aceite à pesquisadora **Vânia Claudia Guimarães**, para desenvolver o seu projeto de pesquisa, **EXTENSÃO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: POSSIBILIDADES DE INCLUSÃO. Estudo de caso do projeto Meninas Cientistas: a construção feminina do saber**, sob a orientação do (a) Prof. Dr^a. Mirelle Amaral de São Bernardo, cujo objetivo é analisar a dimensão inclusiva do projeto Meninas Cientistas: a construção feminina do saber e suas ações de promoção ao empoderamento de meninas em situação de vulnerabilidade social.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento do (a) pesquisador (a) aos requisitos das Resoluções do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, comprometendo-se utilizar os dados pessoais dos participantes da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados o/a pesquisador/a deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Ceres, 19 de outubro de 2021.

(Assinado Eletronicamente)
Cleiton Mateus Sousa
Diretor Geral

Documento assinado eletronicamente por:

- **Cleiton Mateus Sousa, DIRETOR GERAL - CD2 - CMPCE**, em 19/10/2021 16:35:21.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 19/10/2021. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifgoiano.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 319869

Código de Autenticação: 7142757f05



INSTITUTO FEDERAL GOIANO
Campus Ceres
Rodovia GO-154, Km.03, Zona Rural, None, CERES / GO, CEP 76300-000
(62) 3307-7100

ANEXO D – CARTA DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE– IFG



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS URUAÇU

TERMO DE ANUÊNCIA

O Câmpus Uruaçu do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG) está de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado: **Extensão na Educação Profissional e Tecnológica: Possibilidades de Inclusão. Estudo de Caso do Projeto Meninas Cientistas: A Construção Feminina do Saber**, coordenado pela pesquisadora Vânia Cláudia Guimarães, CPF: 774.142.501-30, colaboração de Maria Antônia de Oliveira Alves, CPF: 028.772.296-10, sob orientação da Profª Drª Mirelle Amaral de São Bernardo, CPF:697.808.201-59 e coorientação da Profª Drª Leia Adriana da Silva Santiago, CPF: 097.428.438-64, no Câmpus Uruaçu do IFG.

O Câmpus Uruaçu do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás assume o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa pela autorização da coleta de dados durante os meses de Abril/2022 a Junho/2022.

O Câmpus Uruaçu do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás disponibiliza a existência de infraestrutura necessária para o desenvolvimento da pesquisa e para atender eventuais consequências dela resultantes.

Declaramos ciência de que nossa instituição é coparticipante do presente projeto de pesquisa e requeremos o compromisso da pesquisadora responsável com o resguardo da segurança e bem-estar dos participantes de pesquisa nela recrutados.

Estamos cientes que a execução deste projeto dependerá do parecer consubstanciado enviado pelo CEP/IFG mediante parecer "Aprovado".

Uruaçu, 20 de outubro de 2021.

(assinado eletronicamente)

Andreia Alves do Prado

Diretora-Geral do Câmpus Uruaçu do IFG
Portaria nº 1681 de 8 de outubro de 2021

Documento assinado eletronicamente por:

■ **Andreia Alves do Prado, DIRETOR - CD2 - CP-URUAÇU**, em 20/10/2021 10:57:48.

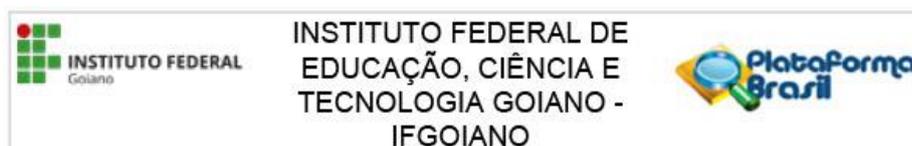
Este documento foi emitido pelo SUAP em 20/10/2021. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 211303

Código de Autenticação: 1917aac960



ANEXO E – PARECERES CONSUBSTANCIADOS DOS CEPs DO IF GOIANO E IFG



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EXTENSÃO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: POSSIBILIDADES DE INCLUSÃO. Estudo de caso do projeto Meninas Cientistas: a construção feminina do saber

Pesquisador: VANIA CLAUDIA GUIMARAES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 52803621.1.0000.0036

Instituição Proponente: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA GOIANO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

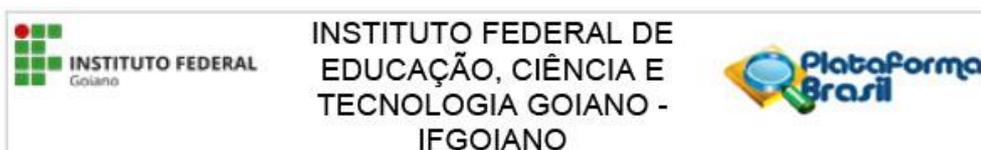
DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.241.507

Apresentação do Projeto:

Relata-se: "A proposição pedagógica dos Institutos Federais está fundamentada na promoção do ensino, da pesquisa e da extensão. O IFG – Campus Uruaçu desenvolve o projeto Meninas Cientistas: a construção feminina do saber, ofertado às discentes e comunidade externa. A nossa proposta é analisar a dimensão inclusiva e ações do projeto meninas Cientistas para o empoderamento feminino e a aproximação comunidade-escola. Utilizaremos a abordagem qualitativa, por meio do estudo de caso. Será analisada a proposta do projeto, a identificação das alunas participantes, as ações propostas e os resultados obtidos entre agosto de 2021 e julho de 2022. Iniciaremos com a pesquisa bibliográfica e análise documental, prosseguiremos com aplicação de questionários semiestruturados, entrevistas e/ou grupo focal, além da observação e acompanhamento das oficinas Mulheres na Literatura e Empoderamento e Protagonismo Juvenil, orientadas pelas professoras participantes, em conjunto com as discentes do IFG. Serão convidadas para participarem da fase de coleta de dados, as professoras proponentes da oficina Mulheres na Literatura, a coordenadora geral do projeto Meninas Cientistas, as discentes do IFG e alunas externas, que participam das oficinas Mulheres na Literatura e Empoderamento e Protagonismo Juvenil. As informações e resultados obtidos nortearão a criação de um produto educacional (curso) que contribua com a visibilidade do projeto e o acolhimento das participantes, pensando na perspectiva da omnilateralidade, especialmente no que tange à formação teórica

Endereço: Rua 88, nº280
 Bairro: Setor Sul CEP: 74.085-010
 UF: GO Município: GOIANIA
 Telefone: (62)3605-3600 Fax: (62)3605-3600 E-mail: cep@ifgoiano.edu.br



Continuação do Parecer: 5.241.507

reflexiva, além de incentivar a proposta extensionista como forma de aproximação e contribuição com a comunidade externa."

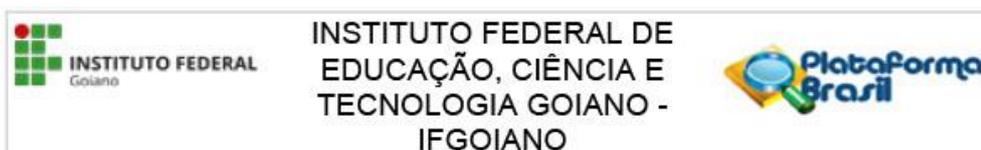
Objetivo da Pesquisa:

Relata-se: "1.1 Objetivo Geral: Analisar a dimensão inclusiva do projeto Meninas Cientistas: a construção feminina do saber e suas ações de promoção ao empoderamento de meninas em situação de vulnerabilidade social. 1.2 Objetivos Específicos: a) Identificar o perfil das discentes participantes, internas e externas, e a dimensão das ações inclusivas do projeto Meninas Cientistas; b) Analisar os resultados do projeto Meninas Cientistas entre 2021 e 2022 no que se refere às participantes externas: desempenho/rendimento na escola de origem, perspectivas profissionais, desejo de seguir os estudos, empoderamento pessoal e desenvolvimento omnilateral; c) Propor estratégia de visibilidade do projeto, como forma de incentivar ações de extensão inclusivas, a participação e aproximação do IFG com a comunidade regional; d) Desenvolver um curso (oficina) com as participantes do projeto Meninas Cientistas, a fim de socializá-las e estimulá-las ao engajamento e ao protagonismo feminino, como forma de superação, empoderamento e luta pela igualdade de direitos".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Relata-se: "Riscos: Em conformidade com a legislação e primando pelo bem-estar das participantes, serão adotados os procedimentos éticos previstos nas Resoluções nº 466, de 12 de dezembro de 2012, e nº 510, de 07 de abril de 2016. Nossa pesquisa não apresentará riscos biológicos, físicos ou químicos às participantes. Porém, apresenta risco de nível mínimo no que se refere às questões emocionais, pois ao responder o questionário inicial e ao participar da entrevista/grupo focal poderão ocorrer situações de constrangimento, desconforto, vergonha, ansiedade, conflito, dúvidas ou risco de identificação. Ademais, a utilização de ambientes virtuais para a coleta de dados traz risco quanto à confidencialidade dos dados, pois poderá ocorrer violações. Assim, para minimizar situações como as descritas acima, serão tomadas medidas como o agendamento prévio das entrevistas, com dia, horário e local adequado, quer seja de forma virtual ou presencial, primando pela privacidade e sigilo das participantes entrevistadas. As perguntas do questionário e da entrevista são livres, não havendo a obrigação de serem respondidas, caso a participante sinta algum desconforto. Além disso, oferecemos um prazo maior para a participante responder o questionário e enviar, que poderá ser de 5(cinco) dias após recebê-lo. Para intervenção em situações que causem qualquer tipo de desconforto nas participantes no decorrer do projeto e aplicação do produto educacional, a pesquisa contará com a

Endereço: Rua 88, nº280	CEP: 74.085-010
Bairro: Setor Sul	
UF: GO	Município: GOIANIA
Telefone: (62)3805-3800	Fax: (62)3805-3800 E-mail: cep@ifgoiano.edu.br

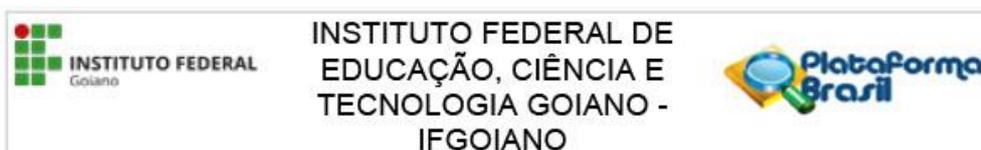


Continuação do Parecer: 5.241.507

colaboração de uma profissional da psicologia, além do apoio da equipe multiprofissional no IFG – Campus Uruaçu, formada por outras pedagogas, além da pesquisadora responsável, e psicóloga, preparadas para atuarem em situações dessa natureza. A participante poderá ser encaminhada para o serviço de psicologia, dentro ou fora do Campus, a depender dos encaminhamentos do profissional da psicologia. Qualquer assistência e orientação que se fizerem necessárias serão sem ônus de qualquer espécie às participantes, inclusive os gastos com locomoção para receber tal assistência, de modo a reafirmar o compromisso com a ética científica e atender a Resolução CNS nº 466/2012 e a Resolução CNS nº 510/2016. Além disso será assegurado e reafirmado às participantes que elas têm a livre decisão de a qualquer momento retirar a sua participação na pesquisa, sem nenhum ônus ou punição. Para uma maior segurança dos dados coletados no questionário inicial, será realizado o download das informações para um dispositivo eletrônico de propriedade da pesquisadora responsável, que, após o procedimento de análise fará o apagamento de todos os registros salvos nas plataformas virtuais utilizadas, inclusive "nuvem". Nos casos em que ocorrer algum dano, a pesquisadora compromete-se a minimizá-los através das devidas assistências e orientações integrais e imediatas quanto ao tratamento e ao acompanhamento que se fizerem necessários, sem ônus de qualquer espécie às participantes voluntárias. No mais, será garantido às participantes o direito de requerer indenização junto à pesquisadora responsável, decorrente a danos causados pela pesquisa. Esta pesquisa traz como benefício a aquisição de conhecimentos sobre como a prática extensionista das instituições públicas de ensino, em especial do IFG, pode chegar à comunidade e provocar mudanças na vida pessoal e profissional das pessoas, além de divulgar e fomentar práticas exitosas, que vão além do ensino e da pesquisa, que promovam a inclusão da comunidade, especialmente daqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade social, através da formação integral e emancipatória. Benefícios: Esta pesquisa traz como benefício a aquisição de conhecimentos sobre como a prática extensionista das instituições públicas de ensino, em especial do IFG, pode chegar à comunidade e provocar mudanças na vida pessoal e profissional das pessoas, além de divulgar e fomentar práticas exitosas, que vão além do ensino e da pesquisa, que promovam a inclusão da comunidade, especialmente daqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade social, através da formação integral e emancipatória".

Parecer: Atende a legislação.

Endereço: Rua 88, nº280	CEP: 74.085-010
Bairro: Setor Sul	
UF: GO	Município: GOIANIA
Telefone: (62)3605-3600	Fax: (62)3605-3600 E-mail: cep@ifgoiano.edu.br



Continuação do Parecer: 5.241.507

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

4.1 - Tema e objeto da pesquisa:

Parecer: "Não houve alteração mediante parecer anterior."

4.2 - Relevância Social e objetivos da pesquisa:

Parecer: "Não houve alteração mediante parecer anterior."

4.3- Metodologia, incluindo local, população e amostra, métodos de coleta:

Relata-se: "Relata-se: "A instituição proponente, a qual as pesquisadoras estão vinculadas, é o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Campus Ceres. O local de realização da pesquisa, em todas as suas etapas, será na instituição coparticipante, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Campus Uruaçu. Trata-se de um Campus inaugurado em 2008 e que hoje oferta os cursos técnicos integrados ao Ensino Médio em Edificações, Informática, Química e Comércio, sendo o último na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Além destes, oferta os cursos superiores em Licenciatura em Química, Engenharia Civil e Tecnólogo em Análises e Desenvolvimento de Sistemas. O projeto Meninas Cientistas: a construção feminina do saber, que é o nosso objeto de pesquisa, é realizado no Campus Uruaçu desde o ano de 2019. Em 2019 os encontros e as oficinas ofertadas às discentes externas aconteceram nos laboratórios de química, construção civil e informática, no período vespertino. Em 2020, devido a pandemia de SARS-CoV-2 (Covid -19) a metodologia foi adaptada para o sistema remoto, com a utilização de plataformas virtuais. Para 2021 e 2022, em caso de retorno das aulas presenciais e obedecendo as orientações da vigilância de saúde da cidade de Uruaçu e outros órgãos competentes, além do Plano de Ação Para o Retorno Seguro e Gradual Das Atividades Presenciais Acadêmicas e Administrativas no IFG, a fase de coletas de dados do nosso projeto será realizada nas dependências do prédio do IFG-Campus Uruaçu. Utilizaremos a Sala S 301, do bloco central (conforme agendamento, disponibilidade e autorização do chefe local) para as entrevistas, sala de aula e /ou auditório, disponível no horário agendado, para a realização do grupo focal. Em caso do não retorno presencial, utilizaremos os espaços virtuais, conforme descritos na metodologia." [...] "O projeto Meninas Cientistas seleciona suas participantes externas por meio de chamada pública, com 120 vagas semestrais, sendo consideradas alunas de escolas públicas de Uruaçu e Cavalcante, que tenham acima de 12 anos e que se enquadre em um ou mais dos critérios seguintes: situação de vulnerabilidade social, comprovado com declaração de renda per capita;, possua algum tipo de deficiência atestada por laudo médico; que seja de comunidade cigana, indígena ou quilombola;

Endereço: Rua 88, nº280

Bairro: Setor Sul

CEP: 74.085-010

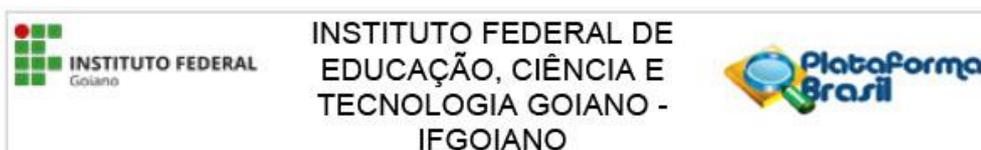
UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3605-3600

Fax: (62)3605-3600

E-mail: cep@ifgoiano.edu.br

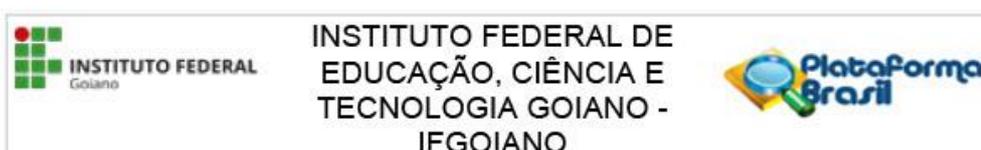


Continuação do Parecer: 5.241.507

que resida na zona rural. Para a participação na nossa pesquisa, convidaremos discentes externas, discentes internas, coordenadora e professoras participantes no projeto Meninas Cientistas: a construção feminina do saber. As discentes externas são alunas de escolas públicas de Uruaçu e Cavalcante participantes nas oficinas Mulheres na Literatura e Empoderamento e Protagonismo Juvenil. Terão acima de 13 anos e foram selecionadas na chamada pública para participação no projeto Meninas Cientistas. São discentes das séries finais do ensino fundamental (8º ou 9º ano) ou ensino médio e se enquadram em um ou mais critérios exigidos na chamada pública. As discentes internas - alunas do IFG-Campus Uruaçu, matriculadas nos cursos técnicos ou superiores e com idade acima de 15 anos, cadastradas como monitoras ou outra função nas oficinas Mulheres na Literatura e Empoderamento e Protagonismo Juvenil do projeto Meninas Cientistas. As professoras que serão convidadas são as proponentes e organizadoras da oficina Mulheres na Literatura, além da coordenadora geral do referido projeto. Todas são professoras efetivas no IFG, com formação nas áreas de linguagem ou humanas e possuem titulação de doutorado em suas respectivas áreas." [...] "A nossa pesquisa será dividida em três etapas: pesquisa bibliográfica e documental, estudo de caso e elaboração e aplicação do produto educacional.

6.1 Pesquisa bibliográfica e documental Dentre os principais objetivos da investigação descritos neste projeto, encontram-se a identificação e análise dos resultados do projeto Meninas Cientistas, no que se refere ao empoderamento das meninas participantes. Inicialmente será realizado o levantamento bibliográfico, tendo em vista a necessidade de aprofundamento na discussão abordada no decorrer desse projeto. A amplitude da temática proposta, requer, inicialmente, a seleção do material bibliográfico, que relacione as diretrizes da EPT, na dimensão da extensão, com a proposta da pesquisa. Ainda na fase de levantamento, será solicitado à coordenadora geral do projeto Meninas Cientistas o material que compõe o arquivo documental da proposta, para assim procedermos com a leitura reflexiva do projeto Meninas Ciências, os relatórios das atividades desenvolvidas em 2019 e 2020, os artigos publicados e o planejamento para 2021 e 2020, período que pretendemos analisar. O projeto já possui uma página na internet (<https://linktr.ee/meninascientistas>), com divulgação das produções desde 2019 e ações propostas para 2021. Com a intenção de delinear as ações, serão selecionados documentos legais, historiográficos, conceituais, pesquisas sistematizadas, que trazem a trajetória da luta feminina e a quebra dos estereótipos de gênero, presentes na nossa sociedade. Após, faremos a leitura bibliográfica sistematizada, de acordo com os objetivos do projeto. Essa fase é essencial pois "o estudo da literatura pertinente pode ajudar a planificação do trabalho, evitar duplicações e certos

Endereço: Rua 88, nº280	CEP: 74.085-010
Bairro: Setor Sul	
UF: GO	Município: GOIANIA
Telefone: (62)3605-3600	Fax: (62)3605-3600 E-mail: cep@ifgoiano.edu.br



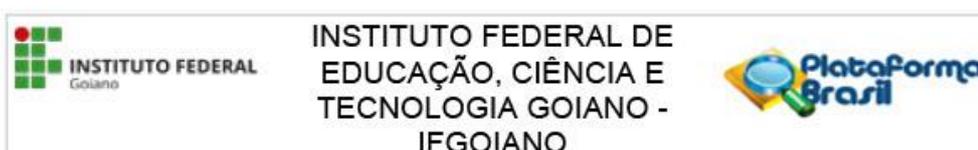
Continuação do Parecer: 5.241.507

erros, e representa uma fonte indispensável de informações, podendo até orientar as indagações" (MARCONI; LAKATOS, 1990, p. 24).

6.2 Estudo de caso Será utilizado o estudo de caso como metodologia de investigação, sob uma abordagem qualitativa. Para Gaya (2008), o estudo de caso orienta-se pela necessidade de compreensão profunda de uma realidade singular, seja ela de um indivíduo, um grupo, uma instituição social ou uma comunidade. Ainda sobre estudo de caso, é importante observar que: O estudo de caso é a estratégia escolhida ao se examinarem conhecimentos contemporâneos, mas quando não se pode manipular comportamentos relevantes. O estudo de caso conta com muitas técnicas utilizadas pelas pesquisas históricas, mas acrescenta duas fontes de evidências que usualmente não são incluídas no repertório de um historiador: observação direta e série sistemática de entrevistas. Novamente, embora os estudos de caso e as pesquisas históricas possam se sobrepor, o poder diferenciador do estudo de caso é sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências- documentos, artefatos, entrevista e observações- além do que pode estar disponível no estudo histórico convencional. (YIN, 2001, p. 27) Dessa maneira, consoante a Yin (2001) o estudo de caso "representa uma maneira de se investigar um tópico empírico seguindo-se um conjunto de procedimentos pré-especificados" (YIN, 2001, p. 27). Por fim, é crucial destacar a importância do estudo de caso quando em conjunto com outras metodologias, desempenhando papel complementar à pesquisa. Como trata-se de um estudo de caso em que, entre outras técnicas, será utilizada a observação assistemática, solicitarei a minha entrada no projeto, a fim de conhecer, na prática, a dinâmica de trabalho, os envolvidos no projeto e o público-alvo da pesquisa.

6.3 Recrutamento . O recrutamento será realizado por meio de convite às discentes internas e externas participantes nas oficinas Mulheres na Literatura e Empoderamento e Protagonismo Juvenil, além das professoras proponentes de tais oficinas e da coordenadora geral do projeto. Todas, discentes do IFG - Campus Uruaçu, discentes externas, professoras e coordenadora, concordarão ou não em participar da pesquisa, por meio da assinatura do TCLE para participantes com idade igual ou superior a 18 anos. E para os menores de 18 anos de idade, serão utilizados dois termos, um a ser assinado pelo responsável (TCLE) e outro pela participante TALE. Neste caso será considerado a anuência e o consentimento, o ato de clicar no ícone "concordo" e enviar a resposta. Todas as dúvidas, a qualquer tempo, poderão ser esclarecidas com a pesquisadora, através de ligação telefônica, inclusive a cobrar, pelo WhatsApp e por e-mail. O processo de

Endereço: Rua 88, nº280	CEP: 74.085-010
Bairro: Setor Sul	
UF: GO	Município: GOIANIA
Telefone: (62)3605-3600	Fax: (62)3605-3600 E-mail: cep@ifgoiano.edu.br

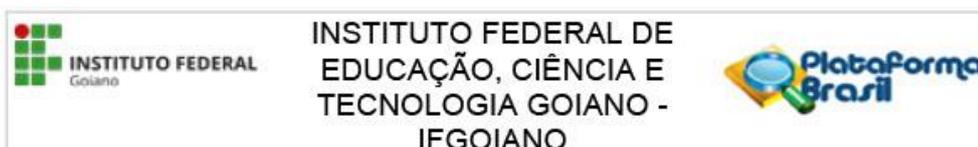


Continuação do Parecer: 5.241.507

obtenção TCLE e do TALE serão conduzidos e realizados pela pesquisadora responsável. A divulgação e o convite para participação na pesquisa serão feitos através da entrada da pesquisadora responsável nas aulas das oficinas Mulheres na Literatura e Empoderamento e Protagonismo Juvenil, previamente autorizada, por e-mail, pela coordenadora geral do projeto Meninas Cientistas e pelas professoras proponentes das referidas oficinas. O tempo de fala da pesquisadora também será combinado com as professoras proponentes, de forma que não comprometa a execução das atividades propostas para o dia agendado. Após a divulgação, será solicitado às interessadas em participar da pesquisa (alunas internas e externas), o contato telefônico, WhatsApp e e-mail pessoal e dos responsáveis legais, para as menores de 18 anos. O contato e divulgação para os responsáveis será realizada por ligação telefônica e agendamento de reunião virtual (Google Meet), onde será exposta a proposta da pesquisa e suas etapas, leitura e explicação dos termos (TCLE e TALE) e esclarecimento das possíveis dúvidas. Também serão convidadas para a reunião virtual as alunas externas e internas, que se prontificarem a participar da pesquisa. Os links dos termos (TCLE e TALE) serão enviados, após a reunião, para o e-mail e/ou whatsapp dos responsáveis e para as voluntárias na participação da pesquisa. Os responsáveis e voluntárias poderão manifestar interesse na autorização e/ou participação na pesquisa em até 3(três) dias após receberem os links. O convite à coordenadora do projeto e às professoras da oficina Mulheres na Literatura, será formalizado por e-mail, junto com o envio do link do TCLE, com o prazo de até 3(três) para manifestar interesse em participar da pesquisa, com o preenchimento do termo e assinatura (envio da resposta).

6.4 Coleta de Dados e Informações Para a coleta de dados utilizaremos a observação assistemática, com o uso do diário de bordo, a aplicação de questionários semiestruturados, entrevistas e/ou grupo focal. Essa etapa da pesquisa requer tempo, atenção e cuidado, pois "o rigoroso controle na aplicação dos instrumentos de pesquisa é fator fundamental para evitar erros e defeitos resultantes de entrevistadores inexperientes ou de informações tendenciosas." (MARCONI; LAKATOS, 2021, p.18). 6.4.1 Observação assistemática A observação assistemática, também conhecida como observação não estrutural é caracterizada pelo "fato de o conhecimento ser obtido através de uma experiência casual, sem que se tenha determinado de antemão quais os aspectos relevantes a serem observados e que meios utilizar para observá-los" (RUDIO, 2014, p. 42). Portanto, é fundamental que nós, observadores, tenhamos boa técnica, conforme Marcone e Lakatos (2021). Assim, para o procedimento de observação assistemática, solicitarei à

Endereço: Rua 88, nº280	CEP: 74.085-010
Bairro: Setor Sul	
UF: GO	Município: GOIANIA
Telefone: (62)3605-3600	Fax: (62)3605-3600 E-mail: cep@ifgoiano.edu.br

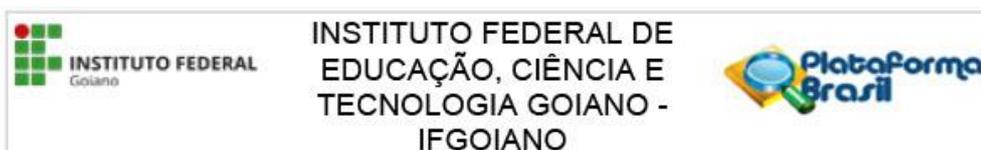


Continuação do Parecer: 5.241.507

coordenação do projeto e às professoras proponentes a minha entrada, como pesquisadora, nas oficinas Mulheres na Literatura e Empoderamento e Protagonismo Juvenil, a fim de conhecer, na prática, a dinâmica de trabalho, os envolvidos no projeto e o público-alvo da pesquisa. A coleta de dados pela observação assistemática acontecerá no acompanhamento dos encontros gerais da equipe, por meio virtual (Google Meet ou outro) ou presencial. A dinâmica do projeto segue duas fases: a) na primeira acontece a formação das monitoras (discentes do IFG). A proposta é realizada por professoras cadastradas no projeto; b) na segunda fase, as monitoras que receberam formação trabalham, em forma de oficina, com as alunas externas. Todo o processo de observação será registrado no diário de bordo, para análise posterior dos achados.

6.4.2 Questionário O questionário é um tipo de método estruturado em perguntas escritas, que podem variar em abertas e fechadas. Ele deve ser acompanhado de textos que explicam a sua natureza, importância das respostas, de modo a despertar o interesse do receptor para preenchimento e devolução de acordo com a necessidade, segundo Marcone e Lakatos (2021). A proposta inicial do uso do questionário será a sua aplicação para as monitoras, que são discentes do IFG - Campus Uruaçu e alunas externas, que estejam participando das oficinas Mulheres na Literatura e Empoderamento e Protagonismo Juvenil. O objetivo é identificar o perfil socioeconômico familiar e outras informações relacionadas à vida acadêmica das estudantes e sua participação no projeto Meninas Cientistas. Para as discentes externas, o questionário será composto de 18 (dezoito) questões, sendo 15 objetivas, com possibilidade de incluir resposta e 3 (três) questões abertas. Para as discentes do IFG, que são monitoras ou tenham outra função nas oficinas citadas, o questionário será composto de 10 (dez) questões, sendo 7 (sete) objetivas, das quais 6 (seis) com possibilidade de incluir resposta e 3 (três) questões abertas. Os questionários serão configurados com perguntas livres, não havendo a obrigação de serem respondidas para avançar para a seguinte questão. O prazo de envio de respostas será de 5 (cinco) dias após recebê-lo. Para a aplicação do questionário será utilizado o aplicativo de gerenciamento de pesquisas Google Forms, do Google Drive, ou impresso, dependendo do retorno das aulas presenciais, suspensão ocasionada pela pandemia SARS-CoV-2 (Covid-19). Em formato virtual (Google Forms), o link será enviado para o WhatsApp e e-mail das participantes. Os contatos (WhatsApp e e-mail) serão solicitados durante a nossa primeira entrada nas aulas das oficinas, mediante lista para preenchimento, caso seja presencial, ou via chat do Google Meet, caso seja virtual. Para aplicação dos questionários, em formato presencial, serão entregues impressos, durante a aula. As participantes poderão levar para casa e devolvê-los no encontro seguinte, conforme combinado.

Endereço: Rua 88, nº280	CEP: 74.085-010
Bairro: Setor Sul	
UF: GO	Município: GOIANIA
Telefone: (62)3805-3800	Fax: (62)3805-3800
	E-mail: cep@ifgoiano.edu.br

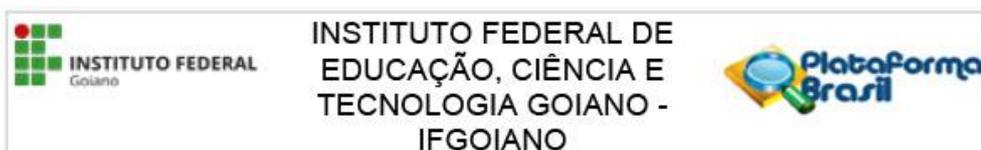


Continuação do Parecer: 5.241.507

Independente do formato, o questionário será aplicado sem a presença da pesquisadora e as participantes levarão em média de 10(dez) a 15(quinze) minutos para respondê-lo.

6.4.3 Entrevista Sobre a entrevista, o conceito trazido por Marconi e Lakatos (2021) define esse instrumento como uma conversa entre duas pessoas, com o objetivo de trocar informações. Além disso, destaca a importância de tal procedimento, pois pode ser "utilizado na investigação social, para a coleta de dados, ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social" (MARCONI; LAKATOS, 2021, p. 213). A entrevista semiestruturada foi escolhida como procedimento metodológico devido seus inúmeros benefícios, tais como: pode ser utilizado com toda a população, independe do grau de escolaridade dos participantes; sua grande flexibilidade e a oportunidade de perceber atitudes, como gestos e expressões faciais, durante o processo de entrevista. Além disso, possui vantagens da possibilidade de obtenção de respostas rápidas e precisas, menor risco de distorção e análise subjetiva por parte do pesquisador, além de permitir complementos e esclarecimentos, e correções simultâneas, conforme Lüdke e André (2018). Para que a entrevista atinja a sua finalidade, a pesquisadora precisa planejá-la em detalhes e ter objetivos claros do que se pretende alcançar. É imprescindível a seleção dos entrevistados, de acordo com a temática a ser trabalhada, verificar o interesse e disponibilidade dos participantes, agendar com antecedência, especificando data, horário e local e garantir o sigilo absoluto das confidências e identidades dos entrevistados (OLIVEIRA, G. S. et al., 2020). Com a entrevista pretendemos coletar informações mais pontuais, esclarecer dúvidas ainda não contempladas no uso do questionário e manter um contato mais próximo com as participantes. Serão convidadas para participarem da entrevista, a coordenadora geral do projeto Meninas Cientistas, as 2 (duas) professoras proponentes da oficina Mulheres na Literatura, 2 (duas) monitoras da oficina Mulheres na Literatura e 2(duas) monitoras da oficina Empoderamento e Protagonismo Juvenil. Para a escolha das monitoras, será utilizado o critério de curso (preferencialmente do técnico integrado) e o maior tempo de estudo no IFG - Campus Uruaçu. Para as entrevistas com as estudantes externas, serão convidadas 2 (duas) alunas de cada uma das oficinas já citadas, sendo o critério de escolha a idade (maior) e a série que cursa na escola de origem (maior). A entrevista será realizada presencialmente no IFG-Campus Uruaçu, por ligação telefônica ou pelo Google Meet, ou plataforma similar. O IFG-Campus Uruaçu é responsável pelo deslocamento das participantes, de suas escolas de origem até a sede (Campus IFG), nos horários da oferta das oficinas. O trajeto é feito no micro-ônibus institucional. Caso não seja possível a adequação de horários das entrevistas nos intervalos das oficinas ou durante a permanência das participantes no Campus, a

Endereço: Rua 88, nº280
 Bairro: Setor Sul CEP: 74.085-010
 UF: GO Município: GOIANIA
 Telefone: (62)3605-3600 Fax: (62)3605-3600 E-mail: cep@ifgoiano.edu.br

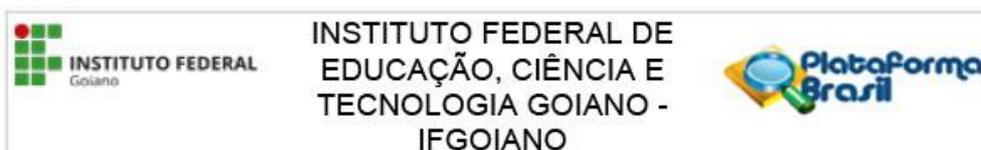


Continuação do Parecer: 5.241.507

pesquisadora responsável fará o ressarcimento dos gastos com deslocamento, para fins de participação na entrevista e /ou grupo focal. Caso as entrevistas sejam com as voluntárias da cidade de Cavalcante-GO, será mantido o uso de ligação telefônica ou plataforma para videochamadas (Meet ou similar). Quanto à participação das professoras, coordenadora e discentes do IFG, para o agendamento serão priorizados os horários de permanência das mesmas no Campus, respeitando seus horários de descanso e disponibilidade. Caso seja necessário o deslocamento em outros dias e horários para a participação nas entrevistas, a pesquisadora responsável se compromete com o ressarcimento das despesas. Para a realização presencial será utilizada a sala da Coordenação de Apoio Pedagógico ao Discente do IFG – Campus Uruaçu, conforme, previamente, combinado com a equipe de trabalho local. Independente do formato, as entrevistas serão agendadas com antecedência, respeitando o horário de disponibilidade das participantes. Antes de iniciar a entrevista será exposto às participantes os aspectos éticos que norteiam a proposta, a confidencialidade e o anonimato, além do uso das informações coletadas apenas para fins exclusivos da presente pesquisa. A entrevista só poderá ser gravada mediante a leitura e consentimento, por meio de assinatura no termo de autorização para gravação de voz (Anexo VIII), que será enviado, com antecedência, por e-mail, com o link de acesso (Google Forms). A participante poderá ter acesso à gravação e transcrição da fala de sua entrevista a qualquer momento, bastando solicitar, via e-mail ou mensagem pelo whatsapp, para a pesquisadora responsável. Não terá nenhum problema ou prejuízo caso não autorize a gravação.

6.4.4 Grupo Focal - Sobre o Grupo Focal (GP), segundo Gatti (2005) é uma técnica de entrevista coletiva, onde o pesquisador se reúne com a população pesquisada, em um horário e local determinado, para obter informações que são consideradas fundamentais e que complementam os achados em outras técnicas, a fim de compreender melhor o fenômeno estudado. A finalidade do GP é coletar informações através do debate e do diálogo entre os participantes do grupo, constituído pelo pesquisador. Trata-se de buscar informações de um tema específico, de forma intencional e definida (GATTI, 2005). Assim serão convidadas 8 (oito) participantes, sendo 4 (quatro) da oficina Mulheres na Literatura e 4 (quatro) da oficina Empoderamento Feminino e Protagonismo Juvenil. O critério de escolha será por manifestação de interesse, mediante convite feito durante a oficina, na qual a pesquisadora responsável poderá ser participante, sob autorização das professoras proponentes. Caso o número de interessadas seja maior que as vagas, será feito sorteio na presença de todas as participantes das oficinas. Serão realizados dois encontros, com data previamente agendada e combinada com o grupo e com a coordenadora geral

Endereço: Rua 88, nº280	CEP: 74.085-010
Bairro: Setor Sul	
UF: GO	Município: GOIANIA
Telefone: (62)3605-3600	Fax: (62)3605-3600 E-mail: cep@ifgoiano.edu.br



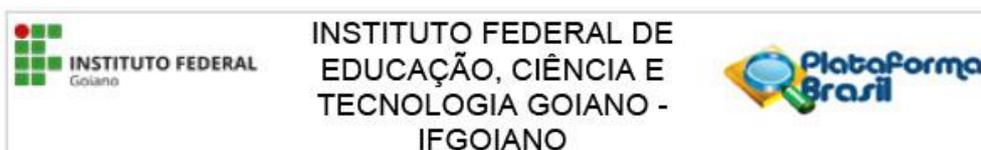
Continuação do Parecer: 5.241.507

do projeto Meninas Cientistas. Em caso de retorno das aulas presenciais, os encontros acontecerão em sala de aula ou auditório do IFG – Campus Uruaçu. Não sendo possível a realização do GF nos dias já agendados para a realização das oficinas, nos quais o deslocamento das participantes é responsabilidade do IFG-Campus Uruaçu, a pesquisadora responsável fará o ressarcimento dos gastos com deslocamentos para fins de participação no GF. Na manutenção do formato de ensino remoto, será utilizada a plataforma Google Meet.

6.4.5 Validação do Questionário e Roteiro de Entrevista A validação de conteúdo é uma análise minuciosa do instrumento que será aplicado. Trata-se de analisar o conteúdo do instrumento, verificando se os itens propostos representam uma amostra do tema que se quer pesquisar e medir. Assim, o questionário inicial e os roteiros de entrevistas passarão por validação de conteúdo. Para isso, serão submetidos à apreciação e avaliação de 3 (três) profissionais da área da educação, que tenham titulação de mestrado ou doutorado e formação na área das ciências humanas, sociais e/ou educação. Os avaliadores poderão sugerir a retirada, acréscimo ou modificação de itens. Para fins de validação, tanto no questionário, quanto no roteiro de entrevista, serão considerados os seguintes critérios na avaliação: a) Organização: estrutura e lógica da pergunta; b) Clareza: a pergunta está clara e sem ambiguidade; c) Vocabulário: facilita a compreensão, adequado à idade/grau de instrução. Será atribuído o valor de 0 a 10 para cada pergunta, de acordo com os critérios descritos, totalizando uma média no final de cada pergunta. Após validado e feitas as devidas correções, caso necessário, o questionário e o roteiro da entrevista que serão realizadas com as estudantes (discentes do IFG e alunas externas), passarão pelo pré-teste, sendo aplicado para 3 (três) estudantes, com idade acima de 13 anos e que não fazem parte da pesquisa. Marconi e Lakatos (2021) destacam que essa etapa é importante para a verificação de falhas, como inconsistência das perguntas, complexidade do vocabulário, ambiguidade e ordem das questões, além de verificar se o tempo de aplicação está adequado para o público participante.

6.5 Tratamento das Informações e Dados Coletados A análise e interpretação das informações coletadas seguirão o método de análise de conteúdo de Bardin (2016). Para a autora, o pesquisador utiliza um conjunto de técnicas, com procedimentos sistematizados, para analisar as comunicações. Assim, dividiremos nosso trabalho em três fases: a) Pré-análise, fase da organização do material e transcrição das entrevistas, onde serão selecionados os documentos que serão submetidos à análise, levando em consideração a pertinência e representatividade dos

Endereço: Rua 88, nº280	CEP: 74.085-010
Bairro: Setor Sul	
UF: GO	Município: GOIANIA
Telefone: (62)3805-3800	Fax: (62)3805-3800
	E-mail: cep@ifgoiano.edu.br



Continuação do Parecer: 5.241.507

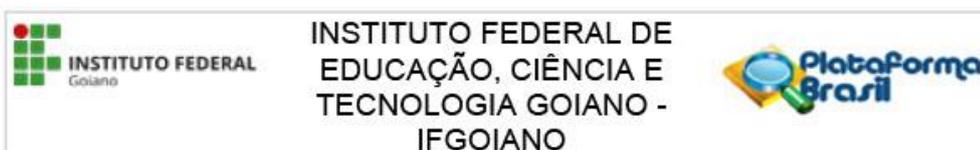
achados; b) Exploração do material: sendo a codificação, fase da exploração do material, onde os dados coletados serão separados por categoria, em unidade de registro e unidade de contexto e a categorização, que corresponde à fase de exploração e agrupamento do material, na qual as unidades de registro serão agrupadas em suas unidades de contexto; c) Tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, fase de tratamento dos achados, onde o pesquisador se apoiará nos mecanismos da comunicação: emissor, receptor, mensagem, código e canal (BARDIN, 2016)".

Parecer: Atende a legislação.

4.4 - Avaliação do processo de obtenção do TCLE:

Relata-se: "6.3 Recrutamento - O recrutamento será realizado por meio de convite às discentes internas e externas participantes nas oficinas Mulheres na Literatura e Empoderamento e Protagonismo Juvenil, além das professoras proponentes de tais oficinas e da coordenadora geral do projeto. Todas, discentes do IFG - Campus Uruaçu, discentes externas, professoras e coordenadora, concordarão ou não em participar da pesquisa, por meio da assinatura do TCLE para participantes com idade igual ou superior a 18 anos. E para os menores de 18 anos de idade, serão utilizados dois termos, um a ser assinado pelo responsável (TCLE) e outro pela participante TALE. Neste caso será considerado a anuência e o consentimento, o ato de clicar no ícone "concordo" e enviar a resposta. Todas as dúvidas, a qualquer tempo, poderão ser esclarecidas com a pesquisadora, através de ligação telefônica, inclusive a cobrar, pelo WhatsApp e por e-mail. O processo de obtenção TCLE e do TALE serão conduzidos e realizados pela pesquisadora responsável. A divulgação e o convite para participação na pesquisa serão feitos através da entrada da pesquisadora responsável nas aulas das oficinas Mulheres na Literatura e Empoderamento e Protagonismo Juvenil, previamente autorizada, por e-mail, pela coordenadora geral do projeto Meninas Cientistas e pelas professoras proponentes das referidas oficinas. O tempo de fala da pesquisadora também será combinado com as professoras proponentes, de forma que não comprometa a execução das atividades propostas para o dia agendado. Após a divulgação, será solicitado às interessadas em participar da pesquisa (alunas internas e externas), o contato telefônico, WhatsApp e e-mail pessoal e dos responsáveis legais, para as menores de 18 anos. O contato e divulgação para os responsáveis será realizada por ligação telefônica e agendamento de reunião virtual (Google Meet), onde será exposta a proposta da pesquisa e suas etapas, leitura e explicação dos termos (TCLE e TALE) e esclarecimento das possíveis dúvidas. Também serão convidadas para a reunião virtual as alunas externas e internas, que se prontificarem a participar

Endereço: Rua 88, nº280	CEP: 74.085-010
Bairro: Setor Sul	
UF: GO	Município: GOIANIA
Telefone: (62)3605-3600	Fax: (62)3605-3600
	E-mail: cep@ifgoiano.edu.br



Continuação do Parecer: 5.241.507

da pesquisa. Os links dos termos (TCLE e TALE) serão enviados, após a reunião, para o e-mail e/ou whatsapp dos responsáveis e para as voluntárias na participação da pesquisa. Os responsáveis e voluntárias poderão manifestar interesse na autorização e/ou participação na pesquisa em até 3(três) dias após receberem os links. O convite à coordenadora do projeto e às professoras da oficina Mulheres na Literatura, será formalizado por e-mail, junto com o envio do link do TCLE, com o prazo de até 3(três) para manifestar interesse em participar da pesquisa, com o preenchimento do termo e assinatura (envio da resposta)."

Parecer: Atende a legislação

4.5 - Garantias Éticas aos Participantes da Pesquisa:

Parecer: "Não houve alteração mediante parecer anterior."

4.6 - Critérios de Inclusão e Exclusão:

Parecer: "Não houve alteração mediante parecer anterior."

4.7- Critérios de Encerramento ou Suspensão da Pesquisa:

Parecer: "Não houve alteração mediante parecer anterior."

4.8- Resultados do Estudo:

Parecer: "Não houve alteração mediante parecer anterior."

4.9- Divulgação dos Resultados:

Parecer: "Não houve alteração mediante parecer anterior."

4.10 – Cronograma:

Parecer: Atende a legislação.

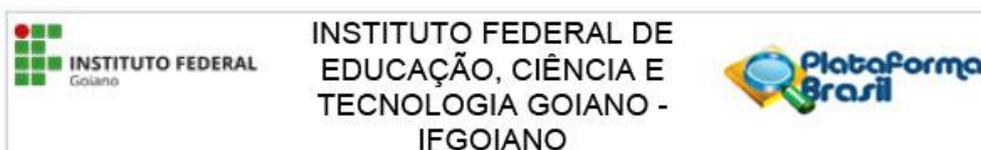
4.11- Orçamento

Parecer: Atende a legislação.

4.12- Compatibilidade entre currículos dos pesquisadores e a pesquisa

Parecer: "Não houve alteração mediante parecer anterior."

Endereço: Rua 88, nº280	CEP: 74.085-010
Bairro: Setor Sul	
UF: GO	Município: GOIANIA
Telefone: (62)3605-3600	Fax: (62)3605-3600 E-mail: cep@ifgoiano.edu.br



Continuação do Parecer: 5.241.507

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

5.1- Folha de rosto:

Parecer: "Não houve alteração mediante parecer anterior."

5.2- TCLE: (Exigência IV.4, IV.5 , IV.6 - Res. 466/12)

Parecer: Atende legislação.

5.3- Termo de Compromisso:

Parecer: "Não houve alteração mediante parecer anterior."

5.4- Termos de Anuência das Instituições Coparticipantes

Parecer: "Não houve alteração mediante parecer anterior."

5.5 – Projeto detalhado.

Parecer: Atende a legislação.

5.6 - Guarda e descarte de documentos:

Parecer: Atende a legislação.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Prezado(a) Pesquisador(a),

O CEP IF Goiano aprova seu protocolo de pesquisa. Caso haja alguma modificação, solicitamos que seja inserida uma emenda para avaliação. Ao final da pesquisa, insira uma notificação na plataforma, anexando o relatório final. O prazo para envio de relatório final será de no máximo 60 dias após o término da pesquisa.

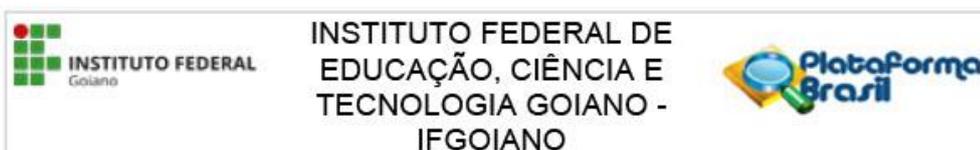
Considerações Finais a critério do CEP:

Prezado(a) pesquisador(a),

De acordo com o documento "ORIENTAÇÕES PARA CONDUÇÃO DE PESQUISAS E ATIVIDADE DOS CEP DURANTE A PANDEMIA PROVOCADA PELO CORONAVÍRUS SARS-COV-2 (COVID-19)", publicado dia 09 de maio de 2020:

"3.2. Em observância às dificuldades operacionais decorrentes de todas as medidas impostas pela

Endereço: Rua 88, nº280	CEP: 74.085-010
Bairro: Setor Sul	
UF: GO	Município: GOIANIA
Telefone: (62)3605-3600	Fax: (62)3605-3600 E-mail: cep@ifgoiano.edu.br



Continuação do Parecer: 5.241.507

pandemia do SARS-CoV-2 (Covid19), é necessário zelar pelo melhor interesse do participante da pesquisa, mantendo-o informado sobre as modificações do protocolo de pesquisa que possam afetá-lo, principalmente se houver ajuste na condução do estudo, cronograma ou plano de trabalho

3.3. Em virtude disso, enquanto perdurar o estado de emergência de saúde pública decorrente da Covid-19, recomenda-se que os CEP e toda a comunidade científica adotem, para a condução dos protocolos de pesquisa envolvendo seres humanos, as orientações da Conep, observando, ainda, no que couber, as diretrizes adotadas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa)"

Após aprovação da pesquisa, segundo as normativas vigentes, a condução da pesquisa deve estar de acordo com o protocolo aprovado pelo colegiado. Caso ocorra a necessidade de fazer qualquer alteração, deve ser submetida uma emenda com as alterações para nova avaliação ética. Exemplos: alterações metodológicas de coleta de dados, público participante e inserção de pesquisadores entre outras.

A saber:

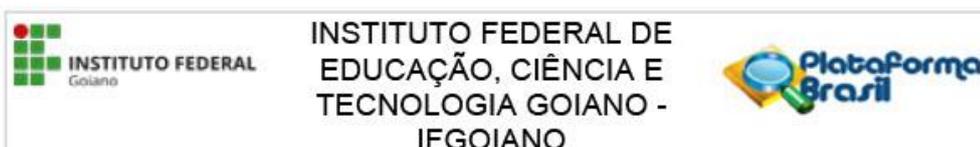
"O que é uma emenda?

Emenda é toda proposta de modificação ao projeto original, encaminhada ao Sistema CEP/CONEP pela Plataforma Brasil, com a descrição e a justificativa das alterações. As emendas devem ser apresentadas de forma clara e sucinta, destacando nos documentos enviados os trechos modificados. A emenda será analisada pelas instâncias de sua aprovação final (CEP e/ou CONEP). As modificações propostas pelo pesquisador responsável não podem descaracterizar o estudo originalmente proposto e aprovado pelo Sistema CEP-CONEP. Em geral, modificações substanciais no desenho do estudo, nas hipóteses, na metodologia e nos objetivos primários não podem ser consideradas emendas, devendo o pesquisador responsável submeter novo protocolo de pesquisa para ser analisado pelo Sistema CEP-CONEP." (Manual do usuário - Plataforma Brasil - versão 3.2)

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
----------------	---------	----------	-------	----------

Endereço: Rua 88, nº280
 Bairro: Setor Sul CEP: 74.085-010
 UF: GO Município: GOIANIA
 Telefone: (62)3605-3600 Fax: (62)3605-3600 E-mail: cep@ifgoiano.edu.br



Continuação do Parecer: 5.241.507

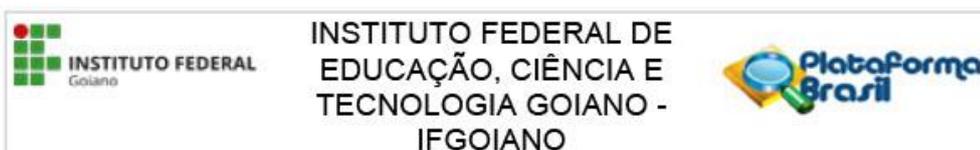
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1847732.pdf	01/12/2021 16:12:54		Aceito
Outros	Projeto_CEP_corrigido.pdf	01/12/2021 16:10:12	VANIA CLAUDIA GUIMARAES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEs_completo.docx	01/12/2021 16:07:18	VANIA CLAUDIA GUIMARAES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_CEP_corrigido.docx	01/12/2021 16:05:07	VANIA CLAUDIA GUIMARAES	Aceito
Outros	Respostas_pendencias_corrigido.docx	01/12/2021 15:39:09	VANIA CLAUDIA GUIMARAES	Aceito
Outros	TCLE_pais_responsaveis_legais_corrigido.docx	29/11/2021 16:47:06	VANIA CLAUDIA GUIMARAES	Aceito
Outros	Termo_de_autorizacao_para_gravacao_de_voz.docx	29/11/2021 16:44:12	VANIA CLAUDIA GUIMARAES	Aceito
Outros	TCLE_docentes_corrigido.docx	29/11/2021 16:43:43	VANIA CLAUDIA GUIMARAES	Aceito
Outros	TCLE_discentes_maiores_corrigido.docx	29/11/2021 16:43:04	VANIA CLAUDIA GUIMARAES	Aceito
Outros	TALE_corrigido.docx	29/11/2021 16:41:05	VANIA CLAUDIA GUIMARAES	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	24/10/2021 15:44:39	VANIA CLAUDIA GUIMARAES	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	24/10/2021 15:44:22	VANIA CLAUDIA GUIMARAES	Aceito
Outros	Validacao_dos_instrumentos_de_coleta_de_dados.pdf	24/10/2021 15:22:10	VANIA CLAUDIA GUIMARAES	Aceito
Outros	Instrumentos_de_coletas_de_dados.pdf	24/10/2021 15:07:41	VANIA CLAUDIA GUIMARAES	Aceito
Outros	Curriculo_lattes_pesquisadoras.pdf	24/10/2021 14:51:05	VANIA CLAUDIA GUIMARAES	Aceito
Outros	Termo_de_Anuencia_IFG.pdf	24/10/2021 14:47:04	VANIA CLAUDIA GUIMARAES	Aceito
Outros	Carta_de_anuencia_IFGoiano.pdf	24/10/2021 14:46:30	VANIA CLAUDIA GUIMARAES	Aceito
Outros	Termo_de_compromisso.pdf	24/10/2021 14:38:58	VANIA CLAUDIA GUIMARAES	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	24/10/2021 14:30:55	VANIA CLAUDIA GUIMARAES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Endereço: Rua 88, nº280
 Bairro: Setor Sul CEP: 74.085-010
 UF: GO Município: GOIANIA
 Telefone: (62)3805-3800 Fax: (62)3805-3800 E-mail: cep@ifgoiano.edu.br



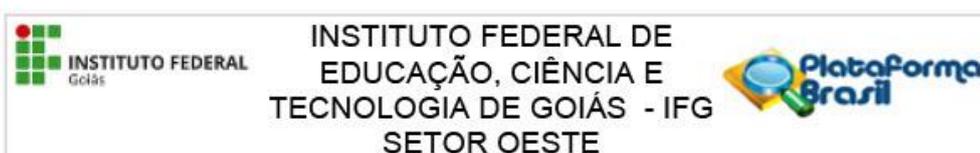
Continuação do Parecer: 5.241.507

Não

GOIANIA, 14 de Fevereiro de 2022

Assinado por:
Luiza Ferreira Rezende de Medeiros
(Coordenador(a))

Endereço: Rua 88, nº280
Bairro: Setor Sul CEP: 74.085-010
UF: GO Município: GOIANIA
Telefone: (62)3605-3600 Fax: (62)3605-3600 E-mail: cep@ifgoiano.edu.br



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Elaborado pela Instituição Coparticipante

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EXTENSÃO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: POSSIBILIDADES DE INCLUSÃO. Estudo de caso do projeto Meninas Cientistas: a construção feminina do saber

Pesquisador: VANIA CLAUDIA GUIMARAES

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 52803621.1.3001.8082

Instituição Proponente: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA DE GOIAS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.342.081

Apresentação do Projeto:

Relata-se: "A proposição pedagógica dos Institutos Federais está fundamentada na promoção do ensino, da pesquisa e da extensão. O IFG – Campus Uruaçu desenvolve o projeto Meninas Cientistas: a construção feminina do saber, ofertado às discentes e comunidade externa. A nossa proposta é analisar a dimensão inclusiva e ações do projeto meninas Cientistas para o empoderamento feminino e a aproximação comunidade-escola. Utilizaremos a abordagem qualitativa, por meio do estudo de caso. Será analisada a proposta do projeto, a identificação das alunas participantes, as ações propostas e os resultados obtidos entre agosto de 2021 e julho de 2022. Iniciaremos com a pesquisa bibliográfica e análise documental, prosseguiremos com aplicação de questionários semiestruturados, entrevistas e/ou grupo focal, além da observação e acompanhamento das oficinas Mulheres na Literatura e Empoderamento e Protagonismo Juvenil, orientadas pelas professoras participantes, em conjunto com as discentes do IFG. Serão convidadas para participarem da fase de coleta de dados, as professoras proponentes da oficina Mulheres na Literatura, a coordenadora geral do projeto Meninas Cientistas, as discentes do IFG e alunas externas, que participam das oficinas Mulheres na Literatura e Empoderamento e Protagonismo Juvenil. As informações e resultados obtidos nortearão a criação de um produto educacional (curso) que contribua com a visibilidade do projeto e o acolhimento das participantes, pensando na perspectiva da omnilateralidade, especialmente no que tange à formação teórica

Endereço: Rua C-108 Quadra 500

Bairro: SETOR OESTE

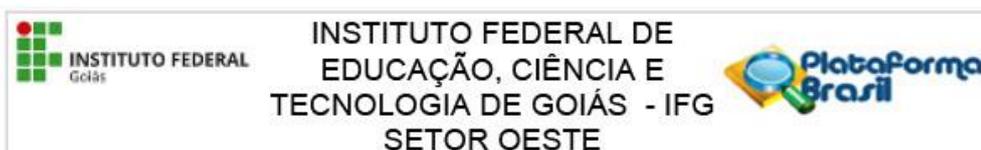
UF: GO

Município: GOIANIA

CEP: 74.270-040

Telefone: (62)3237-1821

E-mail: cep@ifg.edu.br



Continuação do Parecer: 5.342.081

reflexiva, além de incentivar a proposta extensionista como forma de aproximação e contribuição com a comunidade externa."

Objetivo da Pesquisa:

Relata-se: "1.1 Objetivo Geral: Analisar a dimensão inclusiva do projeto Meninas Cientistas: a construção feminina do saber e suas ações de promoção ao empoderamento de meninas em situação de vulnerabilidade social. 1.2 Objetivos Específicos: a) Identificar o perfil das discentes participantes, internas e externas, e a dimensão das ações inclusivas do projeto Meninas Cientistas; b) Analisar os resultados do projeto Meninas Cientistas entre 2021 e 2022 no que se refere às participantes externas: desempenho/rendimento na escola de origem, perspectivas profissionais, desejo de seguir os estudos, empoderamento pessoal e desenvolvimento omnilateral; c) Propor estratégia de visibilidade do projeto, como forma de incentivar ações de extensão inclusivas, a participação e aproximação do IFG com a comunidade regional; d) Desenvolver um curso (oficina) com as participantes do projeto Meninas Cientistas, a fim de socializá-las e estimulá-las ao engajamento e ao protagonismo feminino, como forma de superação, empoderamento e luta pela igualdade de direitos"

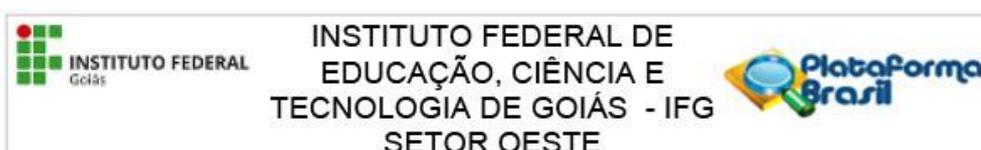
Parecer: atende à legislação.

O projeto de pesquisa está de acordo com a Norma Operacional do CNS 001/2013, item 3.4.1, inciso 4.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Relata-se: "Riscos: Em conformidade com a legislação e primando pelo bem-estar das participantes, serão adotados os procedimentos éticos previstos nas Resoluções nº 466, de 12 de dezembro de 2012, e nº 510, de 07 de abril de 2016. Nossa pesquisa não apresentará riscos biológicos, físicos ou químicos às participantes. Porém, apresenta risco de nível mínimo no que se refere às questões emocionais, pois ao responder o questionário inicial e ao participar da entrevista/grupo focal poderão ocorrer situações de constrangimento, desconforto, vergonha, ansiedade, conflito, dúvidas ou risco de identificação. Ademais, a utilização de ambientes virtuais para a coleta de dados traz risco quanto à confidencialidade dos dados, pois poderá ocorrer violações. Assim, para minimizar situações como as descritas acima, serão tomadas medidas como o agendamento prévio das entrevistas, com dia, horário e local adequado, quer seja de forma virtual ou presencial, primando pela privacidade e sigilo das participantes entrevistadas. As

Endereço: Rua C-108 Quadra 500	CEP: 74.270-040
Bairro: SETOR OESTE	
UF: GO	Município: GOIANIA
Telefone: (62)3237-1821	E-mail: cep@ifg.edu.br



Continuação do Parecer: 5.342.081

perguntas do questionário e da entrevista são livres, não havendo a obrigação de serem respondidas, caso a participante sinta algum desconforto. Além disso, oferecemos um prazo maior para a participante responder o questionário e enviar, que poderá ser de 5(cinco) dias após recebê-lo. Para intervenção em situações que causem qualquer tipo de desconforto nas participantes no decorrer do projeto e aplicação do produto educacional, a pesquisa contará com a colaboração de uma profissional da psicologia, além do apoio da equipe multiprofissional no IFG – Campus Uruaçu, formada por outras pedagogas, além da pesquisadora responsável, e psicóloga, preparadas para atuarem em situações dessa natureza. A participante poderá ser encaminhada para o serviço de psicologia, dentro ou fora do Campus, a depender dos encaminhamentos do profissional da psicologia. Qualquer assistência e orientação que se fizerem necessárias serão sem ônus de qualquer espécie às participantes, inclusive os gastos com locomoção para receber tal assistência, de modo a reafirmar o compromisso com a ética científica e atender a Resolução CNS nº 466/2012 e a Resolução CNS nº 510/2016. Além disso será assegurado e reafirmado às participantes que elas têm a livre decisão de a qualquer momento retirar a sua participação na pesquisa, sem nenhum ônus ou punição. Para uma maior segurança dos dados coletados no questionário inicial, será realizado o download das informações para um dispositivo eletrônico de propriedade da pesquisadora responsável, que, após o procedimento de análise fará o apagamento de todos os registros salvos nas plataformas virtuais utilizadas, inclusive "nuvem". Nos casos em que ocorrer algum dano, a pesquisadora compromete-se a minimizá-los através das devidas assistências e orientações integrais e imediatas quanto ao tratamento e ao acompanhamento que se fizerem necessários, sem ônus de qualquer espécie às participantes voluntárias. No mais, será garantido às participantes o direito de requerer indenização junto à pesquisadora responsável, decorrente a danos causados pela pesquisa. Esta pesquisa traz como benefício a aquisição de conhecimentos sobre como a prática extensionista das instituições públicas de ensino, em especial do IFG, pode chegar à comunidade e provocar mudanças na vida pessoal e profissional das pessoas, além de divulgar e fomentar práticas exitosas, que vão além do ensino e da pesquisa, que promovam a inclusão da comunidade, especialmente daqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade social, através da formação integral e emancipatória. Benefícios: Esta pesquisa traz como benefício a aquisição de conhecimentos sobre como a prática extensionista das instituições públicas de ensino, em especial do IFG, pode chegar à comunidade e provocar mudanças na vida pessoal e profissional das pessoas, além de divulgar e fomentar práticas exitosas, que vão além do ensino e da pesquisa, que promovam a inclusão da comunidade, especialmente daqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade social,

Endereço: Rua C-108 Quadra 500

Bairro: SETOR OESTE

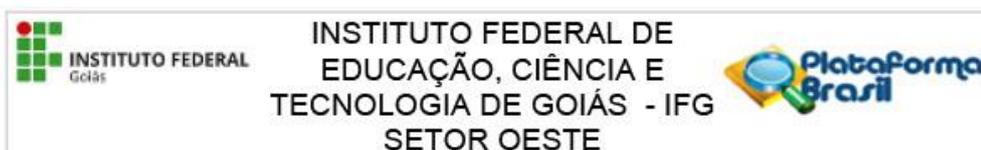
UF: GO

Município: GOIANIA

CEP: 74.270-040

Telefone: (62)3237-1821

E-mail: cep@ifg.edu.br



Continuação do Parecer: 5.342.081

através da formação integral e emancipatória”.

Parecer: Atende a legislação.

O projeto de pesquisa contempla o previsto na Resolução CNS 466/2012, capítulo V, itens V.3, V.6 e V.7 e a Resolução CNS 510/2016, capítulo IV, artigos 19 e 21 e seus respectivos parágrafos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

4.1 - Tema e objeto da pesquisa:

Relata-se: “A proposição pedagógica dos Institutos Federais está fundamentada na promoção do ensino, da pesquisa e da extensão. O IFG – Campus Uruaçu desenvolve o projeto Meninas Cientistas: a construção feminina do saber, ofertado às discentes e comunidade externa. A nossa proposta é analisar a dimensão inclusiva e ações do projeto meninas Cientistas para o empoderamento feminino e a aproximação comunidade-escola.”

Parecer: atende à legislação.

O projeto de pesquisa está de acordo com a Norma Operacional do CNS 001/2013, item 3.4.1, incisos 1 e 2.

4.2 - Relevância Social e objetivos da pesquisa:

Relata-se: “Assim, compreendemos a escola como um espaço de discussões e construções coletivas. A conscientização deve ser muito mais do que falar em construir a ação libertadora, queremos convidar meninas, mulheres, a entenderem a sua própria realidade e transformá-la (FREIRE, 1979). Acreditamos que a nossa pesquisa, desenvolvida por meio da escuta, alicerçada na realidade dos sujeitos, possa nos mostrar caminhos que mobilizem e encorajem ao enfrentamento de tantas formas de subjugação feminina. Além disso, reconhecemos que a pesquisa dos resultados de um projeto de extensão exitoso seja capaz de fomentar demais práticas de pesquisa e extensão, que promovam a inclusão e a emancipação de tantos outros sujeitos “invisíveis”.”

Parecer: atende à legislação.

O projeto de pesquisa adequa-se ao previsto na Norma Operacional do CNS 001/2013, item 3.4.1,

Endereço: Rua C-108 Quadra 500

Bairro: SETOR OESTE

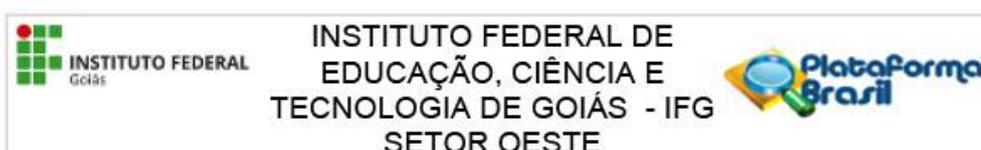
UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3237-1821

CEP: 74.270-040

E-mail: cep@ifg.edu.br



Continuação do Parecer: 5.342.081

inciso 3 e na Resolução CNS 466/2012, capítulo III, item III.1, alínea d.

4.3- Metodologia, incluindo local, população e amostra, métodos de coleta:

Relata-se: "Relata-se: "A instituição proponente, a qual as pesquisadoras estão vinculadas, é o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Campus Ceres. O local de realização da pesquisa, em todas as suas etapas, será na instituição coparticipante, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Campus Uruaçu. Trata-se de um Campus inaugurado em 2008 e que hoje oferta os cursos técnicos integrados ao Ensino Médio em Edificações, Informática, Química e Comércio, sendo o último na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Além destes, oferta os cursos superiores em Licenciatura em Química, Engenharia Civil e Tecnólogo em Análises e Desenvolvimento de Sistemas. O projeto Meninas Cientistas: a construção feminina do saber, que é o nosso objeto de pesquisa, é realizado no Campus Uruaçu desde o ano de 2019. Em 2019 os encontros e as oficinas ofertadas às discentes externas aconteceram nos laboratórios de química, construção civil e informática, no período vespertino. Em 2020, devido a pandemia de SARS-CoV-2 (Covid -19) a metodologia foi adaptada para o sistema remoto, com a utilização de plataformas virtuais. Para 2021 e 2022, em caso de retorno das aulas presenciais e obedecendo as orientações da vigilância de saúde da cidade de Uruaçu e outros órgãos competentes, além do Plano de Ação Para o Retorno Seguro e Gradual Das Atividades Presenciais Acadêmicas e Administrativas no IFG, a fase de coletas de dados do nosso projeto será realizada nas dependências do prédio do IFG-Campus Uruaçu. Utilizaremos a Sala S 301, do bloco central (conforme agendamento, disponibilidade e autorização do chefe local) para as entrevistas, sala de aula e /ou auditório, disponível no horário agendado, para a realização do grupo focal. Em caso do não retorno presencial, utilizaremos os espaços virtuais, conforme descritos na metodologia." [...] "O projeto Meninas Cientistas seleciona suas participantes externas por meio de chamada pública, com 120 vagas semestrais, sendo consideradas alunas de escolas públicas de Uruaçu e Cavalcante, que tenham acima de 12 anos e que se enquadre em um ou mais dos critérios seguintes: situação de vulnerabilidade social, comprovado com declaração de renda per capita;, possua algum tipo de deficiência atestada por laudo médico; que seja de comunidade cigana, indígena ou quilombola; que resida na zona rural. Para a participação na nossa pesquisa, convidaremos discentes externas, discentes internas, coordenadora e professoras participantes no projeto Meninas Cientistas: a construção feminina do

Endereço: Rua C-108 Quadra 500

Bairro: SETOR OESTE

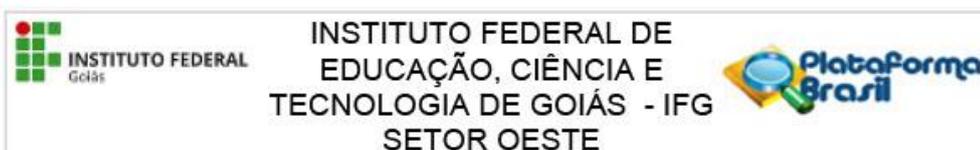
UF: GO

Município: GOIANIA

CEP: 74.270-040

Telefone: (62)3237-1821

E-mail: cep@ifg.edu.br



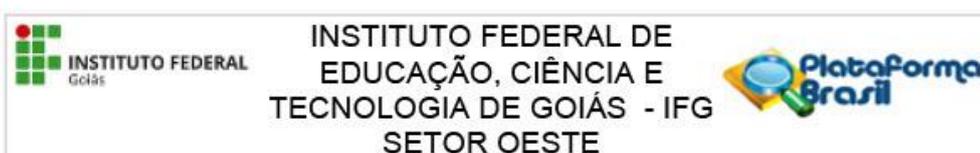
Continuação do Parecer: 5.342.081

saber. As discentes externas são alunas de escolas públicas de Uruaçu e Cavalcante participantes nas oficinas Mulheres na Literatura e Empoderamento e Protagonismo Juvenil. Terão acima de 13 anos e foram selecionadas na chamada pública para participação no projeto Meninas Cientistas. São discentes das séries finais do ensino fundamental (8º ou 9º ano) ou ensino médio e se enquadram em um ou mais critérios exigidos na chamada pública. As discentes internas - alunas do IFG-Campus Uruaçu, matriculadas nos cursos técnicos ou superiores e com idade acima de 15 anos, cadastradas como monitoras ou outra função nas oficinas Mulheres na Literatura e Empoderamento e Protagonismo Juvenil do projeto Meninas Cientistas. As professoras que serão convidadas são as proponentes e organizadoras da oficina Mulheres na Literatura, além da coordenadora geral do referido projeto. Todas são professoras efetivas no IFG, com formação nas áreas de linguagem ou humanas e possuem titulação de doutorado em suas respectivas áreas." [...] "A nossa pesquisa será dividida em três etapas: pesquisa bibliográfica e documental, estudo de caso e elaboração e aplicação do produto educacional.

6.1 Pesquisa bibliográfica e documental Dentre os principais objetivos da investigação descritos neste projeto, encontram-se a identificação e análise dos resultados do projeto Meninas Cientistas, no que se refere ao empoderamento das meninas participantes. Inicialmente será realizado o levantamento bibliográfico, tendo em vista a necessidade de aprofundamento na discussão abordada no decorrer desse projeto. A amplitude da temática proposta, requer, inicialmente, a seleção do material bibliográfico, que relacione as diretrizes da EPT, na dimensão da extensão, com a proposta da pesquisa. Ainda na fase de levantamento, será solicitado à coordenadora geral do projeto Meninas Cientistas o material que compõe o arquivo documental da proposta, para assim procedermos com a leitura reflexiva do projeto Meninas Ciências, os relatórios das atividades desenvolvidas em 2019 e 2020, os artigos publicados e o planejamento para 2021 e 2020, período que pretendemos analisar. O projeto já possui uma página na internet (<https://linktr.ee/meninascientistas>), com divulgação das produções desde 2019 e ações propostas para 2021. Com a intenção de delinear as ações, serão selecionados documentos legais, historiográficos, conceituais, pesquisas sistematizadas, que trazem a trajetória da luta feminina e a quebra dos estereótipos de gênero, presentes na nossa sociedade. Após, faremos a leitura bibliográfica sistematizada, de acordo com os objetivos do projeto. Essa fase é essencial pois "o estudo da literatura pertinente pode ajudar a planificação do trabalho, evitar duplicações e certos erros, e representa uma fonte indispensável de informações, podendo até orientar as indagações" (MARCONI; LAKATOS, 1990, p. 24).

6.2 Estudo de caso Será utilizado o estudo de caso como metodologia de investigação, sob uma

Endereço: Rua C-108 Quadra 500
 Bairro: SETOR OESTE CEP: 74.270-040
 UF: GO Município: GOIANIA
 Telefone: (62)3237-1821 E-mail: cep@ifg.edu.br

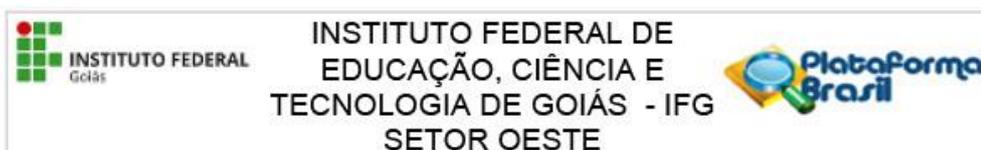


Continuação do Parecer: 5.342.081

abordagem qualitativa. Para Gaya (2008), o estudo de caso orienta-se pela necessidade de compreensão profunda de uma realidade singular, seja ela de um indivíduo, um grupo, uma instituição social ou uma comunidade. Ainda sobre estudo de caso, é importante observar que: O estudo de caso é a estratégia escolhida ao se examinarem conhecimentos contemporâneos, mas quando não se pode manipular comportamentos relevantes. O estudo de caso conta com muitas técnicas utilizadas pelas pesquisas históricas, mas acrescenta duas fontes de evidências que usualmente não são incluídas no repertório de um historiador: observação direta e série sistemática de entrevistas. Novamente, embora os estudos de caso e as pesquisas históricas possam se sobrepor, o poder diferenciador do estudo de caso é sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências- documentos, artefatos, entrevista e observações- além do que pode estar disponível no estudo histórico convencional. (YIN, 2001, p. 27) Dessa maneira, consoante a Yin (2001) o estudo de caso "representa uma maneira de se investigar um tópico empírico seguindo-se um conjunto de procedimentos pré-especificados" (YIN, 2001, p. 27). Por fim, é crucial destacar a importância do estudo de caso quando em conjunto com outras metodologias, desempenhando papel complementar à pesquisa. Como trata-se de um estudo de caso em que, entre outras técnicas, será utilizada a observação assistemática, solicitarei a minha entrada no projeto, a fim de conhecer, na prática, a dinâmica de trabalho, os envolvidos no projeto e o público-alvo da pesquisa.

6.3 Recrutamento . O recrutamento será realizado por meio de convite às discentes internas e externas participantes nas oficinas Mulheres na Literatura e Empoderamento e Protagonismo Juvenil, além das professoras proponentes de tais oficinas e da coordenadora geral do projeto. Todas, discentes do IFG - Campus Uruaçu, discentes externas, professoras e coordenadora, concordarão ou não em participar da pesquisa, por meio da assinatura do TCLE para participantes com idade igual ou superior a 18 anos. E para os menores de 18 anos de idade, serão utilizados dois termos, um a ser assinado pelo responsável (TCLE) e outro pela participante TALE. Neste caso será considerado a anuência e o consentimento, o ato de clicar no ícone "concordo" e enviar a resposta. Todas as dúvidas, a qualquer tempo, poderão ser esclarecidas com a pesquisadora, através de ligação telefônica, inclusive a cobrar, pelo WhatsApp e por e-mail. O processo de obtenção TCLE e do TALE serão conduzidos e realizados pela pesquisadora responsável. A divulgação e o convite para participação na pesquisa serão feitos através da entrada da pesquisadora responsável nas aulas das oficinas Mulheres na Literatura e Empoderamento e Protagonismo Juvenil, previamente autorizada, por e-mail, pela coordenadora geral do projeto Meninas Cientistas e pelas professoras proponentes das referidas oficinas. O tempo de fala da

Endereço: Rua C-108 Quadra 500
 Bairro: SETOR OESTE CEP: 74.270-040
 UF: GO Município: GOIANIA
 Telefone: (62)3237-1821 E-mail: cep@ifg.edu.br



Continuação do Parecer: 5.342.081

pesquisadora também será combinado com as professoras proponentes, de forma que não comprometa a execução das atividades propostas para o dia agendado. Após a divulgação, será solicitado às interessadas em participar da pesquisa (alunas internas e externas), o contato telefônico, WhatsApp e e-mail pessoal e dos responsáveis legais, para as menores de 18 anos. O contato e divulgação para os responsáveis será realizada por ligação telefônica e agendamento de reunião virtual (Google Meet), onde será exposta a proposta da pesquisa e suas etapas, leitura e explicação dos termos (TCLE e TALE) e esclarecimento das possíveis dúvidas. Também serão convidadas para a reunião virtual as alunas externas e internas, que se prontificarem a participar da pesquisa. Os links dos termos (TCLE e TALE) serão enviados, após a reunião, para o e-mail e/ou whatsapp dos responsáveis e para as voluntárias na participação da pesquisa. Os responsáveis e voluntárias poderão manifestar interesse na autorização e/ou participação na pesquisa em até 3(três) dias após receberem os links. O

convite à coordenadora do projeto e às professoras da oficina Mulheres na Literatura, será formalizado por e-mail, junto com o envio do link do TCLE, com o prazo de até 3(três) para manifestar interesse em participar da pesquisa, com o preenchimento do termo e assinatura (envio da resposta).

6.4 Coleta de Dados e Informações Para a coleta de dados utilizaremos a observação assistemática, com o uso do diário de bordo, a aplicação de questionários semiestruturados, entrevistas e/ou grupo focal. Essa etapa da pesquisa requer tempo, atenção e cuidado, pois "o rigoroso controle na aplicação dos instrumentos de pesquisa é fator fundamental para evitar erros e defeitos resultantes de entrevistadores inexperientes ou de informações tendenciosas." (MARCONI; LAKATOS, 2021, p.18). 6.4.1 Observação assistemática A observação assistemática, também conhecida como observação não estrutural é caracterizada pelo "fato de o conhecimento ser obtido através de uma experiência casual, sem que se tenha determinado de antemão quais os aspectos relevantes a serem observados e que meios utilizar para observá-los" (RUDIO, 2014, p. 42). Portanto, é fundamental que nós, observadores, tenhamos boa técnica, conforme Marcone e Lakatos (2021). Assim, para o procedimento de observação assistemática, solicitarei à coordenação do projeto e às professoras proponentes a minha entrada, como pesquisadora, nas oficinas

Mulheres na Literatura e Empoderamento e Protagonismo Juvenil, a fim de conhecer, na prática, a dinâmica de trabalho, os envolvidos no projeto e o público-alvo da pesquisa. A coleta de dados pela observação assistemática acontecerá no acompanhamento dos encontros gerais da equipe, por meio virtual (Google Meet ou outro) ou presencial. A dinâmica do projeto segue duas fases: a)

Endereço: Rua C-108 Quadra 500

Bairro: SETOR OESTE

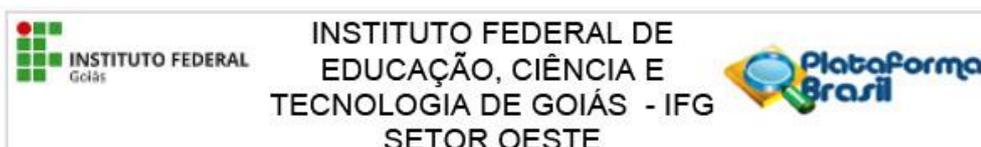
UF: GO

Município: GOIANIA

CEP: 74.270-040

Telefone: (62)3237-1821

E-mail: cep@ifg.edu.br



Continuação do Parecer: 5.342.081

na primeira acontece a formação das monitoras (discentes do IFG). A proposta é realizada por professoras cadastradas no projeto; b) na segunda fase, as monitoras que receberam formação trabalham, em forma de oficina, com as alunas externas. Todo o processo de observação será registrado no diário de bordo, para análise posterior dos achados.

6.4.2 Questionário O questionário é um tipo de método estruturado em perguntas escritas, que podem variar em abertas e fechadas. Ele deve ser acompanhado de textos que explicam a sua natureza, importância das respostas, de modo a despertar o interesse do receptor para preenchimento e devolução de acordo com a necessidade, segundo Marcone e Lakatos (2021). A proposta inicial do uso do questionário será a sua aplicação para as monitoras, que são discentes do IFG - Campus Uruaçu e alunas externas, que estejam participando das oficinas Mulheres na Literatura e Empoderamento e Protagonismo Juvenil. O objetivo é identificar o perfil socioeconômico familiar e outras informações relacionadas à vida acadêmica das estudantes e sua participação no projeto Meninas Cientistas. Para as discentes externas, o questionário será composto de 18 (dezoito) questões, sendo 15 objetivas, com possibilidade de incluir resposta e 3 (três) questões abertas. Para as discentes do IFG, que são monitoras ou tenham outra função nas oficinas citadas, o questionário será composto de 10 (dez) questões, sendo 7 (sete) objetivas, das quais 6 (seis) com possibilidade de incluir resposta e 3 (três) questões abertas. Os questionários serão configurados com perguntas livres, não havendo a obrigação de serem respondidas para avançar para a seguinte questão. O prazo de envio de respostas será de 5 (cinco) dias após recebê-lo. Para a aplicação do questionário será utilizado o aplicativo de gerenciamento de pesquisas Google Forms, do Google Drive, ou impresso, dependendo do retorno das aulas presenciais, suspensão ocasionada pela pandemia SARS-CoV-2 (Covid19). Em formato virtual (Google Forms), o link será enviado para o WhatsApp e e-mail das participantes. Os contatos (WhatsApp e e-mail) serão solicitados durante a nossa primeira entrada nas aulas das oficinas, mediante lista para preenchimento, caso seja presencial, ou via chat do Google Meet, caso seja virtual. Para aplicação dos questionários, em formato presencial, serão entregues impressos, durante a aula. As participantes poderão levar para casa e devolvê-los no encontro seguinte, conforme combinado. Independente do formato, o questionário será aplicado sem a presença da pesquisadora e as participantes levarão em média de 10 (dez) a 15 (quinze) minutos para respondê-lo.

6.4.3 Entrevista Sobre a entrevista, o conceito trazido por Marconi e Lakatos (2021) define esse instrumento como uma conversa entre duas pessoas, com o objetivo de trocar informações. Além disso, destaca a importância de tal procedimento, pois pode ser "utilizado na investigação social, para a coleta de dados, ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social"

Endereço: Rua C-108 Quadra 500

Bairro: SETOR OESTE

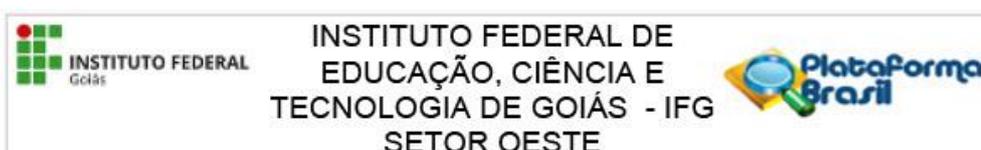
UF: GO

Município: GOIANIA

CEP: 74.270-040

Telefone: (62)3237-1821

E-mail: cep@ifg.edu.br



Continuação do Parecer: 5.342.081

(MARCONI; LAKATOS, 2021, p. 213).

A entrevista semiestruturada foi escolhida como procedimento metodológico devido seus inúmeros benefícios, tais como: pode ser utilizado com toda a população, independe do grau de escolaridade dos participantes; sua grande flexibilidade e a oportunidade de perceber atitudes, como gestos e expressões faciais, durante o processo de entrevista. Além disso, possui vantagens da possibilidade de obtenção de respostas rápidas e precisas, menor risco de distorção e análise subjetiva por parte do pesquisador, além de permitir complementos e esclarecimentos, e correções simultâneas, conforme Lüdke e André (2018). Para que a entrevista atinja a sua finalidade, a pesquisadora precisa planejá-la em detalhes e ter objetivos claros do que se pretende alcançar. É imprescindível a seleção dos entrevistados, de acordo com a temática a ser trabalhada, verificar o interesse e disponibilidade dos participantes, agendar com antecedência, especificando data, horário e local e garantir o sigilo absoluto das confidências e identidades dos entrevistados (OLIVEIRA, G. S. et al., 2020). Com a entrevista pretendemos coletar informações mais pontuais, esclarecer dúvidas ainda não contempladas no uso do questionário e manter um contato mais próximo com as participantes. Serão convidadas para participarem da entrevista, a coordenadora geral do projeto Meninas Cientistas, as 2 (duas) professoras proponentes da oficina Mulheres na Literatura, 2 (duas) monitoras da oficina Mulheres na Literatura e 2(duas) monitoras da oficina Empoderamento e Protagonismo Juvenil. Para a escolha das monitoras, será utilizado o critério de curso (preferencialmente do técnico integrado) e o maior tempo de estudo no IFG - Campus Uruaçu. Para as entrevistas com as estudantes externas, serão convidadas 2 (duas) alunas de cada uma das oficinas já citadas, sendo o critério de escolha a idade (maior) e a série que cursa na escola de origem (maior). A entrevista será realizada presencialmente no IFG-Campus Uruaçu, por ligação telefônica ou pelo Google Meet, ou plataforma similar. O IFG-Campus Uruaçu é responsável pelo deslocamento das participantes, de suas escolas de origem até a sede (Campus IFG), nos horários da oferta das oficinas. O trajeto é feito no micro-ônibus institucional. Caso não seja possível a adequação de horários das entrevistas nos intervalos das oficinas ou durante a permanência das participantes no Campus, a pesquisadora responsável fará o ressarcimento dos gastos com deslocamento, para fins de participação na entrevista e ou grupo focal. Caso as entrevistas sejam com as voluntárias da cidade de Cavalcante-GO, será mantido o uso de ligação telefônica ou plataforma para videochamadas (Meet ou similar). Quanto à participação das professoras, coordenadora e discentes do IFG, para o agendamento serão priorizados os horários de permanência das mesmas no Campus, respeitando seus horários de descanso e disponibilidade. Caso seja necessário o deslocamento em outros dias e horários para a

Endereço: Rua C-198 Quadra 500

Bairro: SETOR OESTE

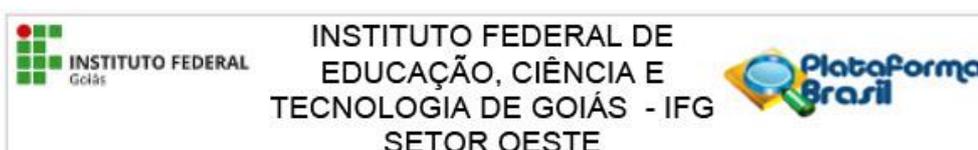
CEP: 74.270-040

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3237-1821

E-mail: cep@ifg.edu.br



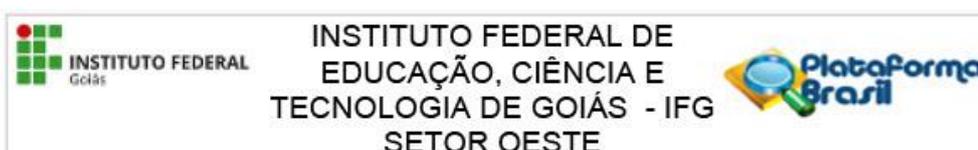
Continuação do Parecer: 5.342.081

participação nas entrevistas, a pesquisadora responsável se compromete com o ressarcimento das despesas. Para a realização presencial será utilizada a sala da Coordenação de Apoio Pedagógico ao Discente do IFG – Campus Uruaçu, conforme, previamente, combinado com a equipe de trabalho local. Independente do formato, as entrevistas serão agendadas com antecedência, respeitando o horário de disponibilidade das participantes. Antes de iniciar a entrevista será exposto às participantes os aspectos éticos que norteiam a proposta, a confidencialidade e o anonimato, além do uso das informações coletadas apenas para fins exclusivos da presente pesquisa. A entrevista só poderá ser gravada mediante a leitura e consentimento, por meio de assinatura no termo de autorização para gravação de voz (Anexo VIII), que será enviado, com antecedência, por e-mail, com o link de acesso (Google Forms). A participante poderá ter acesso à gravação e transcrição da fala de sua entrevista a qualquer momento, bastando solicitar, via e-mail ou mensagem pelo whatsapp, para a pesquisadora responsável. Não terá nenhum problema ou prejuízo caso não autorize a gravação.

6.4.4 Grupo Focal - Sobre o Grupo Focal (GP), segundo Gatti (2005) é uma técnica de entrevista coletiva, onde o pesquisador se reúne com a população pesquisada, em um horário e local determinado, para obter informações que são consideradas fundamentais e que complementam os achados em outras técnicas, a fim de compreender melhor o fenômeno estudado. A finalidade do GP é coletar informações através do debate e do diálogo entre os participantes do grupo, constituído pelo pesquisador. Trata-se de buscar informações de um tema específico, de forma intencional e definida (GATTI, 2005). Assim serão convidadas 8 (oito) participantes, sendo 4 (quatro) da oficina Mulheres na Literatura e 4 (quatro) da oficina Empoderamento Feminino e Protagonismo Juvenil. O critério de escolha será por manifestação de interesse, mediante convite feito durante a oficina, na qual a pesquisadora responsável poderá ser participante, sob autorização das professoras proponentes. Caso o número de interessadas seja maior que as vagas, será feito sorteio na presença de todas as participantes das oficinas. Serão realizados dois encontros, com data previamente agendada e combinada com o grupo e com a coordenadora geral do projeto Meninas

cientistas. Em caso de retorno das aulas presenciais, os encontros acontecerão em sala de aula ou auditório do IFG – Campus Uruaçu. Não sendo possível a realização do GF nos dias já agendados para a realização das oficinas, nos quais o deslocamento das participantes é responsabilidade do IFG-Campus Uruaçu, a pesquisadora responsável fará o ressarcimento dos gastos com deslocamentos para fins de participação no GF. Na manutenção do formato de ensino remoto, será

Endereço: Rua C-198 Quadra 500	CEP: 74.270-040
Bairro: SETOR OESTE	
UF: GO	Município: GOIANIA
Telefone: (62)3237-1821	E-mail: cep@ifg.edu.br



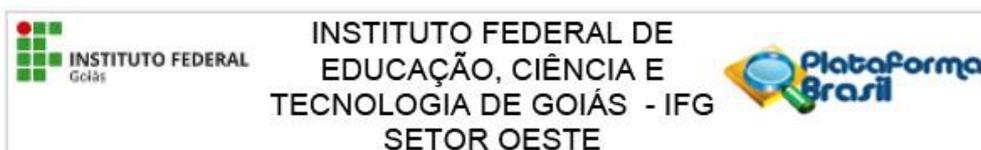
Continuação do Parecer: 5.342.081

utilizada a plataforma Google Meet.

6.4.5 Validação do Questionário e Roteiro de Entrevista A validação de conteúdo é uma análise minuciosa do instrumento que será aplicado. Trata-se de analisar o conteúdo do instrumento, verificando se os itens propostos representam uma amostra do tema que se quer pesquisar e medir. Assim, o questionário inicial e os roteiros de entrevistas passarão por validação de conteúdo. Para isso, serão submetidos à apreciação e avaliação de 3 (três) profissionais da área da educação, que tenham titulação de mestrado ou doutorado e formação na área das ciências humanas, sociais e/ou educação. Os avaliadores poderão sugerir a retirada, acréscimo ou modificação de itens. Para fins de validação, tanto no questionário, quanto no roteiro de entrevista, serão considerados os seguintes critérios na avaliação: a) Organização: estrutura e lógica da pergunta; b) Clareza: a pergunta está clara e sem ambiguidade; c) Vocabulário: facilita a compreensão, adequado à idade/grau de instrução. Será atribuído o valor de 0 a 10 para cada pergunta, de acordo com os critérios descritos, totalizando uma média no final de cada pergunta. Após validado e feitas as devidas correções, caso necessário, o questionário e o roteiro da entrevista que serão realizadas com as estudantes (discentes do IFG e alunas externas), passarão pelo pré-teste, sendo aplicado para 3 (três) estudantes, com idade acima de 13 anos e que não fazem parte da pesquisa. Marconi e Lakatos (2021) destacam que essa etapa é importante para a verificação de falhas, como inconsistência das perguntas, complexidade do vocabulário, ambiguidade e ordem das questões, além de verificar se o tempo de aplicação está adequado para o público participante.

6.5 Tratamento das Informações e Dados Coletados A análise e interpretação das informações coletadas seguirão o método de análise de conteúdo de Bardin (2016). Para a autora, o pesquisador utiliza um conjunto de técnicas, com procedimentos sistematizados, para analisar as comunicações. Assim, dividiremos nosso trabalho em três fases: a) Pré-análise, fase da organização do material e transcrição das entrevistas, onde serão selecionados os documentos que serão submetidos à análise, levando em consideração a pertinência e representatividade dos achados; b) Exploração do material: sendo a modificação, fase da exploração do material, onde os dados coletados serão separados por categoria, em unidade de registro e unidade de contexto e a categorização, que corresponde à fase de exploração e agrupamento do material, na qual as unidades de registro serão agrupadas em suas unidades de contexto; c) Tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, fase de tratamento dos achados, onde o pesquisador se apoiará nos mecanismos da comunicação: emissor, receptor, mensagem, código e canal (BARDIN, 2016)".

Endereço: Rua C-198 Quadra 500
 Bairro: SETOR OESTE CEP: 74.270-040
 UF: GO Município: GOIANIA
 Telefone: (62)3237-1821 E-mail: cep@ifg.edu.br



Continuação do Parecer: 5.342.081

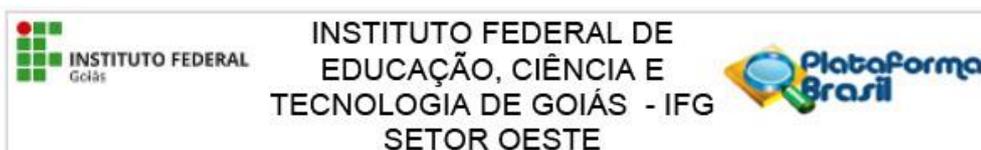
Parecer: Atende a legislação.

O projeto de pesquisa está de acordo com a Resolução CNS 466/2012, capítulo III, itens III.2, alíneas a, b, c, e, i, j, k, l, n, o, p, q e u. Também se enquadra no prescrito pela Norma Operacional do CNS 001/2013, item 3.4.1, incisos 5, 6 e 8

4.4 - Avaliação do processo de obtenção do TCLE:

Relata-se: "6.3 Recrutamento - O recrutamento será realizado por meio de convite às discentes internas e externas participantes nas oficinas Mulheres na Literatura e Empoderamento e Protagonismo Juvenil, além das professoras proponentes de tais oficinas e da coordenadora geral do projeto. Todas, discentes do IFG - Campus Uruaçu, discentes externas, professoras e coordenadora, concordarão ou não em participar da pesquisa, por meio da assinatura do TCLE para participantes com idade igual ou superior a 18 anos. E para os menores de 18 anos de idade, serão utilizados dois termos, um a ser assinado pelo responsável (TCLE) e outro pela participante TALE. Neste caso será considerado a anuência e o consentimento, o ato de clicar no ícone "concordo" e enviar a resposta. Todas as dúvidas, a qualquer tempo, poderão ser esclarecidas com a pesquisadora, através de ligação telefônica, inclusive a cobrar, pelo WhatsApp e por e-mail. O processo de obtenção TCLE e do TALE serão conduzidos e realizados pela pesquisadora responsável. A divulgação e o convite para participação na pesquisa serão feitos através da entrada da pesquisadora responsável nas aulas das oficinas Mulheres na Literatura e Empoderamento e Protagonismo Juvenil, previamente autorizada, por e-mail, pela coordenadora geral do projeto Meninas Cientistas e pelas professoras proponentes das referidas oficinas. O tempo de fala da pesquisadora também será combinado com as professoras proponentes, de forma que não comprometa a execução das atividades propostas para o dia agendado. Após a divulgação, será solicitado às interessadas em participar da pesquisa (alunas internas e externas), o contato telefônico, WhatsApp e e-mail pessoal e dos responsáveis legais, para as menores de 18 anos. O contato e divulgação para os responsáveis será realizada por ligação telefônica e agendamento de reunião virtual (Google Meet), onde será exposta a proposta da pesquisa e suas etapas, leitura e explicação dos termos (TCLE e TALE) e esclarecimento das possíveis dúvidas. Também serão convidadas para a reunião virtual as alunas externas e internas, que se prontificarem a participar da pesquisa. Os links dos termos (TCLE e TALE) serão enviados, após a reunião, para o e-mail e/ou whatsapp dos responsáveis e para as voluntárias na participação da pesquisa. Os responsáveis e

Endereço: Rua C-198 Quadra 500	CEP: 74.270-040
Bairro: SETOR OESTE	
UF: GO	Município: GOIANIA
Telefone: (62)3237-1821	E-mail: cep@ifg.edu.br



Continuação do Parecer: 5.342.081

voluntárias poderão manifestar interesse na autorização e/ou participação na pesquisa em até 3(três) dias após receberem os links. O convite à coordenadora do projeto e às professoras da oficina Mulheres na Literatura, será formalizado por e-mail, junto com o envio do link do TCLE, com o prazo de até 3(três) para manifestar interesse em participar da pesquisa, com o preenchimento do termo e assinatura (envio da resposta).”

Parecer: Atende a legislação

4.5 - Garantias Éticas aos Participantes da Pesquisa:

Relata-se: "5 GARANTIAS ÉTICAS AOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

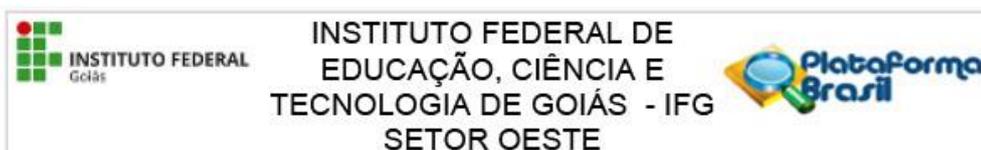
Nossa pesquisa foi planejada em consonância com a Resolução nº466, de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que dispõe as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas que envolvem seres humanos, prezando pelo indivíduo e coletividades e visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito aos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado. Para tanto, consta no anexo I, o termo de compromisso que firma o nosso comprometimento com a legislação. O projeto de pesquisa será submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás e ao Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Seguem, os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que estão localizados nos anexos IV e V e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), disponível no anexo III. No TCLE, a pesquisa será esclarecida e a autorização para participação da adolescente será feita pelo responsável, mediante a assinatura do termo. No TALE é adolescente, participante da pesquisa que irá assinar. O termo TALE representa a anuência do participante da pesquisa, seja criança, adolescente ou legalmente incapaz, livre de vícios

simulação, fraude ou erro), dependência, subordinação ou intimidação. Ambos os termos esclarecem os objetivos, métodos, benefícios previstos e possíveis riscos e incômodos gerados no processo da pesquisa (BRASIL, 2012).

Durante todo o processo da pesquisa, quer seja na coleta de dados, tratamento dos achados e escrita da dissertação, serão resguardadas o sigilo das identidades das participantes. Dessa forma, para transcrição das falas das entrevistas e/ou grupo focal, as respostas dos questionários, os relatos na observação, serão utilizados pseudônimos, primando pelo anonimato e privacidade. As

Endereço: Rua C-198 Quadra 500	CEP: 74.270-040
Bairro: SETOR OESTE	
UF: GO	Município: GOIANIA
Telefone: (62)3237-1821	E-mail: cep@ifg.edu.br



Continuação do Parecer: 5.342.081

professoras proponentes das oficinas e a coordenadora do projeto Meninas Cientistas, voluntárias na pesquisa, poderão optar no TCLE pela autorização ou não autorização, na identificação (uso do nome) nos resultados da pesquisa.

Todas, discentes do IFG - Campus Uruaçu, discentes externas, professoras e coordenadora, concordarão ou não em participar da pesquisa, por meio da assinatura do TCLE para participantes com idade igual ou superior a 18 anos. E para os menores de 18 anos de idade, serão utilizados dois termos, um a ser assinado pelo responsável (TCLE) e outro pela participante TALE. Neste caso será considerado a anuência e o consentimento, o ato de clicar no ícone "concordo" e enviar a resposta. Todas as dúvidas, a qualquer tempo, poderão ser esclarecidas com a pesquisadora, através de ligação telefônica, inclusive a cobrar, pelo WhatsApp e por e-mail.

Quanto aos documentos gerados por esta pesquisa, estes serão armazenados sob a responsabilidade das pesquisadoras, que ao final de cinco anos de guarda, procederão com o descarte, na presença de testemunhas e registro em ata. Os documentos digitais serão descartados por meio do apagamento definitivo de todos os meios digitais (arquivos de computador, drives, e-mails e outros). Os documentos físicos serão fragmentados, com o uso de guilhotina de corte, e encaminhados para empresa de reciclagem de papel."

Parecer: Atende a legislação,

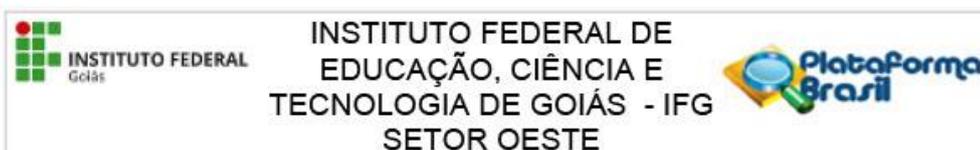
O projeto de pesquisa atende o disposto na Resolução CNS 466/2012, capítulo III, itens III.1 e item III.2 e suas respectivas alíneas. Também obedece a Resolução CNS 510/2016, capítulo II, artigo 3º, itens I a X, e o estabelecido na Norma Operacional CNS 001/2013, capítulo 3, item 3.4.1, inciso 7.

4.6 - Critérios de Inclusão e Exclusão:

Relata-se: "9 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Como o projeto Meninas Cientistas atenderá entre outubro de 2021 e julho de 2022, aproximadamente 240 meninas de escolas municipais e estaduais das cidades de Uruaçu-GO e Cavalcante – GO, além de 30 estudantes do IFG – Campus Uruaçu e trabalhará com as oficinas de Engenharia Civil, Divulgação Científica, Empoderamento e Protagonismo Juvenil, Geoprocessamento: mapas e games, Mulheres na Literatura, Química, Raciocínio Lógico, Robótica e Modelagem 3D e Virologia, optamos por realizar a pesquisa com a alunas externas participantes

Endereço: Rua C-198 Quadra 500	CEP: 74.270-040
Bairro: SETOR OESTE	
UF: GO	Município: GOIANIA
Telefone: (62)3237-1821	E-mail: cep@ifg.edu.br



Continuação do Parecer: 5.342.081

das oficinas de Mulheres na Literatura e Empoderamento e Protagonismo Juvenil (quantitativo ainda não informado), 7 discentes do IFG – Campus Uruaçu, que atuam como monitoras nas oficinas supracitadas e 3 docentes, sendo a coordenadora geral do projeto e as docentes da oficina Mulheres na Literatura.

O sistema de inclusão das participantes das oficinas Mulheres na Literatura e Empoderamento e Protagonismo Juvenil na pesquisa será feito levando em consideração a relevância das temáticas trabalhadas nessas oficinas, pois contemplam nossa proposta de discussão sobre igualdade de gênero. Por isso optaremos por convidar meninas acima de 13 anos e que estejam cursando o 7º, 8º ou 9º ano do ensino fundamental, por considerarmos que já possuem maturidade para tais discussões. Caso o número de participantes externas nessas oficinas ultrapasse a quantidade de 30 discentes, utilizaremos o critério de idade para selecioná-las, sendo convidadas as estudantes de 13 e 14 anos, idade prevista para a conclusão das séries finais do ensino fundamental e ingresso no ensino médio, sendo para nós pesquisadoras, além da busca por respostas para o nosso problema de pesquisa, um momento de divulgação e incentivo à entrada nos cursos técnicos do IFG. Caso não atinja o número de 30 participantes, estenderemos o convite para as discentes do ensino médio, obedecendo o critério de maior idade. Entendemos que tais meninas tenham mais maturidade para participarem das discussões que serão propostas, além de conviverem com conflitos comuns dessa fase vital, como situações que envolvem relacionamentos, família, trabalho, identidade de gênero. Ademais, consideramos que essas discentes do ensino médio estão em fase de escolha ou não do curso superior, além das perspectivas profissionais.

Dessa forma serão excluídas da participação na pesquisa as discentes matriculadas nas oficinas Mulheres na Literatura e Empoderamento e Protagonismo Juvenil que tiverem idade inferior a 13 anos, independente da série que estejam cursando. Além dessas, serão excluídas as discentes do IFG, que são monitoras, e que tenham idade inferior a 15 anos."

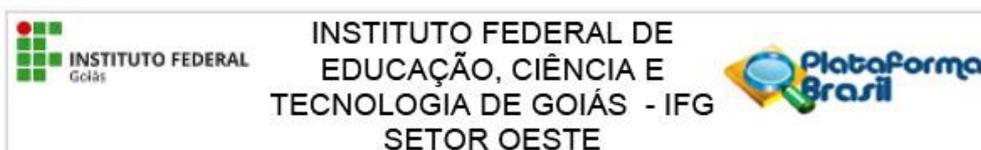
Parecer: Atende a legislação.

4.7- Critérios de Encerramento ou Suspensão da Pesquisa:

Relata-se: "11 CRITÉRIOS DE ENCERRAMENTO OU SUSPENSÃO DA PESQUISA

A pesquisa será iniciada após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) das instituições envolvidas, IFG e o IF Goiano, e de acordo com o cronograma elaborado, primando pelo

Endereço: Rua C-198 Quadra 500	CEP: 74.270-040
Bairro: SETOR OESTE	
UF: GO	Município: GOIANIA
Telefone: (62)3237-1821	E-mail: cep@ifg.edu.br



Continuação do Parecer: 5.342.081

cumprimento dos prazos. Contudo, a qualquer momento da pesquisa seja percebido motivos de danos ou risco à saúde das participantes não previstos no termo de consentimento, a mesma será interrompida. Caso ocorra encerramento ou suspensão do protocolo de pesquisa, esta ocorrerá sob a orientação da Resolução CNS nº 466/12, da Resolução CNS nº 510/2016 e da Norma Operacional CNS nº 001/2013. Neste caso, será enviado um relatório de cancelamento ou suspensão da pesquisa para a Plataforma Brasil justificando a solicitação, aguardando o parecer 'Retirado' emitido pelo CEP/CONEP e CEP/IFG"

Parecer: Atende a legislação

4.8- Resultados do Estudo:

Relata-se: "12 RESULTADOS DO ESTUDO

Após a conclusão desta pesquisa, seus resultados serão divulgados à comunidade acadêmica e sociedade, por meio de artigo científico, divulgação em eventos acadêmicos do IFG e outras instituições, página oficial do projeto Meninas Cientistas e por e-mail, além do depósito no repositório do Portal do Capes e do IF Goiano, com os devidos créditos às autoras. Será feita de forma transparente às participantes, preservando a sua identidade e a imagem da Instituição.

Por meio da dissertação, do produto educacional e da cartilha da oficina, o material da pesquisa será materializado. De modo conjunto, todas as participantes terão acesso aos resultados da pesquisa, antes e depois da sua divulgação – acesso esse garantido pelo material digitalizado e enviado via correio eletrônico. Além disso, os resultados também serão encaminhados à instituição coparticipante."

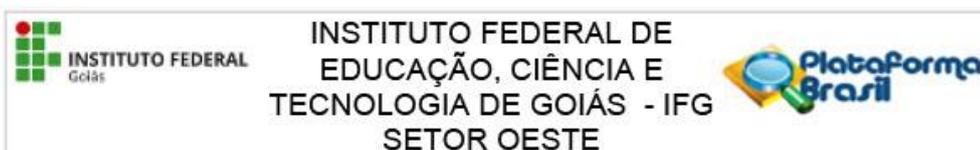
Parecer: Atende a legislação.

4.9- Divulgação dos Resultados:

Relata-se: "13 DIVULGAÇÃO DOS RESULTADOS

Anteriormente à divulgação da pesquisa, seus resultados sendo favoráveis ou não às instituições coparticipante e proponente, serão apresentados aos voluntários e à instituição onde os dados

Endereço: Rua C-198 Quadra 500	CEP: 74.270-040
Bairro: SETOR OESTE	
UF: GO	Município: GOIANIA
Telefone: (62)3237-1821	E-mail: cep@ifg.edu.br



Continuação do Parecer: 5.342.081

foram obtidos. Posteriormente, ocorrerá a divulgação da pesquisa através da dissertação e do produto educacional, tanto no Portal da Capes, quanto no repositório institucional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano (IF Goiano).

De modo articulado, serão enviados à Plataforma Brasil relatórios parciais e um relatório final acerca da pesquisa, anexando os arquivos necessários à apreciação do CEP/IFG."

Parecer: Atende a legislação.

4.10 – Cronograma:

Parecer: Atende a legislação.

4.11- Orçamento

Parecer: Atende a legislação.

4.12- Compatibilidade entre currículos dos pesquisadores e a pesquisa

Parecer: Atende a legislação

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

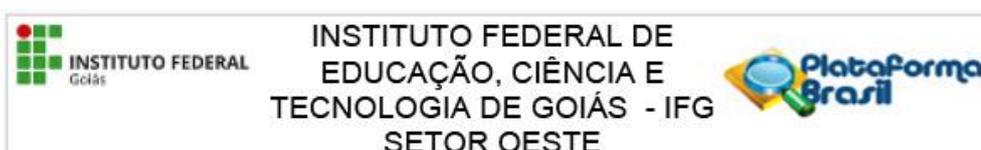
5.1- Folha de rosto:

Parecer: atende à legislação.

Devidamente preenchida e assinada pelo pesquisador responsável e assinada e carimbada pelo dirigente da instituição proponente

5.2- TCLE:

Endereço: Rua C-198 Quadra 500	CEP: 74.270-040
Bairro: SETOR OESTE	
UF: GO	Município: GOIANIA
Telefone: (62)3237-1821	E-mail: cep@ifg.edu.br



Continuação do Parecer: 5.342.081

Ok: justificativa, objetivos e procedimentos metodológicos;
 Ok: explicação dos possíveis desconfortos e riscos decorrentes da participação na pesquisa e apresentação das providências para reduzir esses efeitos, além dos benefícios esperados;
 Ok: esclarecimento sob a forma de acompanhamento e assistência aos participantes da pesquisa;
 Ok: garantia de liberdade de recusa de participação e/ou retirada da pesquisa sem penalizações;
 Ok: garantia de sigilo e privacidade;
 Ok: garantia do recebimento do TCLE (em vias e não cópias);
 Ok: explicitação da garantia do ressarcimento;
 Ok: garantia de indenização diante de danos eventuais;
 Ok: dados de contato do pesquisador e do CEP.

5.3- Termo de Compromisso:

Parecer: Atende a legislação

5.4- Termos de Anuência das Instituições Coparticipantes

Parecer: Atende a legislação

5.5 – Projeto detalhado.

Parecer: Atende a legislação.

Recomendações:

Recomenda-se alterar o telefone do CEP IFG nos documentos de consentimento e assentimento em virtude da alteração do número telefônico em 2022 para (62)3612-2239

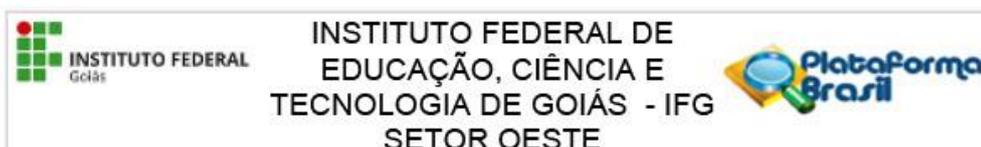
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A solicitação da requerente apresenta todos os elementos regulamentares quanto à observação de padrões éticos em pesquisa, sem a identificação de pendências ou inadequações nos documentos apresentados em anexo à solicitação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Prezada pesquisadora, o CEP/IFG APROVA o protocolo de pesquisa " EXTENSÃO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: POSSIBILIDADES DE INCLUSÃO. Estudo de caso do projeto Meninas

Endereço: Rua C-198 Quadra 500	CEP: 74.270-040
Bairro: SETOR OESTE	
UF: GO	Município: GOIANIA
Telefone: (62)3237-1821	E-mail: cep@ifg.edu.br



Continuação do Parecer: 5.342.081

Cientistas: a construção feminina do saber, CAAE: 52803621.1.3001.8082"

Caso haja alguma modificação, conforme a Norma Operacional CNS nº 001/2013 é obrigação do pesquisador responsável submeter uma emenda para avaliação, via Plataforma Brasil.

É imprescindível que, ao final da pesquisa, seja submetido o relatório final via Plataforma. O envio de Relatórios Finais é obrigatório para todos os pesquisadores(as) que encerraram projetos que foram aprovados pelo CEP/IFG (Resolução 466/2012, XI.2.d e Resolução 510/16, Art. 28, V). Segundo Norma Operacional CNS nº 001/2013, o prazo para o envio do relatório final será de, no máximo, 60 dias após o término da pesquisa. Um modelo do relatório final está disponível no site do CEP IFG, para maiores informações acesse: <https://www.ifg.edu.br/comites/cep?showall=&start=6>.

Conforme preconizado pela Resolução CNS nº 466/2012 é preciso: "f) manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa".

Em caso de submissão de novos projetos de pesquisa, os documentos deverão ser submetidos via Plataforma Brasil e alguns modelos estão disponíveis no site do CEP/IFG: <https://www.ifg.edu.br/comites/cep>

Atenciosamente,

Comitê de Ética em Pesquisa/CEP – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás/IFG

Site: <https://www.ifg.edu.br/comites/cep>

Horário de Funcionamento: de 08h às 12h

Telefone: (62) 3612-2239

E-mail: cep@ifg.edu.br

Endereço: Rua C-198 Quadra 500

Bairro: SETOR OESTE

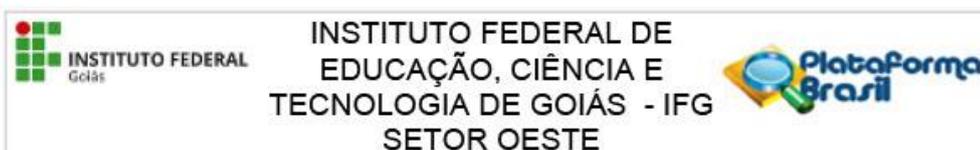
UF: GO

Município: GOIANIA

CEP: 74.270-040

Telefone: (62)3237-1821

E-mail: cep@ifg.edu.br



Continuação do Parecer: 5.342.081

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Outros	Projeto_CEP_corrigido.pdf	01/12/2021 16:10:12	VANIA CLAUDIA GUIMARAES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEs_completo.docx	01/12/2021 16:07:18	VANIA CLAUDIA GUIMARAES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_CEP_corrigido.docx	01/12/2021 16:05:07	VANIA CLAUDIA GUIMARAES	Aceito
Outros	Respostas_pendencias_corrigido.docx	01/12/2021 15:39:09	VANIA CLAUDIA GUIMARAES	Aceito
Outros	TCLE_pais_responsaveis_legais_corrigido.docx	29/11/2021 16:47:06	VANIA CLAUDIA GUIMARAES	Aceito
Outros	Termo_de_autorizacao_para_gravacao_de_voz.docx	29/11/2021 16:44:12	VANIA CLAUDIA GUIMARAES	Aceito
Outros	TCLE_docentes_corrigido.docx	29/11/2021 16:43:43	VANIA CLAUDIA GUIMARAES	Aceito
Outros	TCLE_discentes_maiores_corrigido.docx	29/11/2021 16:43:04	VANIA CLAUDIA GUIMARAES	Aceito
Outros	TALE_corrigido.docx	29/11/2021 16:41:05	VANIA CLAUDIA GUIMARAES	Aceito
Outros	Validacao_dos_instrumentos_de_coleta_de_dados.pdf	24/10/2021 15:22:10	VANIA CLAUDIA GUIMARAES	Aceito
Outros	Instrumentos_de_coletas_de_dados.pdf	24/10/2021 15:07:41	VANIA CLAUDIA GUIMARAES	Aceito
Outros	Curriculo_lattes_pesquisadoras.pdf	24/10/2021 14:51:05	VANIA CLAUDIA GUIMARAES	Aceito
Outros	Termo_de_Anuencia_IFG.pdf	24/10/2021 14:47:04	VANIA CLAUDIA GUIMARAES	Aceito
Outros	Carta_de_anuencia_IFGoiano.pdf	24/10/2021 14:46:30	VANIA CLAUDIA GUIMARAES	Aceito
Outros	Termo_de_compromisso.pdf	24/10/2021 14:38:58	VANIA CLAUDIA GUIMARAES	Aceito

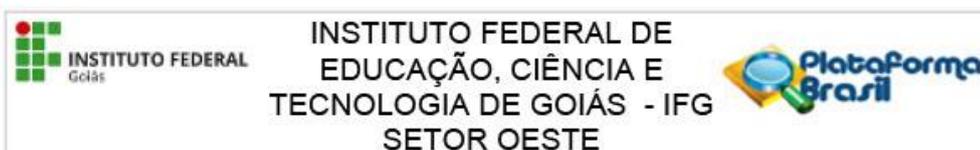
Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua C-198 Quadra 500
 Bairro: SETOR OESTE CEP: 74.270-040
 UF: GO Município: GOIANIA
 Telefone: (62)3237-1821 E-mail: cep@ifg.edu.br



Continuação do Parecer: 5.342.081

GOIANIA, 10 de Abril de 2022

Assinado por:
Simone Paixão Araújo
(Coordenador(a))

Endereço: Rua C-198 Quadra 500
Bairro: SETOR OESTE CEP: 74.270-040
UF: GO Município: GOIANIA
Telefone: (62)3237-1821 E-mail: cep@ifg.edu.br